

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE COMUNICAÇÃO SOCIAL - FAMECOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
DOUTORADO

**COMUNICAÇÃO E MENTIRA EM “CASOS DE FAMÍLIA”:
Uma abordagem psicanalítica e complexa de um programa de tv**

Nina Rosa Furtado

Orientador: Prof. Dr. Roberto José Ramos

Porto Alegre, março de 2006.

NINA ROSA FURTADO

COMUNICAÇÃO E MENTIRA EM “CASOS DE FAMÍLIA”:

Uma abordagem psicanalítica e complexa de um programa de tv

Tese de Doutorado em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Faculdade de Comunicação Social – FAMECOS, sob orientação do Prof. Dr. Roberto José Ramos.

Porto Alegre, março de 2006.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE COMUNICAÇÃO SOCIAL - FAMECOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
DOUTORADO

NINA ROSA FURTADO

COMUNICAÇÃO E MENTIRA EM “CASOS DE FAMÍLIA”:

Uma abordagem psicanalítica e complexa de um programa de tv

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Roberto José Ramos – Orientador

Prof. Dr. Pedrinho Arcides Guareschi

Profa. Dra. Ana Maria Walker Roig Steffen

Prof. Dr. Sidnei Samuel Schestatski

Profa. Dr. Miriam Rossini

A Vicky, Teté e César,
meus amores, cheios de verdades.

AGRADECIMENTOS

Com carinho e gratidão à minha mãe e meu pai,
que me ensinaram a importância da busca à verdade.

À toda minha criativa e querida família, em especial à Thaís, Jorge e Lúcia,
pelas sugestões, textos e livros emprestados, que “um dia” vou devolver.

Em especial ao Juremir Machado da Silva e a Ana Carolina Escosteguy,
pelo crédito e apoio.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Roberto Ramos,
por ajudar a organizar minhas múltiplas e complexas idéias,
e colocá-las no papel ordenadamente.

À todos meus colegas da Psiquiatria, Psicologia
e Comunicação Social da PUCRS,
pela amizade, apoio, carinho e participação na minha formação transdisciplinar.

A Malu e às crianças, a Deise e ao Lucas, da Pazza Comunicazione,

por toda dedicação e capacidade, até de rir na hora certa.

Aos amigos todos,

que me empurraram, apoiaram, reclamaram, ouviram, deram palpites preciosos,

enviaram textos e sugestões, e que sabem da minha gratidão, especialmente,

Ana Moura, Juarez Guedes Cruz e grupo das sextas, Donaldo Schuler, Cataldo,

Gibsi, Edgar.

Eu tenho amigos de verdade.

Em geral, agradeço a PUCRS,

pela oportunidade de apreender, estudar e ensinar,

provocando o crescimento na minha formação pessoal.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Ao programa “Casos de Família”, sua produção e Âncora, responsáveis por sua realização. Sem a colaboração de todos, jamais teria oportunidade de obter tantas informações sobre os benefícios da auto-ajuda. Pude acompanhar o crescimento e a mudança de vida que ocorreu em todos os convidados que relataram suas tristezas e tragédias. Eles nunca mais foram os mesmos e entenderam seus conflitos e dificuldades de forma tão profunda e transformadora, que penso ser a solução para muita gente.

* O que está escrito nesta página é um conjunto de MENTIRAS!!!!!!!



BROSSA, Joan. O outro. In: **Desde Barcelona ao Novo Mundo**.
Barcelona (Espanha): Fundació Joan Brossa, 2005. p. 196.

RESUMO

Este trabalho discorre sobre aspectos da Comunicação e da Mentira, através do estudo de um programa de televisão do SBT, “Casos de Família”. Destaca, como categorias a serem observadas a priori, os conceitos de “talk show”, Âncora e auto-ajuda. Aborda, também, aspectos do comportamento do público e convidados, que comparecem ao programa.

Para alicerçar este estudo, recorreremos à Teoria Psicanalítica, com categorias *a priori*, como a Negação, a Onipotência, o Narcisismo, a Influência da âncora, o *Talk Show*, a Idealização, a Mentira e a Transgeracionalidade. Como categorias examinadas, surgidas *a posteriori*, focalizamos a situação Edípica, o Alcoolismo e a Relações de Mães e Filhos.

Usamos, como Metodologia desta pesquisa de caráter Qualitativo, o Paradigma da Complexidade de Edgar Morin. Através dele, transita-se pelas categorias da complexidade e assume-se o conhecimento como algo não restrito ou reduzido a uma disciplina, mas como um corpo transdisciplinar, que se expande, contamina e utiliza-se de todo e qualquer aspecto que colabore e enriqueça a busca do saber científico.

Obtivemos, como resposta a essa trajetória, inúmeras questões, algumas a serem pensadas e ainda mais pesquisadas e outras elucidativas, como a presença da Mentira em todos os aspectos da subjetividade humana; a confirmação da necessidade de mentir, como um ato de sobrevivência física e emocional dos indivíduos, principalmente em sociedades organizadas; a função catártica e pouco verdadeira dos métodos chamados de auto-ajuda; e a dissimulação nas intenções de algumas ações deste gênero que, quase certamente, buscam outros fins.

Concluimos, finalmente, que este é um estudo que contempla inúmeros olhares de pesquisa, pois envolve a complexidade do comportamento humano, sua subjetividade, seu desejo de atenção e auto conhecimento, mas também aspectos pouco assumidos e discutidos, como a arte de enganar em proveito próprio e a mentira para si mesmo, com conseqüências, por vezes, bastante danosas e sofridas para os indivíduos e a sociedade onde convivem.

ABSTRACT

This project concerns aspects of Communication and the Lie, through the study of an SBT television program called “Casos da Família”. Categories to be observed *a priori* are singled out as being the concepts of the talk show, Anchor and self-help. It also deals with aspects of the behavior of the public and the guests appearing on the program.

The foundation of the work makes use of Psychoanalytic Theory, with *a priori* categories such as Denial, Omnipotence, Narcissism, Anchorwoman’s influence, *Talk Show*, Idealization, Lie and Transgenerationality. As categories to be examined that emerged *a posteriori*, we focus on the Oedipus situation, Alcoholism, Mother and Child relationships.

We use Edgar Morin’s Paradigm of Complexity as the Qualitative Methodology for this research. This goes through categories of complexity and considers knowledge as something not restricted or reduced to a discipline, but as a transdisciplinary body, which expands, infects and makes uses of each and every aspect that aids and enriches the search for scientific knowledge.

The results of this line of investigation raised numerous question, some to be considered and further researched and others revealing, such as the presence of the lie in all aspects of human subjectivity; confirmation of the need for lying as an act for the physical and emotional survival of the individual, principally in organized societies; the cathartic and hardly real function of so called self-help methods; and the falsity in the intentions of some of these types of actions, which almost certainly seek other ends.

Finally, we conclude that this is a study that considers numerous approaches to research, since it involves the complexity of human behavior, its subjectivity, its desire for attention and self knowledge, but also aspects that are little considered and discussed, such as the art of deceit for one’s own benefit and lying for its own sake, with consequences which are often harmful and undergone by individuals and the society in which they live.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 COMUNICAÇÃO E A TRANSDICCIPLINARIDADE: UM CAMPO COMPLEXO.....	19
1.1 SOBRE A COMUNICAÇÃO	19
1.1.1 <i>Talk Show</i> e Casos de Família	36
1.1.2 <i>Fait Divers</i>	42
1.1. 3 O programa.....	44
1.2 SOBRE A MENTIRA	49
1.2.1 Meandros Teóricos da Mentira	49
1.3 SOBRE A PSICANÁLISE.....	68
1.3.1 Psicanálise e a Produção da Mentira	68
1.4 SOBRE A METODOLOGIA.....	91
1.4.1 Morin e o Paradigma da Complexidade.....	91
1.4.2 Questões metodológicas	97
2 CASOS DE FAMÍLIA: ABORDAGEM PSICANALÍTICA E COMPLEXA .	107
2.1 PRIMEIRO PROGRAMA: 3 OUTUBRO DE 2005.....	107
2.1.1 Fragmentos do Primeiro Programa.....	112
2.2 SEGUNDO PROGRAMA: 4 OUTUBRO DE 2005.....	118
2.2.1 Fragmentos do Segundo Programa.....	122
2.3 TERCEIRO PROGRAMA: 5 OUTUBRO DE 2005.....	129
2.3.1 Fragmentos do Terceiro Programa.....	134
2.4 DISCUSSÃO	140
CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	154
APÊNCICES.....	165

INTRODUÇÃO

Este é um estudo sobre a Comunicação e a Mentira. Surgiu de um desejo e curiosidade, após anos de atividade em consultório, ouvindo pessoas falando sobre suas vidas. A terapia produz grandes textos, hipertextos íntimos, repletos de personagens, heróis, monstros, mitos pessoais e fantásticos. Na construção desta narrativa, terapeuta e paciente lançam mão de vozes internas, múltiplas vozes, com as quais dialogamos durante toda a vida. Sabemos que, mesmo pensando, estamos sempre em uma atividade dialógica. Temos os nossos interlocutores internos, receptores de nossas experiências, especialmente em forma de linguagem. Neste contexto, é que parecem se formar as construções de verdades e mentiras.

Mentir para nós mesmos pode ser uma maneira de manter a saúde mental, mas entendemos o quanto algumas mentiras podem ser danosas, consumir energia psíquica preciosa, fazendo falta para investimentos criativos e de amadurecimento.

Reconhecemos que existe um leque amplo de tipos de mentiras: das mais graves, com conseqüências importantes, até aquelas do dia-a-dia, que tornam a vida em sociedade um pouco mais fácil. Mesmo estas, no entanto, consomem investimentos emocionais, para a sua manutenção.

Freud (1914), inúmeras vezes, salientou que a Psicanálise fundamenta-se na busca da verdade e que esta busca é essencial para que ocorra a terapia analítica. Outros teóricos, depois dele, ampliaram e reforçaram este princípio, como Melanie

Klein, Bion e Winnicott, entre outros. Quando, junto com nossos pacientes, colocamo-nos à procura destas verdades, vivemos as dificuldades da tarefa proposta. “É preciso muita coragem para dizer o que já sabemos há muito tempo”, dizia Nietzsche (2001). Reconhecemos a dor e o sofrimento que ocorrem, ao admitirmos uma mentira e nos depararmos com o olhar penetrante da verdade. A mentira não existe sem a verdade, apesar de que, como também disse Nietzsche (2001, p. 265), “[...] as convicções são inimigos da verdade mais perigosos que as mentiras”. Agarramo-nos a certezas, com a fantasia de que evitaremos o sofrimento da dúvida ou de algumas verdades. Neste sentido, o reconhecimento de que não existe uma única verdade passa a ser outro passo importante.

Não é objeto primordial deste trabalho a discussão e o aprofundamento do tema da verdade – tão abordado pela Filosofia. Apesar de ser, por vezes, imagem espelhar da mentira, é esta última o foco do nosso interesse.

Lançando mão de nossas vivências no trabalho em consultório, reconhecemos como é difícil admitirmos uma mentira que, por vezes, foi mantida inconscientemente protegida. Quando isso acontece, às custas de muito trabalho e sofrimento, ocorrerá um posterior alívio, o qual costuma acompanhar a verdade. Temos muitas situações a serem lembradas, como a dor narcísica da descoberta de uma traição, envolvendo a mentira da pessoa amada e daquela que dissemos a nós mesmos, às vezes por anos, assim como a revelação de um segredo ou o contato com um medo eternamente negado ou um sentimento considerado proibido. Existem também traços de nossa personalidade que reprovamos, que nos entristecem e envergonham. Investimos anos de terapia para que algumas destas características se modifiquem. Muitas vezes, conseguimos progressos e outras não.

O papel do terapeuta será de um companheiro do caminho, guia um pouco mais equipado, que tentará prevenir armadilhas, precipícios, enganos ou falta de clareza. Para cumprir bem este papel, algumas características serão necessárias. Algumas podem ser adquiridas, com muito treinamento; outras serão inatas. Maiakovski (1929) já nos alertou que “a técnica liberta o talento” e, por esta razão, precisamos de longos e dedicados esforços, para sermos bons terapeutas. Neste sentido, pensamos ser bastante arriscado, quando alguém se propõe a opinar ou dar conselhos, convicto de que sabe o que possa ser melhor, mais acertado ou correto, para a vida de outra pessoa. A Auto-ajuda pode ocorrer, sim, quando a própria pessoa percebe e, muitas vezes, com bastante sofrimento, procura uma mudança. Auto-ajuda, determinada por regras e posturas externas, dificilmente obterá êxito. Poderá estar alicerçada em outras intenções, como obtenção de favores, poder ou prestígio.

Esta reflexão levou-nos a pensar de que forma os Meios de Comunicação, com programas, que, através de conselhos e fórmulas, propõem uma Auto-ajuda. Será que realmente podem e querem beneficiar as pessoas que lá comparecem? Elas se expõem, contam suas tristezas e dificuldades, choram, brigam, relatam mágoas e ódios. Escutam conselhos, palpites da platéia, interpretações instantâneas, são agredidas e ridicularizadas, para, no final, em nome de uma ajuda compreensiva, que sugere caminhos, serem mandadas para casa, com a idéia de que a partir daí será diferente. Fica a impressão de que a simples ida ao programa ocasionou uma mudança significativa em suas vidas.

Ao focarmos um modelo deste tipo de programa, pensamos em estudar a mentira que envolve toda esta situação. A maior parte do que é dito, nestes programas, é ingenuidade ou mentira. As pessoas que escutam já sabem disso.

Sabem que é ilusão pensar na possibilidade de uma mudança genuína, em 20 minutos de uma conversa, muitas vezes com conteúdos caóticos. Só que a ilusão às vezes encanta, pode funcionar como um sedativo para as dores e, assim, é vendida como um produto para uma parcela da sociedade, carente de soluções, efetivas e afetivas, para seus conflitos cotidianos.

A impressão que ficamos é de uma exposição inútil e pouco educativa, dificilmente transformadora. Parece-nos muito mais provável a busca de uma audiência alta e barata, onde a dor das pessoas é a grande atração. Pessoas carentes de tudo, principalmente de esperança.

Neste trabalho, procuraremos mostrar a importância da televisão como meio poderoso de informação, formador de opinião, transformador potencial do social e de entretenimento democrático, disponível a todas as camadas sociais. Procuraremos também, entretanto, levantar alguns questionamentos a respeito de um modelo de programa, que pode ser caracterizado como de auto-ajuda, com alta audiência, que expõe a intimidade de pessoas, com poucos cuidados éticos e com objetivos, muitas vezes, perversos. Além disso, nesse tipo de programa não existe um acompanhamento sistemático, por mais tempo, feito por pessoas tecnicamente preparadas para esse trabalho. Como os participantes saem destes programas? Não haveria outra forma de discutir problemas sociais e emocionais, com maior cuidado e sensibilidade? Qual a influência da Âncora, para que isto pudesse ser diferente? Que tipo de formação poderia ser sugerido à Âncora que se propõe a fazer este papel? Não é exatamente esta duvidosa qualidade de programação que acaba autorizando comissões públicas a quererem interferir nas programações da televisão? Estes são alguns questionamentos, *a priori*, que circundam o problema em questão.

Pensamos que a televisão perde uma oportunidade preciosa de contribuir, nestes momentos, para um processo de crescimento cultural daquelas pessoas que estão no programa e, como salienta Morin (in SILVA; CLOTET, 2002), representam a parte de um todo social existente, que seria também beneficiado.

Utilizando os recursos oferecidos pelo Paradigma da Complexidade, de Morin (2001), o qual promove um movimento de mudanças na postura científica e tem seu ponto antípoda no chamado paradigma da simplificação. Para ele, o “todo” é complexo como as partes, e essa complexidade está presente no indivíduo, que, a partir do seu processo organizador, torna-se sujeito. É este sujeito o principal protagonista de nosso estudo e foco dos programas estudados, com sua linguagem múltipla e complexa.

Examinaremos três edições do programa de auditório, “Casos de Família”, exibido diariamente às 16 h, na emissora Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), que se caracterizam, por expor casos de pessoas com problemas pessoais, contados por elas mesmas e que pedem ajuda à apresentadora e ao auditório presente. Esta possui conselheiros profissionais, que também opinam, orientam e criticam os participantes.

Foram transcritos os programas dos dias 3, 4 e 5, de outubro de 2005, ancorados pela jornalista Regina Volpato. Os temas destas tardes foram: “Não quero que minha mãe se case de novo” (1), “Minha mãe tem medo que eu cometa os mesmos erros de meu irmão” (2) e “Estou decepcionada com meu filho” (3).

Faz parte desta análise focar o discurso utilizado, a produção de sentido, em níveis verbal e não verbal, com destaque especial para o aspecto da Mentira, ou da falta de verdade, consciente ou não, que permeia toda apresentação.

A pesquisa, de caráter qualitativo, está fundamentada também nas categorias da Comunicação, de Morin (2000, p. 88), que examina o *Talk-Show*, a Âncora e a dinâmica do programa, assim como categorias da Psicanálise. Neste caso, são salientados aspectos teóricos, como conhecimento, verdade, processo de pensamento, especialmente com base na obra de Bion (1958). Igualmente são observados alguns fenômenos do funcionamento mental, com destaque para os mecanismos da Negação, Idealização, Onipotência e Narcisismo. Estes processos foram estudados, inicialmente, por Freud (1925), na construção dos conhecimentos psicanalíticos.

Para a abordagem do problema proposto, a tese está estruturada em dois capítulos, após a Introdução. No primeiro, Comunicação e a Transdisciplinaridade: um campo complexo, abordaremos o universo da Comunicação e da Televisão, seguido de uma discussão sobre a emissora, que produz o programa analisado. A seguir, serão apresentados aspectos relacionados à mentira, suas categorias, suas implicações, a abordagem, feita pela Filosofia, através de Agostinho (395; 420), visando à construção de norteadores conceituais para a análise posterior. Igualmente na trilha de construção de fundamentos teóricos, apresentaremos elementos da Psicanálise, arcabouço teórico que sustenta as nossas preocupações e oferece subsídio para a discussão dos processos, a partir dos quais a mentira é construída. Na continuação, será feita a discussão da metodologia, em suas instâncias teóricas, metodológicas e técnicas, no trecho que antecede a apresentação da análise dos programas, para posterior discussão e considerações finais.

O texto da tese está apresentado em primeira pessoa do plural, por acreditarmos que não existe conhecimento individual, mas sempre falamos com

múltiplas vozes, como algo resultado de um processo de interação complexa. Além disso, usaremos o termo categoria, do Paradigma da Complexidade e também relacionado aos conceitos da Psicanálise, visando uniformizar a linguagem, para facilitar a compreensão.

Logo, teremos, como questões de pesquisa, as seguintes: Qual é a função deste tipo de *Talk Show*, como “Casos de Família”? Qual o papel da Âncora do programa? Por que as pessoas aceitam se expor publicamente? Elas têm a devida percepção da gravidade dos problemas apresentados? É possível alguma mudança com este tipo de auto-ajuda? De que forma a Mentira está presente, em todos os aspectos da Comunicação deste programa?

1 COMUNICAÇÃO E A TRANSDICCIPLINARIDADE: UM CAMPO COMPLEXO

1.1 SOBRE A COMUNICAÇÃO

A exposição de dramas humanos e pessoais, em público, não é um fato novo na história da humanidade. O teatro Grego, da Antiguidade, já possuía o gênero da “Tragédia”, como uma das suas principais atrações. Reunia grandes públicos na “ágora” ou, mais raramente, em espaços fechados. Dividia com a “Comédia” o lugar de popularidade frente à população amante do teatro.

A Comédia era o gênero mais utilizado, para ironizar e criticar poderosos, de uma forma dissimulada e divertida. Era diferente da “Tragédia”, que desencadeava reações de afetos intensos, choro, raiva e revolta.

Atualmente, o termo tragédia é usado em acontecimentos de impacto, onde o ser humano é exposto brutalmente à dor e sofrimento, como catástrofes naturais, com muitas vítimas (Tsunami, Katrina); dramas pessoais (assassinatos, crimes passionais, pobreza). Para os gregos, entretanto, “trágikos” significava, acima de tudo uma forma artística ou algo que só ocorria “entre os poderosos”. Para ser considerado artístico, era preciso que um espetáculo teatral, por exemplo,

provocasse a “Katarsis”, a catarse, ou seja, que envolvesse o público num mesmo sentimento, numa profunda compaixão.

Schilling (2006) esclarece que, para Aristóteles, um dos primeiros a estudar o impacto dos espetáculos teatrais, a tragédia seria:

[...] uma representação imitadora de uma ação séria, concreta, de certa grandeza, representada, e não narrada, por atores em linguagem elegante, empregando um estilo diferente para cada uma das partes, e que, por meio da compaixão e do horror provoca o desencadeamento liberador de tais afetos.

O “Herói Trágico”, na tragédia do teatro grego, gira em torno de um fato central, que é o destino infeliz de seu herói. O herói trágico é apresentado como uma figura feliz e vencedora, no auge da vida e acometido, bruscamente, por uma mudança em seu destino, que o leva ao sofrimento profundo.

Assim é que Édipo é rei de Tebas, onde casou com a rainha viúva e com a qual teve quatro filhos (dois varões e duas moças), quando tudo deu para desabar ao seu redor (Sófocles). Em outra peça, Agamemnon, o rei de Micenas, ao retornar para casa vitorioso depois de ter pilhado Tróia, sucumbe pelo golpe assassino de Clitemnestra, sua mulher, e do amante dela. Prometeu, o titã que trouxe do Olimpo o fogo dos céus para os homens, banido, termina preso e encadeado no alto das montanhas do Cáucaso (SCHILLING, 2006).

No Teatro grego, o espetáculo só era considerado realmente uma tragédia, quando mostrava alguns itens de fácil identificação do público. O herói precisava ser alguém reconhecido como “nobre, digno, exemplar, importante”. Ele mantém a dignidade moral, em momentos em que tudo desaba ao seu redor. O espetáculo precisava apresentar o “tamanho da queda”. O mundo seguro e feliz, para a mais profunda insegurança e infelicidade. Da luz para a sombra, da plenitude para a mais profunda miséria. O herói trágico aceitava essas perdas todas, sempre sem uma

única possibilidade de solução. Na tragédia grega, “[...] não há outra saída do que aquela determinada pelos acontecimentos que vão se descortinando frente ao herói” (SCHILLING, 2006).

Na Grécia Antiga, os poetas exploraram outros gêneros, “[...] tais como o drama satírico e a comédia, mas nenhum deles teve a transcendência alcançada pela tragédia, fazendo com que o espetáculo trágico fosse o que mais profundamente se enraizou na tradição cultural moderna” (SCHILLING, 2006).

O foco desse estudo, as tragédias expostas no programa “Casos de Família” - e possivelmente em outros do mesmo gênero - teriam em comum, com a tragédia do teatro grego, a exposição de grandes sofrimentos nas narrativas. Igualmente, existe a possibilidade de desencadear um sentimento de catarse, tanto no narrador como no público, que, ao se identificar sofre e alivia-se junto. Os participantes não são ‘personagens’, que possam ser caracterizados como “heróis trágicos”. É possível, porém, a percepção de certo heroísmo, associado à figura calma, tranqüilizadora e, talvez até, salvadora da Âncora do programa, que poderá mudar o destino trágico de quem a escuta, com seus conselhos.

Nesta tese, estamos observando, portanto, formas e contextos da Comunicação Humana. Morin, em seus vários textos, autoriza-nos a transitar entre suas categorias da Complexidade, permitindo que lancemos mão de outras áreas do Conhecimento, para compreendermos a linguagem de um programa de Televisão. Neste caso, está em jogo a parte de um todo social e psicológico. A transdisciplinaridade, neste sentido, é essencial, permitindo o diálogo com a Psicanálise, especialmente a partir dos textos de Bion e dos fundamentos básicos, em Freud, que serão abordados posteriormente.

“Não devemos confundir Comunicação e Compreensão”, nos diz Morin (in SILVA; CLOTET, 2002, 42). Segundo ele, compreensão envolve subjetividade, simpatia ou empatia, o que nos leva a entender uma pessoa, que é também sujeito. Este autor afirma que, quando vemos uma pessoa chorando, por exemplo, vamos pesquisar para explicar. Caso façamos uma análise química das lágrimas, continuaremos sem saber seu significado. Precisamos caminhar em direção a um entendimento. Novamente falamos de pontos fusionados da Comunicação e da Psicanálise, quando teoria e técnica estão a serviço da compreensão dos funcionamentos humanos subjetivos. Para Morin (in SILVA; CLOTET, 2002) estamos em um planeta de muita Comunicação e pouca Compreensão.

Morin (in SILVA; CLOTET, 2002) diz que tudo é Comunicação. Ele a considera como sendo o conjunto de informações que chegam às pessoas, capazes de entender o que significa o seu conteúdo. Assim, tudo comunica, até mesmo, às vezes, independente de vontade do emissor. Nossos atos, o visual de nossa apresentação e toda a linguagem não verbal compõem um texto que também é lido e reconhecido pela Psicanálise. Assim como estamos atentos a estas mensagens, em nossos consultórios, utilizando os princípios da transdisciplinaridade, observamos as mensagens transmitidas, de múltiplas formas, pelos participantes dos programas estudados. Morin (in SILVA; CLOTET, 2002) salienta que a Comunicação pode manifestar-se, também, como espetáculo, onde o conteúdo real foi abandonado e todo afeto restringe-se à sensação de ter assistido a um espetáculo emocionante ou interessante.

A conversa, o diálogo, é a forma de comunicação que marca o comportamento dos seres humanos. Nesta categoria, Morin (in SILVA; CLOTET, 2002, p.78) destaca a política de Comunicação, onde existe a busca de troca com o

outro. Não basta somente a assimilação da mensagem, pelo espectador, mas este busca transformar esta mensagem em compreensão e estabelecer a fórmula de um diálogo. Sienta:

[...] o diálogo fecundo é o diálogo no qual o estranho torna-se um outro eu, em que eu me torno o estrangeiro para mim mesmo - processo múltiplo e contraditório que compõe a dialética da Comunicação com o outro, a qual não é possível sem a ênfase de uma Comunicação de si para si. (MORIN, in SILVA; CLOTET, 2002, p. 78)

Novamente deparamo-nos com a Comunicação estabelecida com o outro, o que também é contemplado pela visão Psicanalítica. A Comunicação só acontece, se tivermos um bom conhecimento e diálogo com os nossos personagens internos. Vale salientar, neste sentido, um conceito de comunicação que nos possibilita a abordagem do processo como campo complexo:

Comunicação é interação de sujeitos, através do fluxo de informações entre eles, numa espécie de trama-teia complexa, composta tanto de elementos visíveis quanto invisíveis, corporais e incorporais, significantes e a-significantes, podendo ser ou não mediada por dispositivos tecnológicos, na constituição de algo como um campo de força de encontro de energias, decorrente dos universos de referência de cada sujeito envolvido. Quer dizer, encontro de universos de sujeito, universos subjetivos (BAPTISTA, 2000, p.33-34).

Essa Complexidade está bastante clara, na perspectiva dos Estudos de Recepção, que significaram a ruptura com a visão de onipotência do emissor, no processo comunicacional. Cabe salientarmos, assim, alguns aspectos a respeito de quem recebe a mensagem, o receptor. Para Barbero (1995), a recepção é um outro lugar no processo da Comunicação e não um momento separado.

O autor relembra a idéia, ainda bastante utilizada, do modelo mecânico da Comunicação, a partir do qual se supõe que uma informação chegue ao receptor com o significado pronto. A recepção é, segundo este modelo, apenas, um ponto de chegada de algo concluído. Nesta forma de pensar, condutista, a iniciativa da Comunicação está toda colocada ao lado do emissor e, assim, fica omitida a produção de sentido realizada pelo receptor. Este é visto como um recipiente vazio, para receber os conhecimentos produzidos em outro lugar.

A Comunicação condutista, segundo Barbero (1995), é também alicerçada em uma epistemologia iluminista, onde a educação era a transmissão do conhecimento para quem não conhece. Soma-se, a estes aspectos, um outro ingrediente: o Moralismo. O receptor é visto como uma vítima, condenado a qualquer coisa que se faça com ele e, além disso, é considerado como um sujeito isolado.

Este autor salienta, ainda, as diferentes mediações nos processos de Comunicação de Conhecimento. Destaca, como primeira e fundamental, a heterogeneidade de temporalidades. Em um nível mais abrangente, sabemos que em toda a sociedade convivem formações culturais arcaicas, residuais e emergentes. As arcaicas estão ligadas a um passado que não tem mais a ver com o presente. As residuais fazem parte de um passado vivo, que compõe a nossa memória como grupo. As emergentes almejam o futuro, rompem e experimentam. Esta é uma nova visão dos processos de comunicação. Considera não a idéia unificada de desenvolvimento, mas uma heterogênea pluralidade, articulada em cada país ou sociedade.

Em segundo lugar, Barbero destaca a mediação das “novas fragmentações sociais e culturais”. Ele cita Maffesoli (1990 apud BARBERO, 1995), em seu texto clássico, *El tiempo de las tribus*, que pergunta: de que modo as pessoas se juntam,

como elas se reconhecem? Barbero faz uma ampla análise desta fragmentação e de como as novas tecnologias da comunicação - informática, satélites, bancos de dados, etc - estão “[...] reforçando a divisão entre a informação e a cultura dirigidas para aqueles que tomam decisões em nossa sociedade” (BARBERO, 1995, p.45). Ele evidencia, também, como contraponto, a existência de outro tipo de informação, voltada para o entretenimento das grandes massas. Desta forma, aparece novamente a antiga divisão entre quem detém o Poder¹ e quem não detém, entre os que possuem informação, para tomar decisões, e a maioria da população, que terá informação para se distrair, se divertir e descansar.

Existem outras fragmentações, segundo o autor, como jovens e velhos, o público e o privado, etc. Junto a estas fragmentações, com as quais trabalham os Meios cada vez mais eficazmente, destaca-se o papel da publicidade. Esta é sensível, não manipuladora, para captar estas diferenças e os novos espaços sociais.

Barbero (1995) chama atenção, ainda, para o fato de que a recepção é um espaço de interação, não só de mensagens, mas no modo que o próprio meio interage com a recepção.

Muitos destes aspectos abordados pelos autores ajudam a esclarecer e justificar a existência de programas como “Casos de Família”, foco de nosso estudo. Questionamos qual a mensagem que interage com o público de casa? Será a mesma que desperta no auditório, presente no programa, que manifesta raiva, deboche, pena, tristeza, irritação, e tantos outros sentimentos com relação a quem está ali, relatando sua história? Fica evidente, portanto, que uma das dimensões a

¹ Poder é a libido dominante, segundo Barthes (1971). Existe a dominação, porque é prazeroso. O que está em jogo é a liberação das emoções reprimidas.

ser considerada, no processo comunicacional do programa, é a do receptor, que se encontra em um espaço de identificação com os dramas narrados.

Para tentarmos compreender estes aspectos, parece-nos importante, uma incursão pelo universo televisivo e, depois, mais especificamente, o do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), universo específico em que se desenvolve o programa a ser analisado.

1.1.1 A Construção do Cenário Midiático e Social da Tv

Há 56 anos, Assis Chateaubriand quebrou uma garrafa de champanhe numa câmara, para comemorar a estréia da televisão no Brasil. A primeira transmissão, em 18 de setembro de 1950, foi caótica, mas não evitou que a televisão viesse a ser a grande mediadora entre nós e a realidade objetiva. Este meio de Comunicação tornou-se um totem² da sociedade contemporânea. É o meio de comunicação mais importante, no Brasil, e o que mais cresce, sendo nosso país o sexto mercado de televisão do mundo (BUCCI, 2000).

O Brasil possuía, em 1982, perto de 16 milhões de lares com televisão, número que chegou a 34 milhões, em 1995. Em 2001, já se falava em 38 milhões de lares brasileiros com televisão, o que correspondia a 90% do total (BACCEGA, 1997).

Segundo Maria Aparecida Baccega (1997), em estudo sobre Televisão e escola, o espaço público começa e termina nos limites da TV: “[...] o que não saiu na

² O termo está sendo utilizado aqui como símbolo de poder e força.

televisão não aconteceu”. Convém salientar que a televisão não pode ser considerada uma mera observadora do que acontece; ao contrário, ela hoje forma parte do acontecimento. Este país uno que ela mostra, por exemplo, só existe nela.

Esta autora acrescenta que, na sua visão, a TV não faz o que quer com o público, ela não condiciona diretamente. Usando instrumentos próprios, ela consegue ordenar, em códigos unificadores, o que está disperso na sociedade Para Baccega (1997), o que se produz, na televisão, atende às expectativas dos receptores, legitimadas a partir de sua ressignificação, em função dos valores das elites.

Segundo seu estudo, a estabilização da economia brasileira, com o controle da inflação, possibilitou um aumento de 70% dos aparelhos de Televisão no Brasil. Dos 28 milhões de aparelhos vendidos nos últimos quatro anos – os dados tem como referência o ano de 2001 -, 6 milhões resultaram na introdução de um público que, até então, estava excluído da recepção do veículo: cerca de 20 milhões de pessoas, provenientes das classes D e E. Esse novo público gerou alterações na grade de programação das emissoras. Estas, claro, empreenderam esforços para incorporá-lo (BACCEGA, 1997).

Considerando-se a opinião de Dominique Wolton (1990), a televisão passou a ser um dos instrumentos de emancipação cultural, visto que é acessível a todos, gratuita, podendo oferecer mensagens de todas as naturezas. Trata-se de uma janela aberta para o mundo, através de informações, documentários e filmes. Segundo o autor, é considerada, independentemente de ideologias e posições políticas, um instrumento de emancipação. Wolton (1990) não crê que a televisão manipule as pessoas, mas diz que ela, evidentemente, as influencia. Para o autor, as pesquisas mostram que o público sabe assistir às imagens que recebe; não é

passivo nem neutro. Assiste, com o olhar de seus valores, ideologias, lembranças e conhecimentos. O teórico pensa que, por tudo isso, a televisão é um dos símbolos mais destacados da democracia de massa e constitui uma das razões de estar investida de todas as esperanças, não podendo satisfazê-las.

Ao comentar sobre bons e maus programas de Televisão, diz: “É mais fácil jogar os cidadãos e espectadores para baixo do que para cima. E se o público assiste a maus programas não é tanto porque gosta deles, e sim porque lhe são oferecidos” (WOLTON, 1990, p. 15).

Outro aspecto, destacado pelo autor, é o fato de que a Televisão é, também, um excelente instrumento de conversação, dentro e fora de casa, tornando-se um formidável instrumento de comunicação entre os indivíduos. Isto chama a atenção, em uma sociedade onde um grande número de pessoas vive só e, muitas vezes, isolado. Neste sentido, os programas de televisão “[...] são, para milhões de espectadores, a única aventura da semana e, para milhões de indivíduos, a única luz em casa. No sentido literal e figurado” (WOLTON, 1990, p.19).

Esta mediação, realizada pela televisão, faz parte da construção do conhecimento. São as mediações, portanto, criadas no transcurso da história, manifestações concretas das transformações do ser humano, no seu processo de construção da realidade e de si mesmo. Neste sentido, o Conhecimento passa a ser o único caminho, para a transformação do que é real.

A escolha dos fatos a serem mediados atende, ainda, ao aspecto da espetacularidade. São selecionados fatos que possam ser, eles próprios, verdadeiros espetáculos de imagem, de emoções construídas, de resgate de sentimentos, às vezes ocultados pelo público, e que encontram espaço, deste modo, para se expandir.

Por esse caminho, percebemos que a proclamada independência, soberania ou autonomia, do campo da recepção, deve ser bastante relativizada. Temos que levar em conta, em nossas reflexões, o filtro que antecede o que está sendo visto. Aquilo que chega ao nosso conhecimento foi escolhido, no âmbito da produção e, sobretudo, está de acordo com a orientação da empresa detentora daquela mídia.

No processo comunicacional, as escolhas das emissoras desencadeiam interações complexas, que decorrem do jogo entre o que é emitido e as potencialidades de produção de sentido do receptor. Não é uma emissão unilateral, que impõe o sentido, mas esta, se for produzida estrategicamente – como normalmente é, na produção televisual – tem como característica a possibilidade de acionamento de determinadas significações.

Consideramos, então, que só a informação não é Conhecimento. Poderá ser um passo importante, mas o Conhecimento implica em crítica. Ele se baseia na inter-relação e não na fragmentação. Observamos que, freqüentemente, esta confusão entre Conhecimento e informação tem provocado uma diminuição da capacidade de crítica. O Conhecimento inclui a função de elaboração de novas associações, permitindo reconhecer, trazer à superfície, o que ainda é virtual. Prevê a construção de uma visão que totalize os fatos, inter-relacionando todas as esferas da sociedade, percebendo que aquilo que está acontecendo em cada uma delas é resultado da dinâmica que faz com que todas interajam. Logo, o Conhecimento continua a ser a condição indispensável para a crítica. A informação, que parece ocupar o lugar desse Conhecimento, tornou-se, ela própria, a base para a reprodução do sistema, uma mercadoria a mais em circulação nessa totalidade.

Sendo a Comunicação produção social de sentido, os meios de comunicação podem atuar como fator de coesão social, tanto nas pequenas regiões - no nível

interno e/ou no nível de suas relações com o mundo - quanto em sociedades com grande complexidade social e cultural. Esta é uma das razões para que os valores transmitidos por programas de outros países sejam, às vezes, estranhos à nossa cultura e, portanto, constituam em 'fatores de alienação', pois colaboram para a perda da identidade nacional.

Bourdieu (1997, p. 64), em seu livro "Sobre a Televisão", inclui um capítulo denominado "A Estrutura Invisível e seus Efeitos". Neste capítulo, ele comenta o funcionamento televisivo, no sentido de atender ao que o público quer, ou o que é suposto que seja o seu querer, sempre em busca de audiência. O autor é bastante crítico e até pessimista, na perspectiva de ver a televisão como meio transformador e gerador de crescimento intelectual. Afirma que a mídia se encontra "perfeitamente ajustada às estruturas mentais do público". Segundo Bourdieu, é preciso refletir sobre o moralismo das pessoas de televisão, que, para ele, são freqüentemente cínicas e preferem um conformismo moral, absolutamente prodigioso.

Nossos apresentadores de jornais televisivos, nossos animadores de debates, nossos comentaristas esportivos, tornaram-se pequenos diretores de consciências, que se fazem, sem ter que forçar muito, os porta-vozes de uma moral tipicamente pequeno burguesa, que dizem "o que se deve pensar" sobre o que chamam os problemas da sociedade, as agressões nos subúrbios ou a violência nas escolas (BOURDIEU, 1997, p. 101-102).

Sobre a televisão, a preocupação de conseguir sempre mais audiência que os concorrentes faz do veículo um transmissor "não pensante", segundo Pierre Bourdieu (1997). O autor salienta que o objetivo da televisão, atualmente, é mostrar em primeiro lugar, ação mais conhecida como "furo de reportagem". Trata-se de ultrapassar o concorrente e, com isto, ter mais audiência e, como consequência, mais anunciantes.

Na atual televisão brasileira, é possível citar inúmeros casos de “furos”, em que a privacidade do entrevistado é invadida e a sua dignidade, esquecida. Um exemplo bastante comum são as entrevistas feitas com pacientes em hospitais públicos. Na maior parte das vezes, a pessoa não se encontra em condições de saber se deseja realmente falar. As emissoras justificam tal procedimento, transformando essas reportagens em “porta vozes” de uma classe menos favorecida, quando a realidade é que estão à procura do “sensacional”, para ganhar mais pontos na audiência.

É interessante analisar que, diante da angústia de dar a notícia antes, como se fosse uma corrida, sem fim, contra o tempo, barreiras da ética tem sido derrubadas, sem o menor constrangimento.

A televisão privilegia, ainda, a um número restrito de pessoas “[...] que servem a seus propósitos ou as idéias feitas” (BOURDIEU, 1997, p.41). A mídia é responsável por criar mitos, heróis, em todos os setores da sociedade que se encaixam, segundo a perspectiva de “[...] passar credibilidade sem passar novas idéias” (BOURDIEU, 1997, p.41).

Por isso, não é de se estranhar que, em alguns setores, parecem existir plantonistas prontos a dar entrevistas sobre os mais diversos assuntos. Alguns exemplos diários são: “especialistas” em seqüestros, violência e sexo. Os entrevistados continuam os mesmos por anos, como se só existisse uma fonte de informação e mais nenhum outro estudioso ou profissional que pudesse falar a respeito do assunto abordado. O importante fica restrito a dar a notícia, antes de acordo com um mundo imediatista que está mais preocupado na busca do “não pensar”. E, como afirma Bourdieu (1997, p. 41), “[...] há também o fato de que, para

ser capaz de pensar em condições em que ninguém pensa mais, é preciso ser pensador de um tipo particular”.

Avançando a discussão sobre televisão, em direção ao nosso objeto de estudo, entendemos ser importante abordar algumas características do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT).

A história dessa rede de televisão encontra-se imbricada com a história de seu fundador, Silvio Santos. Nascido no Rio de Janeiro, em 1930, é um dos seis filhos de Rebeca Abravanel, turca, e Alberto Abravanel, grego. Seu nome verdadeiro é Senhor Abravanel. No livro em que conta sua vida a Arlindo Silva (2002), Silvio Santos lembra a infância, quando seu pai tinha uma loja de artigos para turistas e ganhava bastante dinheiro. Era um ótimo negociante e comunicava-se muito bem com os clientes. O apresentador ressalta, no entanto, que sua infância foi pobre e com grandes sacrifícios importantes. O pai viciou-se no jogo e “perdia à noite o que ganhava no dia”. Com isto, Silvio, então com 12 anos de idade, e seu irmão precisaram deixar os estudos e começaram a trabalhar. Seduzido pela percepção de que os camelôs da Avenida Rio Branco – ponto de muito movimento no Rio – ganhavam dinheiro em quantidade que era deslumbrante, para aquele olhar de menino, Silvio Santos decidiu também ser camelô. Passou a assistir ao trabalho do melhor camelô da região e foi aprendendo os “macetes” da profissão.

Quando achou que podia começar a atividade, comprou uma carteirinha de plástico, para guardar documentos. Gritando que era a última, vendeu-a, em poucos minutos. Comprou imediatamente outras e foi vendendo, sem parar, por horas. Entusiasmado com o sucesso, agregou à venda, truques de mágica. Atraía mais gente.

Várias vezes, foram feitas reportagens sobre o menino que era camelô e fascinava uma pequena multidão. Vendeu canetas, carteirinhas, chaveiros, outras bugigangas, que lhe rendiam quase cinco salários-mínimos por dia. “A partir daí, nunca mais me faltou dinheiro” (SILVA, 2002, p. 18)

Foi camelô até aos 18 anos. Participou de programas de auditório, foi várias vezes calouro e até locutor. Nesta idade, foi servir ao exército, como pára-quedista e parou com as vendas. Sentia vontade de ter outra atividade, mas não seria possível conciliar a vida de camelô e a do exército. Voltou ao rádio, onde trabalhava, como locutor, gratuitamente, aos domingos.

Quando saiu do exército, precisava voltar a desenvolver alguma atividade para ganhar dinheiro e resolveu continuar com as vendas. Então, decidiu que a mercadoria seria melhor: tecidos, roupas, meias, perfumes, cintos, bonecas. O local de vendas teria que melhorar também. Passou a atuar em repartições públicas. Vendia suas mercadorias e trabalhava em uma rádio de Niterói. Pegava a última barca, à meia-noite, para voltar ao Rio. Fez muitas amizades, nestas viagens, e conta que as mais freqüentes eram as bailarinas, que dançavam em Niterói e moravam no Rio. Conversavam durante a viagem e, destas conversas, surgiu a idéia de ter música, durante a travessia. Resolveu instalar um sistema de auto-falantes nas barcas. Como não tinha dinheiro, pediu demissão da rádio onde trabalhava, recebendo uma quantia de indenização. Trocou o dinheiro por equipamentos de som e anúncios comerciais. Chamou o irmão e mais um amigo, que se tornaram locutores das barcas. Silvio Santos passou a ser corretor de anúncios para o sistema de som. Ele diz que, neste dia, “morreu o camelô e nasceu o homem de negócios, e com isso o prazer de ser dono de um empreendimento próprio”. (SILVA, 2002, p. 26)

Silvio Santos atuou muitos anos como locutor, apresentador de programas de rádio e de televisão, sempre com a visão de homem de negócios, em paralelo à carreira de comunicador. Depois disso, sonhava com uma rede sua. Em agosto de 1981, em Brasília, o empresário assinou o contrato de concessão de quatro canais de televisão ao grupo Silvio Santos. Junto com a emissora que já tinha adquirido no Rio, em 1975, formou-se, assim, a rede SBT.

A grande líder de audiência no Brasil era a TV Globo, considerada uma televisão elitista. O SBT de imediato decidiu que seria uma emissora dirigida às classes populares, B, C e D, que representavam 61% da população brasileira acima de 15 anos (SILVA, 2002, p.107).

Cabe aqui esclarecer que, segundo a Associação Nacional de Empresas de Pesquisas (ANEP), ano 2000 - as classes sociais são definidas por inúmeros critérios, desde número de eletrodomésticos, casa própria, número de automóveis e outros diversos tópicos de bens materiais, renda familiar e até grau de instrução. (SBT, 2005)

Para o SBT, a classe B abrange pessoas com renda familiar que oscila entre 1669,00 reais a 2.804,00; classe C: até 927,00 reais; e D: até 424,00 reais. Com esta definição de público, a rede passou a ter programas voltados a estes segmentos populares. É o caso das novelas importadas do México, os programas de auditório, ou, mesmo, o “Porta da Esperança”. Neste último, pessoas necessitadas de bens materiais, ou que sonhavam com algo impossível de se realizar, enviavam cartas à produção do programa, pedindo para que seus desejos e/ou necessidades fossem atendidas. A audiência aumentou muito, com o programa “Povo na TV”, espaço dedicado às queixas populares contra os serviços públicos, vizinhos, segurança etc. Para as crianças, o SBT optou por veicular os desenhos infantis,

durante toda a tarde, prendendo a audiência também dos pais, que mantinham os filhos ocupados.

É longa a trajetória de sua rede de comunicação, que conta, atualmente, com mais de 189 veículos, sendo 101 emissoras de televisão. A idéia de apresentar programas mais populares permanece, em parte, com auditórios lotados e com a participação dos telespectadores. É neste contexto que está inserido o programa “Casos de Família”, comandado pela jornalista Regina Volpato.

Observando a vida de Silvio Santos, muitos comentários e estudos podem ser feitos. Destacamos, porém, neste trabalho, um aspecto que nos chamou atenção, na história pessoal deste apresentador e empresário de sucesso. Ele teve que trabalhar e deixar de estudar, com a idade de 12 anos, ainda um menino. Em sua biografia, já citada, relata que não tinha dinheiro para ser “criança” e que a principal causa disto era o vício do pai, um jogador compulsivo, que perdia o que ganhava, à noite, no cassino. Não é possível saber com que sentimentos Silvio Santos conta estes fatos, mas pensamos que tenham sido tempos muito tristes e difíceis. Aqui um dado parece emergir, o primeiro ‘caso de família’ é o do próprio apresentador, que constrói uma emissora e um programa, que atendem pessoas com questões dramáticas e com necessidade de acolhimento e ajuda.

O sorriso permanente do apresentador, característico de sua figura midiática, parece revelar uma “falsa” felicidade. Uma felicidade de mentira, feita para vender, ser trocada por dinheiro, pouco genuína. Em algum lugar, este menino ficou perdido e decidiu, muito cedo, que não seria um perdedor, como o pai, mas **o dono do cassino**.

Até hoje, em busca de audiência ou não, ele joga na televisão, todos os tipos de jogos: roletas, perguntas, tarefas, músicas com suas letras, palavras a serem

descobertas e outros tantos. Sempre sorrindo. Agora, ele é o dono do Cassino. E sempre ganha e ganha. É considerado um vencedor, um fenômeno de comunicação. Um grande sucesso. Jamais saberemos a verdade e, talvez, nem ele.

1.1.1 *Talk Show* e Casos de Família

Neste estudo, procuramos focar a questão da comunicação, sua forma, discurso e imagens, em uma modalidade de programa, chamada “*Talk Show*”, consagrada e com audiência em muitos países, dos mais diversos níveis de educação, cultura e desenvolvimento.

Segundo Scott (1996), os *Talk Shows* são shows que misturam informações variadas, psicologia, auto-ajuda, comédia e entrevista. Dependendo do formato do programa, tem-se mais ou menos Diversão, mas ela está sempre presente no gênero. No Jô Onze e Meia é uma característica.

O *Talk Show*, de acordo com Scott (1996, p. 273), possui vários formatos, horários e públicos. Ela divide este gênero em quatro grandes tipos: “Shows de notícias/informação; Shows de variedade/comédia/entrevista; Shows relacionamento, auto-ajuda, psicologia e da vida cotidiana; e *Talk Shows*, específicos, para nichos especiais de audiência.”

Existem alguns modelos de “*Talk Show*”, nas programações das emissoras de TV do mundo todo. O primeiro “*Talk Show*” nasceu no rádio, em 1921, transmitido pela WBZ, nos Estados Unidos. Em pouco tempo, os americanos ligaram-se fortemente a este tipo de programa, que explorava, principalmente, temas de

pequenas cidades rurais. A audiência urbana foi atraída e a diversidade de assuntos multiplicou-se, segundo Scott (1996).

Lembramos que este modelo de programa teve como berço uma sociedade capitalista, com suas características competitivas. Tratava-se de uma sociedade consumista e que prioriza o individualismo, reforçando os aspectos narcisistas das pessoas. Neste início, estes programas eram, em sua maior parte, monólogos com especialistas, falando para a audiência, sem diálogo com os ouvintes. Os programas atuais, na sua maioria, interagem com o receptor.

Em 1940, houve uma mudança importante, com a inclusão dos ouvintes no programa. Estes opinavam e os assuntos eram ligados ao cotidiano. Os âncoras ajudavam pessoas carentes, solicitavam contribuições e exploravam suas histórias, problemas e dificuldades. Segundo Scott (1996), “[...] a razão chave para a popularidade desses shows era sua intimidade espontânea, que fazia com que as pessoas se sentissem íntimas dos anfitriões e convidados”. Neste sentido, a personalidade dos âncoras também passava a ser fundamental, pois, “[...] eles têm uma capacidade de construir um relacionamento, uma afinidade e um envolvimento emocional com a audiência, que gosta de interagir ou vivenciar indiretamente, outras experiências” (SCOTT,1996).

O *Talk Show* surgiu na Televisão, nos anos de 1950, com *Ed Sullivan’s Talk of Town*, na RCA e NBC. O programa reunia conversa e pequenos espetáculos, sendo o pioneiro na mídia televisiva. Deu origem aos programas com este formato na atualidade.

A transição deste tipo de programa, do rádio para a televisão, não foi fácil, pois esta teria que unir a conversa informal e os programas de debates à ação, que o veículo possibilitava, através da imagem. “Ninguém estava interessado em assistir

apenas a uma cabeça falando. Queriam ver as pessoas fazendo coisas". (SCOTT, 1996, p. 191).

Na metade da década de 1950, uma outra forma de *Talk Show* na tv iniciou e alcançou grande sucesso. Foi o "*Quiz Show*", um programa de perguntas, sobre os mais diversos assuntos, com competidores que ganhavam prêmios, dinheiro ou presentes, fornecidos pelo fabricante, em troca de propaganda.

O público parece sempre ter sido um elemento fundamental para o sucesso desses programas, pois os Âncoras procuravam envolver os telespectadores, a ponto de estes se identificarem com eles, sentindo-se como parte do espetáculo. A partir dos anos de 1960, os *Talk Shows* foram marcados pelo crescimento da participação da audiência. A popularidade cresceu e desenhou-se o formato de programas, em que os telespectadores eram estimulados a enviar cartas, contando seus problemas. Seleccionados, eram convidados a comparecerem ao programa e relatarem suas histórias em público. A platéia, já presente no estúdio, discutia o problema e dava conselhos ao convidado, junto com o entrevistador.

Muitas vezes, estes modelos de programas tornaram-se um "acerto de contas", mas eles tiveram que vencer uma resistência, antiga, de falar coisas que eram "proibidas" de aparecerem na televisão. Este tipo de show, com este formato, encontra-se no ar até hoje e é, para este trabalho, o modelo básico, a ser detalhadamente analisado.

Um dos aspectos a ser destacado, neste contexto, e que tem tomado a atenção dos estudiosos da mídia, tanto escrita, radiofônica e da televisão, é a figura do Âncora. Existem programas na televisão, que passam a ser identificados diretamente pelos traços do Âncora. A personalidade, postura, discurso, roupas, idéias – tudo o que alguém possa observar e com o que se identificar, de alguma

forma – do âncora assumem o caráter definidor do programa. Mesmo que eles tenham, oficialmente, outro nome, passam a ser conhecidos como o programa do Silvio, da Marília Gabriela, da Hebe, do Jô, da Márcia, da Regina Volpato, do Lauro Quadros, do Lasier Martins, e de muitos outros Âncoras.

No dia 16 de agosto de 1988, quando estreava o programa “Jô Soares Onze e Meia”, no SBT, o comediante concretizava um antigo sonho: comandar um programa de entrevistas, aos moldes dos que faziam (e fazem) tanto sucesso nos Estados Unidos. Foi o primeiro “*Talk Show*” brasileiro.

O papel de entrevistador não era totalmente desconhecido para Jô. Em 1963, ele tinha integrado a equipe do “Programa Silveira Sampaio”, na TV Rio, como o responsável pelas entrevistas internacionais. Ele soube, como poucos, no Brasil, construir uma imagem que se confunde com o ideal máximo de artista multimídia. Leitor voraz, fluente em mais de seis línguas, tendo estudado na Europa, íntimo de muitos famosos e poderosos, pintor, escultor, teatrólogo, humorista, músico e cineasta.

Em seu texto, Silveira (1999) aborda várias situações em que acredita que Jô Soares demonstra seu narcisismo. A pesquisadora cita, como exemplo, o fato de que ele faz ficar divertido um assunto sério do entrevistado, chamando a atenção, para si próprio.

Outra situação constante é o entrevistador menosprezar o entrevistado, para se engrandecer. Um exemplo típico disso é o de uma entrevistada que só sabia falar duas palavras de uma língua estrangeira. Este fato, por si só, já situa Jô Soares em condição de superioridade, já que ele fala português, espanhol, inglês, italiano e francês. A antítese realiza-se, porque a entrevistada deve ser a pessoa mais importante, e não o contrário. No caso em questão, Jô disse uma palavra “chula”,

que rima com a expressão da Língua Estrangeira que a convidada havia falado. Como recebeu a aprovação da platéia (através de risos), repetiu a forma “chula”. Essa atitude mostra a falta de respeito com a entrevistada e também com o público.

Outro modelo de “*Talk Show*”, mais voltado para entretenimento e para um público específico, é o “Mulheres”, apresentado de segunda à sexta-feira, das 14 às 18 horas, pela TV Gazeta de São Paulo. Este programa está no ar há 25 anos. A âncora, Cátia Fonseca, já havia trabalhado na TV Gazeta e foi convidada a retornar à emissora, no início de 2002, especialmente para apresentar o programa. Com a chegada da apresentadora, o “Mulheres” ganharia um novo formato e uma nova proposta. Na ocasião, ficou definido que a fórmula seria a mesma que mantém o programa no ar há 25 anos, só que deveria ser recriada, nos aspectos: formato, apresentação, editoriais, produção. Essas normas foram revisadas, para que o programa viesse a atender às novas exigências da empresa, dos anunciantes e do público, segundo site da TV Gazeta (2005). Nesse mesmo site, a apresentadora assegura que:

[...] a Gazeta é como se fosse minha casa. Não sou pressionada, meu relacionamento com a equipe e a empresa é fantástico, tem muito bom humor, muita alegria. Sou uma pessoa assim, gosto e quero passar tudo com bom humor e felicidade. A gente já tem muita notícia ruim, muita coisa chata pra ter que pensar e ver, acho que um pouco de diversão e alto astral faz muito bem, e eu tento passar isso no meu programa (TVGAZETA, 2005).

O “Mulheres” é dividido em diversos quadros, como: uma astróloga e um esotérico fixos; repórteres; a “famosa” Mamma Bruschetta, que faz a parte de fofocas, vida dos artistas, bastidores da televisão; além de diversos tipos de profissionais, convidados a participar do programa, de chefes de cozinha a médicos.

É interessante pensar, neste momento, que espécie de fenômeno é este? Qual o poder do Âncora? Segundo Ramos (1998), o âncora é uma novidade surgida na mídia brasileira em 1990. O autor chama a atenção para o sentido metafórico da palavra âncora, como algo que fixa, prende, dá estabilidade aos navios. No Jornalismo, o Âncora tem a finalidade de “sustentação de sentido”, de valorizar o texto, inspirar fidelidade, firmeza e solidez.

Neste trabalho, enfatizamos o papel do Âncora na televisão, lembrando que ele está presente em qualquer tipo de mídia. Squirra (1993), em um amplo estudo sobre o tema, destaca o pioneirismo de Boris Casoy, no telejornalismo do SBT. Ele desempenhou as funções de editor-chefe, apresentador e comentarista, sendo que esta última teve um papel inovador. Formou sua própria equipe e teve total autonomia dentro da emissora. Ramos (1998, p. 7) destaca:

[...] o Telejornalismo, no SBT, não era um gênero primordial. Não tinha a prioridade de investimentos. Traduzia-se somente como um complemento, um acessório, porque a hegemonia do Grotesco era o carro chefe do vínculo com seu público-alvo.

Entendemos ser necessário ressaltar, ainda, que o Âncora não se caracteriza somente pela função, mas também pelo estilo do programa e pelo contexto sócio-histórico em que ele está inserido. Introduzimos aqui o conceito de *Fait Divers*.

1.1.2 *Fait Divers*

O que parece marcar a produção midiática televisiva, no entanto, não é a preocupação com a ética e o direcionamento para a comunicação comunitária. Longe disso, evidencia-se uma lógica sensacionalista, em que as emoções do receptor são exacerbadas, com vistas a mantê-lo fiel à programação. É o que se pode verificar, com a forte presença do *Fait Divers*. No artigo *Mídia e Sensacionalismo*, Roberto Ramos (2004, p. 57) afirma que “[...] a expressão francesa *Fait Divers* designa, em sua generalidade, a informação sensacionalista”. O autor esclarece que “[...] ela é bem anterior ao advento da Mídia impressa, já existia em diferentes produções culturais, na Idade Média, habitando os cantos dos Menestréis” (RAMOS, 2004, p. 57).

Sendo assim, o *Fait Divers* é a informação sensacionalista. Expressa conflitos, através da Causalidade e da Coincidência (RAMOS, 2004). O primeiro tipo de Causalidade apresenta duas manifestações: a Causa Perturbada e a Causa Esperada. A Causa Perturbada ocorre quando há o desconhecimento causal ou quando uma pequena causa provoca um grande efeito. Nesta situação, o “sensacional” se encontra no porquê do fato. A causa é desconhecida ou deformada, gerando sempre uma situação de conflito. É interessante ressaltar que o conflito obtém “êxito”, não apenas pelo que é apresentado, mas pela forma como é apresentado.

A Causa Esperada acontece quando a causa é normal e a ênfase recai nos personagens dramáticos – criança, mãe e idoso (BARTHES, 1971). Neste caso, o excepcional encontra-se nos protagonistas, responsáveis pelo conflito. Os tipos

básicos de sujeitos - criança, mãe e idoso - representam o lado bom e dramático dos diversos ciclos da existência humana.

No *Fait Divers* de causalidade, um conflito é estruturado onde a racionalidade e intelectualidade não conseguem ser explicadas. Ele não tem uma classificação através do conhecimento humano. Desta forma, a situação conflituosa fica sem resposta, prevalecendo à lógica da fatalidade.

Ramos (2004, p. 59), em seu artigo, classifica a Fatalidade como o Sujeito Absoluto “[...] o grande pai transcendental que possui a explicação para o inexplicável, a garantia de harmonização e suprema desculpa para todas as culpas, desde que, com liberdade, seja pago o dízimo da submissão”.

O *Fait Divers* da Coincidência subdivide-se em duas manifestações: Repetição e Antítese. A repetição do fato, sem uma referência histórica, o remete para a noção de Coincidência. A reprodução do fato em diversas circunstâncias insinua a onipresença do mesmo. O fato conserva o Mito, pela repetição na desigualdade de diferentes circunstâncias.

A antítese mistura os opostos, os antagônicos, numa mesma dimensão do real. “Os dissociáveis se tornam indissociáveis, como se fossem gêmeos univitelinos”, aponta Ramos (2004, p.60). “Os desiguais ficam igualados por uma inteligência não materializada, sem significação corpórea, que reina na abstração” (RAMOS, 2004, p. 60). Uma de suas pronúncias é o Cúmulo, em que o trágico faz as vítimas.

Assim como na Causalidade, na Coincidência o caminho do *Fait Divers* é o mesmo: a Fatalidade do Real como Sujeito Absoluto. No *Fait Divers*, não existem diferenças, todos compartilham do mesmo caminho na Fatalidade, “[...] uma

categoria de fácil disponibilidade e de amplo uso no Senso Comum” (RAMOS, 2004, p. 60).

O *Fait Divers* é usado na Mídia, tanto na realidade como na ficção. Pode ser encontrado nas telenovelas, nos *talk show*, nos mais diversos tipos de programas e noticiários, assim como, também, na publicidade. Ele é sensacionalista, ou seja, explora, muitas vezes de forma mórbida, mas sutil, os lados excepcionais de um fato, transformando-o em espetáculo, atingindo diretamente o emocional do indivíduo de forma banal. “O que conta e dá saldo é a exploração das emoções, reprimidas no Inconsciente, que emergem através da Identificação Projetiva, responsável pela Catarse”, finaliza Roberto Ramos (2004, p. 61).

1.1. 3 O programa

“Casos de Família” reúne algumas características que são de nosso interesse: envolve histórias de pessoas, contadas por elas mesmas, entrevistadas pelo público e por profissionais da área psíquica, que procuram contar a “verdade” (ou não). É dirigido por Regina Volpato, uma jornalista profissional, com experiência em apresentação de noticiários e em reportagens.

Regina Volpato iniciou sua carreira como repórter da Fundação Roberto Marinho. Pelo seu desempenho destacado, foi convidada para ser a âncora do telejornal da televisão Bandeirantes, sendo considerada, pela crítica, como uma profissional sóbria e imparcial. No início de 2005, por convite do SBT, Regina Volpato assumiu a condução do programa “Casos de Família”, tendo sido

apresentada ao público, no primeiro programa, pelo próprio proprietário da rede, Silvio Santos. Foi escolhida como âncora do programa, também pelas características de maturidade, de uma mulher de 36 anos, e sensibilidade apurada, de quem já é mãe. (SBT, 2005).

Apresentado todas as tardes, de segunda a sexta-feira, das 16 às 17 horas, o programa possui um auditório de cerca de 60 pessoas, em sua maioria mulheres (90%), com uma faixa etária acima de 40 anos. A âncora senta-se um pouco à frente das cadeiras do auditório, voltada para o palco. O cenário é colorido, formado por cadeiras, onde se situam os convidados. As paredes possuem quadros, janelas e portas, o que remete a uma idéia de uma sala de casa. Isto parece relacionar-se ao fato de que os assuntos tratados são os de “família” e, neste sentido, nada mais adequado do que as “conversas” acontecerem em uma sala de estar.

Os entrevistados inscrevem-se via Internet ou através de cartas, contando os seus dramas familiares. São selecionados alguns que tenham dificuldades semelhantes, como, por exemplo, “tenho problemas com minha cunhada”, “quero me separar e minha família não me apóia”, e outros. Estes comparecem ao programa, para contar, ao vivo, o que está acontecendo. Sentam-se em cadeiras voltadas para o público e vão sendo chamados aos poucos, um a um. Os dois lados em questão são ouvidos, ou seja, os incomodados se queixam e os que incomodam, ou que possuem opiniões opostas, têm o mesmo espaço para se explicarem.

Segundo a divulgação feita do programa, no “site” da emissora, “Casos de Família” é um programa diferente, que retrata a vida de cidadãos comuns, com realidade e sensibilidade. Traz temas do cotidiano, trabalha com as emoções dos participantes, da platéia convidada e dos telespectadores. Tenta resgatar valores, sem apelar para provocações ou escândalos (SBT, 2005). A emissora afirma, ainda,

que os protagonistas de cada uma das histórias relatadas são pessoas anônimas que revelam seus sentimentos com sinceridade e **verdade**. Segundo o texto do site, o programa poderá orientar e, até mesmo, solucionar os casos apresentados.

Para Dalmo Magno Defensor, jornalista e crítico (2005), Regina Volpato adota um tom mais companheiro, quase maternal. Mais pergunta do que comenta, fala pausadamente, em voz baixa, e pouco interrompe os convidados. Ouve pacientemente, diferentemente de outros programas do gênero nos canais concorrentes, e faz considerações finais.

Não sendo médium nem psicóloga, usa apenas seu bom senso. Sendo mais amiga do que “oráculo”, ela pode ser vista em cenas de meiguice explícita: leva um lençinho a uma convidada em prantos e se desculpa com a moça, dizendo que não pretendia fazê-la chorar. Claro que já que o choro veio, não custa a câmera fechar em cima da emoção, com Regina afagando a pobrezinha. (DEFENSOR, 2005)

Os cenários são bem cuidados e os convidados não são estimulados a brigarem ou agredirem-se fisicamente. Os especialistas convidados, como médicos e psicólogos, também são cuidadosos e simpáticos.

Segundo o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) (SBT, 2005), o programa “Casos de Família” possui uma audiência que varia entre seis e 12 pontos, o que é considerado uma ótima pontuação, principalmente para o horário da tarde. Em alguns dias, dependendo do assunto a ser abordado, bate em audiência todas as outras emissoras concorrentes. Exemplificando, na tarde em que o tema era “Levo a vida dançando à noite”, o programa alcançou 12 pontos. Esta audiência, em parte, é atribuída ao trabalho e postura da âncora do programa. Com este prestígio, Regina Volpato tem sido convidada, com frequência, para participar de outros programas da rede, como jurada ou apresentadora de especiais.

Ao examinar estes programas - substrato para a abordagem do tema de nosso estudo - destacamos as várias formas de linguagem, presentes no visual da abertura do programa, no seu logotipo, no que é dito em palavras, nas roupas, nos sorrisos, nas piadas, na participação da platéia e nas suas posturas e valores expressos. Regina Volpato remete à imagem de um “anjo” loiro, em meio ao povo, mostrando os caminhos a serem seguidos. Esta subjetividade também se relaciona ao nosso foco de interesse, a comunicação e a mentira no programa “Casos de Família”.

Regina Volpato insere-se no estilo de âncora que não edita seu programa, que não informa, mas opina. Sua fala é espontânea, aparentemente neutra, revelando sua visão a respeito dos casos e problemas apresentados. Evidentemente, contudo, foi designada para este papel, em função de sua personalidade e idéias, que coincidem com o pensamento e mensagem que a emissora quer passar a seu público.

Sua imagem elegante, educada e fina contrasta com as histórias grotescas de seus convidados, com sua pobreza de imagem e de vida. A forma como ela transita pela vida destas pessoas naturaliza uma convivência entre classes sociais distantes, tornando a imagem da emissora muito democrática e neutra.

A produção de sentido, examinada neste trabalho, através da observação e análise do programa “Casos de Família”, leva-nos a considerar a imagem e linguagem que destacam a figura idealizada de Regina (rainha) Volpato. Ela detém o poder do conhecimento, da beleza, da felicidade e do eterno sorriso compreensivo.

Os participantes parecem precisar ouvi-la e aprender com ela a ‘fórmula da felicidade’ – o Baú da Felicidade. Ela, como a própria Televisão, se basta. Os

convidados, ao contrário, mostram-se infelizes e queixosos, expondo-se de uma forma inadequada e humilhante.

Esta tem sido uma constante em todos os programas que utilizam uma figura idealizada como centro, âncora, na sua formatação. Investidos de poderes irrealis e muito pouco observáveis, promovem uma idéia de auto-ajuda, de que querer é poder. Ao despedir-se, no final do programa, depois de dizer tudo que estava errado e certo e de mostrar qual é o caminho a ser seguido, a âncora deseja felicidade a todos, e que fiquem com Deus. Sai caminhando, desaparece do foco, indo em direção, provavelmente, a Ele . É o que parece se insinuar, como informação para o imaginário de milhões de pessoas.

1.2 SOBRE A MENTIRA

1.2.1 Meandros Teóricos da Mentira

A Mentira permeia a vida humana. Assim, os diferentes Meios de Comunicação - o Cinema, o Teatro e a Televisão, por exemplo - estão sempre abordando alguma forma de trapaça. Tais histórias nos fascinam, alimentando a literatura, desde o esperto Ulisses, de Homero, aos livros populares dos dias atuais. Mentir é uma habilidade que emerge das profundezas do nosso ser e nós a usamos, muitas vezes, sem constrangimento.

O tema da Mentira é muito amplo. A idéia de “Mentira” pressupõe a existência de uma “Verdade”, o que é, no mínimo, duvidoso. Na arte, não há Verdade, há apenas linguagem e pontos de vista. O que é a Verdade? O que é um fato? Destacamos duas frases de Canetti (2004)³ sobre o tema. A primeira: “A morte é o fato primeiro e mais antigo e, quase me atreveria a dizer, o único fato”. A segunda: “Não acredite em alguém que sempre diz a verdade”.

Umberto Eco (1980), em “Mentiras que parecem verdade”, faz uma crítica aos livros escolares, que divulgam milhares de mentiras às crianças. Para ele, os livros de leituras, que estudamos, durante anos, desde a infância, referem-se a muitos

³ Escritor búlgaro, prêmio Nobel de literatura, autor do romance **Auto de fé** (CANETTI, 2004).

temas, mas não aos problemas reais que o jovem, quando adulto, deverá enfrentar e tomar decisões. Este livro citado examina o ensino na Itália, mas poderia ser generalizado para muitos países. Destaca que, através destas leituras, a criança é educada para uma realidade inexistente. Conclui dizendo: “[...] os livros de leitura contam mentiras, educam os jovens para uma falsa realidade, enchem sua cabeça com lugares comuns, com atitudes não críticas (ECO, 1972, p. 16)”.

No nosso país, por exemplo, aprendemos que Cabral descobriu o Brasil, por acaso, a caminho das Índias. Sabemos, contudo, que nem foi ele que descobriu, nem foi por acaso. O primeiro livro de história do Brasil escrito por um brasileiro só veio a ser publicado em 1851, apesar de ter sido escrito em 1627. A primeira frase da “História do Brasil”* do Frei Vicente do Salvador (1851) é a seguinte:

A terra do Brasil, que está na América, uma das quatro partes do mundo, não se descobriu de propósito e de principal intento, mas acaso, indo Pedro Álvares Cabral, por mandado de el-rei Dom Manuel no ano de 1500 para a Índia por capitão mor de onze naus. Afastando-se da costa de Guiné, que já era descoberta ao Oriente, achou esta outra ao Ocidente, da qual não havia notícia alguma.

O parágrafo inaugural de nossa historiografia contém pelo menos duas evidentes “mentiras”. A primeira, que se enraizou nos livros escolares e lá permaneceu até passado muito recente, é de que o Brasil foi descoberto por acaso. Os historiadores hoje conhecem em detalhes o projeto português de descobrimentos. Seria mesmo curioso imaginar que experientes navegadores viajassem a Oeste, com o pôr-do-sol a sua frente, e ainda assim imaginassem estar viajando para o Leste. Mesmo com esta óbvia contradição a tese da “descoberta ao acaso” permanece no imaginário popular brasileiro até hoje. A “Seleta em Prosa e Verso” de Alfredo Clemente Pinto (1980), o mais popular livro escolar brasileiro de todos os tempos, em seu capítulo sobre o descobrimento do Brasil reforça a idéia de

que a expedição de Cabral partiu rumo às Índias e que só teria se desviado a Oeste por força de uma grande tempestade.

A segunda “mentira” inaugural de nossa história oficial é a de que “não havia notícia alguma” das terras a Oeste de Portugal. Hoje existe farta documentação sobre notícias da América, na Europa antes do descobrimento do Brasil, incluindo descrições detalhadas das costas brasileiras feitas por exploradores que aqui vieram antes de Cabral (PINTO, 1980). Mas não é preciso recorrer à análise de cartas ou fontes primárias, para se concluir que a tese da “terra da qual não se tinha notícia alguma” não se sustenta. Basta lembrar que o Tratado de Tordesilhas, que todos estudamos no colégio e que dividiu o território da América entre a Espanha e Portugal foi escrito e assinado em 7 de junho de 1494, portanto seis anos antes de sua “descoberta”.

Vale citarmos, aqui, o livro de Damásio (1999), neurologista português, há muito radicado nos EUA, denominado O mistério da consciência. Ele diz que a nossa capacidade de mentir, que se forma, no cérebro, aproximadamente aos quatro anos, é fundamental para a sobrevivência. Trata-se da capacidade de a mente humana imaginar o que outras mentes humanas estão pensando. Todo mundo que já brincou de esconder, com uma criança pequena (menos de quatro anos), já passou pela seguinte experiência: o adulto se esconde em algum lugar da casa, até ser descoberto pela criança; o adulto diz, então, que é a vez de a criança se esconder; a criança aceita e se esconde exatamente no mesmo lugar em que o adulto se escondeu. A criança não tem, nesse momento, a capacidade de imaginar o que o outro está pensando e, assim, não sabe mentir.

Lodge (2004) concorda com Damásio:

Os psicólogos evolucionistas sugerem que a capacidade de imaginar, repassando roteiros hipotéticos no computador do cérebro, o que outra pessoa – por exemplo, um inimigo – pode pensar em uma situação determinada, foi uma estratégia de sobrevivência crucial para o homem primitivo, o que poderia explicar porque o instinto de contar histórias é, ao que parece, parte integrante de todas as culturas humanas. [...]

Ao comentar as atrocidades terroristas de 11 de setembro de 2001, Ian McEwan (apud LODGE, 2004, p. 43) escreveu o seguinte:

Se os seqüestradores tivessem sido capazes de imaginar os pensamentos e os sentimentos dos passageiros seqüestrados, teriam sido incapazes de seguir adiante. Imaginar como é ser alguém diferente de quem se é constitui a essência de nossa humanidade. É a essência da compaixão, o princípio da moralidade.

Após a referência a Ian McEwan, Lodge (2004, p. 43) conclui:

[...] Num mundo onde não há certezas inapeláveis, onde a crença transcendental foi soterrada pelo materialismo científico, onde mesmo a objetividade da ciência se encontra sob suspeita diante da relatividade e da incerteza, a voz humana singular que conta sua própria história é a única que pode aspirar a ser o modo autêntico de registrar a consciência.

Já Nietzsche (2005, p. 8) concorda com os autores anteriores, no sentido de que para sobreviver, os indivíduos desenvolvem a capacidade de dissimulação. Ele diz:

No homem esta arte da dissimulação, atinge seu ponto mais alto: nele a ilusão, a lisonja, a mentira e a fraude, o falar nas costas dos outros, o representar, o viver no brilho emprestado, o usar uma máscara, a convenção que oculta, o jogo de cena diante dos outros e de si próprio, o esvoaçar constante em torno dessa chama única, numa palavra, a vaidade, são de tal modo a regra e a lei que não há

quase nada mais inconcebível do que o aparecimento nos homens de um impulso honesto e puro para a verdade.

Este autor reflete sobre o desconhecimento que o homem tem a respeito de si mesmo e afirma que este vive imerso em ilusões e sonhos, mantendo um olhar superficial sobre as coisas. Pensa que esta forma de percepção não leva à verdade.

Em estudo sobre o texto de Santo Agostinho, “Sobre a mentira e contra a mentira”, Gabriele Greggersen (2004) questiona: “Se é que existe mentira, qual o seu limite em relação à verdade?” Partindo de problemas reais que estava vivendo na época, relacionados às heresias e conflitos religiosos, Santo Agostinho fornece importantes *insights* sobre o assunto, em dois textos: Sobre a Mentira (*De Mendacium*) e Contra a Mentira (*Contra Mendacium*). Tudo leva a crer que a sua preocupação com o assunto era recorrente, já que os dois textos são praticamente idênticos. Sem pretensões de conceituar a verdade, o bispo de Hipona aplica o seu método negativo, para criar uma “tipologia” de mentiras existentes. Evidencia, assim, um fato bastante esquecido, nos dias de hoje: para além da diversidade de espécies de mentira, se algo não é verdadeiro, só pode ser falso.

Se considerarmos que Agostinho é, freqüentemente, citado como inaugurador de diversos campos, como os da Filosofia da História, com Cidade de Deus (*De Civitate Dei*); da Psicanálise, com as Confissões (*Confessiones*), essas duas obras poderiam até valer-lhe o mérito de ser inaugurador da “Teologia da Verdade”. Para evitarmos esse equívoco, precisamos deixar claro que Agostinho não se propõe a conceituar o que seja mentira, mas somente o que ela não é, numa espécie de teologia negativa antiessencialista.

Em todos os casos, ele é um dos primeiros pensadores a se aproximar e sistematizar o tema, que passou a ser amplamente discutido entre os teólogos

desde então. Tornou-se, assim, expoente orientador do debate, graças à sua autoridade e ao poder de sua argumentação. Em *Retratações (Retractationes)*, obra de maturidade, em que ele reavalia todos os seus escritos anteriores, o teórico expressa a sua insatisfação com *Sobre a Mentira*, considerando-a obscura demais, embora também não ensaiasse nenhuma correção da mesma. Na verdade, ele havia solicitado que ela fosse destruída, já na época em que a estava lançando. De alguma forma, contudo, ela “sobreviveu”.

Uma das razões para a insistência no tema parece ser a necessidade que Agostinho sentia de reiterar a sua postura, de não admissão de nenhum tipo de mentira. Este posicionamento também se enrijeceu, de uma obra para a outra, devido ao fato de os cristãos terem desenvolvido o hábito, na época do lançamento da segunda obra, de mentirem, para “ganhar almas”. Isto entraria no que ele considera a pior categoria de Mentira, como veremos mais adiante, a da charlatanice. A questão está, na realidade, ligada àquela outra, mais ampla, do mal e suas conseqüências. Uma cidade dominada pelo mal caracterizar-se-ia, precisamente, pela mentira, desconfiança, impostura e engodo. O que acontece quando a maldade começa a ter domínio, na *civitas* terrena, é o tema de *Cidade de Deus*, texto a que Agostinho dedicou, pelo menos, quatro anos da sua vida - de 413 e 417 D.C., no período entre *Sobre a Mentira* e *Contra a Mentira*.

As três obras têm em comum certo estranhamento, que elas despertam no leitor moderno e contemporâneo, tão pouco acostumado, ou “desacostumado”, a falar na verdade, em sentido singular.

Essa luta que o autor travava contra os efeitos degradantes do mal e da mentira - considerada um dos seus principais, se não o principal, portador - é

fundamental para uma correta leitura de seu posicionamento, aparentemente ingênuo e tão pouco “dialético”, para o pensamento moderno e contemporâneo.

Em última instância, a Mentira não é algo que depende de palavras exteriores, mas, como toda maldade humana, vem do interior, do coração do homem. Eis aí a origem de todos os seus males, tais como a soberba, o egoísmo, a ganância, a inveja, e particularmente, a Mentira.

É interessante notarmos quantas palavras nós temos no português, para designar a Mentira: burla, aleive, charlatanice, engodo, tapeação, engano, embuste, canalhice, patifaria, logro, conto do vigário ou da carochinha, faz-de-conta, má-fé, vigarice, calúnia, lorota, falsidade, inverdade, ou, o que é pior, “meia verdade”. O Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (1991) refere o sentido de Mentir como: faltar com a verdade, iludir. Do latim *Mentire*, imaginar, inventar, de *mens-tis*.

Enquanto em *Sobre a Mentira*, Agostinho (395, p. 16) parece bastante tolerante, quando diz que “Em geral, nunca é correto que homem nenhum minta”, ele será bem mais taxativo em *Contra a Mentira*, como pretendemos demonstrar. Mais adiante em *Sobre a Mentira*, ele até estabelece uma diferença entre “o mentir e ser um mentiroso” (AGOSTINHO, 395, p. 18). O mentiroso, diz ele, “prefere agradar as pessoas à [busca da] verdade” (AGOSTINHO, 395, p. 18). Não restam dúvidas, contudo, quanto à sua idéia de mentiroso: “É mentiroso todo aquele que tem uma coisa na sua mente, mas expressa algo diferente por suas palavras ou por qualquer outro sinal possível” (AGOSTINHO, 395, p. 3).

Agostinho complementa esta idéia, acrescentando ainda que “[...] ninguém duvida que seja uma Mentira, quando uma pessoa alega propositalmente uma falsidade com o propósito de enganar: pois uma alegação falsa defendida com o propósito de enganar é, manifestadamente, uma mentira” (AGOSTINHO, 395, p. 5).

Com essa sua clássica concepção de mentira, Agostinho deixa claro, logo de início, não somente o que é, mas, também, o que não é mentira: dizer algo que se achou verdadeiro, estando “sinceramente enganado”, ou dizer uma verdade que prejudique alguém, por mais grave que seja este prejuízo e por pior que seja o pecado efetivamente cometido contra o outro. Enquanto isso, é mentiroso todo aquele que mente para, aparentemente, atingir um bem. A mentira será sempre corruptora e escravizante, enquanto só a verdade pode libertar: “A verdade é o que liberta do erro, e a falsidade arma todo tipo de engodo, jamais erramos com maior segurança, do que quando amamos demasiadamente a verdade, e rejeitamos excessivamente a falsidade” (AGOSTINHO, 395, p. 1).

Não é certamente por acaso que Agostinho repete, mais de uma vez, o dito bíblico de que “a boca que mente escraviza a alma” (AGOSTINHO, 395, p. 31). De fato, ele defende que o coração tenha uma boca, que pode estar mais ou menos comprometida com a verdade. Agostinho chega a afirmar que “[...] com a boca do coração devemos nos abster de proferir qualquer mentira” (AGOSTINHO, 395, p. 34), ou melhor, devemos nos abster, até mesmo, de desejar proferir qualquer mentira. “Pois a castidade da mente consiste em uma boa vontade e amor sincero, que não seja corrupto, a menos que amemos e desejemos o que a Verdade ensina que não deve ser amado e desejado” (AGOSTINHO, 395, p. 40).

Mentir é enganar, só pelo prazer de mentir, numa “meia-verdade”. Este nível limítrofe do intolerável está muito mais ligado à intenção e ao hábito, do que à verdade propriamente dita. Trata-se daquela pessoa que indica mal um caminho, somente pelo prazer de fazer o outro perder tempo, ou que esconde a idade, somente para impressionar os outros. Este é o caso, por exemplo, das histórias de pescador e de toda forma de “contar vantagem”, diante dos outros.

Mentimos, para agradar, pela fala doce. Podemos, aqui, citar vários exemplos da contemporaneidade, desde o elogio descabido ou exagerado, até as promessas de campanha ou a conversa que se tem com o guarda de trânsito, ao levar uma multa. Trata-se daquela atitude interesseira, que visa o alcance do favor, através do agrado. É dizer o que o outro quer ouvir. Podemos incluir, também, certo tipo de literatura ou mídia, em geral, escrita apenas para prender o leitor e, isto, muitas vezes, em detrimento da verdade. É desnecessário mencionar aqui aquelas “mentirinhas” ditas ao chefe ou que se caracterizam como “politicamente corretas”, em determinadas ocasiões.

A mentira que beneficia, em detrimento ou prejuízo de alguém, mas não de forma física é aquela que prejudica o outro psicológica ou economicamente. Embora o prejuízo não seja aparente, ele pode ser profundo e duradouro, como, por exemplo, no caso do “caixa dois” de uma empresa ou da omissão de algum rendimento ao Leão do Imposto de Renda. Trata-se da Mentira, que pode ser por conveniência. É interessante notar, aqui, a importância que Agostinho dá ao corpo e ao sofrimento físico. Uma das piores mentiras é aquela que prejudica fisicamente, ou seja, que promove a fome, a tortura e a doença.

Outro tipo é a Mentira em benefício próprio, mas que não prejudica ninguém e também não ajuda ninguém. Neste caso, a pessoa mente por ignorância ou confusão. Parece não ter a intenção de mentir. Agostinho alerta, contudo, para a seriedade com que se deve tratar a verdade. Se não se tem certeza sobre algum assunto, não se deve pretender que se tenha. Neste caso, o erro da mentira soma-se ao não menos grave equívoco da pretensão e falta de consciência da complexidade do real. Trata-se daquela mentira dita por preguiça de pesquisar, mais ou mais a fundo, a realidade das coisas. É o que acontece com aquele professor,

por exemplo, que “finge que ensina”, provocando a resposta de “fingir que aprende”, por parte do aluno.

Há, ainda, a Mentira que não prejudica ninguém e que liberta alguém de prejuízo físico. Finalmente, este é um daqueles casos comuns da Mentira, por assim dizer, “heróica”. Esta aparentemente não interfere nos fatos, mas basta ser observada por um sujeito crítico, para que ocorra o flagrante. Um exemplo disso seria o cristão que nega a sua fé, para evitar o martírio, ou o pai que esconde as filhas do estuprador. A Ética⁴ médica e bioética estão repletas de casos deste tipo, como o da Eutanásia, entre outros. Não é para menos, certamente, que, nos mitos e contos de fada, as pessoas que assim mentem são normalmente castigadas. É o caso de Pinóquio, cujo nariz crescia todas as vezes que mentia.

Enquanto a Verdade é única e de difícil conceituação, a mentira assume diversas roupagens, tantas, que permitiram a Agostinho desenvolver a sua “tipologia”. Ainda assim, a Mentira nunca é absolutamente necessária. A pessoa inteligente e sábia saberá como evitá-la, pois o maior prejudicado, como dizíamos, é o próprio mentiroso. Este tem a certeza de que nenhuma mentira se sustenta por muito tempo. E, então, ele cairá em desgraça.

Observemos casos limítrofes. Se um político diz, no palanque da campanha, que o Brasil é uma grande potência, está dizendo uma verdade ou estará mentindo? Neste caso, estamos diante de uma questão hermenêutica.. Tratar-se-ia, então, de uma “meia” verdade?

Não há nada que possa ser verdade e mentira, ao mesmo tempo. Não se trata de uma visão simplista, pois verdade e mentira andam misturadas na realidade, tanto que Agostinho reconhece níveis diferentes de mentira. Esta é, antes, uma

⁴ Processo crítico, voltado para a construção do bem (GUARESCHI, 2004).

perspectiva extremamente realista, que procura levar o conceito de verdade às suas últimas conseqüências.

A pessoa que não mente não necessariamente é alguém sem mácula. É o que se percebe, por exemplo, quando ela acredita em algo que não deveria acreditar, ou pensa que sabe o que, de fato, não sabe, mesmo que possa ser verdade. O homem que tem algo na sua cabeça e afirma outra coisa com as suas palavras ou sinais de qualquer tipo, está mentindo (AGOSTINHO, 395, p. 3).

Outra pesquisa interessante, é o que Agostinho diria aos filósofos que, desde os cétricos da sua época, passando por Nietzsche, até os cétricos contemporâneos, negam a própria existência da verdade. É possível que ele dissesse que, se ela não existisse, ninguém estaria negando e se queixando da sua ausência.

Na filosofia, mentir não tem a ver com “fatos”, mas sim com a intenção de enganar. Se dissermos que o Brasil ganhou da Argentina ontem, no futebol, isto só será uma mentira, se eu souber que ele perdeu. Mentir é enganar intencionalmente.

Como já salientamos, a mentira sempre foi tema importante para a Filosofia e muitos filósofos pensaram sobre ela. Rousseau, em 1776, ao escrever “Devaneios do passante solitário” afirma:

[...] é raro e difícil que uma mentira seja completamente inocente. Mentir para outrem é fraude, mentir para prejudicar é calúnia: é a pior espécie de mentira. Mentir sem proveito nem prejuízo para si nem para outrem não é mentir; isso não é mentira é ficção... (ROUSSEAU, 1999).

Nietzsche(1873), outro filósofo importante e já citado, tenta separar a mentira da moral, em um texto “Sobre verdade e mentira no sentido extramoral”. Sintetizando seu pensamento, ele diz: “[...] as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que tornaram gastas e sem força sensível, moedas

que perderam sua efígie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas” (NIETZSCHE,1873). O filósofo fala da transitoriedade do homem e de sua dificuldade de viver somente com a verdade, vendo, na mentira, uma necessidade.

As "palavras certas", no convívio com os outros, são, cada vez mais, pura mentira. Às vezes, apresentar a verdade em doses reduzidas facilita a vida. Os americanos chamam essa "forma elaborada" de comunicação de "mentiras brancas". Aqueles que sempre dizem a verdade são considerados irremediavelmente ingênuos. Além disso, eles facilmente ganham inimigos. Calcula-se que uma mentira vem aos nossos lábios cerca de 200 vezes por dia, em média uma a cada cinco minutos (FELDMAN, 2002). A Mentira começa por falsos elogios ("Você está com excelente aparência!") e vai até mentiras descaradas ("Hoje eu não posso ir ao escritório, estou gripado"). Neste estudo, o pesquisador constatou ainda que, apesar de homens e mulheres terem mentido com a mesma frequência, as mulheres pareceram mais propensas a mentir, para fazer com que um desconhecido se sentisse bem, enquanto os homens mentiram mais para se valorizarem.

Em outro estudo da década de 90, do século XX, feito por David Know e Caroline Schacht (apud REVISTA VIVER: MENTE E CÉREBRO, 2005), na Carolina do Leste, 92% dos estudantes universitários confessaram ter mentido para uma parceira sexual, atual ou anterior. Os homens tendem mais a mentir sobre o número de suas conquistas sexuais, mas as mulheres tendem a minimizar seu grau de experiência sexual. Nestes casos, a pesquisa é feita no sentido mais restrito: dizer ou não coisas que não são verdadeiras. Não considera a falsidade não verbal, como omissões e outras intrincadas sutilezas, incontáveis formas de tapeações não verbais: maquilagens, perucas, cirurgias plásticas, vestuários e outras formas de adornos

que disfarçam a nossa aparência, assim como perfumes que escondem nossos odores naturais.

Smith (REVISTA VIVER: MENTE E CÉREBRO, 2005), diretor fundador do *New England Institute for Cognitive Science and Evolutionary Psychology*, é autor de um artigo onde pergunta: “por que mentimos com tanta facilidade”? “Resposta: porque funciona”. Para este pesquisador, o ser humano que melhor mentir leva vantagem sobre seus pares, na luta incansável para o sucesso. Mentir ajuda e mentir para nós mesmos, capacidade desenvolvida pelo nosso cérebro, ajuda-nos a aceitar nosso comportamento fraudulento. Smith (REVISTA VIVER: MENTE E CÉREBRO, 2005) ressalta que, talvez, a saúde mental repouse no auto-engano, e ficar deprimido resulte de uma falha na habilidade de enganar a si mesmo. Conclui, de forma bastante pessimista, que “[...] afinal todos vamos morrer, nossos entes queridos vão morrer, a grande parte do mundo vive em abjeta miséria. Portanto, quase não há razões para ser feliz diante desse cenário” (SMITH, apud REVISTA VIVER: MENTE E CÉREBRO, 2005, p. 39).

Para este autor, aqueles que enganam no jogo social, continuam a acumular vantagens negadas a seus pares mais honestos ou menos competentes. Pensa que a mentira nos ajuda a facilitar as relações sociais, a manipulação dos outros e a fazer amigos. Paradoxalmente, a principal razão de sermos bons mentirosos para os outros é que somos bons para mentir a nós mesmos. Estamos sempre prontos para acusar aos outros de nos enganarem, mas somos incrivelmente distraídos e benevolentes com nossa própria duplicidade.

O caráter paradoxal do auto engano, que deixa perplexos filósofos e estudiosos há muito tempo, deriva de uma idéia de René Descartes (apud REVISTA VIVER: MENTE E CÉREBRO, 2005), filósofo francês do século XVII, de que a

mente humana é transparente para o próprio indivíduo. Mais tarde, já no século XX, Freud (1915) demonstrou, com seus estudos sobre a mente humana, através da Teoria Psicanalítica, que não tínhamos acesso a grande parte de nossa vida mental, e falou-nos da nossa vida inconsciente. Não havia esta propalada transparência do filósofo.

Para Smith (apud REVISTA VIVER: MENTE E CÉREBRO, 2005), esta idéia também é muito vaga e incerta. Ele afirma que precisamos de uma concepção mais segura cientificamente de como a mente funciona. Esclarece a sua opinião, baseado na noção de que o sistema cerebral responsável pela cognição - a parte pensante - é de certa forma distinto daquele que produz experiências conscientes. Os sistemas cognitivos do cérebro processam o pensar, enquanto a consciência revela as informações recebidas. Salienta, ainda, que estas idéias estão sustentadas em experimentos significativos, tais como o de Benjamin Libet (apud REVISTA VIVER: MENTE E CÉREBRO, 2005), professor emérito da Universidade da Califórnia, San Diego, realizado em 2001. Ele descobriu que nosso cérebro começa a se preparar para iniciar uma ação, mais de três décimos de segundo antes de decidirmos conscientemente agir. Logo, não é a mente consciente que decide desempenhar uma ação, a decisão é inconsciente.

Estes aspectos descritos, segundo Smith, esclarecem o paradoxo do auto engano, pelo menos teoricamente. Ocultar a verdade de nós mesmos a oculta dos outros. Ele diz:

[...] conseguimos nos enganar invocando o equivalente a um filtro cognitivo entre o conhecimento inconsciente e consciente. O filtro prioriza informações antes que alcancem a consciência, impedindo que os pensamentos selecionados proliferem pelas vias neurais até se tornarem conscientes (SMITH, apud REVISTA VIVER: MENTE E CÉREBRO, 2005).

No começo dos anos de 1970, o biólogo Robert Trivers (apud REVISTA VIVER: MENTE E CÉREBRO, 2005), atualmente na Universidade de Rutgers, concluiu que o nosso talento para o auto engano poderia ser um problema de adaptação, enfrentado repetidamente por ancestrais humanos, na tentativa de enganar uns aos outros. Enganar poderia ser uma coisa arriscada. Na comunidade, na tribo, o caçador surpreendido em ato escuso, poderia ser banido ou morto. Sendo inteligente, o homem passou a ter consciência desses perigos e aprendeu a ser um mentiroso autoconsciente. Isto passou a ser um problema. Mentirosos tensos e desconfortáveis mentem mal.

Freud declarou certa vez: “Nenhum mortal consegue guardar segredo. Ainda que seus lábios estejam silentes, as pontas de seus dedos falam, todos os seus poros o traem”. Para dominar a ansiedade, podemos automaticamente aumentar o tom da nossa voz, corar, suar ou fazer pequenos movimentos com o corpo, às vezes como se quiséssemos fugir. Uma postura rígida e controlada também pode ser reveladora. Ambas situações boicotam nosso próprio esforço de enganar.

A solução foi o aprimoramento de mentir para nós mesmos. Como Trivers e outros (apud REVISTA VIVER: MENTE E CÉREBRO, 2005) biólogos observaram, a principal função do auto engano é enganar mais facilmente aos outros. Podemos manipular aos outros e permanecermos, convincentemente, inocentes, perante nossos olhos. Mentimos com sinceridade, sem saber que estamos mentindo, e isto faz com que deixemos de fingir e nos tornemos mais persuasivos aos outros e a nós mesmos.

Como já vimos nesse trabalho, há pesquisas e comprovações práticas, que todos nós mentimos muitas vezes por dia, para os outros e para nós mesmos. Mentimos das mais diversas formas, tanto com palavras, como ações, escritas, na

vida privada e na vida pública. Mentimos por vaidade, por defeito de caráter, para obter vantagens, audiência, poder, dinheiro e para manter aparências úteis. São tantos os motivos, conscientes e inconscientes, que a mentira faz parte das características humanas de sobrevivência. Até nos animais chamados irracionais, encontram-se situações de simulação em busca da manutenção da vida.

Queremos destacar, aqui, algumas situações especiais de mentira, muito presentes no nosso dia-a-dia. A Mentira e a Política, por exemplo, parecem irmãs íntimas e companheiras. Não que seja um fenômeno novo, na nossa história universal, mas passou a ser um acontecimento público muito bem divulgado. Com toda a tecnologia da Comunicação Social, com a democratização da informação, assistimos atualmente os homens e mulheres de atividade pública, mentindo ao vivo e em cores, em tempo real, em qualquer lugar do planeta. As pessoas escutam estupefatas que o Iraque será atacado por ter armas nucleares escondidas, que existe toda uma trama de corrupção nos legislativos e ninguém sabia e nem participou de qualquer combinação a respeito, que candidatos a candidatos nunca pensaram em ser candidatos, apesar de estarem em campanha há anos. Fala-se, com toda a tranquilidade, de quem está acostumado a dizer mentiras, que, caso eleito, fará tudo que não foi feito em anos de administração, até postos de saúde a cada cem metros de rua e que todas as crianças serão atendidas e não veremos mais sinaleiras iluminando palcos de malabaristas abandonados.

Destacando a representação Política, Nascimento (2003) analisa como, em uma sociedade onde impera a dissimulação e a mentira, procura-se administrar a coisa pública através de representantes de representados. O representante age em nome do representado, é a representação política, espaço no qual acaba acontecendo o desaparecimento do representado, que fica oculto, praticamente não

existe, simulado no representante. Este passa a ter tanta autonomia no exercício da vida pública, que o representado poderia até ser dispensado. Ele só volta a ter importância e visibilidade quando chamado, esporadicamente, a votar. É o dia do resgate da cidadania, que, ao votar novamente em seu representante, assina sua sentença de novo desaparecimento. O representante, para manter o seu lugar, não considera se tiver que mentir, pois a questão da verdade passa a ser um eufemismo, onde o importante será representar o outro pelo desaparecimento deste. Por isso, Nascimento afirma que é impossível pensar a idéia de verdade na política moderna, sem transparência e com a eliminação do representado.

A filósofa alemã Hannah Arendt (2005, p.39) pensa que “[...] a verdade nada pode fazer diante da Política, pois esta convive muito bem com a mentira”. O mundo da política é aquele onde prevalece o jogo de interesses e conflitos, ninguém quer deixar-se dominar e o que pode ser considerado verdade é apenas resultado de consenso, para esta autora.

Segundo Rousseau (1978) a vida em Sociedade pauta-se, obrigatoriamente, pelo processo de representação, ou seja, desde as primeiras organizações sociais até a atual forma de vida, o comportamento foi pautado pelo olhar do outro. Surgiram os sentimentos de consideração pública, de estima e destaque. Quem falava melhor, jogava melhor, caçava melhor, cantava ou lutava melhor, assumia um lugar de destaque aos olhos dos demais. A partir desses fenômenos, tiveram início os sentimentos de diferenças entre os homens. Alguns passaram a ser considerados melhores que os outros.

Para Nascimento (2003), a busca de distinção por um reconhecimento público passou a ser o desejo de cada um. Essa distinção correspondia, anteriormente, à exigência de ser, de fato, o melhor. Com o tempo, passou a ser parecer o melhor,

aos olhos do público, “num jogo de revelar e ocultar o ser, que perderá o brilho para o parecer”.

Voltando a Rousseau, o mundo social vai se constituir como representação, visto que se pautar pelo olhar do outro requer todo um ritual de simulação e dissimulação, visando corresponder à expectativa de uma platéia, que terá um julgamento decisivo para cada sujeito. O autor pergunta: “como seria possível, neste quadro, falar da verdade”? Guiando-se pelas exigências do público triunfa o parecer sobre o ser ou, rompendo-se a barreira da dissimulação, surgirão as pessoas como elas são.

Segundo Nascimento (2003), quanto mais sofisticadas, mais as sociedades exigem de seus membros um comportamento de acordo com regras e etiquetas. Para ele, não é exagero afirmar que, nessas sociedades, **tudo** é dissimulação, subterfúgio, ocultamento, mentira. Afirma que “[...]para se viver bem nessas sociedades, é preciso que cada um aprenda, nos mínimos detalhes, as regras da dissimulação, onde ninguém diz o que pensa, ninguém faz o que quer, mas todos dizem e fazem o que os outros querem que façam e digam” (NASCIMENTO, 2003, p. 39)

Avançando neste questionamento, chega-se no impasse de como educar crianças e organizar a vida política. Em uma sociedade, onde quase tudo é simulação e mentira, a educação passa a ser um processo de iniciação à mentira. Caso contrário, se fortalecesse a idéia de ser verdadeiro, formaria indivíduos despreparados, com muitas possibilidades de fracasso, para transitar em um mundo de dissimulações, repleto de relações “opacas”.

Neste quadro social, uma pessoa que procurasse ser “transparente, mais verdadeiro, ser ele mesmo”, romperia com a dissimulação “natural” e teria grande

possibilidade de ser um fracasso. Passamos a considerar a simulação e a mentira, que deveriam ser aspectos inadequados de comportamento, como algo positivo e que levará ao sucesso social. A quebra dessa prática mentirosa agride aos costumes, será condenável e considerada inaceitável que uma pessoa de bom senso a pratique.

Nesse contexto é que podemos repensar várias práticas sociais, desde os programas de televisão como “Casos de Família” e a linguagem toda que envolve sua produção e o comportamento da Âncora que o conduz, bem como outras opiniões jornalísticas, a respeito de qualquer tema público, que visam à opinião do outro, no caso o público telespectador, a busca de audiência e de patrocinadores. Qual o espaço oferecido à verdade?

Todos esses conceitos expostos levam a uma relação direta com uma das maiores descobertas de Freud, que permeia toda sua obra e passou a ser um dos pilares da Psicanálise: o Inconsciente. A noção de que não “mandamos” na nossa própria mente e que pensamos, agimos e falamos coisas sem saber porquê. Os conhecimentos da Psicanálise podem ajudar a compreender alguns processos importantes acerca da mentira.

1.3 SOBRE A PSICANÁLISE

1.3.1 Psicanálise e a Produção da Mentira

A Psicanálise sempre foi considerada a “terapia que cura pela palavra”. Tendo iniciado no final do século XIX, com os estudos de Freud, em Viena, desenvolveu-se sob a égide do pensamento positivista, que dominava as ciências da época. Freud dedicou-se, desde o início, a atender aos requisitos que satisfizessem o paradigma empírico-positivista, tais como observar, descrever, explicar e provar. Procurando manter o mito da neutralidade do pesquisador frente à experiência, comprometeu-se por inteiro com seu trabalho, tendo, entre suas maiores descobertas, o fenômeno da Transferência, o valor dos sonhos como manifestação do inconsciente e a função da análise. Tinha curiosidade e ousada sensibilidade para perceber comportamentos humanos, tanto os próprios do desenvolvimento, como os patológicos. Precisava demonstrá-los, mesmo que, para isso, privilegiasse alguns aspectos de seu interesse, para serem estudados e destacados.

Freud foi professor e escritor, com rara capacidade de descrever situações, casos clínicos e de sistematizar teoricamente suas descobertas. Tinha consciência de que estava iniciando um processo reformulador e mostrava-se aberto às contribuições que reforçassem os achados psicológicos que realizava. Uma de suas

primeiras conclusões baseou-se no uso da palavra, como parte fundamental da técnica psicanalítica. Em suas Conferências Introdutórias sobre a interpretação dos sonhos, Freud (1916, p. 29) diz que:

[...] nada ocorre no tratamento psicanalítico a não ser uma troca de palavras entre o paciente e o analista [...] As palavras eram originalmente mágicas e retêm ainda em nossos dias grande parte do seu poder mágico.

Freud, o pai da Psicanálise, tomou a questão do paradigma verdade/mentira como eixo central de sua invenção, promovendo uma ruptura conceitual na concepção de verdade do sujeito vigente naquela época. A invenção do conceito de inconsciente, como uma estrutura psíquica, foi sua maior contribuição, trazendo, em seu cerne, um reposicionamento nas pesquisas psicológicas. Para entendermos melhor a mudança de posição na ciência que Freud promoveu e os seus efeitos, nos conceitos de verdade e mentira, apresentaremos, a seguir, uma retrospectiva de como surgiu o método psicanalítico, marcando qual sua intersecção com os conceitos tema dessa pesquisa.

A pesquisa psicanalítica é uma concepção de investigação, fundada por Freud, no fim do século XIX. Naquela época, Freud estava envolvido com a Neurobiologia, a perspectiva neuro-anátomo-patológica apresentava sinais de fracasso, ou seja, suas pesquisas nos laboratórios de Medicina já não ofereciam caminhos eficientes, para responder aos desafios que envolviam o padecimento de alguns pacientes.

Quando Freud escreveu seu primeiro livro, Contribuição à concepção das afasias, em 1891, sua intenção era a de investigar melhor esse distúrbio da linguagem e sua natureza. Entendia-se por afasia, já naquela época, a perda do poder de pronúncia das palavras (afasia motora) ou a perda da capacidade de

compreensão da palavra escrita ou falada (afasia sensorial), por lesão cerebral (GARCIA-ROZA, 1998). Ele queria relacionar os sintomas afásicos com a lesão cerebral, comparar a intensidade da lesão e a intensidade da afasia. Preocupava-se com a relação entre a memória, a linguagem e a doença⁵. Nos afásicos, ocorria, por exemplo, o fenômeno de trocar o nome do objeto, ou saber o que era o objeto e, ao mesmo tempo, não conseguir pronunciar seu nome. Freud passou, então, a observar que, curiosamente, todas as pessoas apresentavam sintomas característicos das afasias, até mesmo aquelas não portadoras de lesão cerebral. Isto acontecia, geralmente, quando elas estavam cansadas, ou seja, essas trocas e junções de tipo “afásico”, ou, como ele as chamou, as parafasias, não tinham exatamente relação com uma lesão cerebral. Seriam, apenas, um indicativo de que o aparelho de linguagem falhou.

Em seguida, Freud percebeu que tais trocas e junções não eram aleatórias. Elas tinham um sentido (simbólico). Seriam expressões de linguagem, que, no momento em que eram pronunciadas, produziam um efeito (renovador) na pessoa. Essa nova perspectiva o fez pensar que o sistema nervoso, ao receber um estímulo, não só o captaria, mas transformaria esses estímulos em códigos, que, evidentemente, possuíam um sentido (linguagem), e a afasia, ou melhor, o efeito afásico seria o de dar um novo sentido ao sentido anterior.

A hipótese que Freud se aventurou a formular, decorrente do paradoxo que havia descoberto (apresentar afasia e não ser portador de lesão cerebral), foi um de seus pontos de partida. Este resultou na ruptura em sua forma de pensar, sob o ponto de vista do aparelho neurológico. Ele redimensionou e reordenou o modo de pesquisar, ainda que, conforme Garcia-Roza (1998), naquela época, sua intenção

⁵ As correspondências de Freud a Silberstein apontam para a linguagem como foco de interesse de Freud, desde a adolescência (GAY, 1999).

fosse a de formular um aparelho de linguagem, pois a concepção de aparelho psíquico foi uma formulação posterior e conseqüente dessa primeira. As parafasias, inicialmente, eram consideradas como uma falta de eficiência desse aparato de linguagem, em função da iminência de afetos perturbadores.

Posteriormente, a noção de falta de eficiência ficou suprimida, pois Freud (1901) postulou que os lapsos de linguagem seriam exatamente o efeito do funcionamento de um aparelho psíquico que comporta um ordenamento que lhe é próprio: a lógica do Inconsciente⁶. A diferença entre o aparelho de linguagem e o aparelho psíquico seria, precisamente, a invenção do conceito de inconsciente e seu funcionamento.

O reordenamento do pensamento e das pesquisas de Freud abriu caminho para a definição de um aparelho psíquico, sendo este estruturado como um aparelho de memória e linguagem, resultando, anos depois, na teoria do Inconsciente. Freud, ao longo de seus primeiros artigos, entre 1891 e 1900, mostrou como efetuou esse reordenamento, que o conduziu à inauguração de um novo campo conceitual. Este novo campo, o da Psicanálise, foi introduzido em “A interpretação de sonhos” (1900a), através de um novo método de pesquisa e tratamento, o que implicaria uma técnica e objeto de investigação novos, específicos e exclusivos.

Em 1896, no caso Anna O., surgiu o gérmen do método psicanalítico, quando ocorreu a passagem do tratamento sugestivo para o método catártico. No primeiro tipo de tratamento, o paciente era hipnotizado e o hipnotizador influenciava-o, através da fala, tencionando modificar o estado afetivo do paciente, sem investigar o

⁶ Freud não utiliza a expressão “lógica do Inconsciente”. Ao iniciar sua formulação a respeito deste conceito, propõe a expressão “mecanismos psíquicos” e, mais tarde, “processos inconscientes”. Nesta pesquisa, os termos “lógica” e “lógica do Inconsciente” apontam para a noção de ordenamento. O sistema Inconsciente possui um modo de funcionamento, denominado processo primário, que consiste na utilização dos mecanismos psíquicos de deslocamento e condensação.

que estaria produzindo o efeito patogênico. Já o método catártico era o procedimento em que o hipnotizador tencionava que o paciente eliminasse seus estados afetivos patogênicos, através da ab-reação, ou seja, o hipnotizador procurava, por meio de perguntas, o elemento traumático na memória do paciente, para que este, através da fala, conseguisse efetuar a descarga do afeto retido junto à representação traumática: “A linguagem serve de substituto para a ação: com sua ajuda, um afeto pode ser ab-reagido” (FREUD, 1893a, p. 46).

Nesse prelúdio do método psicanalítico, já é notável o incremento da importância atribuída à fala do paciente. Freud oferecia espaço para que suas pacientes falassem, oferecia a própria escuta, diferentemente de Breuer, Charcot e outros médicos da época. Essa nova postura, no tratamento das pacientes, já evidenciava a unificação entre a clínica, a pesquisa e as formulações teóricas, que Freud realizava em seu trabalho.

Todos os casos clínicos, encontrados em “Estudos sobre a histeria” (FREUD, 1895d) retratam que a Psicanálise não surgiu como um método que seria fruto de uma prática clínica simplesmente, tampouco de uma formulação puramente teórica. É precisamente quando Freud passou a formular hipóteses, por exemplo, a hipótese da “defesa”, ou a hipótese da resistência nas histéricas⁷, que a escuta na clínica recebeu uma nova configuração, resultando na criação de um novo campo de pesquisa, o campo exclusivo da Psicanálise: o Inconsciente.

Os passos metodológicos que Freud utilizou, ao longo de sua pesquisa, e que o pesquisador psicanalítico precisa seguir são claramente ensinados por ele, em seus artigos metapsicológicos. Em “Pulsões e destinos de pulsão”, Freud (1915c) é

⁷ A hipótese da defesa transformou-se no conceito de recalque (1915d/1974), e a concepção de resistência deixou de ter um estatuto de obstáculo intransponível ao trabalho psicanalítico, para tornar-se um dado que aponta para o conflito psíquico, um dado indicador de que elaborações psíquicas estão em jogo.

muito explícito, ao afirmar que nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata, começa a partir de conceitos claros e bem definidos. Explica que é necessário lançar mão de idéias abstratas, provenientes de situações anteriores, mesmo na fase de descrição do material manipulado. Tais idéias irão, de início, “possuir necessariamente certo grau de indefinição” (FREUD, 1915c, p. 137), pois seu conteúdo ainda não está elucidado.

A compreensão do significado dessas idéias somente se revela por meio de repetidas referências ao material de observação, do qual parecem “ter provindo, mas ao qual, de fato, foram impostas. Assim, rigorosamente falando, elas são da natureza das convenções” (FREUD, 1915, p. 137). Freud (1915c), afirma, no entanto, que o sucesso da investigação vai depender de que as idéias formuladas não sejam escolhidas arbitrariamente, mas determinadas, por apresentarem relações significativas com o material empírico. Por vezes, tais relações são mais intuídas do que reconhecidas⁸. Finalmente é hora de articular o caminho de chegada a um conceito útil para a ciência.

Só depois de uma investigação mais completa do campo de observação, somos capazes de formular seus conceitos científicos básicos com exatidão progressivamente maior, modificando-os de forma a se tornarem úteis e coerentes numa vasta área. Então, na realidade, talvez tenha chegado o momento de confiná-los em definições. O avanço do conhecimento, contudo, não tolera qualquer rigidez, inclusive em se tratando de definições (FREUD, 1915, p. 137).

O método de pesquisa utilizado por Freud e elucidado ao longo de seus escritos revela que o conceito central de sua obra, o Inconsciente, não foi da ordem

⁸ Vejamos o que Freud (1915, p. 137) escreve sobre a relação entre o material empírico e as idéias abstratas, que aplicamos a ele: trata-se de “[...] relações que parecemos sentir antes de podermos reconhecê-las e determiná-las claramente”.

do observável. O Inconsciente foi uma hipótese que Freud lançou para a sociedade médica de Viena, uma hipótese conceitual que poderia virar uma teoria. A prática clínica, por sua vez, só se torna uma prática psicanalítica enquanto está referida a essa teoria.

Progressivamente, o criador da Psicanálise abandonou a Hipnose, a sugestão e o método catártico e os substituiu pelo tratamento psicanalítico, baseado na associação livre do paciente.

Dessa forma, Freud (1915) propôs o conceito de Inconsciente. A invenção do conceito de Inconsciente trazia, no seu cerne, a idéia de dois sistemas psíquicos distintos, autônomos e regidos por leis próprias. Evidentemente, esse conceito se desdobra ao longo da obra freudiana, mas, conforme Garcia-Roza (1995), nunca perde a conotação de um lugar psíquico diferenciado e identificado com o recaiado.

Ao propor a existência de uma nova racionalidade, a qual não pertence ao campo do consciente, ele postulou que existe uma outra lógica, que é a lógica do Inconsciente recaiado, desconhecida e inacessível, através das formas de investigação praticadas até aquele momento. Aqui entra o ponto central da questão: o sujeito não sabe sobre sua verdade. O discurso manifesto só importa no que ele apresenta de erro, de tropeço, de pausa, de cacofonias, de vacilos, etc. Não se trata de uma parte profunda da consciência, tampouco de um lugar onde reina o caos ou a desordem. Freud (1895d) propôs um novo modelo explicativo, para alguns padecimentos, e afirmou a possibilidade de investigação e mapeamento da lógica implícita nesse modelo.

A concepção do sujeito, como sendo estruturalmente dividido, clivado, fendido e alienado de uma parte de si mesmo, revela que há uma outra ordem que organiza a vida psíquica do sujeito e que este fracassa, ao tentar controlá-la. Dessa forma,

Freud retirou da racionalidade consciente a possibilidade de alcançar a verdade do sujeito sobre si mesmo.

A noção de clivagem perpassa dois momentos na teoria freudiana⁹: o primeiro mostrava um aparelho psíquico dividido em sistemas (Ics, Pcs/Cs). Este modelo tinha como operadores fundamentais o recalque e o retorno do recalçado; portanto, a divisão era concebida, situando-se entre os sistemas. O segundo momento teve lugar quando Freud (1927e) aproximou-se da formulação da segunda tópica e introduziu o termo “clivagem do eu” (*Ichspaltung*)¹⁰, para designar um fenômeno que, inicialmente, foi descrito como se ocorresse exclusivamente na clínica das psicoses e da perversão. A concepção de um sujeito dividido é um dos alicerces da teoria psicanalítica e pode ser encontrada em diversas passagens da obra de Freud, como, por exemplo, no artigo intitulado “Uma dificuldade no caminho da psicanálise”, onde encontramos a conhecida afirmação: “O eu não é senhor da sua própria casa” (FREUD, 1917a, p. 178).

Essa mudança radical que Freud impôs à ciência obriga-nos a abandonar qualquer tentativa de pesquisar a verdade do sujeito, a partir de seu discurso coerente, racional, no qual as rupturas, as contradições, as distorções e os ocultamentos sejam considerados erros e tomados como restos sem importância:

⁹ A noção freudiana de clivagem (*Spaltung*) foi retomada por Lacan (1979), que desenvolveu a noção de clivagem da subjetividade na relação com o outro.

¹⁰ O termo “clivagem do eu” consiste na coexistência, no cerne do eu, de duas atitudes contraditórias, uma que consiste em recusar (*verleugnen*) a realidade e outra, em aceitá-la (ROUDINESCO; PLON, 1998).

A partir desse momento a subjetividade deixou de ser entendida como um todo unitário, identificado com a consciência e sob o domínio da razão, para ser uma realidade dividida em dois grandes sistemas – o Inconsciente e o Consciente, e dominada por uma luta interna em relação à qual a razão é apenas um efeito de superfície (GARCIA-ROZA, 1997, p. 22)¹¹.

Nas pesquisas psicológicas da época do nascimento da Psicanálise, a importância do relato do paciente, sobre sua doença, residia na sua eficiência cronológica, no sentido de contar “desde o início”, de forma coerente, como aconteceram os sintomas. Assim, qualquer tropeço que porventura ocorresse nessa exposição era desconsiderado. O modelo de pesquisa psicanalítica, que apresenta um campo singular de investigação, propõe as formações do Inconsciente como sendo o objeto de pesquisa.

As falhas do discurso do sujeito são, exatamente, o caminho para se fazer o mapeamento da ordenação das representações inconscientes. A fala do paciente, juntamente com todos os seus detalhes, erros de pronúncia, trocas de palavras, pausas e sentidos inesperados, ou mesmo a textura afetiva do *texto*, proferido pelo analisante, enfim toda a singularidade do dizer do paciente, todo o paradoxo que esse dizer constitui, entendido como uma marca psíquica, tornou-se o material com o qual Freud propôs a localização do objeto de pesquisa. Enfim, as formações do Inconsciente são os instantes de abertura do Inconsciente. Ou seja, para Freud, por mais que a pessoa esteja sendo sincera e diga tudo o que ela pensa sobre o seu padecer, ainda assim ela não acessa a sua verdade.

¹¹ A noção de conflito psíquico, à qual alude o termo “luta interna”, tem duas configurações na obra freudiana. A primeira refere-se ao conflito entre Inconsciente e Consciente, ou, se preferirmos, princípio do prazer e princípio da realidade. A segunda, que é postulada após 1920, propõe o conflito psíquico somente inconsciente e envolve o conceito de supereu.

Em “Lembranças encobridoras” (Freud, 1899a), podemos acompanhar a trajetória, que Freud percorre, para ir cercando as formações do inconsciente. Ele partiu da observação de que seus pacientes traziam, para o tratamento, recordações isoladas e aparentemente irrelevantes dos primeiros anos da infância. Seguiu dizendo que ninguém contesta o fato de que as experiências infantis deixam traços marcantes na mente. Somente após seis ou sete anos de vida, no entanto é possível que o sujeito tenha na memória uma cadeia concatenada de eventos, passível de reprodução. Se as primeiras experiências são marcantes, por que não são lembradas? Aqui se instala um paradoxo. Freud descartou a possibilidade de explicá-lo, com a idéia de que a criança pequena possuiria uma atividade mental rudimentar e argumentou que, aos quatro anos de idade, a criança já apresenta um funcionamento mental altamente organizado, em suas comparações, inferências e expressão de sentimentos.

As recordações isoladas, cujo conteúdo é aparentemente irrelevante, passaram a ser tomadas como formações do Inconsciente e tornaram-se o objeto de pesquisa. Freud (1915) fez uma construção metapsicológica, a partir do relato de um paciente¹², utilizando um fragmento de memória da infância, que lhe surgiu na adolescência, cheio de pormenores e com detalhes. Com esses dois elementos – de um lado a amnésia infantil, de outro uma recordação isolada, rica em detalhes Freud passou a formular hipóteses. Através da associação livre e utilizando o sentido a que as palavras do paciente poderiam aludir, Freud (1915, p. 281) concluiu que uma recordação desta ordem liga, por “elos simbólicos”, impressões e pensamentos que ocorreram em datas diferentes. Segundo ele, a lembrança que surge é encobridora de outra, recalçada. Desta forma, postula, “[...] o passo intermediário entre a

¹² Strachey, o editor inglês, comenta o incidente descrito nesse artigo como sendo autobiográfico.

lembrança encobridora e aquilo que ela esconde tende a ser fornecido por uma expressão verbal” (FREUD, 1914, p. 284)¹³. As formações do Inconsciente, que se relacionam ao problema de nossa pesquisa, adquirem legibilidade através dos elos simbólicos a que a expressão verbal do sujeito pode aludir.

Desde a publicação de seu livro sobre as afasias, Freud introduziu uma idéia fundamental na Psicanálise, que é a **noção de representação psíquica**. É necessário compreendermos este conceito, pois ele está presente em todas as etapas da investigação, embora, como já sabemos, seja de especial relevância, quando pretendemos circunscrever o objeto de pesquisa. Naquele livro, Freud (1891b) postula que as representações são um conjunto de traços, sendo que estes provêm de uma impressão. A impressão é o próprio acontecimento; após a impressão, o que fica retido na memória são os traços resultantes dessa impressão, que Freud irá chamar de traços mnêmicos.

Na carta, de 06 de dezembro de 1896, enviada a Wilhelm Fliess, Freud (1950a, p. 254) apresentou, pela primeira vez de forma explícita, o conceito de aparelho psíquico (no modelo de sua primeira tópica) e seguiu desenvolvendo a noção de escritura psíquica. Ela se configura, através da idéia de retranscrição (*Umschrift*). Vejamos um fragmento:

[...] Como você sabe, estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico tenha-se formado por um processo de estratificação: o material presente em forma de traços da memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo segundo novas relações¹⁴ – a uma retranscrição. Assim, o que há de essencialmente novo a respeito de minha teoria é a tese de que a memória não se

¹³ É interessante ressaltar que Freud foi construindo os dispositivos metodológicos para a pesquisa psicanalítica, através do mesmo método.

¹⁴ Na carta 52 da Edição Standard Brasileira (ESB), temos a expressão “rearranjo segundo novas circunstâncias” (p. 254), mas, no texto original, temos “rearranjo segundo novas relações (*Beziehungen*)” (MASSON, 1986, p. 217).

faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos; que ela é registrada em diferentes espécies de indicações. Postulei a existência de um tipo parecido de rearranjo (Afasia), há algum tempo, para as vias [*Bahnen*] que vão da periferia [do corpo para o córtex].

Assim, é possível perceber que, desde os primeiros escritos, Freud propôs a hipótese de um aparelho de memória, composto por traços mnêmicos, ou seja, registros, cuja organização produziria uma representação (*Vorstellung*), através de certas relações (linguagem). A retranscrição ocorre, quando novos registros se impõem e um reordenamento se faz necessário, através de novas relações, inibindo o nexa anterior. Essa é, brevemente, a noção de escritura psíquica.

Ao longo da obra freudiana, o conceito de Inconsciente sempre esteve perpassado pelo conceito de representação¹⁵. Isso não significa que o Inconsciente possa vir a ser conhecido na totalidade de seu conteúdo. O Inconsciente, enquanto recalado originário, jamais se tornará consciente, como ocorre quando alguém descobre a chave do cofre, abre, e lá está! Não há fim nem começo nessa escritura; portanto, a psicanálise não pode ser comparada a uma espécie de arqueologia, na qual há uma tentativa de reconstrução ou de junção de fragmentos de algo que um dia existiu de fato¹⁶.

O trabalho, com a representação, oferece espaço para um novo ordenamento do pulsional. A abertura do Inconsciente, que observamos, por exemplo, através do lapso de linguagem, na situação psicanalítica de tratamento, permite a emergência do excesso pulsional. Este surge como um paradoxo, como algo incompreensível. No momento de sua ocorrência, é possível que se faça um trabalho de associação

¹⁵ A questão do aspecto pulsional na psicanálise e sua relação com o registro de memória da representação será abordada no decorrer desta pesquisa.

¹⁶ O objetivo da psicanálise não é exclusivamente da ordem da reminiscência, na qual se busca um sentido último para as coisas.

de palavras, sendo que o analisante se coloca de frente para o próprio excesso pulsional, que pode ser, ou não, representado. Esse é o convite da psicanálise, colocar-se frente a frente com os próprios excessos, com os confins da subjetividade, com a experiência do sem sentido. Assim, palavras novas podem surgir, sendo possível que elas tragam como efeito um novo sentido, já no momento do fechamento do Inconsciente.

Freud é muito claro, ao explicar essa questão, através da obra de arte. Em “O Moisés de Michelangelo” (1914b), ele expõe a discussão sobre os detalhes da escultura e ressalta a função do pormenor, na produção de um outro sentido, ainda não elucidado dessa obra. Para tanto, reproduz as diversas descrições realizadas por diferentes escritores e críticos de arte. Conforme a percepção dos detalhes da estátua de Moisés, por parte de cada um (incluindo a não-observação de alguns pormenores), modifica-se a interpretação daquilo a que a obra estaria aludindo. Ainda nesse mesmo artigo, Freud faz uma referência a um conhecedor de arte, que teria feito uma revolução nas galerias da Europa, questionando a autoria de muitos quadros. A distinção entre originais e cópias não resultaria de características principais do quadro, mas, precisamente, dos detalhes de menor importância, como o desenho do lóbulo da orelha, das unhas, de auréolas, que cada artista executa de forma própria. Sobre esse método, Freud (1914b, p. 264-265) comenta:

Parece-me que seu método de investigação tem estreita relação com a técnica da psicanálise que também está acostumada a adivinhar coisas secretas e ocultas a partir de aspectos menosprezados ou não-observados, do monte de lixo, por assim dizer, de nossas observações.

Queremos ressaltar a importância da configuração da situação psicanalítica de tratamento, para que se possa fazer uma circunscrição precisa do objeto de

pesquisa. Isto significa que é possível circunscrever este dado, quando, de um lado, temos o analisante, em posição de pesquisa, ao associar livremente e, de outro, temos o analista, em posição de direção do tratamento, escutando, através da atenção livremente flutuante¹⁷. Desta forma, constatamos como Freud impôs, para a sociedade médica de sua época, uma nova forma de investigar o padecer psíquico, através de sua teoria. Para a presente pesquisa, o autor elucida que o conceito de verdade, tomado psicanaliticamente, não está ao alcance da lógica racional discursiva do sujeito.

Pretendemos afirmar, com isso, que as coisas que fariam sentido para o analisante - e esta é uma idéia de Freud - seriam aquelas que contivessem um fragmento de verdade, ou seja, situações que tivessem alguma ligação com as que o *marcaram* pelo prazer. Vamos detalhar um pouco mais essa noção de fragmento de verdade e seus efeitos, na possibilidade de inventar a vida.

As intensidades pulsionais fazem uma exigência de captura para o aparato psíquico. Este, por sua vez, pode transformá-las em uma formulação psíquica. Para que essa captura possa ocorrer, é necessária, como já expusemos, uma ação específica, através da “ajuda alheia”. Desta forma, acontecem as primeiras inscrições de representação e um campo de prazer fertilizado. É importante questionar, no entanto, o que significa dizer que as intensidades pulsionais fazem uma exigência ao aparato psíquico, que as pode transformar em uma formulação psíquica? Para entendermos melhor esta questão, retornemos a Freud (1908c), em seu artigo “Sobre as teorias sexuais das crianças”.

Ele aborda a questão da formulação de teorias sexuais, realizada na infância. Parte do pressuposto de que a criança, desde muito cedo, tem interesse pelos

¹⁷ Esse conceito será abordado a seguir.

problemas relacionados ao sexo, especialmente quando se depara com as diferenças anatômicas. Segundo o autor, todas as situações experimentadas na infância, incluindo a *intensidade pulsional* da criança e, também, a chegada de um irmão, aguçam sua capacidade de pensamento. Nas palavras de Freud (1908c, p.216): “Com base na instigação desses sentimentos e preocupações, a criança começa a refletir sobre o primeiro grande problema da vida e pergunta a si mesma: De onde vêm os bebês?” A criança, então, segue em sua busca de informações e se dirige às figuras que lhe são a fonte de todo o conhecimento, os pais.

Para tais perguntas, ela recebe, se antes de tudo não for repreendida, respostas evasivas e soluções mitológicas, como a teoria da cegonha, por exemplo. Essas explicações não são suficientes para a criança, a não ser para que ela suponha a existência de algo proibido e passe a manter em segredo suas investigações. Com isso, enfrenta um conflito psíquico entre suas concepções, consideradas incorretas pelos adultos e as consideradas corretas pela autoridade dos mais velhos. Assim, afirma Freud (1908, p. 217), “[...] esse conflito psíquico logo pode transformar-se numa dissociação psíquica”. Ele ressalta que, quando a criança cessa suas reflexões, em favor do conjunto das concepções consideradas boas pelos adultos, tornando o trabalho da investigação infantil recalcado e inconsciente, temos a neurose. Diríamos que a teoria que a criança faz chega a um ponto em que fracassa. Esse fracasso ocorre, pois ela formula a teoria com os elementos que têm, que são, evidentemente, insuficientes, como, por exemplo, a teoria cloacal¹⁸. O adulto coloca em xeque essa teoria e a criança se vê, então, confrontada com seu desconhecimento, com a queda da onipotência do pensamento, com a inscrição da diferença, resultando na entrada no campo da neurose.

¹⁸ Essa teoria consiste na idéia de que os bebês nascem pelo ânus.

Então, segundo o autor, para a compreensão da neurose do paciente é indispensável rastrear a teoria sexual infantil, que nele se apresenta e se estampa sob a forma de sintomas. O autor afirma, igualmente, que todos os mitos, contos de fadas e, diríamos, toda a produção na cultura têm sua raiz em uma teoria sexual infantil.

Para visualizarmos melhor essa idéia de Freud sobre as teorias sexuais infantis, contidas nas produções da cultura, vejamos o que ele escreveu sobre Leonardo Da Vinci. No estudo biográfico do pintor renascentista Leonardo Da Vinci, Freud (1910c) afirma que os “interesses sexuais primitivos” promovem a pulsão de investigação¹⁹. O autor reitera que as crianças fazem pesquisas sexuais, sendo estas, por exemplo, refletidas na curiosidade e prazer incansáveis, desta época, em fazer perguntas. Após um período de enérgica repressão sexual, a pulsão de investigação da criança sofre três possíveis destinos, conforme sua relação com os interesses sexuais primitivos. Os destinos que Freud nos oferece, de forma muito sintética, são a inibição neurótica do pensamento, o pensamento neurótico compulsivo e a sublimação, que seria o destino “mais raro e mais perfeito” (FREUD, 1908, p. 74).

No primeiro destino, a pulsão de investigação sofre o mesmo destino que a sexualidade, o recalçamento. Portanto, a curiosidade é inibida e a liberdade da atividade intelectual pode ficar limitada, ao longo da vida. No segundo caso, o desenvolvimento intelectual resiste à repressão sexual, mas as atividades sexuais de pesquisa são suprimidas e retornam sob a forma de uma preocupação pesquisadora compulsiva. A pesquisa torna-se uma atividade sexual e toma um

¹⁹ Queremos ressaltar que as intensidades pulsionais impelem a criança a formular, incansavelmente, teorias sobre o que ocorre com ela, resultando no que Freud chamou de pulsão de investigação, a qual pode sofrer três destinos.

caráter interminável, sem possibilidade de chegar a alguma conclusão. E, no terceiro caso, a pulsão de investigação fica fortalecida, pois a libido escapa à repressão sexual, ao ser sublimada em ânsia de saber.

O conceito de trilhamento (*Bahnung*), aqui subentendido, está na base da relação entre as representações; portanto, é a base da memória e de todo o psiquismo. A vivência de satisfação facilita o caminho entre uma representação e outra (por ocorrência da ação específica). Assim, o aparelho psíquico passa a percorrer os trilhamentos que foram abertos, ocasionando o reinvestimento das marcas mnêmicas, que impele à *repetição* da experiência. A idéia é a de que a pulsão de investigação é uma forma de resgate da teoria sexual infantil. Esta contém um fragmento de verdade do sujeito, ou seja, a pulsão de investigação faz ressurgir representações que haviam sido inscritas, ocasionando a descarga e novas ligações. Assim, esse fragmento, trazido à cena, pode constituir novos trilhamentos, que podem oferecer novas formas de escoamento para o pulsional, permitindo que a dimensão da inventividade seja possível. Sobre essa questão, Freud (1908c, p.218) comenta:

Essas teorias sexuais falsas, que agora examinei, possuem uma característica muito curiosa: embora cometam equívocos grotescos, cada uma delas contém um fragmento da verdade, no que se assemelham às tentativas dos adultos, que consideramos geniais, para decifrar os problemas do universo, que são tão complexos para a compreensão humana.

Freud articula a questão da inventividade, na biografia de Leonardo Da Vinci (1910c), quando faz uma construção belíssima, relacionada ao que ficou

caracterizado como a marca do artista: o sorriso “leonardiano”²⁰. Freud trabalha com a lembrança (encobridora) de Leonardo, de ter sido visitado, em seu berço por uma ave de rapina. Supõe a cena da ave como substituta de uma outra cena, a da mãe legítima de Leonardo, beijando-o e alimentando-o no seio. Ao tentar relacionar os detalhes da obra do artista com o que restou de sua infância, em forma de lembrança, Freud relata o fascínio que Leonardo teve pelo sorriso de Mona Lisa. Segundo o autor, o longo período que trabalhou no retrato indica a forte atração que esse sorriso exerceu sobre ele.

Dessa forma, Freud sugere que Leonardo foi despertado pelo sorriso daquela dama, para uma antiga lembrança, da qual nunca mais se libertou: “[...] começamos a suspeitar da possibilidade de que este sorriso misterioso era o de sua mãe – sorriso que ele perdera e que muito o fascinou, quando novamente o encontrou na dama florentina” (FREUD, 1910, p. 102).

Então, podemos visualizar a relação que há entre a pulsão de investigação e a teoria sexual infantil, que contém um fragmento de verdade. O estudo de Freud indica que o efeito do reencontro com as próprias teorias sexuais infantis e, por conseguinte, com o fragmento de verdade nelas contido é a retomada da inventividade. Além disso, retrata a dimensão que este efeito pode ter na cultura.

Graças a essas inter-relações e à importância dos aspectos subjetivos que elas englobam, a Psicanálise interage com o *corpus* de outras ciências, tais como a Filosofia, a Sociologia, a Comunicação e as Ciências das Linguagens.

²⁰ Vejamos a passagem em que Freud fala da marca registrada de Leonardo: “Qualquer pessoa que pense nas pinturas de Leonardo recordar-se-á de um sorriso notável, ao mesmo tempo fascinante e misterioso, que ele punha nos lábios de seus modelos femininos. É um sorriso imutável, desenhado em lábios longos e curvos; tornou-se uma característica do seu estilo e o termo ‘leonardiano’ tem sido usado para defini-lo.” (FREUD, 1910c, p. 98).

Assim como Morin, o psicanalista Wilfred Bion (1985), possuía uma visão bastante ampla sobre o comportamento humano e foi um dos mais importantes teóricos, no campo da Psicanálise, direcionado à transdisciplinaridade. Incluiu, em seus estudos, a Filosofia, a História, a Sociologia, a Arte, a Matemática, e, em especial, a Comunicação entre paciente e analista, bem como as comunicações entre os analistas e outros teóricos. Dedicou-se com afinco, à busca da Verdade psicanalítica.

Seus dados biográficos, aqui resumidos, são bastante originais, como sua obra (BLÉANDONU, 1990). Bion nasceu em Muttra, na Índia, em 1897. Seu pai era engenheiro britânico e prestava serviços ao governo indiano nesta época. Teve uma única irmã, Edna, com quem mantinha uma relação muito difícil, relatando brigas e ciúmes freqüentes. Em um determinado momento de sua vida, classificou sua família como “um conjunto de amalucados”. Viveu na Índia até os sete anos de idade e a cultura indiana, transmitida especialmente por sua ama Ayah, influenciou significativamente sua obra e sua cultura psicológica. Segundo seus biógrafos e conforme ele mesmo, o caráter místico de suas teorias, especialmente nos anos de 1970, deve-se a estas influências culturais. Gostava de ser considerado anglo-indiano.

Aos oito anos de idade foi estudar em um colégio interno britânico, o que era comum para as crianças filhas de altos funcionários do governo. Relata, em sua biografia, *The long Week-end* (BION, 1982), que, quando se separou dos pais, aprendeu a ser como sua mãe, que não ria e nem chorava. A instituição em que estudou até os 19 anos era muito rígida, com regras religiosas e castigos severos. Sentia-se muito só e saudoso dos pais. Além disso, achava-se discriminado pelos colegas e só adquiriu mais confiança, ao destacar-se como aluno e desportista.

Alistou-se no exército e logo se destacou por suas capacidades intelectuais e desportivas. Combateu e sagrou-se herói, recebendo medalhas e condecorações militares. Saiu das forças armadas britânicas como Capitão e ingressou no estudo da História em Oxford.

Estudou História Moderna, licenciou-se em Letras, fez profundos estudos em Filosofia, especialmente em Kant, que é várias vezes citado em sua obra. Interessou-se por Teologia, Lingüística e falava Grego e Latim.

Ao ler Freud, resolveu ser psicanalista e formou-se em Medicina, com 33 anos. Trabalhou como psiquiatra na *Tavistock Clinic* e logo se uniu ao grupo que estudava Psicanálise. Voltou ao exército em 1940 e dedicou-se ao trabalho com grupos de pilotos da Força Aérea Britânica. Este trabalho deu origem a vários trabalhos sobre psicoterapia de grupos e de entendimento do funcionamento dos grupos. Com 48 anos, retomou a sua formação de psicanalista, no Instituto de Psicanálise de Londres, e reiniciou nova análise pessoal com Melanie Klein.

Casou-se em 1945 com Betty, que faleceu no parto de sua primeira filha. Este fato é relatado com grande sofrimento, em sua biografia. Casou-se novamente em 1951, com Francesca, com a qual teve dois filhos.

Bion era muito respeitado na Sociedade Psicanalítica Britânica, tendo ocupado vários cargos de destaque. Com o aprofundamento de seus estudos e com idéias consideradas muito inovadoras, seus colegas começaram a isolá-lo e, talvez, também, a sentirem-se ameaçados por seu brilhantismo. Na época, recebeu um convite para falar em Los Angeles e aceitou. Foi muito bem recebido e despertou tal admiração que foi convidado a permanecer lá, dando aulas de Psicanálise.

Esteve na Argentina e no Brasil, entre 1968 e 1975, onde proferiu inúmeras palestras e realizou encontros, os quais originaram livros conhecidos como “Conferências Brasileiras” (BION, 1982).

Bion é, até hoje, uma das maiores personalidades no estudo da Psicanálise. Ele mesmo se definiu como “[...] um portador de idéias novas e revolucionárias, que ameaçam a estabilidade do establishment de determinadas épocas e culturas”. (BION, 1982)

Faleceu em novembro de 1979, quando viajava para a Inglaterra, depois de onze anos de afastamento. Tinha, na época, 82 anos. Com quarenta anos de intensa produção científica deixou cerca de 50 trabalhos, entre livros, artigos e seminários. Seus trabalhos trazem a marca de suas convicções, baseadas na prática clínica da Psicanálise e, especialmente, no vínculo analista-paciente.

Para citar alguns de seus mais importantes trabalhos, destacamos: Experiências em Grupos (1961), O Gêmeo Imaginário (1950), Ataques ao Vínculo (1959), Uma Teoria do Pensamento (1962), Aprendendo da Experiência (1962), Elementos em Psicanálise (1963), A Grade (1964), Transformações (1965), Mudança Catastrófica (1965), Notas Sobre a Memória e o Desejo (1967), Atenção e Interpretação (1970) e Uma Memória do Futuro (1975).

Esse autor é particularmente interessante para este trabalho, em função de suas considerações sobre a mentira. Para ele, mentira é o oposto da verdade, implicando em certa intencionalidade, sendo que, em algum grau, todos somos mentirosos. Segundo Zimmerman (1995), o maior interesse de Bion era em relação a quanto e como as mentiras impediam os processos associativos, pois tinha dúvidas se era possível analisar mentirosos.

Bion começou a preocupar-se com a verdade, a partir de 1958, e do estudo de tipos de vínculos (K e -K) e da pulsão do Conhecimento. Tinha especial interesse pelos problemas da verdade, falsidade, ou mentira, que ocorrem no vínculo analítico. Afirmava que “[...] todo o paciente e todo o analista, em maior ou menor grau, fazem uso de mentiras”. (BION apud ZIMERMAN, 1995).

Zimerman (1995, p. 156), ao comentar sobre a mentira, ressalta que, na sociedade, convivemos diariamente com as chamadas mentiras sociais. Estas possuem as mais diversas formas, como desculpas falsas, omissões, exageros, para se auto-engrandecer, para provocar inveja nos outros ou, mesmo, para escapar de contas a ajustar com a lei.

Na clínica psicanalítica, existem as mais diversas formas de distorções da verdade, como distorções, mentiras, enganos, evasões, fantasias, que nos levam a procurar entender como se formam e porque a necessidade do auto-engano.

Bion (1982) considerou estas mentiras auto-enganosas como mitos pessoais, os quais, desde a infância, estão em ação, a fim de evadir as dores e situações difíceis, ao invés de enfrentá-las. O processo que levaria à mentira está diretamente ligado à evasão do conhecimento da verdade.

Este processo descrito acontece em um plano inconsciente e, por esta razão, seria mais adequado chamar à sua conseqüência de falsificações e não de mentiras. A mentira ocorreria na predominância da intenção consciente, ou pré-consciente, de distorcer a verdade.

Devemos salientar que o interesse de Bion na mentira não possui uma conotação moralística, como parece ser o caso do filósofo Agostinho, mas, sim, no estudo de como se relacionam, na mente humana, mentira e verdade.

Sob este olhar, este autor quer demonstrar que uma mentira pode conter uma verdade em outro nível ou verdades sobre a pessoa que formulou a mentira. Em uma análise, estes aspectos podem ser de extrema relevância e trazer uma série de revelações a respeito do paciente.

Afirma, ainda, que a mentira não se restringe ao campo do pensamento, mas pode expandir-se para a totalidade da personalidade de uma pessoa, fazendo com que ela própria passe a ser uma mentira.

Uma das funções mais importantes da análise será, então, detectar o que o paciente não quer ter conhecimento e de que forma estruturou-se, para evitar a verdade. Bion (1982) considerou como prioritário, na análise, a busca das verdades originais da pessoa, que ele designou pela letra "O".

1.4 SOBRE A METODOLOGIA

1.4.1 Morin e o Paradigma da Complexidade

Para melhor entendermos o pensamento de Edgar Morin e sua importância para a cultura e o conhecimento contemporâneo, apresentaremos alguns aspectos de sua história de vida. Pensamos que, em parte, podemos compreender, desta forma, a razão de ele ter se tornado um dos mais importantes intelectuais dos nossos tempos.

Edgar Nahoun nasceu em Paris, no dia 8 de julho de 1921. O sobrenome “Morin” foi adotado, no decorrer de sua vida. Filho de judeus, o seu pai Vidal Nahum era originário da Itália. Sua mãe, Luna Beressi, sofria de uma lesão no coração que a proibia de ter filhos. O parto de Edgar, fruto de uma gravidez que não pôde ser interrompida, foi dramático, pois o bebê nasceu semimorto, estrangulado pelo cordão umbilical.

Dez anos depois, Luna Beressi morreu e Edgar passou a ser criado pelo pai e pela irmã mais velha da mãe, Corinne. A morte da mãe fez com que o menino se dedicasse vorazmente à leitura, para não precisar conversar com seus familiares e, também, para diminuir seu sentimento de culpa pelo ocorrido. Além disso, passou a freqüentar assiduamente os cinemas da região de Ménilmontant, onde viveu, com

seu primo Fredy. No verão de 1932, ficou gravemente doente, com febre aftosa, quase perdendo a vida.

Entre 1933 e 1936, seu interesse pela leitura o levou a descobrir Zola, Balzac, Tolstoi, Dostoievski e os grandes filósofos. Na música, impressionou-se com Kurt Weil e Beethoven, entre outros, e, no cinema, passou a freqüentar o Studio 28.

Na Guerra Civil Espanhola, Edgar solidarizou-se aos anarquistas catalães e participou de seu primeiro comício político, uma reunião trotskista no cais de Valmy, quando aderiu aos Estudantes Frontistas que rejeitavam a guerra, introduzindo-se no marxismo. Neste ano, seu pai morreu, e ele passou a morar com Henriette, irmã de seu pai.

Em julho de 1940, a França foi invadida pelo exército de Hitler, obrigando-o a interromper seus exames na Sorbonne e a fugir para Toulouse. Passou a dedicar-se às atividades assistenciais, como secretário da Associação dos Estudantes Refugiados, fazendo muitos amigos de nacionalidades variadas. Participou de ações de grafiteagem e de distribuição de panfletos, mantendo sua voracidade pela leitura. No final de 1941, se filiou ao Partido Comunista, e fugiu para Lyon, escapando dos nazistas. Em 1943, mudou seu sobrenome para Morin, devido às atividades subversivas, vivendo uma dupla clandestinidade, como judeu e comunista, além de atuar ativamente na Resistência Francesa. Em 1944, voltou para Paris, onde fez amizade com Marguerite Duras, participando das ações da Resistência, que culminaram na Insurreição de Paris, em agosto daquele ano.

Após a libertação da França e o final da guerra, tentou trabalhar como redator em jornais parisienses, mas encontrou dificuldades, devido ao seu senso crítico, fazendo com que se alistasse, como voluntário, no I Exército francês, na Alemanha. No ano seguinte, 1945, casou-se com sua companheira desde 1941, a socióloga

Viollette Chapellabeau. Mudou-se para Lindau e passou a viajar seguidamente para Berlin, onde teve acesso a relatórios de espionagem dos ingleses e americanos. Foi nomeado tenente-coronel e incorporado ao governo militar da zona francesa de ocupação. No período 1945-1946, escreveu seu primeiro livro, *O Ano Zero da Alemanha*, onde rejeitou a idéia de uma culpa coletiva do povo alemão, pelos horrores do nazismo. Em 1946, deu baixa do exército e retornou, com Violette, a Paris, sendo hospedado por Marguerite Duras.

Foi contratado pelo Ministério do Trabalho, para cuidar de um jornal destinado aos prisioneiros de guerra alemães na França. Logo depois, passou a ser redator de um jornal do PCF, do qual também foi expulso, passando a fazer *free-lancers* para os jornais “*Action*” e “*Parallèle 50*”.

Em 1948, sem emprego, passou seus dias na Biblioteca Nacional, escrevendo o livro “*O Homem e a Morte*”. Durante este trabalho, Morin formou a base de sua cultura transdisciplinar, além de descobrir as obras antropológicas de Freud, Rank, Ferenczi, Jung e muitos outros.

Violette engravidou e Marguerite Duras também, o que fez com que o casal tivesse que se mudar para Vanves, onde as dificuldades de sobrevivência eram enormes. Viollette passou a dar aulas de filosofia fora de Paris. Em 1947, nasceu Irène e, em 1948, nasce a segunda filha, Veronique. Irène é hoje socióloga e chegou a lecionar na Universidade de Pernambuco, no Brasil.

Em 1950, terminou seu livro *O Homem e a Morte* e foi admitido como estagiário de pesquisa no Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS), com a ajuda de diversas cartas de recomendação, de influentes intelectuais franceses. Em 1951, foi excluído do PCF, devido a um artigo publicado no jornal *France Observateur*.

No CNRS, passou a pesquisar a sociologia do cinema, além de escrever outros dois livros: “O Cinema ou o Homem Imaginário” (1956) e “As Estrelas: Mito e Sedução no Cinema” (1957). Aproximou-se do Movimento Surrealista. No final de 1956, foi criada a revista “*Arguments*”, dirigida por Morin até seu último número em 1962.

Em 1957, iniciou seu livro “Autocrítica”, publicado em 1959, fazendo um balanço de sua vida, num momento de crise interior. Em 1961, fez uma longa viagem pela América Latina, passando um tempo no Brasil e apaixonando-se pelo mundo indígena e afro-brasileiro.

Ainda em 1961, participando de um Congresso em Washington, entrou em estado de letargia, devido a uma forte febre. Isto fez com que voltasse à atividade intelectual com mais força. Morin retornou à França e ficou longo período em convalescença, meditando sobre sua vida e escrevendo um diário, publicado, anos mais tarde, com o nome “*Le Vif du Sujet*”.

Separou-se de Violette e casou-se com a artista plástica Joahne, com quem viajou várias vezes ao Brasil. Entre 1965 e 1967, participou de um grande projeto de pesquisa multidisciplinar, financiado pela Delegação Geral de Pesquisa Científica e Técnica, recebendo, no final uma repreensão científica. Consideraram que suas conclusões eram “heréticas”. Com isso, cresceu ainda mais, a aversão de Morin pelo meio científico. Em 1967, foi convidado a tornar-se membro do Grupo dos Dez, aprofundando-se na Biologia e descobrindo o pensamento cibernético.

Entrou na Universidade de Nanterre, em 1968, passando a estudar as revoltas nas capitais. Em 1969, o Instituto Salk de pesquisas biológicas convidou Morin a passar um ano em La Jolla, Califórnia, onde ele se iniciou nas “três teorias” que considera inseparáveis: a cibernética, a teoria dos sistemas e a teoria da

informação. Voltando a Paris, constituiu o Centro Internacional de Estudos Bio-antropológicos e de Antropologia Fundamental. Neste ano, publicou o “Diário da Califórnia”, relatando o movimento de contracultura americano.

Entre 1971 e 1973, iniciou “O Método” e publicou “O Paradigma Perdido: a Natureza do Homem”, além de tornar-se co-diretor do Centro de Estudos Transdisciplinares.

Em 1979, terminou o segundo volume de “O Método”. Casou-se pela terceira vez, com Edwiges Lannegrave, que havia conhecido em 1961, no Chile.

Em 1981, publicou “Jornal de um Livro” e “Para Sair do Século XX”. Neste ano, recebeu a Legião de Honra do Ministério de Ciência e Tecnologia. Em 1982, lançou “Ciência com Consciência”. Em 1983, publicou “Da Natureza da URSS: Complexo Totalitário e Novo Império”, prevendo, com clareza, o que aconteceria com a União Soviética.

Em 1986, publicou o terceiro volume de “O Método”, lançando, logo em seguida, “Pensar a Europa”, tratando da identidade e diversidade cultural europeia. Em 1989, publicou “Vidal e os seus”, um livro sobre seu pai e sobre a herança judaica. Neste mesmo ano, recebeu o prêmio Viareggio Internacional.

Nova publicação em 1990, “Introdução ao Pensamento Complexo”, onde explica as idéias desenvolvidas nos três volumes de “O Método”. Em 1991, publicou “Um Novo Começo” e o quarto volume de “O Método”. Escreveu o “Terra-Pátria”, em 1994, “Meus Demônios” e uma coletânea de seus textos chamada “A Complexidade Humana”.

Em 1995, lançou “Um Ano Sísifo”, falando de sua vida pessoal e pública, sendo criticado pelos intelectuais franceses, pelo seu conteúdo. Em 1996, publicou “Os Fraticidas: Iugoslávia-Bósnia 1991-1995” e o diário “Chorar, Amar, Rir,

Compreender”. Neste mesmo ano, participou de conferências em Universidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

Já em 1997, publicou “Amor, Poesia, Sabedoria”. Recebeu, ainda, a maior condecoração do governo espanhol, a Ordem do Mérito. Organizou e coordenou, em Paris, as Jornadas Temáticas, tratando da educação nas escolas, colégios e universidades francesas. Em 1988, organizou, na Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro, o I Congresso Interlatino para o Pensamento Complexo, lançando o livro “*La Tête Bien Faite*”.

Em 1999, recebeu, em Portugal, a condecoração da Grande Cruz da Ordem de Santiago da Espada e, no Brasil, o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade de Natal, Rio Grande do Norte e da Universidade de João Pessoa, Paraíba. Publicou, ainda, “*L’intelligence de la Complexité*”. No Rio de Janeiro, foi criado o Núcleo de Estudos e Reflexão sobre o pensamento de Edgar Morin.

Em 2000 lançou o livro “*Relier les Connaissances*”, recebendo também o título *Honoris Causa* da PUCRS de Porto Alegre/RS. Neste ano, publicou “Os Sete Saberes para uma Educação do Futuro”. Participou, também, no programa Roda Viva, da TV Cultura, em São Paulo.

Em 2001, ano de seu 80º aniversário, recebeu a *Medaille Aristote d’Or* de l’Unesco e de *Commandeur de la Légion d’Honneur* da República Francesa, por suas atividades como resistente na Segunda Guerra Mundial. Lançou o livro “A Identidade Humana - a Identidade da Identidade”.

Por fim, em 2002, passou a ser Diretor Emérito do Centro Nacional de Pesquisa Científica da França e recebeu o título *Honoris Causa* da Universidade de Consenza e de Messina, na Itália.

Este breve resumo da vida de Morin, que nos deixa sem fôlego, publicando, em média dois livros por ano e participando de inúmeras atividades sociais, políticas e culturais, ajuda-nos a entender a trajetória de seu pensamento. Transitando entre inúmeras disciplinas do conhecimento, foi construindo o “paradigma da complexidade”. Segundo Petraglia (1995, p. 40), “[...] a estrutura do pensamento Moriniano é pautada numa epistemologia da complexidade que compreende quantidade de unidades, interações diversas e adversas, incertezas, indeterminações e fenômenos aleatórios”. Morin critica, desta forma, os princípios, hipóteses e conclusões, que constituem um conhecimento fragmentado, com verdades e conclusões absolutas. Leva-nos a pensar que transitamos pela inquietude dos caminhos das dúvidas e verdades provisórias.

1.4.2 Questões metodológicas

“A Complexidade é cada vez mais uma cumplicidade de desconstrução e de criação, de transformação do todo sobre as partes e das partes sobre o todo”. (MORIN 2002, p. 45). Esta afirmação de Morin revela o cerne de seu pensamento, a respeito do que vem a ser Paradigma da Complexidade: um movimento de mudança na atitude científica, onde o todo é complexo, assim como a parte é complexa. Desta forma, essa complexidade está presente no indivíduo, que, ao organizar-se, torna-se sujeito.

O autor ressalta que o “[...] o mundo atual não se pode conceber como um sistema organizado, racional. É um caos, é uma vertigem em movimentos. É muito

difícil entender o que se passa.” (MORIN, 2002, p. 46). Lembra Ortega y Gasset: “Não sabemos o que se passa. E é isso que se passa”. Trabalhando com o contraditório, Morin ensina que o conhecimento se encontra, cada vez mais, uno e ao mesmo tempo particularizado, cortado em pedaços.

O Paradigma da Complexidade, também, nos leva ao reconhecimento e ao exame dos fenômenos multifacetados, em vez de isolar, de forma mutiladora, cada uma de suas dimensões (MORIN, 2000, p. 88). O autor salienta, ainda, a importância do olhar que reconheça e trate as realidades – que são, concomitantemente, solidárias e conflituosas – e que respeite a diferença enquanto reconhece a unicidade.

Neste contexto, a Transdisciplinaridade torna-se o mais importante caminho, para rompermos os limites das disciplinas que fragmentam o conhecimento. Por estas justificativas apresentadas e com a noção da complexidade, que envolve o estudo do comportamento e psiquismo humano, é que nos sentimos autorizados a usar as categorias de conhecimento da Comunicação e da Psicanálise.

Morin (1990) estabeleceu alguns Princípios da Complexidade, que, a seguir, relacionaremos aos nossos objetos de estudo:

- Princípio Sistêmico ou Organizacional: para conhecermos as partes, precisamos conhecer o todo, e vice-versa.

Em nosso trabalho, o programa estudado pode representar tanto uma parte de nossa Sociedade, como um todo, se considerarmos que cada participante terá aspectos originais e uma vida com sua história única. A Psicanálise terá também este olhar individualizado, assim como poderá analisar o funcionamento das relações grupais.

- Princípio Hologramático: o todo revela a parte, e vice-versa.

Sabemos que um paciente é como uma biópsia de uma família. Quem procura um terapeuta traz consigo uma soma de valores e comportamentos, que são comuns ao seu contexto de vida. Assim também ocorre quando vemos um grupo de convidados que expõe, na televisão, sua privacidade. Estamos falando de um todo que busca audiência e faturamento financeiro.

- Princípio do Anel Retroativo: o anel representa o todo, em que as causas determinam os efeitos, e vice-versa.

Este princípio está muito ligado ao funcionamento emocional e físico do ser humano, em que, em um determinado processo, perde-se a noção de causa e efeito, já que um desencadeia e estimula o outro.

- Princípio do Anel Recursivo: fazemos algo, que, também nos faz.

Ao interagirmos com uma pessoa, um paciente ou um receptor qualquer, podemos, por exemplo, provocar emoções que também serão provocadas, de volta, em nós mesmos.

- Princípio da Auto-eco-organização: o ser humano é autônomo, mas depende de sua cultura, assim como a sociedade, que depende seus aspectos geo-ecológicos.

A idéia de independência, tanto individual, como da própria sociedade, é uma fantasia, muitas vezes onipotente e narcisista, do ser humano. Reconhecemos, afetivamente, que temos necessidades interdependentes. Pode ser um passo longo e difícil, em nossa trajetória de vida, rumo à maturidade e tolerância às frustrações.

- Princípio Dialógico

Consideramos, racionalmente, o diálogo dos contraditórios (paradoxos). Este princípio, onde existe a convergência dos distantes, está muito presente no programa em estudo, “Casos de Família”. A realidade dos convidados, ou dos inscritos para comparecer e contar suas histórias, é socialmente oposta à realidade da Âncora do programa. Este contraste é um dos aspectos que mais chama atenção do espectador crítico. Ao mesmo tempo, eles têm em comum, mesmo com a apresentadora, conflitos de família, questões pessoais mal resolvidas e dificuldades bem humanas. Além disso, ambos são interessados em que o programa aconteça.

- Princípio da Reintrodução: conhecimento passa a ser um processo, em que há diálogo entre o sujeito e o objeto.

Este diálogo envolve as questões subjetivas e objetivas do saber, implica dar-se conta, poder reconhecer. Também é intimamente ligado ao processo analítico, em que o mergulho, em seu próprio conhecimento, leva-nos a dialogar com inúmeros objetos internos, valores, mitos pessoais e contradições.

Ao usarmos, como objeto de estudo, um programa de televisão, “Casos de Família”, do SBT, estamos considerando-o como uma parte da nossa realidade social. Os problemas apresentados pelos indivíduos entrevistados são únicos e originais daquelas pessoas e, ao mesmo tempo, fazem parte de um todo abrangente do conhecimento do ser humano. A Psicanálise investe-se do direito de estudar, classificar, interpretar e entender a mente humana, com suas categorias universais e comuns, mas trabalha, essencialmente, também, com o único e o original de cada indivíduo.

Morin, ao transitar por tantas áreas diversas do conhecimento qualificou-se para entender nosso mundo e nossas vidas, de uma forma muito mais ampla e, exatamente por isso, mais complexa. O Pensamento Complexo objetiva, ao mesmo tempo, unir (contextualizar e globalizar) enquanto aceita o desafio da incerteza.

A Psicanálise, também, trabalha com a incerteza. Tendo como um de seus pilares a Interpretação, há muito abandonou o lugar de ser proprietária do Inconsciente do outro, para ser ferramenta. Trabalhamos com questões interpretativas, construídas a dois e sujeitas às inúmeras correções e enganos. Temos, como sinalizadores, a Transferência e a Contratransferência, sentimentos predominantemente inconscientes, que permeiam a relação paciente-analista. Quando compreendidos, eles nos impulsionam em direção a uma maior clareza dos conflitos, presentes na dupla e na vida de cada um.

Quem trabalha com pacientes, em análise, sabe o valor dessa afirmativa de Freud e o quanto ela tem de verdadeira. O falar, o calar, o negar, o desdizer, o repetir, e muitas outras formas de expressão fazem parte do trabalho diário de um analista. Em alguns momentos, as palavras são ricas e fundamentais; em outros, pobres e insuficientes. Muitas vezes, o silêncio é eloqüente, esmagador e repleto de mensagens. Com muita freqüência, o paciente leva alguns anos para proferir uma determinada palavra ou frase, tendo passado todo esse tempo a evitá-la. É como se, chegado esse momento, algo mágico e fundamental ocorresse dentro e fora da pessoa. Muitas vezes, as pessoas pensam coisas que gostariam de ter dito e não disseram; assim como, causam arrependimento algumas palavras que escaparam e que seria melhor que nunca tivessem sido pronunciadas.

Esses fenômenos fazem parte do território da Psicanálise. Formam terapeuta e paciente como uma dupla, que desenvolve um texto único, quase como um dialeto

ou linguagem de tribos primitivas. Uma dupla que transita entre as histórias de outros personagens, as do paciente e as do analista, percorrendo o passado e o presente, o momento do aqui e do agora.

A Psicanálise é necessariamente composta por um ato de pesquisa, unificado a um ato terapêutico, em uma atividade simultânea, de um tratamento baseado na fala e na escuta. A escuta psicanalítica não é apenas uma descoberta. Ela é precipuamente uma invenção. Em outras palavras, o método psicanalítico propõe que o analisante faça a pesquisa de sua vida, através da fala, e o analista dirija essa pesquisa, através da escuta. Dessa atividade de fala/pesquisa e escuta/direção resulta um ato terapêutico.

A técnica psicanalítica, os detalhes, ou, como formula Freud, “os aspectos menosprezados ou não-observados”, são precisamente representações que possibilitarão um reordenamento para as representações seguintes²¹. O detalhe na clínica psicanalítica pode ser uma palavra que se repete, um lapso, um trocadilho, um equívoco. O pormenor pode vir, ainda, de uma pausa ou de uma manifestação afetiva e pode ser tomado como uma formação do Inconsciente.

Para estudarmos fenômenos tão sensíveis e subjetivos, lançamos mão da pesquisa com critérios qualitativos. Este modelo de pesquisa apóia-se nos critérios estabelecidos por Martin W. Bauer e George Gaskell (2002); evita números, trabalha com interpretações das realidades sociais. Utiliza textos e entrevistas com profundidade. Pode utilizar citações, anedotas, textos e descrições. É considerada

²¹ No caso da interpretação da estátua de Moisés, um dos detalhes que Freud enfocou foi a posição da mão direita de Moisés em sua barba. Conforme a observação ou não desse detalhe por parte dos críticos, a interpretação da obra se transforma radicalmente; por exemplo, de “cansado e cheio de preocupações”, para “em momento de explosão de cólera”. Todo o artigo é recheado por uma constante mudança de direção do sentido implícito da obra, variando conforme a inclusão dos pormenores.

“soft”. Segundo estes autores, a pesquisa Qualitativa tem demonstrado que não só por meio de dados estatísticos e planejados que obtemos resultados significativos.

Considerando-se todos estes aspectos da Teoria e da Técnica da Psicanálise e de sua aplicação em vários *corpus* de outras áreas de conhecimento é que chegamos a um determinado aspecto, fundamental à teoria psicanalítica – as verdades e mentiras, presentes nas falas e mentes - não só na observação de Freud e de analistas posteriores a ele, tais como Bion, e outros que ampliaram e acrescentaram importantes aspectos à teoria psicanalítica, como naquela, advinda de outras ciências que se interessam pelo processo interpretativo, em busca da “verdade”, tais como a Filosofia, a Sociologia, a Semiótica e a Comunicação Social.

A abrangência do tema prende-se ao fato de que toda a Ciência que se disponha a estudar o comportamento humano, de forma dinâmica, que pretenda trabalhar com a verdade, o conhecimento de si mesmo e a subjetividade humana, no sentido amplo do termo; que não se aceite como conhecimento pronto e acabado e que não procure a tranquilidade das verdades finais, irremediavelmente deverá beber na fonte da transdisciplinaridade. Caso contrário, corre o risco de só perceber o que for evidente e explícito e, exatamente por isso, perder o mais importante.

Tentaremos compreender as verdades e mentiras, apresentadas pelos participantes de um *Talk Show*, - com fortes marcas de auto-ajuda - que tem como característica principal a história de uma pessoa que procura outra, querendo ajuda e, talvez, principalmente, buscando uma ouvinte, que lhe traga esperança de resolver uma dificuldade. A pessoa que pretende participar do programa reconhece que não está conseguindo sair da situação sozinha e demonstra sofrimento frente a tudo isso. Pelo que se percebe, ela tenta ser verdadeira e espera uma ajuda também genuína. As mesmas razões que movem esta pessoa a procurar o

programa “Casos de Família”, dirigido pela jornalista Regina Volpato, poderiam servir de motivação para que ela buscasse um psicoterapeuta. Por que não o faz? Por que prefere expor-se publicamente e aceita ser julgada, interpretada, condenada e, às vezes até, ridicularizada? Será que está, realmente, procurando entender a situação que está vivendo? Existe uma mínima possibilidade de esta pessoa entrar em contato com um aspecto de seu inconsciente e procurar, genuinamente, modificar-se? Ela quer chegar mais próximo de suas verdades? O que seria isso?

Muitas questões surgem. Não temos a pretensão de responder a todas. Acreditamos na afirmação: “A resposta é a desgraça da pergunta”. Neste sentido, entendemos que a ciência, alicerçada na pesquisa, tem como característica abrir novos questionamentos sobre qualquer tema estudado, mais do que reproduzir respostas.

Para melhor organizarmos os aspectos psicanalíticos que serão abordados, dividiremos o estudo em três vertentes: a análise de algumas categorias emocionais dos entrevistados: a Negação, a Idealização e a Necessidade de Castigo. Por outro lado, destacaremos a categoria Narcisismo e Onipotência, com relação à Âncora do programa, seus convidados profissionais da área psicológica e do próprio público, quando este participa. Incluiremos, ainda, algumas observações sobre a dinâmica de grupo do programa, visto que representa uma parte pequena da sociedade atual, mas que revela características de um todo social, maior e representativo, como diria Morin (2000, p.88): “[...] o conhecimento das partes depende do conhecimento do todo e que o conhecimento do todo depende do conhecimento das partes [...]”.

A teoria Psicanalítica oferece-nos alguns instrumentos, aqui denominados de categorias, para que possamos lançar mão, nas armadilhas que impedem a compreensão e, conseqüentemente, a comunicação com os pacientes, no sentido

da abordagem dos fenômenos emocionais. Neste estudo, examinaremos algumas destas ferramentas, também utilizadas para entendimento dos participantes dos programas em foco.

Segundo Bauer e Gaskell (2002, p. 22), a pesquisa quantitativa lida com números, usa modelos estatísticos para explicar dados, e é considerada pesquisa *hard*. O protótipo mais conhecido é a pesquisa de levantamento de opinião. Em contraste, a pesquisa qualitativa evita números. O protótipo mais conhecido é, provavelmente, a entrevista em profundidade.

No item Interesses do conhecimento e métodos, Bauer e Gaskell citam Filstead:

Métodos quantitativos e qualitativos são mais que apenas diferenças entre estratégias de pesquisa e procedimentos de coleta de dados. Esses enfoques representam, fundamentalmente, diferentes referenciais epistemológicos para teorizar a natureza do conhecimento, a realidade social e os procedimentos para se compreender esses fenômenos (FILSTEAD, 1979, apud BAUER; GASKELL, 2002).

Essa afirmação exemplifica o ponto de vista de que enfoques quantitativos e qualitativos, com referência à pesquisa social, representam posições epistemológicas profundamente diferentes. Isso ocorre, já que uma, a quantitativa, trataria (em pesquisas sociais) o ser como objeto, e a qualitativa daria voz a esse ser.

O nosso objetivo geral será estudarmos, através da observação e compreensão do *Talk Show* “Casos de Família”, do SBT, o processo de comunicação de complexidade em sua complexidade e sob olhar psicanalítico. Observar a produção de sentido que permeia a relação âncora e participantes, através de todo um processo de comunicação verbal e não verbal. Entender e

identificar o contexto de mentiras e verdades presentes nos relatos e na imagem apresentada.

O nosso objetivo específico será compreendermos as categorias Mentira e Verdade, Conhecimento e Complexidade, compreendendo a complexidade dos discursos, a abordagem sobre os conflitos apresentados e o diálogo que se estabelece entre as categorias Comunicação e Psicanálise.

Estamos falando de estudar a Televisão, manifestação de um dos fenômenos básicos de nossa civilização, onde a imagem revela a nossa humanidade. O complexo é ser simples, o profundo está à flor da pele, o segredo já não sobrevive. Só a instabilidade passa a ser estável. Queremos respostas e os fatos não falam por si próprios.

Portanto, Objetivo, Categorias a priori – Método, Paradigma da Complexidade, técnica, Psicanálise em uma Pesquisa Qualitativa, com as seguintes questões de pesquisa:

Os programas de televisão, baseados em entrevistas, Talk Show, podem ser considerados instrumentos de auto-ajuda?

Como as características destes programas atraem audiência?

Como a Psicanálise, com sua técnica e corpo teórico, compreende e interage com esta forma e conteúdo de Comunicação?

Como podemos relacionar Âncora-Analista?

De que forma a mentira e a verdade transitam neste contexto?

2 CASOS DE FAMÍLIA: ABORDAGEM PSICANALÍTICA E COMPLEXA

2.1 PRIMEIRO PROGRAMA: 3 OUTUBRO DE 2005

Tema: Não quero que minha mãe se case de novo.

O programa começa com dois jovens se apresentando. Eles declaram, de modo objetivo, que não querem que suas mães se casem novamente. Falam das separações tumultuadas, que as mães tiveram, do pai que já os abandonou muitas vezes e que não dá uma “notícia” há dois anos. A mãe e a âncora do programa, então, salientam que este é um pai ausente e relapso, e que a mãe tem todo direito de querer namorar outra pessoa. A conversa desenvolve-se entre sorrisos e com muita naturalidade. A própria apresentadora não deixa de sorrir durante quase todo o programa. Para nós, que estamos assistindo, estas atitudes causam estranheza, pena e até certa tristeza. Há uma completa dissociação e negação da gravidade do conflito exposto.

Os casos, apresentados no programa, são de jovens que, sem crítica alguma, não permitem que as mães tenham outros companheiros. Um deles diz claramente que ela tem que escolher entre ele e o namorado, como se ambos ocupassem o mesmo espaço e papel na vida daquela mulher. Uma outra, já casada e que mora ao lado da casa da mãe, é uma moça obesa e muito séria. Afirma, de forma

bastante tranqüila, que, se a mãe voltar a casar, não dará mais a atenção que costuma dar aos filhos, como fazer bolo e comidas gostosas para ela.

Todos os participantes do programa escutam calados e, no final, a Âncora do programa expõe suas opiniões, como conselhos e propostas de entendimento, de cada caso, separadamente. Se alguém chora, pois quase todos ficam com uma postura de estarem “levando um corretivo”, a apresentadora entrega um lençinho, para que enxugue as lágrimas e deseja que todos “fiquem com Deus”.

Esta edição apresenta uma série de propriedades emergentes, que, pela observação realizada do programa, ao longo da pesquisa, representam elementos típicos, que nos possibilitam iniciar a análise.

Uma primeira propriedade emergente a ser destacada neste programa e que nos parece típica, nas diversas edições, é a da negação. Em um sentido genérico, podemos dizer que negação²² refere-se a um processo pelo qual o sujeito, de alguma forma, inconscientemente, não quer tomar conhecimento de algum desejo, fantasia, pensamento ou sentimento (ZIMERMAN, 2001). Este autor salienta que o emprego do termo, tanto em alemão como em outros idiomas, é confuso e foi feito de maneiras distintas. Para a finalidade deste estudo, está sendo considerado o conceito genérico e abrangente de negação.

Conforme o que assistimos no programa, esta categoria remete, de imediato, a diversos aspectos. Um deles é que os participantes do programa, ao se queixarem para a âncora, acreditam que estão expondo um conflito interno, importante o suficiente para ser tratado como o grande problema de suas vidas. Neste sentido, a impressão transmitida à audiência é que, se for resolvida aquela situação, tudo

²² *Vernneunung*, palavra utilizada por Freud, no original alemão.

ficará bem. É o que ocorre, em vários momentos desta edição, evidenciando-se a dissociação e negação da realidade.

Outra propriedade, que pode ser analisada, é a presença de conflitos edípicos. Neste sentido, é interessante observar que o logotipo do programa é um triângulo, o que é plenamente adequado ao caso em foco. Existe uma situação triangular - filho, mãe e namorado ou pai -, que está sendo discutida em público e recebendo sugestões superficiais, para uma dor que precisa ser negada intensamente. Evidentemente que esta questão remete, também, à situação edípica, em que a triangulação familiar se encontra em debate.

A âncora do programa procura, de forma educada e compreensiva, mediar a situação, com perguntas e confrontações, tentando mostrar que as mães têm direito de refazer suas vidas. Ela salienta, além disso, que os filhos já estão adultos e que devem ter suas próprias histórias. São opiniões adequadas, mas muito superficiais. São frases que não dizem, provavelmente, nada que eles já não saibam. Não toca em nada do interior do sujeito, não desestabiliza qualquer estrutura defensiva que pudesse ser reconstruída. São pequenas frases bem intencionadas, mas mentirosas, pois não chegam a roçar a possível verdade das vidas daquelas pessoas. Mostram, também, o grau de onipotência deste tipo de programa. Trata-se de uma “auto-ajuda”, repleta de conselhos e frases prontas, que procuram, talvez, manter a audiência, espiando a vida de outras pessoas.

Diferente disso, a situação edípica, estudada por Freud, é extremamente complexa e repleta de aspectos inconscientes dolorosos. A separação dos pais pode ser, para uma criança, um adolescente ou um adulto, um fato que reativa os conflitos deste processo. Em torno dos quatro anos de idade, a criança encontra-se nesta etapa do desenvolvimento psicosssexual, em que, em um desenvolvimento natural,

acabará por identificar-se com o progenitor do mesmo sexo e continuará seu crescimento psíquico e físico (ZIMERMAN, 2001). Este processo, repleto de influências, é um dos pontos fundamentais da teoria psicanalítica freudiana e um dos pilares para futuras escolhas amorosas e de conquista da maturidade.

O termo 'onipotência' é também bastante utilizado na teoria psicanalítica, tendo sido referido por Freud(1914), no texto "Sobre o narcisismo:uma introdução". Neste artigo, ele se refere aos primeiros estágios do desenvolvimento do bebê, a quem ele denomina como "sua majestade". Melanie Klein foi a autora que mais freqüentemente explorou o termo (1932). A conceituação mais simples e clara para o objetivo desse trabalho é a que Bion (1973) utiliza, que se resume na idéia de trocar a capacidade para pensar os problemas, o que traria sofrimento, por uma forma mágica, que proporcionaria uma sensação ilusória de bem estar. As dificuldades seriam resolvidas onipotentemente, ou seja, a pessoa passa a poder tudo e, a saber-tudo, perdendo a capacidade para pensar. Além disso, a capacidade de aprender com a experiência também desaparece, o que proporciona inúmeras repetições de situações traumáticas e tristes, nas vidas das pessoas. Nesse trabalho, temos vários exemplos dessa situação nos casos estudados, através do programa "Casos de Família".

Outra propriedade muito interessante emerge da referência de uma das filhas ao fato de que a mãe, se voltar a casar-se, não dará a mesma atenção aos filhos, deixando de fazer comidas gostosas para ela. Isto remete a etapas muito primitivas do desenvolvimento, como a que Freud chamou de fase oral. Nesta, o prazer libidinal encontra-se bastante centrado na região da boca e na alimentação. Sabemos da importância do seio nesta etapa, como objeto parcial de relação com a

mãe, que ainda não será sentida como uma pessoa inteira, mas um seio que nutre ou frustra.

Muitos outros conceitos foram acrescentados pelos teóricos da Psicanálise aos estudos de bebês, os quais não são o foco deste estudo (KLEIN, 1919). Queremos, porém, destacar a referência que esta moça faz a sua mãe: como um objeto parcial, um seio que nutre, e que não pode nutrir outra pessoa. Os aspectos da mãe, inteira, integrada, não são considerados. É como se fosse um bebê, chorando a falta do seio materno, sem considerar as necessidades do outro. Este é um processo regressivo e marcante, para qualquer situação de vida, que uma pessoa tenha que enfrentar e em que a frustração não pode ser tolerada. A autonomia e consideração pelo objeto estão ausentes. A onipotência também é um aspecto marcante, visto que o bebê, ou esta moça de quase 30 anos, tem a fantasia de controlar o outro, fazendo que a mãe atenda somente a ela.

Temos que fazer, aqui, também, uma observação a respeito de propriedade relacionada à função materna. É o que se evidencia com a presença destes objetos, mães, que se deixam controlar, que permitem que os filhos as ameacem, imponham regras e decidam a respeito de suas vidas. Estamos lidando, nestes casos, com vários mecanismos inconscientes, provavelmente com culpas, masoquismo, identificações e outros. Percebemos, nas mães que vão ao programa, uma atitude bastante submissa. Elas pedem aprovação da âncora e do próprio auditório. É o que acaba acontecendo, na maioria das vezes, pois os comentários são de apoio ao novo relacionamento e que os filhos devem dar este direito às mães. Não deixa de ser um reforço ao direito de os filhos decidirem.

Queremos aqui ressaltar o que afirma Zimmerman (1999, p. 105), em relação à função materna, que implica não só na presença necessária da mãe, mas, também,

na sua “[...] condição de saber estar ausente e, com isso, promover uma progressiva e necessária ‘desilusão das ilusões’”. Ressaltamos, então, uma das funções essenciais da boa maternagem: a de frustrar adequadamente. As frustrações, além de inevitáveis, diz Zimerman (1999), são indispensáveis ao crescimento emocional e cognitivo da criança.

2.1.1 Fragmentos do Primeiro Programa

Regina Volpato - Sua mãe se separou de seu pai e você ainda mora com ela, na sua opinião, ‘tá’ tudo muito bem assim como está. Só, que a sua mãe tem um namorado e ela vive falando em morar junto com esse companheiro, mas você não aceita isto de jeito nenhum. Não quero que minha mãe se case de novo é o nosso tema de hoje.

COMPACTOS DAS FALAS

Cibele - ...namorar já ‘tá’ bom. Ela já teve a experiência de casar ela viu que não é bom porque que ela quer casar de novo?

Lúcia – Só que também o meu casamento, não foi um casamento, que eu escolhi, foi os meus pais que escolheram pra mim.

Mauro – Eu já falei com a minha mãe, ele entrar eu saio que eu ainda tenho o meu pai ainda muito recente na minha memória.

Francisca - Ele acha, que eu não devo casar de novo, que eu não devo nem namorar.

Tatiana – Ele chega já ‘óia’ com cara feia, e ‘nóis’ fica lá, ai ‘nóis’ pirraça bastante até que ele vai embora.

Dilva – Eu vou cuidar da minha vida sozinha, então ela é que fique ‘cás’ criança.

Mônica – Já teve duas experiência, as duas não foi boa, ‘tá’ namorando num ‘tá’? Bom, então não precisa casar.

Lúcia – ‘Tá’ crescendo, ‘tá’ grande, ‘tá’ moça, já né, já é mãe, ela vai casar também.

Regina – Olá, bem-vindos ao nosso programa e nossa primeira convidada de hoje é a Cibele, que tem 16 anos e diz: eu deixei de morar com meu pai pra morar com a minha mãe, não é justo ela agora, morar com outro homem. Tudo bem Cibele?

Cibele – Tudo.

R - Faz tempo que seus pais se separaram?

C - Três anos.

R - Três anos?

C – Isso.

R - E você, não foi morar com seu pai por quê?

C - Pra ficar com a minha mãe.

R - Mas ela pediu? O que aconteceu na separação?

C - Ela pi..., não ela não pediu, eu quis por que eu acho melhor ficar com a mãe do que com o pai.

R - E o seu pai, quando se separou da sua mãe, já foi morar com outra mulher?

C – Não.

R - Ele morava sozinho?

C - Sozinho

R - Hoje ele já tem uma namorada ou não?

C – Não.

R - Não tem ninguém?

C – Ninguém.

R - Mas a sua mãe tem um namorado?

C – Tem.

R - E o que que você acha, da sua mãe ter um namorado, Cibele?

C - Namorado normal, agora se casar não.

R - Porque Cibele?

C - Ah, porque eu acho tira a privacidade da gente em casa, e já namorar, já 'tá' bom. Ela já teve a experiência de casar, ela viu que não é bom, porque que ela quer provar de novo?

R – Porque, às vezes, não foi bom com seu pai, com outro homem pode ser mais legal?

C – Ah, mais no começo tudo é flor né? Depois...

R – Você não acredita que casamento pode ser uma coisa bacana?

C – Acho que sim, pra algumas pessoas, têm outras que não.

R - Pra sua mãe não?

C - Ah, pra ela da primeira vez não foi bom, acho que na segunda também não vai ser.

R – 'Tá'. Porque que você acha isto Cibele?

C - Ah, por que sei lá, ela já teve a experiência..., então mais..., eu acho que ela não deveria se casar, por que ela teve a experiência, ela já sofreu uma vez, eu tenho medo que ela sofra de novo.

R - Mais então, ela já teve uma experiência, então ela já deve ter aprendido algumas coisas não é? Algumas coisas que ela fez com seu pai, talvez ela não repita com esse novo companheiro e seja feliz se casando de novo?

C - Eu acho que não.

R - Você tem ciúme da sua mãe com ele ou não?

C - Um pouco.

R - Bom. Quem mora com a sua mãe; você, que tem 16 anos, quem mais?

C - O meu irmão Cleber, de 15, e uma menina de 18.

R - De 18?

R - Então você acha que você e a menina vão perder um pouco a privacidade?

C - Vai. 'Nóis' usa shorts curto saia e com ele em casa não vai dar essa privacidade.

R - Sai do banho vai pro quarto...

C - É, É...

R - ... não vai poder fazer porque ele vai estar lá?

C - É ahã, ahã. Isto mesmo.

R - 'Tá'. Ele frequenta a sua casa Cibele?

C - Frequenta.

R - Mas ele dorme lá ou não?

C - Não, nunca dormiu.

R - Não dorme?

C - Não.

R - E ele trata bem vocês?

C - Trata super bem.

R - Se comporta direitinho lá?

C - Se comporta.

R - Sua mãe é uma mulher..., é feliz ao lado dele?

C - É.

R - 'Tá', e quem falou em casamento pra você, ela ou ele?

C - Os dois.

R - Eles sentaram e conversaram?

C - Ahã, ahã, falaram os dois, que iam se casar que a gente ia se mudar, eu e meus irmãos, já não, não se casar não, e nem se mudar.

R - Se mudar pra onde Cibele?

C - Pra perto do serviço dele.

R - Então, 'pruma' casa, que ele ia montar pra vocês?

C - Isto.

R - Então, ele não ia para sua casa?

C - Não. Por que meu pai também, não quer ele lá dentro.

R - Ué! Mas o seu pai não é separado da sua mãe?

C - É, mas a casa era dele, aí o meu pai não aceita também.

R - Eles não venderam a casa ainda?

C - Não.

R - Então, ele tem direito a metade?

C - Tem.

R - Bom Cibele, aí vocês falaram se casar não?

C – Isso.

R - E se mudar também não?

C - Também não.

R - Então sua mãe não pode se casar com ele?

C - Pode. Depois que eu já tiver casada, sei lá, por que ela vai ficar sozinha em casa.

R - Já 'tá' noiva ou não?

C - Não (risos).

Vai demorar 'né' Cibele? Risos de Cibele. Quando... Na hora vocês falaram: não a gente não aceita?

C - Na hora a gente falou: não eu não aceito, não quero casamento e nem mudança.

R - Vocês nem pensaram no assunto?

C - Não, não, nem pensamos a gente já falou que não queria.

R – Antes, vocês os três filhos, já tinham conversado sobre o assunto ou não? Ou foi uma resposta que surgiu na...?

C - Antes, a gente nós três pensava: já pensou se ele pede a mãe em casamento? Aí a gente já falava: ah eu não aceito, nem eu.

R - Vocês já foram pra conversa de caso pensado?

C - Ahã, já tinha pensado antes.

R - E qual foi a reação dos dois Cibele? Quando vocês falaram que não?

C - Vocês não acham que a gente merece ser feliz, e aquele lero, lero... risos

R - Vocês não, não?

C – Não.

2.2 SEGUNDO PROGRAMA: 4 OUTUBRO DE 2005

Tema: Minha mãe tem medo que eu cometa os mesmos erros de meu irmão. Neste programa, apresentam-se três duplas de mães e filhos. Primeiramente, são chamados os filhos, duas moças e um rapaz, que se queixam das mães. Segundo eles, por comportamentos inadequados de irmãos, as mães passaram a tratá-los com mais rigor, mais controle de horários e proibições de todo tipo.

A primeira dupla, Gleici (filha), de 17 anos, e Elaine (mãe), de 34 anos, chama atenção da apresentadora – ela comenta que as duas parecem irmãs. A reclamação da filha é que a mãe mudou muito, a partir da gravidez da irmã mais moça, de 15 anos de idade. A mãe sentiu-se traída, já que deixava as duas saírem sozinhas e voltarem a qualquer hora. Confiava nas filhas e, segundo ela, as meninas quebraram esta confiança. Ficou mais magoada com Gleici, que sabia da gravidez da irmã e não lhe contou.

No decorrer da conversa, entre a Âncora, mãe e filha, auditório e psicólogo convidado, a adolescente revela que tem um namorado que usa drogas “pesadas”, mas que não se preocupa muito com isso, pois acredita que ele pode parar de usar. A mãe também não mostra grande preocupação com este fato, mas fica muito aflita que a filha engravide. Destacamos, aqui, que ela teve esta filha com 17 anos.

O segundo caso deste programa é o de um filho que quer ser jogador de vôlei. Ele tem estatura para isto, já foi convidado para treinar em um clube e sonha com esta carreira, estando, no momento do programa, com 16 anos de idade.

A mãe não aceita que o filho jogue e treine, porque o filho mais velho quer ser jogador de futebol e está há dois anos fora de casa, morando e treinando em um

clube de futebol. Ela pensa que perderá o último filho e ficará muito só. Teve o primeiro filho aos 13 anos de idade.

Regina Volpato apresenta as duplas de mães e filhos que virão ao programa e chama as duas primeiras. Mantém a sua calma e controle característicos, um leve sorriso no rosto bem maquiado, mas suavemente róseo. Faz as perguntas, tentando entender os casos e demonstrando reprovação, quando não concorda com as atitudes das mães, que controlam demais seus filhos, ou com os filhos rebeldes, que não aceitam nada que a mãe diz. Faz comentários e perguntas esclarecedoras, demonstrando surpresa e certa satisfação, quando o caso se complica e aparecem situações sociais e emocionais caóticas.

À primeira vista, ao examinarmos os casos desta edição do programa, notamos um conjunto de dificuldades de toda ordem. São famílias que representam, em seus micros sistemas, o macro sistema social. Lembramos Morin, que salienta como a parte está no todo social e o todo tem as características das partes.

Poderíamos destacar, novamente, na primeira dupla, a negação da gravidade de situações apresentadas, como uma gravidez na adolescência; a dependência química de um namorado, que, onipotentemente, a menina acha que modificará; uma mãe magoada e desorientada, quanto a sua própria vida. Os problemas de ordem social são tão graves que a análise de aspectos emocionais fica encoberta.

Destacaremos, entretanto, um dos aspectos que mais chama atenção, em quase todos os casos apresentados: a transgeracionalidade. Este é um Termo bastante empregado na Psicanálise contemporânea, para designar o fato de cada um dos genitores da criança conservar a internalização de suas respectivas famílias originais, com os correspondentes valores, estereótipos e conflitos (ZIMERMAN, 2001, p.418). Há uma forte tendência, no sentido de afirmar que os conflitos não

resolvidos, dos pais da criança com seus respectivos pais originais, interiorizados, sejam reeditados nas pessoas dos filhos. Isto pode se repetir de geração para geração.

O fenômeno da transgeracionalidade parece estar presente em muitos dos casos apresentados no programa, ou seja, mães que engravidam na adolescência terminam por ter filhas que também engravidam nesta etapa da vida. Mães que se separam dos companheiros várias vezes acabam por ter filhos que repetem esta conduta.

No caso do filho que quer ser jogador de vôlei, vamos destacar o aspecto da “Síndrome do Ninho Vazio”, quando o último filho sai de casa e os pais ficam sozinhos. O casal precisa acostumar-se a viver a sós, um com o outro. Com o aumento da expectativa de vida, esta fase tem se alongado, durando, muitas vezes, mais de 20 anos. A mulher que dedicou a sua vida, em grande parte, a cuidar dos filhos e viver em função da vida deles, terá que encontrar novos sentidos e interesses para sua existência. O apoio mútuo do casal é muito importante. Com freqüência, somando-se a outras modificações desta etapa, como aposentadoria, perda de *status* e de poder aquisitivo, é comum aparecerem sintomas depressivos e psicossomáticos (FALCCETO; WALDEMAR, 2003)

É comum, nesta etapa, o estímulo para que um filho fique morando em casa, com os pais. Estes fazem cobranças e oferecem vantagens. Confrontam-se com as expectativas que fizeram anteriormente em relação ao futuro dos filhos. Com freqüência, sentem-se frustrados, por não verem estas expectativas serem concretizadas.

Queremos destacar, também, nestes casos estudados, a ausência dos pais. Na sua grande maioria, são pais que quase não participam da vida dos filhos, por

delegarem às mães a maior parte dos cuidados de orientação, ou são pais que desapareceram da vida da família, por separações formais e informais. Quase não se fala, durante a maioria dos programas, no papel do pai.

A figura do pai e seu papel são aspectos que têm sido resgatados na atualidade, pela Psicanálise. Destacamos, como funções paternas fundamentais, a segurança e estabilidade que ele possa dar ou não à mãe, na tarefa de educar e promover o crescimento do filho. É importante também saber como foi a relação dele com seu próprio pai e o quanto desta relação influencia nas expectativas que tem em relação ao filho.

Destacamos, ainda, seu importante papel na individuação do filho, interpondo-se entre a mãe e o filho, colaborando, desta forma, para seu crescimento psíquico e resolução de conflitos. O pai tem também um importante papel no estabelecimento de limites, promovendo frustrações, que encaminham a criança para o reconhecimento do princípio de realidade.

Para finalizarmos a análise deste programa, destacamos, ainda, o que é chamado “complexo fraterno”: o estudo das influências entre os irmãos.

Podemos dizer que as relações entre irmãos “funcionam”, no mínimo, por meio de dois tipos de reações: a primeira envolve amor e raiva, amizade e inveja, competição e ciúme, rivalidade e apoio, entre outras. Esta, chamada Ambivalência, está presente quase que na totalidade das relações fraternas. O segundo fator, presente na relação entre irmãos, consiste em um deslocamento da agressividade ou do afeto, que seriam dirigidas aos pais, para os próprios irmãos. Muitos conflitos estão envolvidos nesta relação e, nos programas estudados, alguns deles são bastante evidentes.

A postura da Âncora, apesar de alguns comentários pertinentes, demonstra superficialidade na abordagem, o que se evidencia com o fato de se posicionar unilateralmente, em conflitos que, por sua característica, são complexos, não se podendo limitar à identificação de quem está certo e quem está errado. Além disso, a satisfação expressa nos casos em que o caos familiar se expõe de forma aguçada, leva-nos a questionar qual a finalidade, intenção, da abordagem da Âncora? Por um lado, parece ficar clara a percepção de que o acirramento dos ânimos significa, literalmente, mais emoção para o programa e, provavelmente, em consequência, mais audiência. Talvez também decorra do sentimento em relação ao conflito das narrativas humanas, que ali se expressam... conflitos existenciais de relacionamentos, de pessoas que se debatem e se expõem.

2.2.1 Fragmentos do Segundo Programa

Regina Volpato - Seu irmão se comportou mal com sua mãe, mas isto também trouxe problemas pra você é que a sua mãe acha que você pode agir da mesma maneira e agora ela quer controlar todos os seus passos, isso te incomoda e muito. Minha mãe tem medo que eu cometa os mesmos erros do meu irmão é o nosso tema de hoje.

COMPACTOS DAS FALAS:

Gleissi - Ela perdeu a confiança total 'ni' mim, por causa da minha irmã...

Alzira - Por tentar esconder uma coisa da irmã ela acabou se prejudicando mais ainda...

Willians - Ela acha que ele errou, ela acha que não vai dar certo, ela acha que ele tem que vir embora...

Elaine C. - Vai que eu alimento o sonho dele e depois se fala assim: 'cê' tem que assinar que ele, eu não vou assinar...

Gabriela - Tenho que inventar que eu vou pá outro lugar e vou pá festa salão assim...

Elaine - Tenho medo penso de repente ela possa também, vim fazer...

Regina - Olá bem vindos ao nosso programa e a nossa primeira convidada de hoje é a Gleissi, que tem 17 anos e diz: minha irmã engravidou e eu que saí prejudicada, minha mãe não deixa eu fazer mais nada. Tudo bem Gleissi?

G – Tudo.

R - Quando a sua irmã ficou grávida, ela tinha que idade?

G - Ela tinha quinze anos.

R - Quinze anos?

G - Quinze anos.

R - E você tinha que idade na época?

G - Eu? Tinha, eu ia fazer dezessete, dezesseis.

R – 'Tá'. Então, ela é mais nova que você?

G – É.

R - E você tem filho?

G – Não.

R – 'Tá' e você quando soube que sua irmã tava grávida contou pra sua mãe, ajudou a esconder como é que foi?

G - Não ela falou, desde o começo quando ela ficou grávida ela falou pra mim, daí eu falei pra ela vamo contar pra minha mãe.

R - Só vocês duas sabiam?

G - Só nós duas. Aí ela pegou e falou assim: não Gleissi acho melhor você não contar deixa que eu conto, por que ela é minha irmã assim, adotiva, a minha mãe cria ela desde os dois anos.

R - Então, são a sua mãe teve quantos filhos?

G - A minha mãe tem dois, três filhos, assim, dois irmão meu de sangue, comigo três e uma ela adotada.

Regina fala junto só que fala: E ela adotiva?

G - Isso. Aí ela, quando deu três meses assim, que ela ficou grávida ela chegou na minha mãe e contou.

R - E qual foi a reação da sua mãe Gleisse?

G - Nossa foi a pior reação.

R - Jura?

G - Foi a pior reação ela ficou muito nervosa.

R - Ela não esperava isso?

G - Ela não esperava.

R - 'Tá', aí quando ela ficou sabendo que você também sabia e não contou?

G - Comigo acho que ela ficou mais chateada, por que eu sabia; do motivo de eu saber e não ter contado pra ela.

R - O bebê já nasceu?

G - Não.

R - Ela ta grávida de quantos meses?

G - Ela 'tá' de seis.

R - Seis meses?

G - Isso.

R - E a sua mãe, era uma mãe diferente do que ela é hoje?

G - Minha mãe era.

R - Como que ela era Gleissi?

G - Era comigo, ela era super liberal deixava eu saí tudo, eu ia pra várias 'baladinha' com as minhas amiga, agora mudou tudo, tudo.

R - Podia voltar qualquer horário?

G - Podia voltar qualquer horário; não tinha horário pra chegar em casa.

R - 'Tá', ela não ficava depois te enchendo de perguntas, nem nada?

G - Não.

R - Ela confiava em você?

G - Confiava.

R - E a sua mãe conversou com vocês sobre como namorar e não ficar grávida?

G - Conversou, ela conversava tudo sobre anticoncepcional, camisinha...

R - Tudo?

G - Era uma relação super aberta.

R - E hoje como que é Gleissi?

G - Agora ela perdeu a confiança total 'ni' mim, por causa da minha irmã.

R - Ela perdeu a confiança em você e na sua irmã também?

G - Isso.

R - Hoje como é a sua mãe Gleissi?

G - Ela é uma mãe mais fechada, mais fechada...

R - Mais fechada ou mais brava?

G - Mais fechada, mais brava ela é de tudo um pouco.

R - E hoje, você não pode mais sair?

G - Não posso mais sair, minhas amiga chega em casa pra me chamar, ela fala, xinga as menina fala que eu não vou. Quando eu saio assim escondido dela, ela vai nas balada atrás de mim me buscar...

R - Aí você passa vergonha não é?

G - Passo vergonha.

R - Com mãe nervosa na balada dá vexame não é...?

G - Dá vexame.

R - ...ela vai lá te busca e traz de volta?

G - Me busca na porta da escola todos os dias.

G - E você estuda?

G - Estudo.

R - Que horas?

G - Eu, das seis ao meio dia.

R - É de manhã?

G - É.

R - E você trabalha ou não?

G - Trabalho.

R - Então você estuda e trabalha?

G - Isso.

R - E aí quando você saía você saía com o seu dinheiro?

G - Com o meu dinheiro

R - Saía só final de semana, não faltava na escola?

G - Não.

R - Então você nunca deu trabalho, nunca deu motivo pra sua mãe...?

G - Não nunca dei motivo pra minha mãe.

R - Então pelo que sua mãe fez; sua irmã fez a sua mãe mudou com você?

G – Isso.

R - E você já conversou sobre isso com a sua mãe?

G - Já, já falei pra ela que eu não tenho culpa de nada na verdade, por que quem fez o erro foi a minha irmã e não eu, então eu acho assim, que ela tinha que pegar no pé da minha irmã que fez o erro e não no meu pé.

R - E o que que ela fala; a sua mãe?

G - Ela fala não, mas você ajudou você tava junto com ela então, as duas vai pagar o pato.

R - Então ela pôs as duas de castigo?

G – Isso.

R - E você acha que ela só te pôs de castigo ou que ela também perdeu a confiança em você?

G - Eu acho que ela deve ter perdido a confiança 'ni' mim.

R - Você namora?

G – Namoro.

R - E o seu namorado estuda?

G – Não.

R - Não estuda?

G – Não.

R - Trabalha?

G – Não.

R - Usa drogas?

G – Usa. Risos.

R - Drogas dessas que não pode que se a polícia pega dá confusão?

G – Isso.

R - Então é droga pesada?

G – É.

R - E você acha que isso não tem nada a ver com o fato da sua mãe hoje, ser uma mãe mais brava?

G - Não por que antes ela nem ligava, assim, pro nosso namoro, agora, depois disso da minha irmã, até disso ela liga. Eu ia fazer 'tatuage', agora também não posso mais por que a minha irmã fez uma 'tatuage' e colocou um *piercing* escondido dela. Ai ela...

R – 'Tá', mas a sua mãe sabia que seu namorado, não trabalhava, não estudava,...

G – Sabia.

R - ...e fazia umas coisas perigosas?

G – Sabia.

R - E ela não falava nada?

G - Não ela falava que ele não era o cara certo pra mim tudo, mas assim, ela não ficava pegando no pé.

R - Você não tem medo de ele fazer alguma coisa e acabar respingando em você?

G - Ah, tenho!

R - Tem?

G - Mas eu gosto dele.

R - E?

G - E vai ser com ele que eu vou ficar. (sorrindo)

R - Jura! Você pensa em casar com ele?

G – Quero.

R - Pensa em ter filhos?

G - Penso

R - E aí você que vai trabalhar 'né', pra sustentar todo mundo?

G – É.

R - E tudo bem isso pra você?

G - Tudo

2.3 TERCEIRO PROGRAMA: 5 OUTUBRO DE 2005

Tema: Estou decepcionada com meu filho. São relatados três casos de mães e filhos, que são chamados ao palco e começam a contar situações gravíssimas de roubos, assaltos, drogas, prisões, agressões e outros dramas sociais e patologias psíquicas graves. Tudo é calmo, o auditório pergunta, faz sugestões, uma senhora do palco dá uma reprimenda em um dos filhos. O psicólogo aconselha diálogo, respeito, busca de entendimento e trabalho para os desocupados.

Neste caso, Regina Volpato apresenta-se curiosa e calma, demonstrando não entender porque as mães estão decepcionadas com os filhos. Tenta dizer que eles precisam de compreensão e que as mães merecem respeito. A Âncora fica admirada, quando um dos participantes diz que sabe que pode morrer, no momento em que rouba um carro. Ela, no entanto, termina o programa desejando felicidade a todos.

Os casos desta edição do programa envolviam um filho agressivo, com episódios de roubo e várias passagens pela polícia; um filho alcoolista, de 17 anos, e um filho homossexual, com 20 anos. As mães queixam-se que estão decepcionadas com os filhos.

Este programa pareceu-nos o mais tenso, com três casos bastante difíceis. A decepção das mães fica evidente, o que compreensível, frente ao sofrimento que relatam. As mães são pessoas, aparentemente, muito mal informadas e com baixo grau de cultura. Isto confirma o que já foi exposto neste trabalho: as classes C e D constituem o público destes programas, provavelmente porque os casos apresentados envolvem pessoas vindas destas classes. Casos como estes devem ser bastante comuns, para a maioria dos espectadores.

Queremos comentar, aqui, o aspecto da Idealização, entre pais e filhos, um fenômeno bastante comum e que costuma causar uma série de conflitos. Este é um traço que se destaca, nos casos expostos, apesar de estarmos falando de situações muito patológicas, em que a tristeza e a decepção das mães são bastante justificadas. Parece-nos importante, então, compreender como a idealização pode ocorrer. A criança primitivamente idealiza os pais, fenômeno necessário e estruturante, nesta etapa da vida.

Podemos considerar, também, todas as expectativas e idealizações que os pais fazem com relação aos filhos. As decepções acontecem, quando esses filhos não podem ser vistos e respeitados como sujeitos diferenciados dos pais, que têm suas próprias experiências e vontades. O fato de um filho ser diferente do modo com que os pais o idealizaram não o torna incompetente ou sem aspectos bons e construtivos. Abrir mão das idealizações e poder relacionar-se, de forma realística e

respeitosa, faz parte do funcionamento de um grupo familiar maduro e com certo grau de saúde emocional.

Queremos salientar também, resumidamente, a presença freqüente, entre os casos relatados, de situações de alcoolismo. Os dados epidemiológicos brasileiros sobre o uso de álcool entre adultos da população em geral sugerem que aproximadamente 10% das mulheres e 20% dos homens façam uso abusivo, em algum momento da vida (CATALDO, GAUER, FURTADO, 2003). Sabemos também que o álcool está relacionado a 50% dos homicídios, 50% dos casos de morte em acidentes de trânsito e 25% dos suicídios. Além disso, temos que incluir como situações comuns ligadas ao abuso do álcool, agressões familiares, separações conjugais, perda do trabalho e da saúde física. A história de um alcoolista é marcada por uma série de perdas e sofrimentos, para o próprio dependente, assim como para sua família. O tratamento para o alcoolismo, como é genericamente chamada esta dependência grave, é longo e multidisciplinar, envolvendo a família, modificações de hábitos, exames físicos, internações, medicações e apoio social. Costuma ser longo e com várias situações de recaídas.

Neste sentido, é que pensamos ser muito pouco provável que uma conversa, com milhares de espectadores assistindo e com algumas pessoas, como uma apresentadora de televisão, um psicólogo e pessoas curiosas do público, possa provocar uma motivação genuína para uma mudança. As dependências químicas, em geral, são de difícil abordagem e cura, por mais que a própria pessoa dependente diga que tentará modificar seus hábitos.

As situações apresentadas têm um alto grau de conflitos sociais, como desemprego, carência de educação, moradias inadequadas, gravidez na adolescência, brigas e agressões familiares, abandono de mães e pais, instituições

inoperantes e falta de informação em geral. Estes aspectos não são objeto deste trabalho, mas chamam muita atenção e despertam impotência e certa tristeza em quem assiste a estes programas, com um olhar um pouco mais crítico.

Gostaríamos de salientar, novamente, as características da âncora do programa. Frente a esses conflitos gravíssimos, ela mantém a calma, o mesmo tom de voz, não repreende nenhum convidado. Mostra-se compreensiva e esclarece adequadamente alguns aspectos, inclusive sugerindo a busca de grupos de ajuda, como AA (Alcoólicos Anônimos). Pede que conversem mais, que tentem se aceitar com suas características individuais. São esclarecimentos úteis, que, talvez, até informem e estimulem alguns espectadores a procurar ajuda. O que questionamos é o quanto esta atitude é eficaz. Não existe nenhuma informação disponível da emissora que confirme o acompanhamento da vida dessas pessoas, após o programa. Este aspecto é que nos remete, novamente, à questão da falsidade ou da mentira. Qual o objetivo do programa? Expor casos de família para quê?

Este alto grau de exposição de famílias e a caótica conflitiva social, em que estas se inserem, pode ser bem exemplificado com a situação de uma mulher que queria se casar novamente e se queixava da falta de apoio familiar²³. A mulher de 50 anos, no terceiro casamento, tinha três filhos e não conseguiu esclarecer a ordem de nascimento. A participante tinha se separado, engravidado de outro parceiro, voltado com o anterior e, além disso, já tinha um filho, quando casou com o primeiro. A Âncora desistiu de entender.

A participante queria separar-se, porque o marido não comprava uma casa para a família. Estava desempregado havia dois anos e fazia “bicos”, como o de papeleiro ou auxiliar de pedreiro. Ele tinha dificuldade para conseguir outro emprego,

²³ Este exemplo foi veiculado no dia 2 de novembro de 2005.

porque era analfabeto. A irmã da participante foi chamada ao programa, disse que o cunhado era uma pessoa muito boa e que gostava muito da mulher. Ela se mostrou contra a separação.

A apresentadora, bonita, gentil e sorridente, perguntou se ela não achava que um casal que se gosta deve construir suas coisas juntos. Questionou, também, porque ela não trabalhava para ajudar este marido. O auditório todo concordou e bateu palmas. Algumas pessoas se manifestaram, com opiniões semelhantes. A mulher que queria se separar do marido ficou visivelmente constrangida e humilhada. A apresentadora chamou outra participante.

Esta situação toda, se não fosse trágica, pelo desrespeito a todo o sofrimento demonstrado pela participante e ampliado, pelo nível de exposição, seria cômica. A sensação é de “*non-sense*”, já que o menos importante era se deveria ou não ocorrer uma separação deste suposto casal. Muitos fatores, então, tornaram a cena patética. Entre eles, podem ser citados: a exposição do caos social; a pobreza de oportunidades e perspectivas daquela mulher; a sua falta de crítica, ao expor sua intimidade, como se estivesse falando só para aquelas pessoas ali presentes.

Pensamos que, naquele momento, existia um grande grau de negação da própria mulher, que não tinha noção de quase nada de seu funcionamento emocional. Não sabia por que fazia suas escolhas e nem por que deveria saber. Havia uma negação coletiva, em relação à realidade exposta, e isto acontecia principalmente, por parte da apresentadora. Esta, com soluções mágicas e claras, sugeria atitudes muito pouco viáveis. Caso fossem tão simples, por que já não teriam sido adotadas. É difícil acreditar que ela também estivesse falando, sem ter consciência do absurdo do “espetáculo” apresentado. Revelou, então, uma onipotência constrangedora e uma superficialidade, no mínimo, cruel.

Aquela mulher decidiu expor-se por alguma razão, inconsciente ou não. Freud estudou a necessidade de castigo, de algumas pessoas, ou atitudes por ele chamadas de autopunitivas. Estas poderiam ter muitas causas. Entre elas, uma censura inconsciente, que castiga e julga, de forma exigente a si mesmo.

Outra possibilidade a ser levantada é que, mesmo de uma forma triste e humilhante, aquela anônima e perdida pessoa, por alguns instantes, foi foco de atenção, foi ouvida, sentiu que existia como sujeito, teve uma individualidade. Recebeu um investimento afetivo. Esta situação lembra Fernando Pessoa/Álvaro de Campos (1977, p. 362)

Fiz de mim o que não soube, e o que podia fazer de mim, não o fiz
O dominó que vesti era errado.
Conheceram-me pelo que não era e não desmenti, e perdi-me.
Quando quis tirar a máscara,
Estava pegada à cara.

2.3.1 Fragmentos do Terceiro Programa

R - Você já fez de tudo pra ele mudar o comportamento, mas até agora nada. E o filho que te deu tanta alegria quando nasceu, hoje, é motivo de tristeza e desgosto; estou decepcionada com o meu filho é o tema do programa de hoje.

COMPACTOS DAS FALAS:

Lena - Já tentou vir pra cima de mim.

Junior - Exagera, eu... Mas um pouco ela exagera.

Valdivina - Ele bebe e fica agressivo.

Alexandre - Bebo porque tenho prazer...

Adalgisa - Já levou uma marretada na cabeça....

Leandro - Se, tem uma briga na rua ela fica do lado das outras pessoas.

R - Olá bem-vindos ao nosso programa e a nossa primeira convidada de hoje, é a Lena, que tem 42 anos e diz: eu não sei o que acontece com o Jr. Ele fugiu de casa e já foi pra Febem três vezes. Tudo bem Lena?

L - Tudo bem.

R - O seu único filho é o Jr.?

L - Não.

R - Mas é o que mais te deu trabalho?

L - É o que mais me deu trabalho.

R - O que que ele já fez que te deixou bem decepcionada com ele?

L - Além de ir três vezes pra Febem 'né', querer me espancar, que ele já tentou vir para cima de mim e não me agrediu por que minha prima 'né', no caso, minha irmã tava junto comigo.

R - Porque que ele quis te bater Lena?

L - Na época eu tava grávida e eu pedia pra ele ajudar a arrumar a casa e ele dizia que ia arrumar, ia arrumar ia arrumar...

R - E não arrumava?

L - E enrolando, enrolando e eu querendo que ele fosse 'né', que você é muito folgadinha 'cê' 'tá' com pressa, então vai fazer, aí ele me irritava.

R - E ele tinha que idade nessa época Lena?

L - Ah, ele tava com uns dezesseis anos.

R - 'Tá', você é casada com o pai dele ou não?

L - Hoje eu sou separada.

R - 'Tá' mas você tava grávida do irmão dele?

L – Irmã.

R - Irmã dele? E vivia todo mundo na mesma casa?

L - Todo mundo na mesma casa.

R - E ai nessa época ele tentou te bater?

L – Tentou.

R - Depois disso ele já tentou te bater de novo ou não?

L - Não depois disso ele, só foi uma vez.

R - Quando ele foi pra Febem a primeira vez?

L - Ah, ele tinha uns doze pra treze anos.

R - Muito, novinho? O que que ele tava fazendo?

L – Ah, ele roubando carro.

R - Aí foi pego?

L - Foi pego aí o policial foi na minha casa ‘né’ falar que ele tava na delegacia, que era pra mim comparecer lá a primeira vez eu fui.

R - Você acreditou quando disseram que o seu filho tava na delegacia?

L - Ai eu fiquei meio assim eu não acreditei muito, mas era um policial ‘né’ eu fui. Fui com a minha irmã cheguei lá ele tava lá internado, sujo com de pé descalço, e... eu conversei com ele; ele falou que ele negou ‘né,’ com certeza, ele negou aí fui comprei lanche dei lanche pra ele, aí nessa primeira vez ele ficou quarenta e cinco dias.

R - Aí você ia visitá-lo?

L - Visitava aí ficava só olhando numa portinha, aí tem uma porta e você ficava olhando na porta.

R - Ai que horror Lena!

L - Levava ‘né’...

R - Em o pai dele?

L - Ai o pai dele nessas altura tava trabalhando, ficou sabendo depois que chegou em casa.

R - Mas ia visitar junto com você?

L - Ia visitar, ia sempre dando apoio 'né', eu ele.

R - Vocês deram apoio pro Junior?

L - Muito.

R - 'Tá' e aí, depois de quarenta e cinco dias ele saiu?

L - Saiu, saiu.

R - Voltou pra casa?

L - Ficou em casa de boa, acho que não deu um mês dois de novo, polícia lá na minha casa de novo atrás do Junior, e levou.

R - Levou o Junior da sua casa porque Lena?

L - 'Ué' por que ele tinha roubado carro de novo.

R - Mas denunciaram? Tem provas o que...?

L - Não é que foi assim, 'pegaro' os amigo dele, aí os amigo entrego ele, aí eles foram atrás dele foram na minha casa atrás dele só que ele não tava na minha casa ele tava na rua. Aí o policial foi na minha casa pediu uma foto dele eu não tinha, aí eu dei o RG aí 'saíro' a procura dele, aí 'encontraro', aí quando 'encontraro' ele foram na minha casa me informar que tinham pego ele, que era pra mim ir lá, aí eu falei que eu não ia.

R - Na delegacia de novo?

L - Na delegacia de novo.

R - Não foi Lena?

L - Eu não fui, aí eu falei pro pai dele.

R - E porque você não foi?

L - Ai por que eu já tava revoltada 'né', a primeira vez ele tinha prometido pra mim que não ia fazer.

R - Depois da primeira vez vocês tiveram uma conversa?

L – Tivemos. Ele escrevia pra mim: mãe eu 'tô' arrependido a minha vida aqui é chorar, os quarenta e cinco dias que ele ficou que a vida dele era chorar, sabe que 'recramava', que batia a cabeça na parede que aquilo ali não era vida que ele não ia me fazer sofrer, tudo bem aí eu 'né'... Aí ele fez a segunda vez eu fiquei revoltada eu não fui.

R - Não foi na delegacia?

L – Não.

R - E aí o que que aconteceu com ele Lena?

L - Aí foi o pai dele, aí o pai dele foi e ele ficou, foi da vez que ele ficou um ano e dois meses, aí ele foi pra Febem.

R - Um ano e dois meses? E aí você ia visitá-lo na Febem?

L - Na Febem, aí com muito custo eu fui visitar, aí visitava todo o final de semana 'né'.

R – Peraí, aí, dessa segunda vez não pegaram ele ali em flagrante, mas ele admitiu que estava envolvido no roubo?

L - Não ele negou, mas os amigo 'falaro' que ele tava envolvido.

R - 'Tá' aí passou um ano e...?

L - Um ano e dois meses. Aí ficou um ano e dois meses lá o Junior. Voltou pra rua quando passou, acho que, uns oito meses.

R - De novo vocês tiveram uma conversa com ele?

L - Muito. Aí passou uns oito meses, mais ou menos, eu não lembro direito, o Junior. Preso de novo pra Febem de novo, cataram ele dessa vez 'pegaro' ele no 'fraga'.

R - Fazendo o que Lena?

L - Ele tinha roubado carro de novo.

R - Pegaram ele dentro do carro?

L - Dentro do carro e com o 'revólve' do lado, tava ele e o outro.

R - Que idade ele tinha nessa época Lena?

Ah ele tinha dezessete. Dezessete para dezoito.

R - Ainda era menor de idade?

L - Era menor, aí foi pra Febem.

R - Outra vez?

L - Outra vez.

R - O que que você sentia cada vez que ele ia pra Febem Lena?

L - Ah, eu sentia revolta 'né', eu criei um filho com amor e com carinho.

R - Revolta com ele?

L - Mágoa, muita dor e muita revolta.

R - E você se culpa de alguma coisa?

L - Ah, eu não me culpo não, por que conversei dei conselho 'exprivava' pra ele o que era certo o que era errado cabia a ele 'né', acatar.

R - Tinha uma família...?

L - Por mais que ele fosse de menor eu não deixava faltar nada o pai também não, não tinha necessidade o pai tinha carro.

R - Bom ele aí, saiu da Febem e faz quanto tempo que ele saiu da Febem Lena?

L - Uns dois anos.

R - Faz dois anos? E depois, durante esses dois anos 'tá' tudo bem?

L - Agora ele deu uma parada, mas ficar em casa ele não fica.

R - Te maltrata ou não?

L - Num maltrata, que agora eu bato.

R - Você bate nele?

L - Bato, eu não posso com a mão por que ele tem vinte e um anos eu pego a vassoura pego o rodo.

R - Porque que você ameaça bater nele, porque que você bate nele? O que que ele faz?

L - Ah porque eu quero que ele me ouve. Ele vai pra rua eu falo pra ele: oh, dez e meia dentro de casa ele chega meia noite uma hora, pula o portão fica batendo na porta, ele já quebrou o vidro da janela da sala.

R - E hoje ele estuda trabalha o que que ele faz?

L - Não ele não estuda não trabalha, o pai dele arrumou serviço pra ele ficou quinze dias e saiu o Junior é terrível!

2.4 DISCUSSÃO

Quem trabalha com Psiquiatria e Psicanálise, ou quem já viveu alguma das situações expostas, sabe da gravidade desses casos e o quanto é difícil qualquer mudança. Esse modelo de programa parece visar, quase unicamente, sensacionalismo e audiência. A âncora é simpática, de aparência bonita e angelical, e ensina às pessoas sobre como viver. Tem, junto de si, a platéia e um profissional

da área da Psicologia. Ambos dão conselhos e fazem diagnósticos instantâneos, todos indicando aos convidados como deveriam agir e viver.

O sucesso dos programas de Auto-ajuda deve-se, em parte, à divulgação que é feita, intensivamente, sobre eles. Não se pode, porém, reduzi-los a isso. Assim como os livros deste gênero, tais programas respondem a uma necessidade emocional e espiritual, não só brasileira, como universal. O problema, no entanto, é que o programa, com seus textos, não faz pensar, apenas confirma aquilo que os espectadores já estavam convencidos, antes de ele começar. Além disso, a Âncora parece ter um segredo, uma certeza, que todos nós queremos ter.

Dantas Junior (2002, p. 68) fala de como a Psicanálise vê as formas novas de experiências humanas, trazidas com a globalização. O autor pensa que se difunde, de forma ampla, a suposição de que a contemporaneidade trouxe ao homem uma ampla disponibilidade de meios para expressar as suas demandas individuais e buscar a sua satisfação. Esta maravilha decorreria “[...]de um extenso acesso à informação e uma crescente tolerância com as diferenças que decorreriam deste acesso” (DANTAS JUNIOR, 2002) Tecnologias novas, ofertas de trabalho, crescimento e realizações pessoais, tudo estaria prometido para acontecer neste novo mundo. Todas estas transformações estariam colaborando para um funcionamento psíquico menos dominado pelas regressões narcisistas. Assim predominariam os relacionamentos, as ligações pessoais.

O homem contemporâneo pode estar muito longe de usufruir de toda esta felicidade e dá sinais de sofrer, cada vez mais, na visão deste autor. Neste novo tempo, a experiência humana parece estar marcada pela velocidade e pela superficialidade das relações. A vida emocional não precisaria ser duradoura ou importante, mas deveria ser o mais concreta possível e real. Isto também

determinaria o modo como a experiência subjetiva viria a receber seu significado. Para Dantas Jr., daí decorre o amplo domínio da imagem sobre o pensamento. “Apenas no território da imagem - tão próxima da vida onírica - a onipotência pode ser vivida como verdadeira.” O campo do virtual, que é próprio da imagem, possui uma plasticidade ilimitada. A imagem virtual pode assumir qualquer forma, tornando-se capaz de confundir-se com o “ideal”. Neste campo, podem-se suprimir as limitações impostas pela realidade.

Acreditamos que estas características da vida contemporânea permeiam este modelo de programa em estudo. Revelam, também, o quanto de frustração e infelicidade, somadas à falta de auto-estima, faz com que as pessoas se prestem à exposição e exploração, bem como de que forma isto é utilizado, em nome de busca de audiência e manutenção de uma competição narcisista de apresentadores e empresas.

Todo sujeito é portador de uma energia sexual, que deve, conforme o esperado, ser investida em si e em objetos externos a si mesmo (ou ao ego). Conforme Green (1988), aquelas pessoas que não possuem capacidades psíquicas, ou registros psíquicos positivos de investimentos amorosos, em seu ego - principalmente da dupla, formada pela mãe e o bebê - acabam, por conta desta falta materna, voltando grande parte desta energia para si. Tornam-se impossibilitados, ou com grande dificuldade, de investir em objetos externos ao ego. Como resultante desta falha, na relação materna, ou no vínculo primitivo, ocorre o que se denomina, em Psicanálise, de feridas narcísicas. É como se fossem crateras, vazios, que se consolidam no psiquismo deste bebê e, em muitos casos, o acompanham ao longo da vida.

No contato com estas pessoas, percebemos certo vazio, superficialismo, aparências grandiosas. Ouve-se, com freqüência, com relação a este jeito de ser, que a pessoa é “narcisista” ou ‘inflada por fora e oca por dentro’. Esta falha, ou quase ausência, de registros positivos que atendam necessidades iniciais tão básicas prejudica muitos investimentos posteriores, direcionados ao mundo externo e, conseqüentemente, interfere negativamente no processo de um desenvolvimento mais saudável.

Impossibilitados, em parte, de investir no mundo externo, são pessoas que tomam seu próprio corpo como objeto sexual. Cultuam a si próprios, como forma de obtenção de prazer. A realidade externa se faz desinteressante, assim como aqueles com quem convivem.

A origem do termo Narcisismo, “encantamento tão grande com a própria imagem”, vem da mitologia grega, que conta a história de Narciso. O conceito foi utilizado e estudado por Freud (1914), para explicar esta forma de relacionamento, em que ninguém, em que nenhum tipo de objeto é tão excitante quanto o próprio sujeito.

Conforme Freud (1914), também há outras faces do Narcisismo, que não são patológicas. O autor explica que o mesmo é uma etapa fundamental e necessária para o desenvolvimento psíquico. Assim, os limites são tênues, ante o investimento em si e a dificuldade ou capacidade de investimento no outro.

O primeiro estágio de vida, ou Narcisismo Primário da libido, de auto-erotismo, ocorre quando o bebê investe toda sua energia em si, para poder desenvolver-se e individualizar-se. Este seria um desenvolvimento natural e saudável. Muitas vezes, o processo de individuação fica prejudicado, quando o bebê não recebe (ou desenvolve) estes investimentos narcísicos. Neste momento, um

olhar libidinizante, narcisante, da mãe para com seu filho, é fundamental, na medida em que ela o ajuda a amar-se e a desenvolver-se. Esse olhar ficará registrado, enquanto houver vida neste psiquismo, pois é a primeira noção que fazemos de nós. É de acordo com esse primeiro olhar cuidador, que iremos nos enxergar. Este olhar da mãe funciona como um espelho, ficando, de certa forma, eternamente refletindo dentro de seu filho.

Continuando o desenvolvimento, a criança passa a ter uma noção de Eu e do Outro, ou seja: eu não sou igual, não sou a mesma coisa que a mamãe e, assim, além de investir em si, passa também a investir no objeto. Passa a respeitar o outro, com suas diferenças e “falhas”, possibilitando uma relação baseada na confiança, na verdade da realidade. No momento em que aceita limitações próprias e do outro, há a possibilidade de estabelecimento de uma troca amorosa. Estes aspectos, resumidamente expostos, possibilitarão uma futura relação com outra pessoa, desenvolvendo-se um interesse genuíno e capacidade de consideração afetiva madura. Neste sentido, a auto-estima também poderá ser preservada e evoluir.

É interessante, neste sentido, entender a lógica narcísica, associada à televisão. Então, por que a Televisão é chamada por Muniz Sodré (1984, p. 9) “A Máquina de Narciso”? Este autor inicia sua obra, contando que um menino engraxate, de uma favela do Rio de Janeiro, perguntado, por uma pesquisadora, sobre o que gostaria de ver na televisão, responde: “eu”. Ele deseja ver a si mesmo, como indivíduo, no vídeo, não como um índice de uma pesquisa qualquer.

Este mesmo autor ressalta que é muito antiga a fascinação de “ver-se” e remete-nos à Mitologia, com a lenda de Narciso. Entre outros aspectos, chama atenção para a importância do olhar, já destacada anteriormente quando examinamos a relação mãe–bebê. Ressalta a afirmação de Nelli (1975, p.198): “[...]”

o olho é um meio de possuir - ou de ser possuído - completamente análogo aos órgãos sexuais, que possuem e são possuídos”. As narrativas mitológicas nos conduzem para a noção de que a visão humana é uma via do estado amoroso ou da sexualidade, e que o ser humano só pode amar a si mesmo ou seu semelhante, passível de identificação, ou a um ser transcendente, capaz de essencializar a sua humanidade.

Sodré (1984, p. 9) acrescenta que, para esse amor “de si mesmo” ser social, obriga-se à troca com o outro, que será sentido como uma diferença. Diz que Narciso foi punido, por não respeitar a regra da doação recíproca e entregar-se à troca com sua própria imagem. Esta será uma relação em espelho, onde cada parceiro extrai do outro a si mesmo.

Na telerrealidade da televisão, a máquina torna-se narcísica, pois desaparecem as mediações simbólicas do olhar e a visão é engolida pelo objeto. “O poder consiste em reter o olhar do outro, na captação infinita da atenção” (SODRÉ, 1984, p.38). A televisão é, ao mesmo tempo, espelho em que, narcisisticamente, os valores tecnocapitalistas se refletem e indicam as suas linhas de identidades sociais, (SODRÉ, 1984, p. 41). Já o espaço/tempo da televisão, como simulação do mundo, é narcísico, por si mesmo, bastando a si próprio, fascinando nosso olhar. Mata-nos e nos exclui, pois já não existimos individualmente. Perdemos nossa identidade original. Neste sentido, chama atenção o fato de que a auto-suficiência narcísica do sistema televisivo faz com que seja projetado um eu ideal do grupo, um nós idealizado, através dos conteúdos dos programas.

No caso do programa, em análise, os processos parecem se relacionar, também, com o que mencionamos sobre as características do *Fait Divers*, a partir de Ramos (2004), e com o modelo de programa *Talk Show*. Os aspectos destacados

por esse autor, pertencentes ao *Fait Divers*, estão presentes no *Talk Show* “Casos de Família”. Apesar do formato do programa ser sempre o mesmo, com convidados que irão expor suas vidas em público e uma Âncora fará perguntas e sugestões, os assuntos a serem abordados sempre serão sensacionalistas, trágicos, tristes e até bizarros.

Este modelo de programa, além de tudo que foi exposto, também tem uma característica própria de *Talk Show*, que não é só de entrevistas ou outras atrações intercaladas às falas dos convidados. Ele é um *Talk Show* que entrevista, pede que o público se manifeste, assim como algum especialista no assunto, mas sempre termina com o aconselhamento da apresentadora, Âncora do programa, que transmite sabedoria e tranqüilidade. Levanta e sai do palco, desejando que fiquemos com Deus. A sensação percebida pelo público é de que tudo foi resolvido e “seremos felizes para sempre”.

Como já foi salientado anteriormente, não duvidamos que algum benefício possa ser proporcionado a essas pessoas observadas e ouvidas. Por serem pessoas muito simples e carentes de atenção, o pequeno espaço de atenção e a oportunidade de serem ouvidas, poderá causar algum alívio e até certa expectativa de que algo possa mudar. Pode surgir certo efeito catártico que diminua o grau de ansiedade, provavelmente presente em quase todos os casos exibidos.

A Transferência, fenômeno comum nos relacionamentos entre pessoas, um dos conceitos mais importantes da teoria Psicanalítica, apresenta-se impregnada de sentimentos positivos com relação à Regina Volpato e a seu auxiliar “especialista”. Isso, possivelmente, facilita a escuta e a crença de que as coisas, que estão difíceis de serem suportadas em suas vidas, possam melhorar.

Cabe aqui, neste sentido, conceituar sinteticamente a transferência. Trata-se de fenômeno bastante estudado por Freud e por outros analistas, que o abordaram posteriormente ao criador da Psicanálise (KLEIN, 1952; BION, 1960; WINNICOTT, 1947; LACAN, 1979). Em 1909, Freud a considerou como um processo penoso, mas necessário, que ocorre durante a análise. A Transferência começou, então, a ser considerada como um agente terapêutico. De 1910 a 1915, Freud foi, cada vez mais, valorizando-a e esta passou, juntamente com a resistência e a interpretação, a ser um dos pilares da Psicanálise.

A categoria de transferência sofreu inúmeras modificações e acréscimos, no decorrer dos anos, efetuados pelo próprio Freud como também por outros analistas. O conceito não é restrito à situação analítica, apesar de ser assim utilizado pelos terapeutas psicanalistas, mas é um fenômeno que pode ocorrer em qualquer situação que envolva pessoas se relacionando. Significa, sinteticamente, um deslocamento de sentimentos, de pessoas, ou objetos internalizados, que, nas situações de psicanálise, o analisando revive com seu analista.

No caso do nosso programa em estudo, Regina Volpato pode ser alvo de inúmeras Transferências por parte de seus convidados, tais como ser percebida como uma mãe boa e atenciosa, uma rainha poderosa e onipotente, uma intrometida (raramente aparece algum sentimento negativo), uma irmã mais velha culta e bem informada, alguém que tem acesso a algo desconhecido e não revelado às pessoas comuns, alguém que não possui problemas em sua vida, e muitas outras formas de sentimentos transferenciais. As Transferências positivas facilitam a atenção e a credibilidade no que está sendo dito. Parece-nos que esta é uma das mais importantes características de qualquer instrumento chamado de auto-ajuda, a credibilidade. Ela é conferida àquela pessoa que transmite, com tanta segurança e

certeza, o que é certo fazer, os sentimentos bons e ruins, quem tem razão e quem não tem frente uma decisão a ser tomada e outras tantas situações de nossas vidas. É reconfortante ter alguém que sabe o caminho a ser seguido, principalmente quando nos sentimos perdidos.

Caracterizamos aqui auto-ajuda, como uma tentativa de melhora emocional, mudança psíquica e de comportamento, através de conselhos, críticas externas. No programa, estas críticas são feitas por um público leigo, uma jornalista que, a princípio, não tem formação para realizar terapia, e um profissional da área psíquica, que, em poucos minutos, diz o que a pessoa deve fazer com seus problemas e qual a solução para seu sofrimento. Fica implícito, portanto, que tudo é muito fácil de resolver e que as respostas pertencem a quem aconselha. Estes se mostram como donos da verdade e capazes de apresentar fórmulas da felicidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Realidade” é uma palavra que nada significa sem aspas (VLADIMIR NOBOKOV). É um tema fugidio e que oscila entre uma realidade construída no espaço comunicacional e outra “lá fora”, longe da representação ou, pelo menos, não está submetida a ela. Muitos programas de televisão enquadram-se nesse modelo trágico, bombástico, com revelações graves e tragédias particulares, que se tornam públicas.

Ao decidirmos estudar a mentira, em um de seus territórios mais ricos, a Comunicação, poderíamos ter escolhido qualquer tipo ou gênero desses programas, desde as novelas, documentários, telejornais, até reportagens ao vivo, junto a atos públicos e declarações de políticos influentes. Optamos por um programa, do SBT, “Casos de Família”, que é exibido às 16h, diariamente, de segunda a sexta-feira, por considerarmos que ele apresentava algumas características de linguagem visual, verbal e não verbal, da categoria de *Talk Show* e com uma Âncora famosa, com uma postura elegante e simpática, mas que transmitia uma freqüente e assustadora superficialidade, frente aos casos narrados por seus convidados. As estórias, que são contadas a ela, sugerem que sejam reais, assim como seu interesse e sugestões. São estórias concretas, de pessoas concretas, e a TV passa a ser o “media” do concreto absoluto. Geralmente são vítimas, ou de injustiças, ou de alguma outra coisa.

O nosso olhar e pensamento psicanalítico, lançando mão da Transdisciplinaridade, processo pelo qual as análises e estudos tornam-se mais ricos e complexos, teve especial atenção para a observação da subjetividade, presente nas linguagens utilizadas durante a realização do programa.

Eduardo Cintra Torres (jornalista português), do Observatório da Imprensa, escreveu em 2003, em Lisboa, a respeito da realidade e da televisão (OBSERVATÓRIO, 2003). Ele diz que a televisão sempre se orientou para os valores estéticos do imediatismo, do direto e da atualidade, e que as sociedades sempre tiveram uma fome insaciável pelo real. Essa fome, diz ele, é alimentada por técnicas de vídeo, que permitem ir muito longe na captação ou simulação da realidade. Tudo isso alimenta audiência. Existe o público e pessoas dispostas a assistirem a esses programas; caso contrário, a televisão não os produziria.

Houve uma mudança importante de comportamento social. Hoje, a maioria das pessoas dispõe-se a expor sua vida privada, mesmo íntima, no espaço público, seguindo o exemplo de seus políticos, artistas, escritores e das elites em geral. Interessante destacar que foram as elites que iniciaram com esse processo de exposição da vida privada e não a chamada audiência de massa. Podemos dizer que o programa estudado é um tipo específico de *Talk Show*, o confessional. Melodramático, porém, “bonzinho, sem cenas chocantes ou bombásticas. É produzido para ser veiculado à tarde, com debates e participação do público, dando uma conotação bastante democrática a todo o contexto.

Para orientar nosso estudo, selecionamos algumas categorias da Comunicação, que se destacam no programa Casos de Família: o papel e a postura da Âncora, e todo o contexto que envolve este modelo de *Talk Show*, desde a sua apresentação inicial, seu logo triangular, seu cenário de sala de estar familiar, a

localização do público e da apresentadora junto a ele, as falas e expressões dos entrevistados e da Âncora do programa e sua saída triunfal no final, deixando todos com “Deus”.

O método que nos autoriza e fornece ferramentas para esta análise, em que juntamos categorias da Comunicação com os conceitos da Psicanálise, é nos apresentado por Morin, segundo o Paradigma da Complexidade.

Estas categorias da Comunicação foram estabelecidas *a priori*; entretanto, no decorrer do trabalho, surgiram as categorias *a posteriori*, como Fait Divers de Causalidade e de Coincidência.

Estudamos, *a priori*, a Negação, a Onipotência e o Narcisismo, defesas e características presentes, unanimemente, nos programas observados. Nestes casos, o que é triste não pode aparecer, o que é trágico poderá ser modificado com alguma facilidade e o que é vaidade transforma-se em poder. *A posteriori*, discutimos os conceitos de situação edípica, transferência, transgeracionalidade e função paterna. Nesse sentido, estabelecemos esse diálogo entre Comunicação e Psicanálise.

Esta trajetória embasa e justifica o objetivo primordial e mais instigante do nosso trabalho, que é estudar a mentira. Atitudes tão humanas, presentes no nosso dia-a-dia, que fazem parte de nossos diálogos, ações, de forma ego sintônica ou não, podendo causar danos, às vezes irreversíveis, ao funcionamento emocional de uma pessoa, como em sua própria vida. Preocupação antiga da Filosofia, encontra-se presente na área de estudo que envolve a Comunicação humana e, exatamente por isso, interage com a Psicanálise.

A Auto-ajuda emerge, como uma categoria, descrita *a posteriori*, mas extremamente complexa e pouco conceituada, ou melhor, conceituada e discutida

de forma variada, com muitas faces e características confusas. Gênero tão popular e difundido no mundo inteiro, a Auto-ajuda procura, em sua grande maioria, oferecer caminhos prontos, aconselhar superficialmente, generalizar sem respeitar a originalidade dos conflitos humanos, negar suas peculiaridades únicas e que sempre deverão ser contextualizadas. Esquece a característica básica da origem inconsciente da maioria de nossas dificuldades e sintomas. Característica esta que dificulta o conhecimento a respeito de nós mesmos.

Nesse sentido, é que lançamos mão de técnicas e tratamentos específicos, como a Psicanálise, com um conjunto de teorias e pesquisas que poderão elucidar, descobrir e interpretar junto com um terapeuta, o sentido de ações, pensamentos e sentimentos que nos trazem sofrimento.

Lembramos um texto de Pellanda (2001), que reforça a metodologia de nosso trabalho, salientando que a ciência é uma só e que as divisões que usamos para estudá-la são provisórias e artificiais, que envolvem somente razões práticas e didáticas. A questão que se coloca atualmente, diz ele, é complexidade versus reducionismo. Talvez, a Psicanálise seja a primeira Ciência da Complexidade, segundo o conceito, proposto por Morin (2002).

Freud demonstrou a multicausalidade das neuroses, no sentido de que estas não se tratam de um conjunto simples de causa e efeito sucessivos. Segundo ele, devemos buscar múltiplos conflitos. Assim, Freud começou a romper com o conceito cartesiano de ordenar o conhecimento, propondo um novo paradigma, apesar de sua formação na chamada “Ciência Clássica”. Ele, no entanto, se via como cientista, o que, naquela época, implicava aderir aos princípios positivistas cartesianos.

Outros autores, como Bion, questionaram o método e a técnica psicanalítica, propondo evoluções importantes. Abrimos mão da posição de deuses, que “criam”

saúde em nossos analisandos e passamos a ser partícipes, em um processo que ocorre, ao mesmo tempo, em nós e nele. Freud declarou ser “impossível ensinar”, mas somos obrigados a apreender.

O que pensamos e destacamos nesse trabalho é que a tarefa analítica é propiciar um espaço, onde ocorra a construção do conhecimento, que é simultânea e indissociável da construção da subjetividade.

Acreditando nisso, consideramos que somente uma nova ciência da complexidade pode dar conta de tentar aproximação ao entendimento do processo como um todo. É o que busca Morin (1983), quando conceitua a Complexidade, como: “tudo que tece”...

Portanto, temos consciência que este estudo não tem final, conclusões definitivas ou paradigmas imutáveis. Ele é inesgotável e repleto de desconhecimento e dúvidas; por isso mesmo, atraente. Deve continuar, visto que “vivemos no gerúndio”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO (395). De Mendacio. **Ccel**. Disponível em: <<http://ccel.org/fathers2/NPNF1-03/npnf1-03-35.htm>>. Acesso em: 12 set. 2003.

_____. (420). Contra Mendacium. **Ccel**. Disponível em: <<http://ccel.org/fathers2/NPNF1-03/npnf1-03-36.htm>>. Acesso em: 12 set. 2003.

_____. **A Cidade de Deus**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990-1999. 2 v.

_____. **A Cidade de Deus**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

_____. Le mensonge (De mendacio). In: **Oeuvres de Saint Augustin**. Trad. Fr. G. Combes. Paris: 1937-1948.

ANDRÉ, Alberto. **Ética e Códigos de Comunicação Social**. Porto Alegre: Sagra/DC Luzzatto, 1994.

ARENDT, Hannah. O Lugar da Verdade na Política. **Revista Mente e Cérebro**, São Paulo, a. XIV, n. 153, p. 39, out. 2005.

BACCEGA, Maria Aparecida. Construção da informação: os fatos e a verdade. In: **Comunicação em Debate**. São Paulo: Moderna, 1997. p. 39.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **O Sujeito da Escrita e a Trama Comunicacional**: um estudo sobre os processos de escrita do jovem adulto, como expressão da trama comunicacional e da subjetividade contemporâneas. 2000. 442 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade de São Paulo (ECA/USP), Porto Alegre, 2000.

BARBERO, Jesus Martín. América Latina e os anos recentes: estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton de. **Sujeito, o lado oculto do Receptor**. Trad. Sílvia Cristina Dotta e Kiel Pimenta. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 39-68.

BARTHES, Roland. **Ensaio Críticos**. Lisboa: Edições 70, 1971.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Trad. Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

BIBLIA, (Rm 3, 7-8), (Mt 5, 39).

BION, Wilfred R. **The long Week-end**. Abingdon: Fleetwood Press, 1982

_____. **“Conferências Brasileiras”**. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

_____. On Arrogance. In: **Int. J. Psycho-Anal.** vol 39, 1958. p.144-6.

_____. **Estudos Psicanalíticos Revisados**. Rio de Janeiro: Imago, 1967.

BLÁZQUEZ, Niceto. **Ética e Meios de Comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1999.

BLÉANDONU, Gérard. **Volviendo a Pensar**. 3. ed. Buenos Aires: Horme, 1985.

_____. **Wilfred R. Bion: a vida e a obra, 1897-1979**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

BONAZZI, Marisa; ECO, Umberto. **Mentiras que parecem verdades**. Trad. Giacomina Faldini. São Paulo: Summus, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **Sobre a Televisão**. Trad. Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRASIL, Antônio. Extinção das espécies: o telejornalismo e o mico-leão-dourado. **Observatório da Imprensa**. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/qtv030420021.htm>>. Acesso em: 03 abr. 2002.

BROSSA, Joan. **Desde Barcelona ao Novo Mundo**. Barcelona (Espanha): Fundació Joan Brossa, 2005.

BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CANETTI, Elias. **Auto de Fé**. São Paulo: Cosac Naifg, 2004.

CASTRO, Cosette. Tempos de Convergência Tecnológica. **Sete pontos**. Disponível em: <<http://www.comunicacao.pro.br/setepontos/convtec.htm>>. Acesso em: 05 out. 2005.

CASTRO, Daniel. Brasil consome quase 5h diárias de TV. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 de janeiro de 2005, p. E 4.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Viajando pelas interfaces do complexo espaço turístico: navegando em Irai/RS – Estudo de Caso. 2003. 103 f. Projeto de Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

CATALDO, A.; GAUER G.; FURTADO, N. (Orgs.) **Álcool e outras drogas depressoras: Psiquiatria para estudantes de Medicina**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

CHABANNES, Jacques. **St. Augustine**. New York: Doubleday & Company, 1962.

CONCOLATTO, Cláudia P. Por que mentir? **Annex**. Disponível em: <<http://www.annex.com.br/artigos/claudia.asp>>. Acesso em: 31 ago. 2005.

CONSCIÊNCIA.NET. Disponível em:
<<http://www.consciência.net/midia/eticanatv.html>>. Acesso em: 11 out. 2005.

CUNHA, A. G. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 1991.

DAMÁSIO, Antonio. **O Mistério da Consciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999/2005.

DANTAS JUNIOR, Alirio. A psicanálise e as novas formas de experiência humana determinadas pela globalização. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 36, n. 1, 2002.

DEFENSOR, Dalmo Magno. “Encontro Marcado” e “Casos de Família” são versões maquiadas dos “telebarracos”. **Uol**. Disponível em:
<<http://televisao.uol.com.br/uolvetv/2005/09/07/ult3111u14.jhtm>>. Acesso em: 07 out. 2005.

DEFLEUR, Melvin L.; BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da Comunicação de Massa**. 5. ed. (norte-americana). Trad. Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

DESCARTES, René. **Meditações**. Séc. XVII.

DUCLÓS, Miguel. Possibilidade e Realidade na Conduta de Má-fé. **Uol**. Disponível em: <<http://www.televisao.uol.com.br/uolvetv/2005/09/07/ult3111u14.jhtm>>. Acesso em: 29 ago. 2005.

DUSSEK, Enrique. **Ética comunitária: Liberta o pobre!**. Petrópolis: Vozes, 1986.

ENCYCLOPÉDIA BRITANNICA. Disponível em:
<<http://www.britannica.com/dictionary?book=Dictionary&va=pagan>>. Acesso em: out. 2004.

ENDLER, Sérgio. A ética da comunicação e a perspectiva comunitária. In: GADINI, Sérgio Luiz (Org). **Fragmentos & discursos da cultura midiática**. São Leopoldo: Unisinos, 2000. p. 38-43. (Cadernos de Comunicação – 6).

FALCCETO, Olga G.; WALDEMAR, Ovídio C. **Psiquiatria para Estudantes de Medicina**. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

FINOTTI, Ivan. "Quem fala mais?". **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 de abril de 2002.

FITZGERALD, Allan D. **Augustine throught the ages: an encyclopedia**. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing, 1999.

FREUD, Sigmund (1910c). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1970. v. XI, p. 53-124.

_____. (1914). Recordar, repetir, elaborar (Novas Recomendações sobre a Técnica da Psicanálise). **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 12.

_____. (1914b). O Moisés de Michelangelo. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. XIII, p. 249-280.

_____. (1901b). Psicopatologia da vida cotidiana. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. VI, p. 39-95.

_____. (1915c). Pulsões e destinos de pulsão. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIV, p. 123-164.

_____. (1927e). Fetichismo. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XXI, p. 175-187.

_____. (1950a). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. I, p. 197-299.

_____. (1891b). **A interpretação das afasias**. Trad. A. P. Ribeiro. São Paulo: Edições 70 Persona, 1977.

_____. (1893a). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. II, p. 39-55.

_____. (1895b/1894). Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada "Neurose de Angústia". In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. III, p. 87-114.

_____. (1895d). Estudos sobre a histeria. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. II, p. 17-38.

_____. (1896b). As neuropsicoses de defesa. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. III, p. 51-67.

_____. (1899a). Lembranças encobridoras. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. III, p. 269-271.

_____. (1900a). A interpretação dos sonhos. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. V, p. 468-566.

_____. (1908c). Sobre as teorias sexuais das crianças. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. VIII, p. 211-230.

_____. (1911b). Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. XII, p. 277-290.

_____. (1915d). O recalçamento. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIV, p. 165-184.

_____. (1915e). O Inconsciente. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIV, p. 185-244.

_____. (1917a). Uma dificuldade no caminho da psicanálise. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVII, p. 169-182.

_____. (1919e). Bate-se uma criança: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XVII, p. 225-258.

_____. (1920a). A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVIII, p. 183-214.

_____. (1920g). Além do princípio do prazer. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVIII, p. 13-88.

_____. (1925h). A negativa. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. XIX, p. 295-308.

_____. (1925d). **Inibição, sintoma e angústia**. Trad. M. A. Götze. Porto Alegre: APPOA, 1999.

_____. (1950c). **Projeto para uma psicologia científica**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

_____. (1930a). O mal-estar na cultura. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XXI, p. 75-174.

_____. (1940a). Esboço de Psicanálise. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. XXIII, p. 168-246.

_____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt: Fischer, 1987. 18 v.

_____. (1910d). As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XI, p. 125-136.

_____. (1910a). Cinco lições de psicanálise. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XI, p. 13-58.

_____. (1937d). Construções em análise. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XXIII, p. 291-308.

_____.; FERENCZI, S. **Sigmund Freud & Sándor Ferenczi: Correspondência**. Rio de Janeiro: Imago, 1994. v. 2.

_____. (1913). **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XXIV.

_____. (1913). Totem e Tabu. In: **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 13.

_____. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 14.

_____. (1916). Conferências introdutórias. In: **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 15.

_____. (1917). Luto e melancolia. In: **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 14.

_____. (1920). Além do Princípio do Prazer. In: **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 18.

_____. (1920). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. 7.

_____. (1917a). **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1976.

GABLER, Neal. **Vida, o filme**: como o entretenimento conquistou a realidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GADINI, Sérgio Luiz. Mídia, sentido e acontecimento. **Fragmentos & discursos da cultura midiática**. São Leopoldo: Unisinos, 2000. p. 63-80. (Cadernos de Comunicação – 6).

GALLO, Renata; JIMENEZ, Keila. Mundo-cão ganha tom cor-de-rosa. **Observatório da Imprensa**, São Paulo, ago. 2004. Seção Telejornal – Televisão. Disponível em: <observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos>. Acesso em: 01 ago. 2004.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. v. 1.

GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. v. 1.

GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v. 2.

GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. v. 3.

GAY, P. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GOMES, Pedro Gilberto. **A ética da comunicação desde uma perspectiva comunitária**. 1986. p.1-18. (mimeo).

GOUVÊA, Ricardo Quadros. **Kierkegaard lendo Agostinho**. Fides Reformata, 4/2, 1999.

GREEN, André. “A mãe morta”. In: **Narcisismo de vida e narcisismo de morte**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Escuta, 1988. p. 247-282.

GREGGERSEN, Gabriele. Disponível em: <<http://ccel.org/fathers2/NPNF1-03/npnf1-03-36.htm>>. Acesso em: 12 out. 2004.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Psicologia Social Crítica, como Prática de Libertação**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

GUARESCHI, Pedrinho A.; BIZ, Osvaldo. **Mídia & democracia**. Porto Alegre: Evangraf, 2005.

GUARESCHI, Pedrinho. Relatório do Projeto de Pesquisa “Comunidade, Mídia e Memória Social”. Programa de Pós Graduação em Psicologia da PUCRS. Porto Alegre, 2004b.

KARAM, Francisco José. **Jornalismo, Ética e Liberdade**. São Paulo: Summus, 1997.

KLEIN, Melanie (1919). O desenvolvimento de uma criança. In: **Amor, culpa reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 21-75.

LACAN, J. **O Seminário, livro 11**: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

LACAN, Jacques. Os Quatro Conceitos Fundamentais da psicanálise, Seminário, livro 11. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LEITÃO, Valton de Miranda. A função política da mentira. **Celpcyro**. Disponível em: <<http://www.celpcyro.org.br/funcaMentira.htm>>. Acesso em: 29 ago. 2005.

LODGE, David. **La Conciência y la Novela**. Barcelona: Ed. Atalaia, 2004.

MACIEL, Pedro. **Jornalismo de Televisão**. Porto Alegre: Sagra/ DC Luzzatto, 1995.

MARTINS, Carlos. Disponível em: <<http://www.carlosmartins.com.br>>. Acesso em: 07 set. 2005.

MASSON, J. M. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MATTA, Fernando Reys. A model for democratic communication. In: **Development Dialogue**, 1981, n 2, p. 79-97.

MORETZSOHN, Sylvia. Dizendo “a verdade”: o discurso da objetividade. In: **Jornalismo em “tempo real”**: o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro, 2002. p. 55-77.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. Da entrevista no rádio e na televisão. In: SILVA, Juremir Machado da; CLOTET, Joaquim (Org.). **As duas globalizações**: complexidade e comunicação, uma pedagogia. 2. ed. Porto Alegre: Sulina/ EdiPUCRS, 2002. (Coleção Comunicação - 13).

_____. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (Orgs.). **Para navegar no século XXI**. Porto Alegre: Sulina/EdiPUCRS, 2000.

_____. **O método 3**: o conhecimento do conhecimento. Trad. Juremir Machado da Silva. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. **O método III**: o conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 1999.

_____. **O paradigma perdido: a natureza humana**. Trad. Hermano Neves. Portugal: Publicações Europa América, 1973.

_____. Problemas de uma epistemologia complexa. In: _____ (Org.). **O problema epistemológico da complexidade**. 3. ed. Portugal: Publicações Europa América, 2002.

NASCIMENTO, Milton Meira do. **Opinião pública e revolução**. São Paulo: EDUSP/Nova Stela, 2003.

NELLI, René. **L'amour et les mythes du coeur**. Paris: Hachette, 1975.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Acerca da Verdade e da Mentira**. O Anticristo. Trad. Heloísa da Graça Burati. São Paulo: Rideel, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Humano, Demasiado Humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NOVAES, Adauto (org). **"A Descoberta do Homem e do Mundo"**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com/artigos/asp2901200393.htm>>. Acesso em: 07 out. 2005.

PASQUALLE, Antonio. **Comprender la comunicación**. 2. ed. Caracas: Monte Ávila Editores, 1990.

PELLANDA, Luiz Ernesto. Psicanálise e complexidade. **Revista da Sociedade Psicanalítica**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 277-282, ago. 2001.

PÉREZ, Gabriel Jaime. Ética y comunicación en la perspectiva de las identidades culturales. Hipótesis, cuestionamiento y propuestas desde America Latina. In: SIMPÓSIO DE ÉTICA DE LA COMUNICACIÓN, 1., 1995. p. 1-29. (mimeo).

PESSOA, Fernando. "Tabacaria" In: CAMPOS, Álvaro de. **Obra Poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977. p. 362.

PESSOA, Fernando. **Poesia**. Alberto Caeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PETRAGLIA, Isabel Cristina. **Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

PINTO, Alfredo Clemente (1854-1938). **Seleta em prosa e verso**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1980.

RAMOS, Roberto. Âncora: o xamã da ideologia. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 8, jul. 1998.

_____. Mídia e sensacionalismo: uma relação semiológica. **Revista da ADPPUCRS**, Porto Alegre, n. 5, dez. 2004. p. 57-61.

VEJA. São Paulo: Abril, 12 mar. 2003.

REVISTA VIVER MENTE E CÉREBRO. São Paulo, ano XIV, n. 153, 2005.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

RIBEIRO, Darcy, MOREIRA NETO, Carlos de Araújo (Orgs.). "**A Fundação do Brasil**". Petrópolis, Vozes, 1992.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. **Linguagem autoritária**. 2. reimp. São Paulo: Brasiliense, 2003.

ROSÁRIO, Nísia Martins do. Discurso televisivo e a via da prescrição – um olhar foucaultiano. **Verso e Reverso**. Disponível em: <<http://www.versoereverso.unisinos.br/index.php?e=3&s=9&a=24>>. Acesso em: 07 out. 2005.

ROUDINESCO, E; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ROUSSEAU, Jean Jaques. **O Contrato social**. São Paulo: Editora Escala, 1978.

_____. **Sobre a Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SALVADOR, Frei Vicente do. (1851). **História do Brasil 1500-1627**. São Paulo: EdUSP, 1982.

SANTOS, Lazir de Carvalho dos. A mentira: uma breve compreensão. **Geocites**. Disponível em: <<http://www.geocites.com/psicanaliseonline/mentira.htm?200531>>. Acesso em: 31 ago. 2005.

SBT. Casos de Família. Disponível em: <http://www.sbt.com.br/casos_familia/programa>. Acesso em: 29 out. 2005.

SCHILLING, Voltaire. Cultura e Pensamento – História. **Terra**. Disponível em: <http://www.terra.com/voltaire/cultura/tragedia_grega1.htm>. Acesso em: 25 mar. 2006.

SCHWARTZ, Tony. **Mídia: o segundo Deus**. São Paulo: Summus, 1985.

SCOTT, Gini Graham. **Can we talk? The power and influence of talk shows**. New York: Insight Books, 1996.

SILVA, Arlindo. **A fantástica história de Silvio Santos**. São Paulo: Editora do Brasil, 2002.

SILVEIRA, Nalú Alves. O *Talk Show* 'Jô Soares Onze e Meia': uma leitura do *Fait Divers*, poder e mito. 1999. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

SODRÉ, Muniz. **A máquina de Narciso**: televisão, indivíduo e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

_____. **A máquina de Narciso**: televisão, indivíduo, e poder no Brasil. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1990.

SOUSA, Francisco Antônio de. **Novo Dicionário Latino-Português**. Porto: Lello, 1984.

SOUZA, Eneida Maria de. Freud explica. **Consciência.org**. Disponível em: <<http://www.consciencia.org/contemporanea/sartre1.shtml>>. Acesso em: 29 ago. 2005.

SQUIRRA, Sebastião. **Boris Casoy**: o Âncora no telejornalismo brasileiro. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

TELEHISTORIA. Disponível em: <<http://www.telehistoria.com.br/canais/programas/sbt/josoaresonzeemeia.htm>>. Acesso em: 07 out. 2005.

TELEVISÃO UOL. Disponível em: <<http://www.televisão.uol.com.br>>. Acesso em: 07 set. 2005.

TORRES, Eduardo Cintra. A televisão de 'realidade' Copyright Público. **Observatório da Imprensa**. São Paulo, jan. 2003. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com/artigos/asp2901200393.htm>>. Acesso em: 07 out. 2005.

TRAMONTINA, Carlos. **Entrevista**: a arte e as histórias dos maiores entrevistadores da televisão brasileira. São Paulo: Globo, 1996.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**: uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1990.

ZAMBERLAN, Liége. Ecologia e Desenvolvimento e Eco 21: Comunicação e Meio Ambiente – um diálogo complexo. 2004. 56 f. Projeto de Dissertação (Mestrado em comunicação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

ZIMERMAN, David E. **Bion-da Teoria a Prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____. **Fundamentos psicanalíticos**: teórica, técnica e clínica: uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed, 1999.

_____. **Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

APÊNCICES

APÊNDICE A

CASOS DE FAMÍLIA - PROGRAMA Nº.: 1

Regina Volpato - Sua mãe se separou de seu pai e você ainda mora com ela, na sua opinião, 'tá' tudo muito bem assim como está. Só, que a sua mãe tem um namorado e ela vive falando em morar junto com esse companheiro, mas você não aceita isto de jeito nenhum. Não quero que minha mãe se case de novo é o nosso tema de hoje.

COMPACTOS DAS FALAS

Cibele - ...namorar já 'tá' bom. Ela já teve a experiência de casar ela viu que não é bom porque que ela quer casar de novo?

Lúcia – Só que também o meu casamento, não foi um casamento, que eu escolhi, foi os meus pais que escolheram pra mim.

Mauro – Eu já falei com a minha mãe, ele entrar eu saio que eu ainda tenho o meu pai ainda muito recente na minha memória.

Francisca - Ele acha, que eu não devo casar de novo, que eu não devo nem namorar.

Tatiana – Ele chega já 'óia' com cara feia, e 'nóis' fica lá, ai 'nóis' pirraça bastante até que ele vai embora.

Dilva – Eu vou cuidar da minha vida sozinha, então ela é que fique 'cás' criança.

Mônica – Já teve duas experiência, as duas não foi boa, ‘tá’ namorando num ‘tá’?

Bom, então não precisa casar.

Lúcia – ‘Tá’ crescendo, ‘tá’ grande, ‘tá’ moça, já né, já é mãe, ela vai casar também.

Regina– Olá, bem-vindos ao nosso programa e nossa primeira convidada de hoje é a Cibele, que tem 16 anos e diz: eu deixei de morar com meu pai pra morar com a minha mãe, não é justo ela agora, morar com outro homem. Tudo bem Cibele?

Cibele – Tudo.

R - Faz tempo que seus pais se separaram?

C - Três anos.

R - Três anos?

C – Isso.

R - E você, não foi morar com seu pai por quê?

C - Pra ficar com a minha mãe.

R - Mas ela pediu? O que aconteceu na separação?

C - Ela pi..., não ela não pediu, eu quis por que eu acho melhor ficar com a mãe do que com o pai.

R - E o seu pai, quando se separou da sua mãe, já foi morar com outra mulher?

C – Não.

R - Ele morava sozinho?

C - Sozinho

R - Hoje ele já tem uma namorada ou não?

C – Não.

R - Não tem ninguém?

C – Ninguém.

R - Mas a sua mãe tem um namorado?

C – Tem.

R - E o que que você acha, da sua mãe ter um namorado, Cibele?

C - Namorado normal, agora se casar não.

R - Porque Cibele?

C - Ah, porque eu acho tira a privacidade da gente em casa, e já namorar, já 'tá' bom. Ela já teve a experiência de casar, ela viu que não é bom, porque que ela quer provar de novo?

R – Porque, às vezes, não foi bom com seu pai, com outro homem pode ser mais legal?

C – Ah, mais no começo tudo é flor né? Depois...

R – Você não acredita que casamento pode ser uma coisa bacana?

C – Acho que sim, pra algumas pessoas, têm outras que não.

R - Pra sua mãe não?

C - Ah, pra ela da primeira vez não foi bom, acho que na segunda também não vai ser.

R – 'Tá'. Porque que você acha isto Cibele?

C - Ah, por que sei lá, ela já teve a experiência..., então mais..., eu acho que ela não deveria se casar, por que ela teve a experiência, ela já sofreu uma vez, eu tenho medo que ela sofra de novo.

R – Mais então, ela já teve uma experiência, então ela já deve ter aprendido algumas coisas não é? Algumas coisas que ela fez com seu pai, talvez ela não repita com esse novo companheiro e seja feliz se casando de novo?

C - Eu acho que não.

R - Você tem ciúme da sua mãe com ele ou não?

C - Um pouco.

R - Bom. Quem mora com a sua mãe; você, que tem 16 anos, quem mais?

C - O meu irmão Cleber, de 15, e uma menina de 18.

R - De 18?

R - Então você acha que você e a menina vão perder um pouco a privacidade?

C - Vai. 'Nóis' usa shorts curto saia e com ele em casa não vai dar essa privacidade.

R - Sai do banho vai pro quarto...

C - É, É...

R - ... não vai poder fazer porque ele vai estar lá?

C - É ahã, ahã. Isto mesmo.

R - 'Tá'. Ele freqüenta a sua casa Cibele?

C - Freqüenta.

R - Mas ele dorme lá ou não?

C - Não, nunca dormiu.

R - Não dorme?

C - Não.

R - E ele trata bem vocês?

C - Trata super bem.

R - Se comporta direitinho lá?

C - Se comporta.

R - Sua mãe é uma mulher..., é feliz ao lado dele?

C - É.

R - 'Tá', e quem falou em casamento pra você, ela ou ele?

C - Os dois.

R - Eles sentaram e conversaram?

C - Ahã, ahã, falaram os dois, que iam se casar que a gente ia se mudar, eu e meus irmãos, já não, não se casar não, e nem se mudar.

R - Se mudar pra onde Cibebe?

C - Pra perto do serviço dele.

R - Então, 'pruma' casa, que ele ia montar pra vocês?

C - Isto.

R - Então, ele não ia para sua casa?

C - Não. Por que meu pai também, não quer ele lá dentro.

R - Ué! Mas o seu pai não é separado da sua mãe?

C - É, mas a casa era dele, aí o meu pai não aceita também.

R - Eles não venderam a casa ainda?

C - Não.

R - Então, ele tem direito a metade?

C - Tem.

R - Bom Cibebe, aí vocês falaram se casar não?

C - Isso.

R - E se mudar também não?

C - Também não.

R - Então sua mãe não pode se casar com ele?

C - Pode. Depois que eu já tiver casada, sei lá, por que ela vai ficar sozinha em casa.

R - Já 'tá' noiva ou não?

C - Não (risos).

Vai demorar 'né' Cibebe? Risos de Cibebe. Quando... Na hora vocês falaram: não a gente não aceita?

C - Na hora a gente falou: não eu não aceito, não quero casamento e nem mudança.

R - Vocês nem pensaram no assunto?

C - Não, não, nem pensamos a gente já falou que não queria.

R - Antes, vocês os três filhos, já tinham conversado sobre o assunto ou não? Ou foi uma resposta que surgiu na...?

C - Antes, a gente nós três pensava: já pensou se ele pede a mãe em casamento?

Aí a gente já falava: ah eu não aceito, nem eu.

R - Vocês já foram pra conversa de caso pensado?

C - Ahã, já tinha pensado antes.

R - E qual foi a reação dos dois Cibele? Quando vocês falaram que não?

C - Vocês não acham que a gente merece ser feliz, e aquele lero, lero... risos

R - Vocês não, não?

C - Não.

R - Então vamos conhecer a mãe dela. O nome dela é Lúcia, tem 38 anos e diz: Isto é egoísmo, a Cibele tem que entender que o tempo não está a meu favor. L por favor, entre. Tudo bem L?

Lúcia - Tudo bem.

R - Você tem 38 anos?

L - Trinta e oito.

R - E o seu namorado?

L - Cinquenta e seis.

R - E vocês se dão bem junto?

L - Muito.

R - Ele te trata bem?

L - Muito.

R - Te leva para passear?

L - Sim.

R - Ele tem filhos ou não?

L - Dois filhos adultos, mas não moram aqui.

R - Então você não conhece os filhos dele?

L - Conheço.

R - E eles gostaram de você, te trataram bem?

L - Sim.

R - Se você se casasse com ele, os filhos dele aceitariam?

L - Aceitam.

R - E porque que você acha que os seus não aceitam, Lúcia?

L - Um pouco é ciúme, ou medo de me perder.

R - Mas assim, você já namora um homem?

L - Já.

R - O que que o casamento ia trazer de ameaça pra eles perder, pra eles ti perderem?

L - Eu não vejo nada, mas o que eles alegam lá em casa é que tem medo que eu sofra, por que o meu casamento foi tumultuado. Só que também, o meu casamento não foi um casamento que eu escolhi, foi os meus pais que escolheram pra mim.

R - Ah! Ficou quanto tempo casada?

L - Dezessete anos.

R - E os pais acertaram; escolheram o moço acharam que...?

L - É. Que seria legal, que seria um bom esposo, e que na verdade, eram pra eles pra mim não foi um bom esposo.

R - Não foi?

L - Não.

R - Foi um bom pai para as crianças?

L - Ele é um bom pai para as crianças.

R - É ainda até hoje?

L - É.

R - Que bom 'né' Lúcia?

L - É, mas é como a Cibele falou: casamento não, mas daqui a pouco eles crescem, casam e eu?

R - Pois é isto. Eu achei muito interessante o que você falou: a Cibele tem que entender que o tempo não está a meu favor.

L - não

R - O que que você quis dizer com isto Lúcia?

L - Hoje ela é uma menina e eu sou madura, amanhã ela amadurece e eu? Vou apodrecer, e aí?

R - Ah, você acha que...?

L - Eu já tenho 38 anos, já vivi, já tenho experiência, alguma experiência a mais que ela, então, assim, eu acho que é a hora; é uma pessoa que eu escolhi é uma pessoa que vai ser boa pra mim.

R - E se tiver que esperar, você acha que ele não vai esperar?

L - O tempo não 'tá' mais ao nosso favor. Risos.

R - Mas vocês se gostam? Não é?

L - Hum, hum

R - O que que esperar pode atrapalhar o namoro de vocês?

L - A Cibele já 'tá' grande, os meus outros filhos tão grande, eles precisam sair, passear e eu fico em casa com quem? Sozinha? Tudo bem, que hoje eu peço,

Cibele, Cléber, Sheila, vocês ficam em casa com a mãe? Eles ficam. Tanto que eles também não namoram, eles privam a vida deles também.

R - Ninguém namora? Nenhum dos três filhos Lúcia?

C - Não.

R - Porque Cibele? Você é muito novinha, mas você tem uma irmã de 18 anos?

C - Tenho.

R - Ela também não namora?

C - Não, pra gente ficar em casa com ela.

R - Como é que é?

C - Pra gente ficar em casa com ela, ela não fica sozinha.

R - Então vocês fizeram um pacto?

C - ninguém namora...

L - Nós somos uma família.

R - Aí ninguém namora, é isto que eu estou entendendo ou não?

L - É mais ou menos assim. Eles querem que eu namore e não me case, eu converso com eles por que eu acho assim, eles ainda estão novos pra namorar e com a idade deles tem muitas meninas, já, que são mãe entendeu.

R - Mas pode namorar sem ser mãe?

L - Pode, mas hoje as menina não tem tanta cabeça pra isso.

R - E você conversa sobre estas coisas com ela?

L - Converso, converso, tanto com ela, quanto com as outras

R - O que fazer para não engravidar, você fala com elas?

L - Converso.

R - É importante né Lúcia?

L - Então, eu falo pra elas, hoje eu acho, que é a hora de eu ser feliz, esperar mais pra que?

R - Hum Hum. Mas se você esperar o seu namorado espera junto com você, ou você tem medo que ele...?

L - Ele tem 56 hoje (risos), daqui a pouco ele ta com 70, e eu? Aí eles estão na flor da idade. Acho que não tem mais o que esperar já 'tá', dois anos junto.

R - Só, que a Cibele já falou que não quer nem se mudar, nem que você leve alguém pra dentro de casa (as duas falam o mesmo juntas)? Você vê alguma solução pra isso Lúcia?

L - Eu to estudando com eles viu.

R - O que que se já propôs assim, pra eles?

L - Já fiz bastante 'chantage' com eles também. Risos de Regina e Lúcia

R - Que tipo de chantagem Lúcia?

L - Ah! Como uma vez ela propôs; ela falou assim pra mim: ai eu podia morar um pouco com meu pai, ai eu falei: vai. Seu pai arruma uma mulher, eu sou a mãe, ela será apenas, uma madrasta. Madrasta não é mãe.

R - Mas Lúcia, falando isso, falando mal de uma futura companheira do pai dela, você não acha que ela, não pode pensar a mesma coisa do seu companheiro.

L - É o que elas falam pra mim.

R - Então?

L - Elas falam que se vai ter uma madrasta; não é mãe, um padrasto; vai ser pai?

R - Pois é?

L - Mas eu falo pra ela, pai não é o cria; pai é o que cuida que dá amor, não é só o que pôs no mundo.

R - Cibele, e você nunca viu o seu pai com outra moça?

C – Já.

R - E ai, como é que foi isso pra você?

C – Normal, ele não pensava em se casar com ela.

R - Se ele quiser se casar, você também não vai aceitar?

C – Não.

R - Mas você não mora com ele?

C - Ah, mas eu não ia aceitar.

R - E ele sabe disso?

C – Sabe.

R - E o que que ele acha do namorado da sua mãe?

C - Ele não conhece, mais acho que também sei lá...

R - Não fala nada?

C - ...tira a privacidade minha e da minha irmã em casa.

R - Ah, isso ele também falou?

C – Falou.

R – ‘Tá. E ele é um bom sujeito Lúcia? Ele é respeitador e tal?

L – É.

R - Porque se tem duas moças em casa né? A gente não pode esquecer disso.

L - É ele é.

Pergunta da platéia: Cibele você não acha que sua mãe merece uma nova chance de ser feliz?

C – Merece, mas no primeiro casamento ela não foi feliz e namorar...

R – Então, uma nova chance?

C - Mas namorar já ta bom, pra que casar?

R - Pra que casar Lúcia?

L - Pra ser feliz, completa, felicidade tem que ser completa.

R - Ele não dorme na sua casa?

L – Não.

R - E você, também não dorme fora?

L - Também não.

R - Que horas você tem que chegar em casa Lúcia?

L – Ai, umas dez e pouca, onze horas, também, para não deixar eles só.

R - Duas coisas me chamam a atenção: primeiro este pacto da família 'né'. Ninguém namora, ninguém sai, dez horas todo mundo junto, e aí assim, vive todo mundo num bolo, mas ninguém tem sua vida individual. Outra coisa; é a Cibele cuidando da Lúcia, num cuidado até, de mãe pra filha e não de filha pra mãe não é?

Psicólogo Fernando Braga – É, é estamos bem sintonizados por que era exatamente nisto que eu tava prestando atenção, e são duas forças parece, que estão sustentando a atitude dos filhos; a primeira delas é a esperança de que papai e mamãe voltem a viver juntos, isso pra mim, parece que 'tá' muito claro 'né'; e outra coisa é que, os filhos estão servindo como representantes do pai, ou representantes do antigo companheiro da Lúcia, 'né' pra mantê-la, digamos assim, não totalmente acessível como era a esse antigo companheiro, 'né' então, eu acho que o mais importante aí é a Lúcia manter esta atitude de que afinal de contas, é a vida dela que está em jogo os filhos estão crescidos, se for o caso que os mantenha, ah, na casa anterior e que ela possa viver a vida dela me parece...

R – Ela deve casar?

F - Sim, sim sem dúvida, sem dúvida.

R - E a Cibele? Como que a Cibele pode mudar a idéia dela?

F - Eu Acho que Cibele vai demorar um pouquinho pra aceitar isso, mas a mudança, inclusive, da mãe pra casa com esse novo companheiro pode ajudar essa, essa modificação. Enquanto isso se mantiver dessa maneira, nesse vai não vai, como a gente costuma dizer, esta situação vai se manter.

R - Nada muda

F – É.

R – ‘Tá’ jóia muito obrigada. Alguém que falar alguma coisa?

L – Eu acho que ele tem razão; é um pouquinho querer representar o pai dentro de casa é o que o meu filho sempre fala: tem que entender que tem um homem dentro de casa e que esse homem pede que um outro entre.

R - Olha só! E esse homem é o seu filho, que tem quantos anos?

L - Quinze anos.

R - Agora tem um recadinho pra você que ‘tá’ em casa. E no próximo bloco a gente vai conhecer um rapaz que diz: se o namorado da minha mãe entrar aqui, quem sai sou eu. Casos de Família volta já.

INTERVALO COMERCIAL

R - Não quero que minha mãe se case de novo é o tema do programa de hoje, mas agora eu quero falar pra você que está em casa do nosso portal de voz. Ligando e acessando casos de família você pode deixar a sua opinião sobre os nossos casos de hoje, saber quais serão os temas dos próximos programas, sugerir um tema da sua preferência ou deixar um contato para participar do programa se você mesmo tem um caso de família pra contar pra gente deixar o seu recado pra mim e muito mais coisa, então ligue para: 014 21 99760000 acesse o canal do Casos de Família e participe do nosso programa a hora que você quiser. Agora a gente vai conhecer o

Mauro, que tem 21 anos e diz: se o namorado da minha mãe for morar na minha casa eu saio. Ou ele ou eu? Mauro por favor, entre. Tudo bem Mauro?

M – Tudo.

R - Faz quanto tempo que seus pais se separaram?

M - Faz um ano e meio.

R - Um ano e meio?

M - Um ano e meio.

R - Você já aceitou a separação deles?

M - Mais, Mais ou menos.

R - E o namorado da sua mãe você aceitou?

M – Não.

R - Por quê? Qual é o problema com ele Mauro?

M - O problema é que eu não aceito. Ele entrar dentro de casa eu já falei 'cá' minha mãe, se ele entrar eu saio. Que eu ainda tenho meu pai muito recente na memória, aí outro homem na minha casa não.

R - O seu pai mora com outra mulher ou não?

M - Não, meu pai viajou 'né', mas não deu notícias até hoje.

R - Ah, faz um ano e meio que ele foi?

M - Foi, é tipo caixeiro viajante.

R - Não voltou e não deu notícias?

M – Não.

R - Então ninguém nem sabe onde ele 'tá'?

M – Não.

R - Se acha que ele vai voltar?

M - Eu acho que sim.

R - Ele nunca ligou?

M – Não.

R - E você, não tem como falar com ele?

M - Também não.

R – Então, porque que você acha que ele vai voltar Mauro?

M - É mais pressentimento de filho, por ser meu pai eu sempre acho que ele vai voltar, um dia, algum dia ele volta.

R - Quer dizer que você gostaria que ele voltasse?

M – Gostaria. E muito.

R - Ele não liga pra saber nem de você?

M - Não liga.

R - Não manda um dinheiro, não manda nada?

M - Não manda nada.

R - Sua mãe acha que aconteceu o quê com ele Mauro?

M - Minha mãe acha que ele abandonou todo mundo e foi embora viver as aventuras dele.

R - Por quê? Ele já fez isto outras vezes?

M - Já.

R - Ah, ele já fez outras vezes?

M - Já fez; sempre fez. Sempre viajou; era um pai ausente 'né', mas...

R - Como que, como que era seu pai enquanto ele morava com vocês?

M - Meu pai ele é tipo viajante ele nunca pára em casa, mas dificilmente pára em casa.

R - Caminhoneiro ou não viajante; isso?

R - Caixeiro viajante.

R – ‘Tá’.

M - Viaja, as vez vai em casa, conversa, traz um negócio, traz outra coisa, e viaja de novo.

R - Quanto tempo ele costuma ficar fora?

M - Costuma dois meses no máximo, agora já faz um ano e meio.

R - Agora já faz um ano e meio. Ninguém da família sabe dele Mauro?

M - Ninguém

R - Você tem contato com sua avó e seu avô?

M - Tenho contato com todo mundo, mas até hoje ninguém...

R - Nem uma pista, nada?

M - Nem uma pista nada.

R - E vocês já foram na polícia pra saber se ele morreu?

M – Já.

R - E qual foi a resposta?

M - Não foi encontrado nada.

R - Não foi encontrado nada?

M - Não, mas como a gente já conhece o meu pai, ele deve ‘tá’ batendo um mundão por aí.

R – ‘Tá’. Se acha que ele pode ter arrumado outra família?

M - Eu acho.

R - ‘Tá’ Bom. Aí depois de quanto tempo sua mãe arrumou um namorado?

M - Dois meses.

R - Dois meses?

M - É.

R - Quando ela arrumou um namorado você aceitou?

M – Não.

R - Mas Mauro por quê?

M - Por que é como eu já falei, eu vi meu pai com a minha mãe junto eu não ia conseguir ver a minha mãe com outro homem.

R - Mas o seu pai foi embora?

M - É então, mas na minha cabeça na minha memória, assim, eu não aceito.

R - Sua mãe sai com esse namorado dela?

M – Sai.

R – Sai se diverte?

M - Se diverte.

R - Ele dá presente pra ela?

M - Dá bastante.

R – Oh, Mauro, então, ele te trata direito?

M - Não falo com ele.

R - Não fala com ele?

M - Ele nem em casa ele vai.

R - Porque ele já, você não...?

M - Eu não quero.

R - Mas quando que foi a primeira vez que você viu a cara desse moço?

M - Bem distante, assim.

R - Te mostraram?

M - É, é esse.

R - É ele?

M - É. Ele lá e eu aqui.

R - Mas ele sabe assim, que você não gosta dele e tal?

M - Sabe, sabe.

R - Ele já tentou se aproximar de você?

M – Já.

R - O que que ele fez?

M - Ele mandou um presentinho assim, um relógio, mas mesmo assim eu mandei a minha irmã devolver.

R - Mandou devolver?

M - Sim com a cabeça, mandei.

R - Mas era legal o relógio ou não?

M - Era legal mais...

R - Suas irmãs conhecem o moço?

M – Conhecem.

R - E o que elas acham dele Mauro?

M - Acham ele legal, tentam fazer eu me aproximar dele, mas não dá.

R - E ele dá presente pra elas também ou não?

M - Dá bastante.

R - Então ele procura ser um sujeito bacana 'né', Mauro?

M - É só que eu falei com as minhas irmãs, no começo é tudo legal. Aí 'tá' bom, eu deixo ele morar lá em casa; ele vai mora, aí com passar dos dias ele começa a brigar com a minha mãe a reclamar eu não vou gostar. Se eu fosse um pouco mais pequeno podia até entender, mas depois de grande não dá.

R - Só que você está vendo uma situação na sua frente, Mauro, um filme que você nem sabe se vai acontecer ou não?

M - Então, mas...

R - A gente não sabe se ele vai maltratar a sua mãe, a gente não sabe se a sua mãe vai aceitar ele dentro de casa maltratando a família? A sua mãe já falou em sair da sua casa para ir morar com ele ou não?

M – Não.

R - Ele é que quer ir pra sua casa?

M - Ele que quer ir, mas ele tem casa.

R - Ele tem casa e porque que eles não vão pra casa dele? Se não sabe?

M - O fato da minha mãe não querer deixar a gente sozinho.

R - Hum, então sua se preocupa com a sua opinião?

M - Se preocupa.

R – Bom, então vamos conhecer a mãe dele. O nome dela é Francisca, que tem 42 anos e diz: acho que o Mauro não aceita meu namoro, por que ele ainda gosta muito do pai. Francisca por favor, entre. Tudo bem Francisca?

F – Tudo.

R - No seu coração, na sua intuição de mulher, o que que você acha que aconteceu com o pai do Mauro?

F - Ele foi embora né, por que a gente conversou é que nem... era assim, ele vinha passava um mês, dois mês, só 'veve' fora chegava nem pra mim ele olhava.

R - Mas vocês tiveram quatro filhos?

F – É, quatro filhos.

R - A vida de vocês dois juntos sempre foi assim?

F – É, sempre assim.

R - Vinha ficava dois três meses?

F - Hum, hum.

R - Ficava quanto tempo fora Francisca?

F - Um ano, dois ano... A maioria assim, quando ele vinha me engravidava voltava, quando voltava os menino já 'tava' grande essas coisa aí.

R - Bom ele já ficou então fora dois anos?

F - Ficou.

R - Agora faz um ano e meio que ele 'tá' fora?

F - Isso.

R - Se acha que ele volta ou não?

F - Não, eu acho que não. A gente conversou 'né', eu falei pra ele, se fosse pra continuar assim ele que fizesse o favor de ir e não voltar mais, por que eu não 'tava' mais agüentando aquilo entendeu?

R - Quanto tempo juntos Francisca; você e ele?

F - Vinte anos.

R - Vinte anos?

F - É, vinte anos.

R - E aí assim, da última vez que ele esteve aqui você resolveu ter uma conversa séria com ele?

F - Isso, isso. Eu cheguei pra ele conversei: 'óie' não dá mais, se for pra viver assim, não dá mais você vai e vem entendeu, chega em casa e num olha pra responsabilidade então...

R - Você criou os quatro sozinha, então?

F - Sozinha.

R - Ele não mandava dinheiro, nada?

F - Nada, nada, nada.

R - Não ligava pra saber se estava tudo bem?

F - Nem nada disso.

R - E porque que apesar de tudo isso, de tanto tempo fora e tão pouca atenção, porque que você acha que o Mauro gosta dele, acha que ele vai voltar e não quer ver outro homem ao seu lado, se não o pai dele?

F - Então, é por que o Mauro o Mauro ele, ele é muito apaixonado pelo pai dele, apesar de tudo 'né', que ele foi criado só comigo mesmo, ele tem que ver isso também, que o pai dele sempre abandonou eles, mas ele acha que eu não devo casar de novo, que eu não devo nem namorar. Quando eu conheci meu namorado eu falei: Mauro 'tô' namorando ele já falou: aqui ele não entra.

R - Já de cara?

F - Já de cara. Assim que eu cheguei eu falei pra ele 'né', Mauro 'tô' namorando arrumei um namorado; ele: aqui ele não entra. Eu digo, mas por quê?

R - E ele é um bom rapaz?

F - É ele é um rapaz bom.

R - Trabalhador?

F - Trabalhador.

R - Tem a casa dele?

F - Tem a casa dele exatamente e...

R - E vocês pensam em morar juntos na sua casa?

F - É eu..., ele quer morar comigo 'né'.

R - E você quer morar com ele?

F - Eu quero, eu quero morar com ele por que assim, eu quero um companheiro assim, pra... eu vivo muito sozinha entendeu, eu tenho eles, mas eu me considero uma mulher assim, solitária, assim, sozinha, então eu quero morar com ele.

R - E ir pra casa dele?

F - É pra casa dele assim eu não vou porque... por causa deles.

R - Mas já estão todos crescidos? O Mauro já tem 21 anos, já é maior de idade...

F - Então, é que têm as outras que são menor tem a Carol com quatorze; a Ana Carla com doze.

R - E você também, não gostaria de deixar os filhos?

F - Isso, eu não gostaria.

R - Você quer todos juntos em harmonia?

F - Junto é, eu jamais abandonei os filho como nunca abandonei né. Então, eu não tenho essa coragem, então, eu queria que ele viesse morar lá em casa com a gente.

R - Só que o Mauro não aceita?

F - Só que o Mauro não aceita o Mauro não quer.

R - Mauro nem conhecer o moço você quer?

M - Não.

R - Bater um papo com ele?

M - Muito menos.

R - 'Cê' não sabe nem o time de futebol que ele torce?

M - Não.

R - nada?

M - Nada.

R - Qual o seu time?

M - Santos.

R - E o dele Francisca?

F - São Paulo.

R - Ih, já não ia dar certo! Risos de todos. Não seria um bom começo?

M - Não seria um bom começo.

R - Mauro você acha que se pai foi um bom pai?

M - Foi um bom pai

R - E como marido?

M - Como marido...

L – Péssimo

M – regular

R - Regular?

M - Regular.

R - Você acha que sua mãe deve esperar seu pai quanto tempo?

M - Mais um aninho 'tá' bom!

L – Não.

R - Mais um ano?

M - Mais um ano.

R - Francisca e seu atual namorado você acha que espera um ano?

F - Espera nada! Quer dizer...

R - Mas porque não se ele gosta de você?

F - ...assim eu é que não quero mais esperar por ele entendeu? Por que eu já conversei com ele já falei pra ele, mesmo que ele volte só se for pra visitar eles 'né', mas a mim mesmo 'né'...

R - Mesmo que ele volte amanhã pra você acabou?

F - Acabou, acabou o amor, acabou tudo não existe mais.

R - E quem escolheu a sua namorada?

M - Eu

R - E se a sua mãe não gostasse da sua namorada?

M - No começo minha mãe não gostava também não.

R - Mudou de idéia?

M - Mudou de idéia.

R - Então você também pode mudar de idéia com relação ao namorado dela?

M – Então, mas, namorar pode agora casar e colocar dentro de casa é outra história.

R - E você não quer casar com sua namorada?

M - Não agora não.

R – Então, no dia que vocês resolverem vai ser uma decisão...? É interrompida por Mauro

M - O dia que eu decidir casar a minha mãe pode colocar ele dentro de casa.

R - Então, mas vai ser uma decisão do casal não é?

M - Do casal

R - Não é a sua mãe que vai falar: não 'tá' muito cedo espera mais um ano?

M - Não, não.

R - É uma decisão do casal isso?

M - É uma decisão do casal.

Pergunta da platéia – Mauro você não acha que você 'tá' sendo injusto com a sua mãe você se deve se colocar no lugar dela...

R - Porque injusto?

Platéia - ...porque o pai dele não fez a mãe dele feliz e nem eles e agora ele não 'tá' deixando a mãe dele ser feliz também. Esse companheiro tem a oportunidade de fazer ela feliz como seu pai não fez.

M - Mas ela é feliz com a gente ela pode namorar com ele, é que nem eu falei, ela só não pode casar e colocar ele dentro de casa.

R - Que falar alguma coisa Francisca?

M - Então, é porque ele quer mandar em mim, ele acha que ele é o 'bãbãbã', da casa 'né'? Só ele de homem 'né', ele quer mandar em mim ele quer mandar em tudo que eu faço.

R - Não é que você não é feliz com os seus filhos; como mãe você é feliz, mas é que também, você quer ser feliz como mulher?

F - É também como mulher. Então, eu só feliz assim com eles, mas não tem tudo assim que eu quero 'né'. Ele não dá o que eu quero 'né'... Risos de todos

R - Tem coisas que só o namorado 'né'?

F - É.

R - Ou o marido?

F - É verdade.

R - Difícil pro filho ver a mãe como mulher não é?

Psicólogo Fernando Braga: É.

R - Foi como a Francisca falou, tem coisa que só o namorado o filho quer que ela espere um aninho ela não quer mais? Faz vinte anos que ela está esperando não é?

Francisca – Ou! Risos de todos

Fernando – O problema é que daqui a um ano tem prazo de prorrogação e por aí vai.

R - Pois é esse ano...

Fernando - A principal dificuldade, ãh, pro Mauro eu estou entendendo que é conviver com esta angústia de se deparar com o fato de que o pai infelizmente foi um pai ausente.

R - Primeiro admitir este pai como ele foi?

F – Exatamente. E caso ele aceite a presença desse companheiro da Francisca em casa, ele vai ter que olhar pra essa realidade de frente por que pelo que 'tá'

parecendo ele acompanha essa situação do pai como se o pai não tivesse tido condições de fazer diferente e de repente aparece um sujeito que se propõe a ficar com uma mulher que já teve outro companheiro e que tem filhos, ou seja, demonstrando assim amor, prometendo estabilidade, prometendo carinho e tudo mais. E isto aí vai fazer com que ele esteja impactado 'né', vai levar um choque de reparar que esse sujeito pode fazer melhor do que o pai dele pôde fazer.

R - Entendi. Agora como que ele pode conviver com isto e deixar a Francisca tocar a vida dela pra frente?

F - Isso depende muito mais de uma conversão interna de se abrir e deixar isto entrar nele do que propriamente de conselhos que a gente possa dar ou que as pessoas possam dizer isto depende de alguma coisa que vem de dentro pra fora, dele poder se abrir a esse rapaz, que me parece um ótimo sujeito, inclusive.

R - E se a Francisca assim tomar uma decisão radical, vou casar com ele; ele vai morar aqui?

F - Bom, pelo menos o Mauro vai poder, quem sabe, mudar pra uma casa com a namorada dele ou alguma coisa assim, construir a própria família. O Mauro é um rapaz de 21 anos de idade, lúcido, pelo visto, trabalhador, sério acho que não há nenhum problema nisso.

R - No próximo bloco a gente vai conhecer uma moça que diz: se a minha mãe casar de novo os filhos vão ficar sem o carinho dela. A gente volta já.

Tatiana – Ele chega já olha com cara feia, e 'nóis' fica lá aí 'nóis' pirraça bastante até que ele vai embora.

INTERVALO COMERCIAL

R - Não quero que a minha mãe se case de novo é o tema do Casos de Família de hoje. E agora a gente vai conhecer a Tatiana, que tem 19 anos e diz: se a minha

mãe se casar ela vai deixar de dar carinho aos filhos. Tatiana por favor, entre. Tudo em Tatiana?

T - Tudo

R - Sua mãe é carinhosa com os filhos?

T - É bastante

R - Que bom 'né'? São quantos filhos?

T - É somo em quatro, seis.

R - Seis?

T - seis.

R - Todos moram com ela ou não?

T - Não um é falecido e o outro 'tá' no Rio de Janeiro.

R - Quatro moram com ela?

T - Isso.

R - E assim, que tipo de carinho que sua mãe faz pra vocês?

T - Tipo assim, eu sou casada 'né'.

R - Mora com ela ou não?

T - Moro do lado da casa dela, mesma parede.

R - Ah.

T - Aí 'vixe', ela faz de tudo pra 'nóis' até eu depois de casada, ela mima bastante a gente, vai pra shopping vai pra salão com 'nóis' depois que ela casar não vai ser a mesma coisa.

R - Mas porque não?

T - Ah, por causa que aí ele vai prender bastante ela.

R - Ela já tem um namorado?

T - Já.

R – ‘Vixe’, pela cara você não gosta dele?

T – Não.

R - Qual o problema com ele Tatiana?

T - ‘Óia’ ele é um mala!

R - Mala?

T - É, chato.

R - Chato?

T – Bastante.

R - Porque?

T - Assim eu vou lá; lá na casa da minha mãe e fica eu, levo umas amiga ‘nóis’ liga o som lá na casa dela a televisão fica... Faz a maior zoadá até ele chegar em casa, aí ele chega já ‘óia’ com cara feia, e ‘nóis’ fica lá, aí ‘nóis’ pirraça bastante até que ele vai embora. Aí ele não agüenta e vai embora.

R - Ah então vocês fazem de propósito?

T - De propósito

R - Faz tempo que eles estão juntos Tatiana?

T - Cinco anos.

R - Faz um tempão então? Afirma que sim com a cabeça. No começo vocês se davam bem ou não?

T - Não, sempre foi a mesma coisa.

R - Foi piorando com o tempo?

T – Foi, mais depois, que falou que queriam se casar ‘né’ quando ‘tavam’ namorando até que a gente...

R - Tudo bem?

T – É.

R - Mais assim, quando um rapaz, quando um moço que casar com uma moça não é porque ele 'tá' bem intencionado, porque gosta dela não é, tudo isto ou não?

T - É... (fez cara feia)

R - Nesse caso você acha não?

T - Nesse caso dela não.

R - Porque que que você acha que ele quer casar com ela?

T - Ah, ele tem que trabalhar uma explicação ele não fala, ele só fala que gosta muito dela...

R - Isto não é uma explicação?

T - Ah, mais pra 'nóis' não é.

R - Ela mora com quatro filhos grandes já?

T - Não, têm duas que são casadas, a mais velha e as outras crianças, três crianças que ela cuida.

R - Três crianças de quem?

T - Que não são dela, que a mãe abandonou e deixou com ela.

R - Ela adotou?

T - Isso.

R - 'Tá'. E que idade tem as crianças?

T - Os gêmeos têm sete meses e o outro tem três anos.

R - Nossa! Bebê?

T - Bebê

R - E o namorado dela queria morar com ela e com as crianças?

T - Ele queria sem as crianças.

R - Sem as crianças?

T - Sem.

R - E ela o que que acha disso?

T - Ah, enquanto ela ta com as criança ela não vai 'né'. E se ela não tivesse as criança?

R - 'Tá', bom. Eles saem pra passear, eles saem pra dançar ou não?

T - Assim, a gente deixa ela sair, mas tem que levar a nossa outra irmã junto.

R - Como assim, a gente deixa ela sair? Sua mãe 46 anos Tatiana?

T - Tem, mas ela tem que levar a outra de treze, senão...

R - Tem que levar a de treze?

T - Tem.

R - Por quê?

T - Ah..

R - Pra vigiar?

T - Pra vigiar

R - Mas Tatiana você já é uma mulher casada?

T - Risos da Tatiana. Já.

R - E ela leva?

T - Leva, se não levar não vai.

R - E ela... Se não levar vocês não deixam ela ir?

T - Não deixa

R - Ela fazia isto com vocês?

T - Ah, cá minha irmã mais velha a minha irmã falava que fazia 'né', colocava 'nóis'...

R - Mas com você não?

T - Comigo um pouco, colocava um dos... O meu sobrinho.

R - E mesmo tendo que levar a sua irmã, que hoje tem treze anos, eles estão juntos a cinco anos?

T – Isso.

R - Ele dorme na casa dela ou não?

T – É em vez em quando não muito.

R - Ela dorme na casa dele ou não?

T - Não

R – Por quê? Vocês não deixam?

T - Não.

Então vamos conhecer a mãe dela. O nome dela é Dilva ela tem 46 anos e diz: Eu vou me casar contra a vontade da Tatiana e se ela não quiser ir na minha casa o azar é o dela. Dilva por favor, entre. Tudo bem Dilva?

Dilva - Tudo bem.

R - Vai casar?

D - Vou.

R - Já marcou a data ou não?

D - Não ainda não.

R – ‘ Tá’ faltando o que pra marcar a data?

D - Ela não deixa.

R - Mas você falou que vai casar de qualquer jeito?

D - De qualquer jeito eu vou casar ela deixando ou não eu vou casar

R - Mas elas não deixam nem você sair sozinha com seu namorado, como que você vai conseguir casar Dilva?

D - Eu fujo. Risos

R – A primeira vez que você casou você precisou fugir ou não?

D – Não.

R - Casou seus pais deixaram tudo certinho?

D - Tudo certinho

R - Porque que você acha que a Tatiana é contra o seu casamento?

D - Ah, porque eu sofri muito 'né,' no passado, 'né'. Então, ela acha assim, se eu casar ou for morar junto eu vou; vai perder o carinho, assim 'né', assim, de eu dá pra ela, mas não tem nada a ver por que ela tem que cuidar da vida dela e eu tenho que cuidar da minha, levar a minha pra frente.

R - Mas ela falou Dilva que você cuida de três crianças 'né'?

D – Cuido.

R - Os gêmeos com sete meses...

D – Isso.

R - ...e uma outra criança de três anos? É isso?

D - Três aninhos, isso.

R - E você ia levar as crianças junto ou não?

D - Deixo com ela.

R - Deixa com a Tatiana?

D - Deixo com ela. Risos.

R - Mas quem escolheu criar estas crianças?

D – Não, é por que a mãe abandonou 'né', então, é sobrinho meu 'né', eles são sobrinho, então ficou lá comigo, inclusive, até, eu tenho que pegar a guarda deles, mas como que ela não quer que eu case 'né' vou morar junto, então eu vou cuidar da minha vida sozinha, então ela que fica com as criança.

R – 'Cê' vai abandonar tudo?

D - Abandono tudo.

R - Até as crianças?

D - Até as crianças.

R - Mas a Tatiana tem condição de cuidar das crianças?

D - Ah, ela vai ter que ter 'né'.

R - E entregar as crianças pro Conselho Tutelar?

D - Não, entregar as criança a senhora fala assim, pra mim entregar?

R - Isso.

D - Não ai eu vou lá, resolvo lá entrego pra ela.

R - Pra Tatiana?

D - Pra Tatiana.

R - E a Tatiana vai aceitar as crianças?

T - Não.

R - Não, coitada das crianças 'né'?

D - Vai ficar com ela.

R - São três 'né'?

D - Fica com ela.

R - Mas o seu namorado te leva pra passear Dilva?

D - Em vez em quando.

R - Ele é um bom namorado?

D - Pra mim é.

R - Mesmo sem sair para passear?

D - Pra mim é.

R - Porque que ele é legal Dilva?

D - Em tudo ele é bom pra mim.

R - Por exemplo?

D - Em ele... Pra dar as compra fazer de tudo ele faz pra mim.

R - 'Tá'. Ele é ciumento?

D - Um pouco.

R - Pouca coisa?

D - É.

R - A cara da Tatiana... Risos. Te dá carinho, te dá atenção?

D - Bastante.

R - A Tatiana fala que ele é chato!

D - Pra ela.

R - Ela falou que ela coloca som alto televisão alta pra provocar ele?

D - Pra provocar ele; é ele chegar ela faz isso.

R - 'Ta', e o que que você acha disso Dilva?

D - Ah, o que eu acho é que ela quer 'tá' mandando muito na minha vida, 'tá' cuidando muito da minha vida, ela tem que cuidar da vida dela.

R - Porque, tudo isto acontece na sua casa 'né' Dilva?

D - Só na minha casa. É só ele chegar.

R - E como que ele se comporta quando elas fazem isto?

D - Ah, ele fica nervoso.

R - Mas briga com elas?

D - Não.

R - Briga com você?

D - Comigo, chama eu atenção.

R - E você faz o que Dilva?

D - Aí eu chamo ela atenção, na frente dele mesmo, ainda, aí é quando ela pirraça mais ainda.

R - Aí todo mundo briga e ninguém se entende?

D - Todo mundo briga.

R - O som fica alto e ele vai embora? 'Cê' fica sem namorado?

D - Aí ele vai embora

R - E depois que ele vai embora, o que que a Tatiana faz?

D - Aí ela vai lá e desliga.

R - Olha só! Aí acabou a graça 'né' Tatiana?

T - É aí acabou graça.

R - Então assim, se sua mãe quiser continuar namorando pode?

T - Ah, poder pode, mas casar...

R - Casar de jeito nenhum?

T - Não

R - E ela pode namorar esse moço ou ela precisa mudar de rapaz?

T - Não, pode ser até ele 'né'.

R - Pode ser?

T - É 'nóis' dá um jeito.

Pergunta da platéia – Eu queria dizer pra Tatiana o seguinte: ela já casou ela tem que deixar a mãe dela ser feliz, ela é nova bonita e a senhora pegou as crianças pra cuidar a senhora, o namorado da senhora tem que aceitar a senhora com as criança do jeito que a senhora pegou tem que assumir, e ela tem que cuidar da vida dela e não fazer isso que isso é feio.

R - Obrigada. Tatiana e o seu marido é legal?

T – É.

R - Ele é legal?

T – É.

R - Ele não é chato como o ...?

T – Não.

R - Ele é; 'cê' gosta do marido dela Dilva?

D – Gosto.

R - A Tatiana quer a mãe dela ali, e tem essa história das crianças que também... o destino dessas crianças também'tá' em jogo não é?

Psicólogo Fernando Braga – 'Tá', é a primeira coisa a ser definida, independentemente, da Dilva casar, e parece que ela vai se casar, é definir com quem ficam essas crianças. Precisam ter uma figura paterna, uma figura materna, já tiveram um primeiro abandono seria trágico, caso fossem abandonadas novamente não é. Agora com relação à Dilva e a Tatiana, me parece que a Tatiana 'tá' sentindo como se ainda não tivesse podido contar com a mãe o suficiente 'né'. E uma coisa não quer dizer a outra, necessariamente, a Dilva pode casar e ainda assim, vai continuar sendo mãe da forma como é, que é uma pessoa muito receptiva, muito generosa, cuida além dos filhos, dessas três crianças, e a Tatiana parece que não quer perder essa "mamata", vamos dizer, entre aspas 'né', de ter a mãe sempre disponível e não me parece que pelo fato de se casar com esse rapaz que ela...

R - Que ela vá abandonar?

F – Isso. É que vai ter que se dedicar mais do que se dedica ao namoro. O namoro também é uma coisa exigente, tanto quanto casamento.

R - É isso mesmo Tatiana?

T - Ah, um pouco é 'né', mas não tem condições dela se casar.

R - Casar não, e ponto final?

T - É e ponto final.

R - Agora a gente vai pro intervalo e no próximo bloco a gente vai conhecer uma moça que não aceita outro homem morando na casa que o pai dela construiu. Daqui a pouquinho a gente volta, até já.

Mônica - Já teve duas experiência, as duas não foi boa, 'tá' namorando, não 'tá' bom então, não precisa casar.

INTERVALO COMERCIAL

R - Estamos voltando com o último bloco do programa Casos de Família, antes eu quero mostrar pra você um pouquinho do que vai acontecer no programa de amanhã veja só.

Ela perdeu a confiança total 'ni' mim, por causa da minha irmã...

Por tentar esconder uma coisa da irmã ela acabou se prejudicando mais ainda...

Ela acha que ele errou, ela acha que não vai dar certo, ela acha que ele tem que vir embora...

Vai que eu alimento o sonho dele e depois eles fala assim: se tem que assinar que ele, eu não vou assinar...

Tenho que inventar que eu vou 'pá' outro lugar e vou 'pá' festa salão assim...

Tenho medo penso, de repente ela possa também, vim fazer...

R - Pois é isso você não pode perder o programa de amanhã, que também vai estar ótimo, como você pode ver aí, só lembrando, Casos de Família começa as quatro da tarde de segunda à sexta aqui no SBT. O tema do programa de hoje é: não quero que minha mãe se case de novo e agora a gente vai conversar com a Mônica, que tem 19 anos e diz: tenho medo que minha mãe se case e sofra de novo, no começo o meu pai também era legal. Mônica por favor, entre. Tudo bem Mônica?

Mônica – Tudo.

R - Você gosta do namorado da sua mãe?

M - Ah, assim eu gosto dele, mas não pra ele casar com ela.

R - Porque não?

M - Ah, por que a minha mãe ela já casou com meu pai, ela sofreu muito, e depois que ela separou do meu pai ela já casou também 'né', e saiu de casa foi morar com ele não deu certo, sofreu novamente, então pra que...

R - Quando ela foi da segunda vez você foi junto?

M - Isso, eu e meu irmão fomos juntos, daí um tempo eu fiquei e não me dei bem com o marido dela e voltei pra morar com a minha irmã e, ela sofreu, e voltou de novo pra casa, separou e voltou.

R - Então ela está querendo se casar pela terceira vez?

M - Pela terceira vez

R - E porque que você acha que, de novo não vai dar certo Mônica?

M - Ah, porque ela já teve duas experiência, as duas não foi boa, 'tá namorando'. Não 'tá' bom? Então, não precisa casar.

R - Quando ela resolveu se casar de novo todo mundo acreditou, que dessa vez ia ser diferente?

M - Não eu...

R - Você acreditava que não?

M - Não, eu não queria e meu irmão também não queria.

R - Porque Mônica? Ciúme da mãe ou porque vocês achavam que não ia dar certo?

M - Ah, acho que as duas coisa 'né'.

R - 'Tá'.

M - Eu não quero que minha mãe case.

R - E na segunda vez que não deu certo, aí você viu a mesma história se repetindo?

M - Isso, a mesma hist...

R - Começou igualzinho?

M - É no começo era mil maravilhas, era amor pra cá, amor pra lá e aí depois começa as brigas tudo de novo

R - E as brigas pelos mesmos motivos, ou você não sabe dos motivos?

M - Daí eu já não sei dos motivo 'né'.

R - Você só via as brigas?

M - Isso.

R - Daí separa...?

M - E também assim, por que quando ela namorava com esse outro que ela casou...

R - O segundo?

M - É o segundo, é ele no começo era as mil maravilha depois ele não queria que ela saísse, não queria que nada, então quer dizer no namoro ele deixava e quando casou vai proibir.

R - E esse?

M - E esse pelo jeito vai ser a mesma coisa por que ele já não quer que ela sai, ele briga com ela quando ela sai sozinha, assim, ele liga na minha casa atrás dela se ela não 'tá' pronto já é um motivo...

R - Ah, ele vai pra sua casa?

M - Não na minha casa não, ele liga só.

R - Ah, ele liga?

M - Isso .

R - Ah, Ele liga ela não está aí...

M - Isso.

R - Aí ele queria ir morar na casa que vocês moram que é a casa que o seu pai construiu 'né'?

M - Isso

R - Ou ele quer morar com ela num outro lugar?

Não ele fala que é pra ela ir morar na casa dele

R - 'Tá'.

M - Só que daí o meu irmão fala que 'nóis' não vamos que 'nóis' não vamos e que nem quer ele dentro da nossa casa nem como namorado, por que assim, até, mesmo o meu pai mora do lado então num...

R - Seu pai mora do lado?

M - Isso.

R - Então ele acompanha tudo?

M - Não, meu pai não sabe.

R - 'Vixe', agora vai saber?

M - É. Risos.

R - E o seu pai tem namorada ou não?

M - Oi? Meu pai não.

R - Que você saiba?

M - É.

R - De repente ele também já tem e você não sabia?

M - É de repente.

R - Então vamos conhecer a mãe dela. O nome dela é Lúcia também, ela tem 51 anos e diz: Quero que os meus filhos aceitem o meu namorado, não pretendo me casar contra a vontade deles, Lúcia, por favor, entre. Tudo bem Lúcia?

L - Tudo bem.

R - Você não tem medo de tentar um casamento de novo pela terceira vez?

L - Não porque os meus filho já tão grande 'né'; apesar de eu ter uma pitininha, mas vai crescer e...

R - A pequenininha tem que idade?

L - É a filha dela, 'né', que é minha também.

R - Ah, que você cria?

L - É minha também, e eu não tenho medo por que tem que enfrentar a vida, não tenho medo de trabalho, sempre trabalhei nunca tive medo de trabalho, e também não vou ter medo de homem também 'né'.

R - E porque que é mais legal casar do que ficar só como namorado?

L - Ah, é bom namorar...

R - Então, é bom namorar? O que que casado é melhor do que como namoro, que como namorado?

L - Ah, acho que fica mais firme mais unido 'né'.

R - Mas o que que..?

L - Une mais.

R - Mas se fica mais tempo também não é mais brigas? Não é só mais brigas?

L - 'Ué!' Se tiver que brigar briga... Risos... vamo briga 'fazê' o que?

R - E não dá medo?

L - Não.

R - E se não der certo e você separar de novo?

L - Separa, não tem 'poblema'.

R - Olha só, meu Deus! E é justamente esse o medo da Mônica?

L - Com certeza.

R - Porque os filhos acabam também indo nessa... nesse...

L - No embalo 'né'.

R - ... no embalo?

L - No embalo 'né' na birra de vê... Mas eu não tenho medo.

R - Porque pra você essa é uma situação que não amedronta casar e separar, mas pra Mônica é?

L - É, mas ela 'tá' crescendo, 'tá' grande ela 'tá' moça já é mãe ela vai casar também.

R - E o pai de sua filha Mônica?

M - Ah, ele é presente na vida dela.

R - Mais você não casou com ele?

M - Não.

R - Você não casou?

M - Não, não casei.

R - Ficou grávida e não casou?

M - Isso.

R - Porque que você não casou?

M - Por que 'nóis' dois não demo certo.

R - E o que que você acha da sua mãe ter este ponto de vista assim, tão simples e desprendido, caso você não dá certo separa, o que que você acha da sua mãe ver a vida desse jeito simples como namorado?

M - Ah, eu não sei, por que daí ela casa e separa, depois arruma outro casa e separa aí onde vai parar 'né'?

R - E se ela parar?

M - É assim, sei lá, como ela se dá tão bem com ele como namorado, como ela diz 'né' por que eu também não sei, então ela já namora com ele ela já, ele só não vem na minha casa 'né', mas ela vai pra casa dele.

R - Porque ele não vai na sua casa?

M – Por que o meu irmão não aceita ele dentro da minha casa. Vai ele ‘tá’ lá, o meu pai chega daí...

R – ‘Ué’, mas o seu pai freqüenta a sua casa?

M – Freqüenta.

R – Então, ali Lúcia você tem ali, que ficar tomando conta do seu namorado, do seu ex-marido e dos filhos?

L - Eu ‘tô’ com os meus filhos, meu ex-marido mora ao lado, ‘nóis’ ‘dividimo’ a casa fica um pouco pra ele e pra mim.

M - É que ele vai lá vê ‘nóis’ ‘né’, o meu pai.

L - Eu não ligo não, dele morar lá, deixa ele morar não tenho... não dependo dele também, nem ele de mim então...

R - E o seu namorado acha, lida também, com isso numa boa?

L - É por que eu não moro mais com o meu ex, ‘né’, que é o pai dela, e agora ‘tô’ com meu namorado.

Pergunta da platéia: ‘Ô’ Mônica porque a sua mãe não pode morar com você e seu irmão; e se eles se casarem ela não pode levar uma vida nova?

M - Ah, ela pode começar uma vida, ela ‘tá’ vivendo ela é feliz já namorando, então, não precis... Eu acho que ela não precisa se casar pra ela ser feliz, ela já é feliz.

R - Mas ela quer casar ‘né’? Risos de Mônica. Dr. Fernando muito interessante o ponto de vista da Lúcia ‘né’, que ela não tem medo da vida ‘né’, casa não deu certo separa, ela casa pra dar certo não é Lúcia? Ela casa achando que vai dar certo, mas não deu, não tem importância ‘né’, levanta sacode a poeira e dá a volta por cima, só que parece que todo o trauma que a Lúcia não teve ficou na cabecinha da Mônica?

Fernando - É verdade a Mônica não está disposta a assistir o mesmo filme de terror novamente ‘né’; agora a própria Lúcia ainda não ‘tá’ muito segura de que seja esse o

momento pra casar novamente, não é, parece que há ainda algumas coisas a serem ajustadas, inclusive, a opinião dos filhos que não aceitam, assim é, é, num primeiro momento essa decisão dela. Então, cabe aí, quem sabe, um pouco mais de conversa dar tempo ao tempo pra que fique mais claro pra Mônica e pros outros filhos, que não é o mesmo filme que é uma nova relação, que existe um namoro, que ao que tudo indica, 'tá' cada vez mais maduro, não é, e que aproxima o casal, então eu acho, que neste sentido, o tempo é o que cura, essa, esse medo.

R - Tão interessante o tema de hoje, eu acho por que é uma situação assim, tão comum na vida das mulheres de hoje não é; que acabam criando os filhos sozinhas, e aí novas estão com os filhos crescidos e querem continuar uma vida e aí eu vejo assim, a dificuldade dos filhos em entender que a mãe é mãe e é mulher também, mesmo que elas estivessem casadas com seus pais ela também ia querer ser mulher. Ficar bonita, sair, dançar, ficar de mãozinha dada, trocar um carinho, mãe também tem o direito de curtir a vida como mulher, e ser mulher não faz com que ela seja menos a sua mãe ou que ela te deixe de lado, isto eu acho que é uma coisa que, vocês, a maioria aqui 'né', quase todas são mulheres, então, assim vocês podem passar por isto também. Eu acho que a gente que já é mãe tem que dando essa segurança pro filho eu sou sua mãe, assim como na separação, eles 'né', o casal deixou de ser casal, mas a criança continuou tendo pai e mãe, se a mãe se casar de novo a filha, o filho vai continuar tendo mãe. Agora o que me chama a atenção no segundo caso é que o Mauro 'tá' assim com uma birra 'né', com uma marra, que não quer saber, não quer saber e parece que a Francisca assim, arrumou um bom rapaz. Eu acho que você tem que deixar um pouco de lado, esse seu lado, assim, turrão de lado, 'né', deixa de lado ser turrão que você vai continuar sendo o filho homem que a sua mãe teve que o jeito que 'cê' 'tá' fazendo, não é

papel de filho homem é papel de filho criança, que fica fazendo birra 'né', não deixa a mãe conversar.

L – Viu Mauro!

R - Outra coisa que me chamou muita atenção é que a Lúcia, Lúcia você fala muito bem, você tem um jeito de ver a vida, assim, muito desprendido e eu não sei, eu fiquei com a impressão de que isto assusta um pouco a Mônica, mas Mônica a vida é assim, o importante é continuar acreditando na vida e continuar acreditar que é possível ser feliz, não deu certo, não tem importância a gente passa um batom, arruma o cabelo e tenta de novo, beleza. Muito obrigada a todos vocês por terem vindo e pra quem 'tá' em casa, obrigada pela companhia e fique com Deus.

APÊNDICE B

CASOS DE FAMÍLIA – PROGRAMA Nº.: 2

Regina Volpato - Seu irmão se comportou mal com sua mãe, mas isto também trouxe problemas pra você é que a sua mãe acha que você pode agir da mesma maneira e agora ela quer controlar todos os seus passos, isso te incomoda e muito. Minha mãe tem medo que eu cometa os mesmos erros do meu irmão é o nosso tema de hoje.

COMPACTOS DAS FALAS:

Ela perdeu a confiança total 'ni' mim, por causa da minha irmã...

Por tentar esconder uma coisa da irmã ela acabou se prejudicando mais ainda...

Ela acha que ele errou, ela acha que não vai dar certo, ela acha que ele tem que vir embora...

Vai que eu alimento o sonho dele e depois se fala assim: 'cê' tem que assinar que ele, eu não vou assinar...

Tenho que inventar que eu vou pá outro lugar e vou pá festa salão assim...

Tenho medo penso de repente ela possa também, vim fazer...

Regina - Olá bem vindos ao nosso programa e a nossa primeira convidada de hoje é a Gleissi, que tem 17 anos e diz: minha irmã engravidou e eu que saí prejudicada, minha mãe não deixa eu fazer mais nada. Tudo bem Gleissi?

G – Tudo.

R - Quando a sua irmã ficou grávida, ela tinha que idade?

G - Ela tinha quinze anos.

R - Quinze anos?

G - Quinze anos.

R - E você tinha que idade na época?

G - Eu? Tinha, eu ia fazer dezessete, dezesseis.

R - 'Tá'. Então, ela é mais nova que você?

G - É.

R - E você tem filho?

G - Não.

R - 'Tá' e você quando soube que sua irmã tava grávida contou pra sua mãe, ajudou a esconder como é que foi?

G - Não ela falou, desde o começo quando ela ficou grávida ela falou pra mim, daí eu falei pra ela vamo contar pra minha mãe.

R - Só vocês duas sabiam?

G - Só nós duas. Aí ela pegou e falou assim: não Gleissi acho melhor você não contar deixa que eu conto, por que ela é minha irmã assim, adotiva, a minha mãe cria ela desde os dois anos.

R - Então, são a sua mãe teve quantos filhos?

G - A minha mãe tem dois, três filhos, assim, dois irmão meu de sangue, comigo três e uma ela adotada.

Regina fala junto só que fala: E ela adotiva?

G - Isso. Aí ela, quando deu três meses assim, que ela ficou grávida ela chegou na minha mãe e contou.

R - E qual foi a reação da sua mãe Gleisse?

G - Nossa foi a pior reação.

R - Jura?

G - Foi a pior reação ela ficou muito nervosa.

R - Ela não esperava isso?

G - Ela não esperava.

R - 'Tá', aí quando ela ficou sabendo que você também sabia e não contou?

G - Comigo acho que ela ficou mais chateada, por que eu sabia; do motivo de eu saber e não ter contado pra ela.

R - O bebê já nasceu?

G - Não.

R - Ela ta grávida de quantos meses?

G - Ela 'tá' de seis.

R - Seis meses?

G - Isso.

R - E a sua mãe, era uma mãe diferente do que ela é hoje?

G - Minha mãe era.

R - Como que ela era Gleissi?

G - Era comigo, ela era super liberal deixava eu saí tudo, eu ia pra várias 'baladinha' com as minhas amiga, agora mudou tudo, tudo.

R - Podia voltar qualquer horário?

G - Podia voltar qualquer horário; não tinha horário pra chegar em casa.

R - 'Tá', ela não ficava depois te enchendo de perguntas, nem nada?

G - Não.

R - Ela confiava em você?

G - Confiava.

R - E a sua mãe conversou com vocês sobre como namorar e não ficar grávida?

G - Conversou, ela conversava tudo sobre anticoncepcional, camisinha...

R - Tudo?

G - Era uma relação super aberta.

R - E hoje como que é Gleissi?

G - Agora ela perdeu a confiança total 'ni' mim, por causa da minha irmã.

R - Ela perdeu a confiança em você e na sua irmã também?

G - Isso.

R - Hoje como é a sua mãe Gleissi?

G - Ela é uma mãe mais fechada, mais fechada...

R - Mais fechada ou mais brava?

G - Mais fechada, mais brava ela é de tudo um pouco.

R - E hoje, você não pode mais sair?

G - Não posso mais sair, minhas amiga chega em casa pra me chamar, ela fala, xinga as menina fala que eu não vou. Quando eu saio assim escondido dela, ela vai nas balada atrás de mim me buscar...

R - Aí você passa vergonha não é?

G - Passo vergonha.

R - Com mãe nervosa na balada dá vexame não é...?

G - Dá vexame.

R - ...ela vai lá te busca e traz de volta?

G - Me busca na porta da escola todos os dias.

G - E você estuda?

G - Estudo.

R - Que horas?

G - Eu, das seis ao meio dia.

R - É de manhã?

G - É.

R - E você trabalha ou não?

G - Trabalho.

R - Então você estuda e trabalha?

G - Isso.

R - E aí quando você saía você saía com o seu dinheiro?

G - Com o meu dinheiro

R - Saía só final de semana, não faltava na escola?

G - Não.

R - Então você nunca deu trabalho, nunca deu motivo pra sua mãe...?

G - Não nunca dei motivo pra minha mãe.

R - Então pelo que sua mãe fez; sua irmã fez a sua mãe mudou com você?

G - Isso.

R - E você já conversou sobre isso coma sua mãe?

G - Já, já falei pra ela que eu não tenho culpa de nada na verdade, por que quem fez o erro foi a minha irmã e não eu, então eu acho assim, que ela tinha que pegar no pé da minha irmã que fez o erro e não no meu pé.

R - E o que que ela fala; a sua mãe?

G - Ela fala não, mas você ajudou você tava junto com ela então, as duas vai pagar o pato.

R - Então ela pôs as duas de castigo?

G - Isso.

R - E você acha que ela só te pôs de castigo ou que ela também perdeu a confiança em você?

G - Eu acho que ela deve ter perdido a confiança 'ni' mim.

R - Você namora?

G – Namoro.

R - E o seu namorado estuda?

G – Não.

R - Não estuda?

G – Não.

R - Trabalha?

G – Não.

R - Usa drogas?

G – Usa. Risos.

R - Drogas dessas que não pode que se a polícia pega dá confusão?

G – Isso.

R - Então é droga pesada?

G – É.

R - E você acha que isso não tem nada a ver com o fato da sua mãe hoje, ser uma mãe mais brava?

G - Não por que antes ela nem ligava, assim, pro nosso namoro, agora, depois disso da minha irmã, até disso ela liga. Eu ia fazer 'tatuage', agora também não posso mais por que a minha irmã fez uma 'tatuage' e colocou um *piercing* escondido dela.

Ai ela...

R – 'Tá', mas a sua mãe sabia que seu namorado, não trabalhava, não estudava,...

G – Sabia.

R - ...e fazia umas coisas perigosas?

G – Sabia.

R - E ela não falava nada?

G - Não ela falava que ele não era o cara certo pra mim tudo, mas assim, ela não ficava pegando no pé.

R - Você não tem medo de ele fazer alguma coisa e acabar respingando em você?

G - Ah, tenho!

R - Tem?

G - Mas eu gosto dele.

R - E?

G - E vai ser com ele que eu vou ficar. (sorrindo)

R - Jura! Você pensa em casar com ele?

G – Quero.

R - Pensa em ter filhos?

G - Penso

R - E aí você que vai trabalhar 'né', pra sustentar todo mundo?

G – É.

R - E tudo bem isso pra você?

G - Tudo

R - Então vamos conhecer a mãe dela; o nome dela é Alzira ela tem 34 anos e diz: aquela mãe liberal que eu era não existe mais, as minhas filhas traíram a minha confiança. Alzira por favor entre. Tudo bem Alzira?

Alzira – Tudo.

R - Parece irmã da Gleissi?

A – Risos. Obrigada.

R - Antes você era uma mãe liberal?

A – Hiper.

R - O que que é uma mãe hiper liberal?

A - Eu nunca impedi nada, por que eu acho que assim...

R - Como assim nada?

A - Por mais que você impeça é pior ainda, então, eu nunca fui assim eu era uma mãe, mesmo não gostando...

R - Do quê o que que você não gostava mas deixava?

A - Principalmente o namorado

G - Da Gleissi?

A – É.

R - 'Tá', você achava o que dele antes?

A - Pra mim ele era errado, mas mesmo assim, já que ela gostava e por ela gostar eu aceitava.

R – Por quê? Você achava que proibindo, ela ia fazer a mesma coisa mesmo que fosse escondido?

A - É, Isso.

R - Então você deixava, mas ficava por perto?

A – É.

R - Conversando com ela, orientando e tal?

A - Isso, isso.

R - Só que hoje, você não é mais assim?

A – Não.

R - Porque que que você mudou, e como você é hoje?

A - É, hoje, no consentimento delas, eu sou uma mãe chata.

R - 'Tá' e no seu consentimento?

A - Não é que eu me acho chata, é que eu perdi a confiança, entendeu?

R - 'Ta'.

A - Elas bem dizer traíram a minha confiança.

R - 'Tá' mas 'perai', você tem uma filha?

A - Tenho.

R - Mais nova que a Gleissi, que ficou grávida?

A - Isso.

R - Isso pra você foi uma surpresa?

A - Demais.

R - 'Tá' você achava que ela sabia se prevenir e que ia poder...?

A - É por que eu sempre fui aberta, eu não tinha esse negócio de aí, por que é assim, eu sempre fui as claras com elas

R - E porque que que você acha que; ela ficou grávida?

A - Era isso que eu queria entender.

R - Você sabe que eu já fiz essa pergunta, aqui no programa mesmo, já teve um tema sobre isto e nenhuma conseguiu responder?

A - Isso é o que eu queria entender por que eu sempre expliquei de todas as maneiras, é assim que pega é assim que acontece...

R - 'Tá', o que que pode, o que deve...?

A - O que não pode, é, é.

R - Só que aí ela ficou grávida?

A - Ficou.

R - Aí você se sentiu traída e mudou de comportamento com ela e...?

A - E com essa, é.

R - E porque com a Gleisse também?

A – Por que é assim, as duas em vez de me contarem de começo, não, esconderam ela...

R - Mas a Gleissi não podia contar uma coisa que não era dela?

A - Não. podia, podia sim.

R - Você acha que podia?

A - Podia, podia por que eu acho assim, ela num...

R - Mas ela traía você ou a irmã?

A – É, mas traiu mais eu, que sou a mãe, mas eu que sou a mãe por que eu acho assim, ela por tentar esconder uma coisa da irmã ela acabou se prejudicando mais ainda.

R – Hoje, Alzira, você ‘tá’ dando um castigo na Gleissi ou você aproveitou que aconteceu isto, e assim, você tava indo pra um lado muito liberal aí você aproveitou para dar uma ajustada e não ser nem tão liberal, nem tão repressora?

A - Não eu ‘tô’ dando um castigo na Gleissi mesmo.

R - Castigo na Gleissi?

A – Castigo.

R - E essa história do namorado dela que usa droga?

A - Ah!

R - Ele é dependente ele é viciado?

A - Não é, ele é aquele, ele não é dependente ele não é aquele viciado, ele infelizmente ‘né’, ele usa...

R - De vez em quando.

A - É, de vez em quando é.

R - Mas também, não trabalha, nem estuda?

A - Não, não.

R - E isto te preocupa?

A – Demais.

R - Antes você era tolerante, e hoje, como que você se comporta com relação a isto na vida da Gleissi?

A - É briga, direto.

R - Briga?

A – Briga.

R - Mas antes você achava que não resolvia? Porque que que agora você acha que vai resolver?

A - É, é, tipo assim, não é que, hoje em dia eu posso até tolerar, mas hoje em dia, por ela ter me traído por eu ter confiado tanto nela, eu acho que eu não confio mais , acho que a confiança que eu tinha, que mesmo ele ‘tando’ errado ela não ia fazer, hoje em dia na minha cabeça eu acho que ela vai fazer.

R - Ah, então hoje, você acha que o comportamento da Gleissi pode mudar por estar em contato com ele?

A – É.

R - O que você acha disso Gleisse?

G - Ah, eu posso mudar, mas não tanto também, por que eu não tenho culpa, eu acho que quem ela devia prender, no caso, não seria eu seria minha irmã, que nem agora, a minha irmã pode sair com o namorado dela eu já não posso, sendo que quem fez a besteira foi ela.

R - Ah, com a sua irmã continua tudo como era antes?

G - Não como era antes (Gleissi e mãe)

Alzira – Por que eu também não ‘tô’ tão liberal não.

G - Mas assim, se o namorado dela chega em casa e convida ela pra sair ela pode, agora se eu, ou o meu namorado ou as minhas amiga me chama pra sair eu já não posso.

R - Porque que a Gleissi não pode?

A – Não.

R – Então, porque não? Risos. Por que ela ‘tá’ de castigo?

A - Bem mais.

R - Bem mais?

A - Bem mais, bem mais do que um castigo.

R - E você, acha que você mudou o seu ponto de vista Alzira ou que é só um castigo e que daqui a pouco passa?

A - Eu mudei o meu ponto de vista.

Dr. Fernando a Gleissi ‘tá’ pagando pelos erros que a irmã cometeu, mas quando ela diz que tem um namorado, que deixa um pouco a desejar, ela também, dá razão pra mãe dela não é, dá motivo pra que a mãe seja rígida com ela?

Fernando - Sim, esta situação é muito preocupante, não é, por que se com um diploma universitário as coisas já estão difíceis, ‘né’, com estudo, ãh, esse moço precisa de um projeto ‘né’, de um trabalho de um estudo alguma coisa assim, então de fato é, é muito complicado. Agora a atitude da Dona Alzira, em certa medida, às vezes, passa um pouco da medida, em especial de a gente levar em consideração, por exemplo, motel fica aberto 24 horas. Então, dizer pra filha voltar onze da noite ou meia noite não vai fazer diferença, neste sentido. O papel dela é orientar como ela tem feito, não é, muitas vezes não vale a pena reprimir tanto, por que o adolescente, o jovem, cria a idéia, ah de que, então, eu vou pular o muro já que o muro ‘tá’ tão

alto e aí às vezes, cai de lá de cima e aí e o tombo é maior. Então, é importante, essa, essa, retomada de atitude 'né', as, a repressão em geral não funciona.

R - Agora a gente vai para o intervalo e no próximo bloco a gente vai conhecer uma mãe que diz: eu não quero que esse meu filho passe pelas mesmas coisas que o irmão dele passou. Casos de família volta daqui a pouquinho.

Fala da mãe - Vocês já levaram um fora do meu portão, não vai levar outro não, fora!

INTERVALO COMERCIAL

R - Minha mãe tem medo que eu cometa os mesmos erros do meu irmão é tema do programa de hoje. Mas agora eu quero falar pra você que está em casa do nosso portal de voz. Ligando e acessando Casos de Família você pode deixar a sua opinião sobre os nossos casos de hoje, saber quais serão os temas dos próximos programas, sugerir um tema da sua preferência ou deixar um contato para participar do programa, se você mesmo tem um caso de família pra contar pra gente, deixar o seu recado pra mim e muito mais coisas então, ligue para 014 21 9976.0000 acesse o canal do Casos de Família e participe do nosso programa a hora que você quiser. Agora a gente vai conversar com o Willians, que tem 16 anos e diz: eu quero realizar o meu sonho, assim como o meu irmão realizou o dele, mas a minha mãe acha que isto é um erro. Willians por favor, entre. Tudo bem Willians?

Willians – Tudo.

R - Nossa como você é alto! Qual sua altura?

W - 1.89m

R - 1.89m?

W - Isso

R - Você tem dezesseis anos, então pode crescer um pouco mais?

W – Isso.

R - Que sonho que você quer realizar?

W - Jogar vôlei.

R - Jogar vôlei?

W - Isso

R - Tem tudo a ver com a sua altura 'né'? Você já é jogador de vôlei?

W - Eu pratico esporte, jogo no clube eles lá tem treino assim, mas eu ainda não sou jogador de vôlei.

R - 'Tá' você treina num clube, participa de alguns campeonatos, mas ainda não ganha nenhum dinheiro com isto?

W - Ainda não.

R – 'Tá' o seu irmão realizou o sonho dele?

W - Ainda não, ele 'tá' tentando realizar.

R - Qual é o sonho do seu irmão?

W - Ser jogador de futebol.

R - Ah, de futebol? E ele 'tá' tentando como?

W - Ele mora no clube, joga, mas ele não chegou ainda, lá, onde ele espera chegar.

R - 'Tá', mas ele já ganha dinheiro jogando futebol?

W - Ganha sim, aquele dinheiro...

R - Aquele o quê?

W - Aquele dinheiro, assim que não é o que ele esperava.

R - Ainda não é o Ronaldinho?

W – Não.

R - É isso, então ele mora no clube tem casa, comida, treinamento, fisioterapia mas, ainda não ganha dinheiro porque pode ser que dinheiro venha com o tempo?

W – É.

R - E a sua mãe acha que ele cometeu um erro?

W - Acha, ela acha que ele errou, ela acha que não vai dar certo, ela acha que ele tem que vir embora, 'né'.

R - Porque que que ela acha que ele errou Willians?

W - Eu acho que ela acha mais por que ele não 'tá' perto dela, não mora aqui ela não sabe como ele está se passando lá.

R - Ah ele mudou ele foi pra onde?

W - Ele mora em Santa Catarina.

R - Ah, então, ele foi pra um time em outro Estado?

W – Isso.

R - E faz tempo que ele 'tá' lá?

W - Faz dois anos já.

R - E ele vem às vezes, visitar a sua mãe ou não?

W - Ele vem nas férias e final de ano passar natal e ano novo e já vai embora.

R - Então você acha que a sua mãe, no fundo, no fundo, não está gostando de ter o filho longe dela?

W - Isso, não 'tá' feliz também né

R – 'Tá', e ela tem medo que aconteça a mesma coisa com você?

W – Isso.

R - 'Tá', mas você acha que o seu irmão errou em apostar nessa carreira?

W - Não eu acho que ele lutou, por que desde os oito anos de idade ele sempre começou a jogar bola na rua ele foi convidado pra jogar na escolinha de futebol do Paulinho, aí pegou e foi; aí tava lá batalhou, até que um dia um homem gostou dele 'né' foi querer levar ele pro clube a minha mãe não deixou, aí...

R - Sua mãe não deixou?

W - Não. Aí chegou um tempo que um homem chamou ele pra fazer um teste, aí de tanto a gente falar na mente dela, ela pegou e deixou; ele pegou e foi fazer o teste.

R - A gente quem falou na cabeça dela?

W - Eu o meu pai, quando ele morava com nós, nossos vizinhos nossos familiares o dono do clube...

R - Hoje o seu irmão tem que idade Willians?

W - Ele tem dezoito anos.

R - Dezoito anos, então ele ainda pode ser que consiga realizar o sonho dele?

W - Se Deus quiser!

R - 'Tá', e 'tá' fazendo o que ele gosta 'né'?

W - Isso.

R - Você, alguém, algum clube já te convidou e a sua mãe também disse não?

W - Eu jogo num clube, e ela assim, ela deixa eu ir quando ela acha que eu devo ir, é muito difícil e tem que ir de quarta e sexta e ela não deixa eu ir; se ela achar que eu devo de ir quinta, de, de ir sexta eu vou, senão eu não vou pro clube.

R - Talvez ela atrapalhe as suas idas ao treino?

W - Isso.

R - E quando o pessoal liga na sua casa pra falar com você a respeito do vôlei?

W - Ah, ela fala que eu não moro lá, que não existe ninguém com esse nome, que ela não conhece.

R - E você fala que quer ser jogador e tudo, mas pra ela?

W - Eu falo com ela eu converso, mãe é o meu futuro, eu tenho que tentar, por mais que eu não consiga, mas eu tentei, eu cheguei onde eu quis, se eu não chegar eu vou procurar um serviço 'né' seguir a carreira da forma que eu puder.

R - Ahã, e o que que ela diz Willians?

W - Ela diz que não, ela diz que eu já tenho que trabalhar.

R - Ah, 'tá', quer dizer que você por enquanto se dedica ao clube mas não recebe nada?

W - Não.

R - E você estuda Willians?

W - Estudo.

R - Faz uns bicos de vez em quando ou não?

W - Faço.

R - E quando você consegue um dinheirinho você ajuda em casa?

W - Ajudo.

R - Então vamos conhecer a mãe dele, o nome dela é Elaine de Cássia ela tem 33 anos e diz: eu não quero que o Willians passe pelo que o irmão dele 'tá' passando, Elaine, por favor, entre. Tudo bem Elaine?

W - Tudo ótimo.

R - Umas mães que parecem irmãs do filho. A hora que ele falou, assim, eu imaginei você uma velhinha que não acredita na vida, que nada vai dar certo, chega você toda linda maquiada toda poderosa assim. Porque que que o Willians com 1.89m vendendo saúde, não pode ser jogador de vôlei?

EC - Por que assim, Regina, quando o meu outro filho ficava jogando assim, em escolinha de futebol, então, eu já falava pra ele primeiro você vai ter que ter uma profissão entendeu, estudar pra depois 'cê' fica... Daí muito que ficaram enchendo minha cabeça e eu deixei ele ir, entendeu, mas aí ele ia fazer um teste, entendeu, que era pra jogar pra cá, só que já faz dois anos que o meu filho 'tá' fora de casa.

R - Mas ser um jogador de futebol não é uma profissão?

EC - Em partes porque, 'as vez', cada mil meninos que vai jogar bola, joga bem pensa que vão 'estorar', vão ficar famoso e não é assim.

R - Não; é uma carreira difícil, sem dúvida nenhuma, mas, se não tenta fica impossível?

EC - Ah, mas 'cê' tenta e volta pra casa com vinte e quatro anos 'cê' entendeu, sem uma profissão, sem um estudo direito...

R - Mas não dá tempo de retomar a vida?

EC - Em partes 'né', como ele não joga aqui ele joga longe, quando ele vem pra cá ele vem numa felicidade e depois ele vai embora muito triste, porque ele fala ele fala até para o irmão dele se pensa que é fácil ficar longe dos seus parentes longe dos seus irmãos de sua família não é 'anssim', lá tem regra, assim tudo direitinho entendeu? Então eu não dou espaço pra ele por que eu quero que primeiro, que você estuda que tenha uma profissão vai fazer um curso, entendeu.

R - Ele falou que estuda?

EC - Ele estuda 'cê' entendeu, mas ele ainda não terminou os estudo dele.

R - Mas com dezesseis anos ele 'tá', não é, com dezesseis anos ninguém termina?

EC - Ah eu sei 'né', daí eu vou deixar ele ficar, joga vôlei, joga vôlei, joga, vôlei aí depois vai ficar dois anos mais na minhas costa, aí não dá, não dá.

R - Risos. Eu entendi, mas tem que tentar Elaine você não acha?

EC - Tem que tentar, depois quem que vai criar, se outro é maior do que eu; aí é que eu vou envelhecer mesmo de tanto trabalhar, que 'cê' acha com esses dois marmanjo nas minhas costa.

R - Você ainda tem um sonho na vida ou não?

EC - Ah, meu sonho acabou faz tempo, casei com treze ano.

R - Treze anos?

EC – Então, ao invés de balançar boneca fiquei balançando eles agora eles tem que trabalha.

R - 'Tá', mas qual era o seu sonho?

EC - Ah, meu sonho era dançar 'né', curtir viver.

R - Mas você 'tá' vendendo saúde, cheia de vida; trinta e três anos você é mais nova do que eu, o que que te impede de sair dançar curtir a vida?

EC - Agora eu curto.

W – Ela sai bastante, ela não quer que eu jogo vôlei, mas ela sai pro pagodinho, ela vai ela dançar, sai com as amiga dela; quer que eu fique com a minha irmã. Qualquer música que toca no rádio ela tem que sambar, tudo ela samba.

R - E o que que você acha dela querer sair se divertir aproveitar a vida Willians?

W - Acho que ela tem que se divertir mesmo Regina, por um tempo ela 'tá' certa, ela já criou a gente, a gente já 'tá' velho.

R - Velho não Willians, com dezesseis anos, aí ninguém é velho, nem sua mãe nem você nem eu? Risos.

EC – É que ele é 'uó do borogodó'.

R - Mas, só que o Willians quer investir no sonho dele?

W - Só que na escolha dele ele já errou, 'tá' certo que ele passou, que profissionalizaram ele lá, 'cê' entendeu, ganho coisa.

R - Então?

W - Mas eu acho que ele já errou, por que em 2008 vence o contrato dele e se ele não der uma sorte.

R - Ah, então ele tem um contrato?

W - Eu sinto o meu filho reprimido quando ele vem pra cá.

R - Ele tem um contrato?

W - Ele tem, mas eu sinto o sofrimento dele de 'tá' longe, mas fica naquela esperança, que vou entender.

R - Mas Elaine, o que que é pior, você sentir que ele 'tá' reprimido porque tem hora pra chegar porque tem hora pra sair porque tem que dormir cedo, porque a vida 'né' num alojamento, não é fácil, ou ele ficar frustrado porque...?

EC - De 'tá' longe Regina de 'tá' longe da família, 'cê' entendeu, e sem ter a garantia de que aquele; de que vai dar certo.

R - Mas tudo na vida tem um preço?

EC - Ah eu sei.

R - E esse é o preço que ele vai ter que pagar?

EC - Uma vez já foi um homem lá, já 'tô' sofrendo por um, daí vai um homem lá é, vou levar o Willians pra ver se 'né'. Vou levar até o portão saio com o 'home' nas costa, já 'levaro' um não, vão levar o outro não. Já arrei o maior barraco...

R - Mas ele já chegou ir na sua casa ou não?

EC - Não, foi uma vez um 'home' que tinha visto ele jogar no clube, o 'home' 'né' foi lá conversar comigo 'né', que ele ia me leva lá; pra levar o Willians entendeu.

R - Esses que ficam olhando o pessoal e; os mais talentosos?

EC - Ah, eu saio com o 'home' nas costa. Já 'levaro' um fora do meu portão, não vão levar outro não; fora!

R - E se o Willians ficar frustrado? 'Tá' bom ele arruma um emprego numa firma vai ficar a vida ali, fazendo um serviço que ele não gosta?

EC - Não uma vez ele falou assim pra mim: eu vou jogar; eu vou numa festinha 'né', aí sabe quando dá aquele negócio assim no peito, pois falei vou lá na festinha vê; onde ele 'tá'? Jogando vôlei.

R - Olha só! E pra festinha você deixa, jogar vôlei não?

EC – Não. Era de dia a festa, falou que era uma festa tipo americano só jovem da idade dele, mas deu aquele negócio em mim, aí eu falei vou lá ver esta festinha.

R - E se você soubesse que era jogo de vôlei você teria deixado ele ir?

W – ela não deixava eu ir.

EC – Não, eu vou ‘tá’ alimentando o sonho dele, se for o mesmo caso do irmão dele, eu não vou deixar, Regina eu sei o que é melhor pros meus filho, pode muitas pessoa até me criticar, ‘cê’ entendeu, só que assim, eu quero o bem deles, ninguém quer mais o bem deles do que eu.

R - Que que ela jogou fora Willians?

W - Já jogou minha joelheira, quando eu falo que eu vou jogar vôlei ele não deixa, eu falo que vou na casa de uma amiga e dou uma fugidinha e vou ali na escola pra jogar um pouco ela vai com o pau pra me bater no meio das pessoa.

R - Olha só?

EC - O outro me enganou também, falou que ia lá e voltava, ‘tá’ lá dois ano.

R - Então quer dizer, ir pra uma festinha pode pra casa de uma amiga?

EC - Não é qualquer festa que pode não, só de dia.

R - Quase tudo pode, só não pode jogar; vôlei não de jeito nenhum?

W – É.

EC - Eu não posso alimentar o sonho dele.

R – Por quê?

EC - Vai que eu alimento o sonho dele, depois eles falam assim, que eu tenho que assinar que ele vai... Eu não vou assina eu não vou dar uma autorização, depois que ele tiver vinte e um anos ele faz da vida dele o eu ele queria.

W – Aí já é tarde demais.

R – É.

EC – Fica ‘cá’ mamãe que a mamãe vai cuidar de você direitinho. Risos.

W - Aí vai chegar uma idade que eu vou querer as minha coisa que ela vai falar: vai trabalhar, aí já vai ser tarde demais por que aí ela não deixou eu construir o meu futuro.

R - Mas ele é um bom filho o Willians? O Willians é um bom filho ele obedece, trabalha, estuda faz tudo direitinho?

EC - Ah tem que ser ‘né’ filha, com uma mãe desse tamanho não vai ser?

R - Qual é a sua altura Elaine?

EC - Ah eu nem sei, só que o outro é maior que eu ‘nóis’ somo tudo assim...

R – Tudo grande, ainda põe o salto ‘né’, fica enorme. As coisas que ele fala, ãh, tudo que ele falou fez muito sentido não é?

Fernando - É, a preocupação dela é louvável ‘né’, muito saudável, muito bonita, eu penso que ela tem razão neste sentido, agora se o Willians, não tivesse, não levasse jeito pra coisa já tinham mandado ele embora a muito tempo é um rapaz que tem biótipo pra ser jogador de vôlei e tudo depende muito de sacrificio não é?

R – E a hora é agora não é? Com dezesseis anos?

F - Exato, exato e é um rapaz que estuda um rapaz sério ‘né’, não há, digamos assim, o que se intrometer neste sentido, por que afinal de contas quando não dá certo; eles avisam logo quando a pessoa não leva jeito, ‘né’ e eu penso que a Elaine ‘tá’ perdendo tempo também deveria já de aproveitar que ‘tá’ na, que ‘tá’ aqui no SBT, e fazer um teste pra atriz por que ela é muito expressiva, muito expansiva, leva jeito pra coisa...

R - Dançarina, o negócio dela é dançarina ‘né’ Elaine?

EC - Meu negócio é pagode. Risos

R - E se o Willians for você vai passeia, dança o seu pagode lá?

Ec – Não, daí eu morro Regina, já perdi o outro esse não.

R - Longe dele você não vai ficar?

EC – Não, daí não vai ter alegria.

R - Bom agora a gente vai para o intervalo e no próximo bloco a gente vai conhecer uma moça que diz que tem que sair de casa escondido, por causa dos erros que a irmã dela cometeu. Daqui a pouquinho a gente volta até lá.

Moça: Tenho que inventar que eu vou pá outro lugar e vou pá festa salão assim...

INTERVALO COMERCIAL

R - Minha mãe tem medo que eu cometa os mesmos erros do meu irmão é o tema do programa de hoje. E agora a gente vai conhecer a Gabriela, que tem 18 anos e diz: por causa dos erros do meu irmão os meus pais não deixam eu sair à noite, Gabriela, por favor, entre. Tudo bem?

G – Tudo.

R – O que que o seu irmão aprontou?

G - Não é assim, ele sai com umas amizades que a minha mãe não gosta, bebe bastante aí os colega dele usa droga, aí a minha mãe acha que as minhas colega vão usar também e eu vou usar junto com elas.

R - O seu irmão também é usuário de drogas ou não?

G – Não.

R - Só os amigos dele?

G - É, mas anda junto 'né', nunca se sabe.

R - 'Tá', qual é a idade do seu irmão Gabi?

G - Vinte anos

R - Vinte anos?

G – É.

R - Mas ele já deu dor de cabeça, além de chegar tarde meio de pilequinho, assim, ele já deu dor de cabeça pra valer na sua mãe?

G - Não assim, porque muitas vezes a minha mãe tem que ir atrás dele.

R - Mas porque?

G - Por que, assim, ele arruma confusão,

R - Que tipo de confusão?

G - Ah, briga com os colega dele.

R - Arruma briga na rua?

G - É.

R - E aí como que sua mãe fica sabendo?

G - Aí vão lá avisar, chama ela pra ir buscar ele.

R - Mas baixou polícia?

G - Não, isso não.

R - Não?

G - Nunca.

R - Mas ele já voltou machucado pra casa?

G - Já.

R - Bem machucado?

G - Não muito não, um pouco.

R - Bem pouca coisa?

G - É.

R - E porque que a sua mãe tem medo, que com você vai acontecer a mesma coisa?

G - Ah, por que ela tem medo que eu erre, que eu cometa o mesmo erro.

R - Na sua opinião qual que foi o erro que seu irmão cometeu?

G - Na minha opinião?

R - É?

G - Ah, eu acho assim, que é dele sair bastante ele não obedece ela, quando ela fala: não é pra você sair, ele vai do mesmo jeito.

R - Não respeita sua mãe?

G - Não respeita nem minha mãe nem meu pai.

R - E ele estuda, trabalha?

G - Ele trabalha.

R - Trabalha direitinho?

G - Trabalha.

R - Ajuda em casa?

G - Ajuda.

R - 'Tá', você estuda Gabi?

G - Estudo.

R - Trabalha também, ou não?

G - Não.

R - Nem de vez em quando?

G - Não, já trabalhei, mas não trabalho.

R - Mas assim, a sua mãe não exige que você trabalhe? Você pode só estudar que pra ela já 'tá' bom?

G - Não, é.

R - O problema é você sair?

G - É.

R - Mas ela não deixa você não sair, nunca?

G - Então, eles têm uma filhinha também, de cinco meses.

R - Quem o seu irmão?

G - É, ela acha que eu vou engravidar também.

R - Ah, 'tá' e quem toma conta da criança?

G - 'Tá' 'cá' mãe.

R - A mãe da criança?

G - É.

R - Que deve ter mais ou menos a mesma idade que ele?

G - É.

R - E eles não casaram nem nada?

G - Não.

R - E ela tem medo que você engravide?

G - É.

R - Você já falou pra ela que sabe o que tem que fazer para engravidar e para não engravidar?

G - É eu já falei pra ela que eu sei muito bem o que que é certo e o que que é errado, não é por que ele teve uma filha que eu vou ter também, aí por que ele errou que eu vou errar também, e não vou sair por causa disso.

R - Mas aí você falou, que tem que sair de casa escondida?

G - É, eu tenho que invernar que vou p'ra outro lugar pra ir pra festa salão assim.

R - Mas você fala que vai pra onde?

G - Eu falo que vou fazer algum trabalho na casa de alguma colega.

R - Ela ainda acredita? Essa desculpa é velha, hein?

G - Não às vezes ela vai atrás.

R - Às vezes ela vai atrás?

G - As vez ela liga.

R - E aí quando ela não te acha, o que que ela faz?

G - Não ela espera eu chegar aí fala um monte, aquele sermão 'né'.

R - E você tem namorado, alguma coisa não?

G - Não nunca teve?

R - Não já tive.

R - 'Tá', porque assim, o seu irmão segundo, 'né', você 'tá' contando, fez uma porção de coisas que tiraram o sossego da sua mãe porque que que ela acha que você vai fazer a mesma coisa?

G - Não assim, ela não acha que eu vou fazer assim, ela tem medo que eu faça, ela 'tá' prevenindo.

R - Então, por medo ela já não deixa você sair?

G - É.

R - Não deixa você fazer nada?

G - É.

R - E quando você teve namorado você apresentou pra ela?

G - Apresentei.

R - E qual foi a reação dela?

G - Assim no começo ela não queria, nem ela nem o meu pai, daí depois eles aceitaram, assim, não podia sair com ele, só namorar em casa só.

R - Assistindo televisão?

G - É, saí não?

R - E quanto tempo durou o namoro?

G - Um ano.

R - Bastante? 'Tá', e quando você saía; saía escondida com ele ou não?

G - Saía.

R - 'Tá' então vamos conhecer a Elaine, que tem 39 anos e diz: não quero que a Gabriela siga o mesmo exemplo do irmão ele não segue as regras da casa, Elaine, por favor, entre. Tudo bem Elaine?

E - Tudo.

R - Então, seu filho não segue as regras da casa?

E - Nem sempre, né, nem sempre ele segue.

R - Quais são as regras que ele não segue?

E - Desde o começo eu deveria ter sido mais rígida com ele.

R - Do começo quando?

E - Assim, na adolescência dele.

R - Ele começou a sair de casa e tal, você acha que deveria ter sido mais...?

E - Isso, isso. Ter falado, assim, pra falar do horário pra obedecer horário.

R - Mas você mandava ele chegar num horário e ele não obedecia ou não tinha horário?

E - Muitas das vezes não falava em horário.

R - E aí ele tava fazendo o que ele achava que tinha que fazer?

E - É.

R - E hoje você acha que você foi muito liberal?

E - É.

R - E não tem jeito de fazer com que ele volte a respeitar a regras da casa, Elaine?

E - Eu tento, agora eu tento, 'tá' difícil.

R - 'Tá' difícil?

E - É.

R - E qual o seu medo em relação à Gabriela?

E - Assim, por ela ser mulher 'né', aí eu tenho medo, que ele tem uma filha...

R - Ela?

E - Não ele, aí eu tenho medo penso de repente ela pode também, vim fazer igual.

R - Ter uma filha?

E - É ter uma filha um filho.

R - Ficar grávida?

R - Isso pra você é um monstro?

E - Nossa!

R - Você conversa com ela sobre isto Elaine?

E - Converso não só converso como 'tá' aberto' né', todos sabe vê escuta 'né'.

R - Você acha que ela não tem que ter intimidades com o namorado ou você acha que não que ela até pode escolher se ela vai ter ou não mas desde que ela tome as medidas necessárias para não engravidar e não pegar uma doença?

E - Pelo meu gosto ainda é muito cedo, mas se vier acontecer ela já 'tá' dezoito anos aí ela já 'tá' sabendo.

R - Ela já 'tá' sabendo o que tem que fazer?

E - Isso.

R - E você acha que ela entende o que você fala?

E - Ela entende, às vezes ela tenta ir contra 'né', acha que eu forço um pouco sou rígida 'né'.

R - E você não é?

E - É por que o pai dela cobra de mim 'né'.

R - Ah, sei! Aquele pai que não fala pra filha fala pra esposa?

E - Isso.

R - E então, você fica entre a Gabriela e o seu marido?

E - Isso. Eu até tento ser um pouco mais amiga 'né', como eu fui com o meu primeiro filho, mas pelo que o pai cobra, eu procuro não ir contra o pai.

R - Então, hoje, você sabe que você não é amiga da Gabriela?

E - Ela sabe que eu sou.

R - Mas você acha que você é amiga da Gabi ou não?

E - Não eu sou amiga dela, assim, né, pro bem dela 'né'.

R - Não entendi?

E - Eu sou amiga dela, mas pelo que o pai cobra me lembra o que o irmão no início da adolescência fez quando ele fala: você se lembra quando eu falava cadê, onde ele foi que horas ele vai voltar e você.

R - E então, ele culpa você?

E - Isso, então ele me culpa aí eu pego e prendo ela.

R - Pra aliviar a sua culpa a coitada da Gabriela fica trancafiada dentro de casa?

E - É, isso.

R - Você acha que vai dar certo isso?

E - Olha não sei, é que às vezes também, ela 'tá' com dezoito anos 'né'.

R - Dezoito anos é uma mulher?

E - Sim pra gente ainda não é.

R - Pra mãe nunca? Principalmente se tem 1.89, nunca é crescido nunca é adulto nada.

E - Então, eu vou procurar ir prendendo 'né'.

R - Gabriela a sua mãe é sua amiga ou não?

G - Ela é minha amiga.

R - Se você tem um segredo uma intimidade pra contar você procura quem?

G - Procuro ela.

R - Sua mãe? Sempre?

G – Sempre.

R - Mesmo quando você tem que dar uma escapadinha com o namorado?

G - Não essas coisas por que se eu pedi ela não deixa, aí eu não falo.

Platéia – Eu queria fazer uma pergunta: se ela é tanto sua amiga porque que a senhora fica prendendo ela tanto por causa do filho da senhora?

E - Assim a gente que a mãe 'né', a gente já passou uma vez 'né', que nem por um lado, a minha netinha ' tá' com a mãe 'né' dela e se de repente eu, tivesse que eu criar 'né'.

R - A Elaine fala pouquinho parece que realmente ela está espremida entre a filha e o marido e pune a filha por causa dos erros do filho 'né', e ' tá' tudo travadinho 'né'?

F – A primeira coisa é considerar a possibilidade de o pai conversar com a Gabriela, eu acho que é a primeira medida importante. E a Elaine está se culpabilizando por algo que ela não tem responsabilidade, ela orientou o primeiro filho não é com relação a todos os cuidados ela fez o que estava as mãos dela não é então considerar essas coisas em relação a Gabriela não vai ajudar a repressão em geral não faz com que a gente incorpore essa orientação não é a conversa é que é importante neste caso, e importante também levar em consideração que os filhos são sempre diferentes uns dos outros mesmo porque quando nasce o primeiro a família tem três pessoas e quando nasce o segunda a família já é de quatro e esses pais não são os mesmos não é não são as mesmas pessoas já passaram pela experiência do primeiro filho e depois o segundo não é.

R – Gabi você conversa com seu pai?

G – Não.

R - Sobre nada?

G – Não.

R - Você tem medo dele?

G - Não, não é medo, só que quanto menos conversar melhor porque ele...

E – Não tem conversa com ele.

R - Como assim?

E - Ele é esclarecido 'né', mas às vezes.

G - Se eu pego e falo assim: pai eu vou na casa de uma colega, ele fala assim: ah, por que que ela não pode vir aqui?

E – Se ela for em casa ela não quer que entra.

R - Não pode entrar?

Ambas – Não entra.

E – Mas daí, se chega lá, ele não quer que entra, e também não pode ficar no portão,

R - Então Não pode ir?

Ambas - Não.

E – Ele é confuso.

G – Ele é chato.

Então agora tem um recadinho pra você e daqui a pouco a gente volta.

INTERVALO COMERCIAL.

R - Estamos voltando com o último bloco do Casos de Família e antes da gente continuar eu quero mostrar para você um pouco do que você vai assistir no próximo programa, veja só.

Já tentou vir pra cima de mim.

Exagera, eu... Mas um pouco ela exagera.

Ele bebe e fica agressivo.

Bebo porque tenho prazer...

Já levou uma marretada na cabeça....

Se tem uma briga na rua ela fica do lado das outras pessoas.

R - Viu então é isso, não perca o programa de amanhã que também 'tá' muito bom como você pode conferir aí, e só lembrando o Casos de Família começa as quatro da tarde de segunda a sexta aqui no SBT. O tema do programa de hoje é: minha mãe tem medo que eu cometa os mesmos erros de meu irmão e a gente 'tá' conversando com a Gleici e com a Alzira; o Willians e a Elaine e a Gabriela e a Elaine também.

Platéia – Eu queria fazer uma pergunta pro segundo caso.

R - Pro Willians ou pra eliane?

Para mãe. Eu acho melhor seu filho seguir um sonho de esporte do que entrar no crime ou nas drogas você não acha melhor ele escolher um esporte?

EC - Eu acho por que a criação que eu já dei pra eles não foi pra eles entra nem no crime nem nas droga 'né', apesar que não é de criação que a pessoa entra nessa vida 'né' só que eu também, no meu lugar de mãe eu não vou resistir ver meus filho longe de mim.

R - Não vai o que? Resistir ver os seus filhos longe de você?

EC - Não vou Regina não vou

R - E ir junto?

EC - Não é isso ele pode tentar fazer o sonho dele aqui, mas ir igual o outro irmão dele já foi eu não vou dar minha permissão pra isso, não vou mesmo, é uma questão de opinião.

R - 'Tá' então, quer dizer que se surgir uma oportunidade aqui em São Paulo ele pode?

EC - Entre 'aspras' 'né'?

R - O que é entre aspas?

EC - Assim entre 'aspras' 'né', se fosse só um hobby dele jogar vôlei eu até deixaria, mas ele 'tá' sonhando então, eu não vou deixar ele sonha muito por que eu não vou assinar para ele ir jogar longe.

Platéia - Eu quero perguntar pra aquela moça de blusa verde eu não me lembro o nome dela; ela é jovem ela tem cuidado com que ela 'tá' fazendo, porque aconteceu um procedimento comigo quando eu era jovem.

R - O que que aconteceu?

Platéia - É porque um namorado meu usava droga 'né', e eu tive um problema sério por causa disso.

R - A senhora casou com ele ou não?

Platéia - Casei, e eu fugi de casa por causa disso e eu era adolescente meu pai falava minha mãe falava...

R - Então a senhora 'tá'se vendo aqui?

Platéia - Isso, ela tem que ter cuidado com que ela 'tá' fazendo porque ela vai se prejudicar depois, porque o rapaz usa drogas não trabalha 'né', é isso.

R - Muito obrigada viu.

Platéia - De nada.

R - Gleice ela passou pela mesma história pela mesma experiência que você está passando o que que você acha do que ela falou?

G - Ah eu acho que ela 'tá' certa, mas assim, eu gosto dele, por enquanto eu num, não vem pela minha mente assim, larga dele, mas eu acho que se ele conseguiu ficar dois meses, ele pode parar de usar.

R - Pra você é importante que ele pare?

G - É importante.

Platéia - A minha pergunta é pras duas mães, eu acho assim eu errei com dezesseis anos engravidei e nem por isso a minha mãe mudou com as minhas irmãs não. Não mudou, pelo contrário continuou mais amiga minha e da minha mãe, então eu acho assim que elas deveriam ser mais amigas, porque pra mim a amizade da mãe é tudo, amiga na rua não tem não a mãe é a melhor amiga da filha, essa é a minha opinião no meu caso aconteceu isto.

R - E você vê na sua mãe uma amiga?

Platéia - Nossa! Ela é tudo pra mim, não é porque eu errei que ela ia mudar com a minha irmã, não e nem por isso me abandonou continuou sendo minha melhor amiga, então eu acho que assim, a mãe é a melhor amiga da filha independente do que acontecer, essa é a minha opinião.

R - Obrigada. Super bacana 'né', o que ela falou, não é o máximo você ver uma mulher vir aqui falando isso, alguém quer falar alguma coisa?

A – Regina.

R - Diga Alzira?

A – Olha eu nunca deixei de ser amiga da minha filha, por que eu já passei, eu também fui casada doze anos com o pai dela, ela sempre acompanhou o meu sofrimento, então eu nunca deixei de ser amiga da minha filha.

R - Hoje você é separada?

A - Hoje eu sou separada, por que, por eu ter sofrido no passado é por isso que eu não quero que aconteça o mesmo com a minha filha, por isso eu nunca deixei, por isso que eu quero que ela sempre seja aberta comigo.

R - E eu acho que o caminho é esse mesmo, ficar perto, acompanhar...

A - É ,é, eu acompanho tudo.

R - E criação 'né' pelo que a gente vê pelo que a gente lê, pelo que a gente passa pela vida ou observa, ou eu observando a minha família mesmo, a gente vê que criação não tem perfeita a impressão que eu tenho é que se a gente tiver dez filhos serão dez experiências diferentes. Não dá pra você pegar, ah, então, com esse foi assim, então eu vou pegar a mesma receitinha a mesma regrinha com este não adianta, porque são pessoas e as pessoas são diferentes. Eu falo uma coisa pra Eliane; a Eliane vai entender uma coisa. A Alzira, pode ser a mesma coisa, vai entender diferente, por que as pessoas são diferentes. Então, eu acho assim, se você acha que você errou com o outro filho ou com a outra filha, então resolva a sua história resolva a sua criação a sua relação com esse filho e com essa, mas não dá pra aplicar a mesma regra, eu acho mesmo que você Alzira, tem que ficar perto das suas filhas, uma por que 'tá' grávida e a Gleice por que 'tá' 'num momento meio complicado, você ainda é jovem Gleice a gente sempre repete aqui no programa, às vezes um mau passo na sua vida pode mudar completamente a sua história uma festa que você foi não devia ter ido uma hora que devia ter voltado pra casa e não voltou resolveu ficar mais meia horinha é nessa meia horinha que as coisas podem acontecer e sua vida muda completamente veja a sua irmã uma vez que ela se distraiu, 'tá' grávida, a vida dela mudou pra sempre ela vai ser mãe não vai poder sair não vai poder se divertir é o que a Eliane falou, com treze anos; a Eliane já era mãe, ao invés de balançar boneca tava balançando filho a vida muda e é ali num momentinho que você muda o rumo da sua história. Agora Eliane não adianta, você tem um filho saudável inteligente, alto eu acho muito complicado a gente frustrar o sonho de qualquer pessoa, ainda mais do filho, e também, não adianta, o papel da mãe é esse a gente espera os nove meses eles nascem e na hora que a gente, a hora que a gente começa a gostar de amamentar eles param de mamar e não

precisam mais da gente por que tem a mamadeira, a hora que a gente começa a gostar de dar a papinha eles aprendem a comer sozinhos e não precisam mais da gente então, filho é isso não adianta a gente querer proteger a vida toda por que eles vão andar sozinhos pelas próprias pernas e você bonita, inteligente 'só no close' criou seus filhos assim, eles são inteligentes o Willians fala bem, ele tem um sonho e a idade dele investir nesse sonho é agora, vai dar certo ou não, não sei mas se ele não investir vai deixar de ser um sonho e ser uma frustração, esteja sempre perto se Deus quiser ele vai rodar o mundo jogando vôlei e você vai junto linda do lado dele.

EC - É excesso de amor.

R - É, excesso de amor ele morando longe ou perto você vai continuar gostando dele e você vai sendo, e ele vai sendo e vai continuar tendo a admiração que ele tem por você.

R - Amar de pertinho não é mais gostoso?

R - Pra você; eu não sei pra ele. Você pode, isso sim, arrumar um companheiro pra ficar pertinho de você desse jeitinho gostoso aí sim, aí é um outro amor aí é um outro pertinho é uma outra coisa que você também tem direito. No último caso eu vejo as duas muito tensas não é que não conseguem conversar, não é vocês não estão se entendendo não estão falando a mesma língua e eu vejo a Gabriela espremida e quando a gente espreme escapa pelos dedos então a Gabriela 'tá' mandando sinal de fumaça pedindo socorro ela quer conversar ela quer se comunicar ela 'tá' pagando eu nem sei o que eu sei que ela 'tá' espremida. Estuda é uma boa filha é bonita 'tá' aí, pedindo a sua atenção pedindo a sua amizade você 'tá' espremida entre ela e o seu marido e ninguém pode resolver isso por você Elaine, é você que vai ter que se posicionar com o seu marido e com os seus filhos. Muito

obrigada por vocês por terem vindo, pra quem 'tá' em casa um beijo carinhoso e fiquem com Deus.

APÊNDICE C

CASOS DE FAMÍLIA / PROGRAMA N°.: 3

R - Você já fez de tudo pra ele mudar o comportamento, mas até agora nada. E o filho que te deu tanta alegria quando nasceu, hoje, é motivo de tristeza e desgosto; estou decepcionada com o meu filho é o tema do programa de hoje.

COMPACTOS DAS FALAS:

Já tentou vir pra cima de mim.

Exagera, eu... Mas um pouco ela exagera.

Ele bebe e fica agressivo.

Bebo porque tenho prazer...

Já levou uma marretada na cabeça....

Se, tem uma briga na rua ela fica do lado das outras pessoas.

R - Olá bem-vindos ao nosso programa e a nossa primeira convidada de hoje, é a Lena, que tem 42 anos e diz: eu não sei o que acontece com o Jr. Ele fugiu de casa e já foi pra Febem três vezes. Tudo bem Lena?

L - Tudo bem.

R - O seu único filho é o Jr.?

L - Não.

R - Mas é o que mais te deu trabalho?

L - É o que mais me deu trabalho.

R - O que que ele já fez que te deixou bem decepcionada com ele?

L - Além de ir três vezes pra Febem 'né', querer me espancar, que ele já tentou vir para cima de mim e não me agrediu por que minha prima 'né', no caso, minha irmã tava junto comigo.

R - Porque que ele quis te bater Lena?

L - Na época eu tava grávida e eu pedia pra ele ajudar a arrumar a casa e ele dizia que ia arrumar, ia arrumar ia arrumar...

R - E não arrumava?

L - E enrolando, enrolando e eu querendo que ele fosse 'né', que você é muito folgadinha 'cê' 'tá' com pressa, então vai fazer, aí ele me irritava.

R - E ele tinha que idade nessa época Lena?

L - Ah, ele tava com uns dezesseis anos.

R - 'Tá', você é casada com o pai dele ou não?

L - Hoje eu sou separada.

R - 'Tá' mas você tava grávida do irmão dele?

L - Irmã.

R - Irmã dele? E vivia todo mundo na mesma casa?

L - Todo mundo na mesma casa.

R - E aí nessa época ele tentou te bater?

L - Tentou.

R - Depois disso ele já tentou te bater de novo ou não?

L - Não depois disso ele, só foi uma vez.

R - Quando ele foi pra Febem a primeira vez?

L - Ah, ele tinha uns doze pra treze anos.

R - Muito, novinho? O que que ele tava fazendo?

L – Ah, ele roubando carro.

R - Aí foi pego?

L - Foi pego aí o policial foi na minha casa 'né' falar que ele tava na delegacia, que era pra mim comparecer lá a primeira vez eu fui.

R - Você acreditou quando disseram que o seu filho tava na delegacia?

L - Ai eu fiquei meio assim eu não acreditei muito, mas era um policial 'né' eu fui. Fui com a minha irmã cheguei lá ele tava lá internado, sujo com de pé descalço, e... eu conversei com ele; ele falou que ele negou 'né,' com certeza, ele negou aí fui comprei lanche dei lanche pra ele, aí nessa primeira vez ele ficou quarenta e cinco dias.

R - Aí você ia visitá-lo?

L - Visitava aí ficava só olhando numa portinha, aí tem uma porta e você ficava olhando na porta.

R - Ai que horror Lena!

L - Levava 'né'...

R - Em o pai dele?

L - Ai o pai dele nessas altura tava trabalhando, ficou sabendo depois que chegou em casa.

R - Mas ia visitar junto com você?

L - Ia visitar, ia sempre dando apoio 'né', eu ele.

R - Vocês deram apoio pro Junior?

L – Muito.

R - 'Tá' e aí, depois de quarenta e cinco dias ele saiu?

L - Saiu, saiu.

R - Voltou pra casa?

L - Ficou em casa de boa, acho que não deu um mês dois de novo, polícia lá na minha casa de novo atrás do Junior, e levou.

R - Levou o Junior da sua casa porque Lena?

L – ‘Ué’ por que ele tinha roubado carro de novo.

R - Mas denunciaram? Tem provas o que...?

L - Não é que foi assim, ‘pegaro’ os amigo dele, aí os amigo entrego ele, aí eles foram atrás dele foram na minha casa atrás dele só que ele não tava na minha casa ele tava na rua. Aí o policial foi na minha casa pediu uma foto dele eu não tinha, aí eu dei o RG aí ‘saíro’ a procura dele, aí ‘encontraro’, aí quando ‘encontraro’ ele foram na minha casa me informar que tinham pego ele, que era pra mim ir lá, aí eu falei que eu não ia.

R - Na delegacia de novo?

L - Na delegacia de novo.

R - Não foi Lena?

L - Eu não fui, aí eu falei pro pai dele.

R - E porque você não foi?

L - Ai por que eu já tava revoltada ‘né’, a primeira vez ele tinha prometido pra mim que não ia fazer.

R - Depois da primeira vez vocês tiveram uma conversa?

L – Tivemos. Ele escrevia pra mim: mãe eu ‘tô’ arrependido a minha vida aqui é chorar, os quarenta e cinco dias que ele ficou que a vida dele era chorar, sabe que ‘reclamava’, que batia a cabeça na parede que aquilo ali não era vida que ele não ia me fazer sofrer, tudo bem aí eu ‘né’... Aí ele fez a segunda vez eu fiquei revoltada eu não fui.

R - Não foi na delegacia?

L – Não.

R - E aí o que que aconteceu com ele Lena?

L - Aí foi o pai dele, aí o pai dele foi e ele ficou, foi da vez que ele ficou um ano e dois meses, aí ele foi pra Febem.

R - Um ano e dois meses? E aí você ia visitá-lo na Febem?

L - Na Febem, aí com muito custo eu fui visitar, aí visitava todo o final de semana 'né'.

R – Peraí, aí, dessa segunda vez não pegaram ele ali em flagrante, mas ele admitiu que estava envolvido no roubo?

L - Não ele negou, mas os amigo 'falaro' que ele tava envolvido.

R - 'Tá' aí passou um ano e...?

L - Um ano e dois meses. Aí ficou um ano e dois meses lá o Junior. Voltou pra rua quando passou, acho que, uns oito meses.

R - De novo vocês tiveram uma conversa com ele?

L - Muito. Aí passou uns oito meses, mais ou menos, eu não lembro direito, o Junior. Preso de novo pra Febem de novo, cataram ele dessa vez 'pegaro' ele no 'fraga'.

R - Fazendo o que Lena?

L - Ele tinha roubado carro de novo.

R - Pegaram ele dentro do carro?

L - Dentro do carro e com o 'revólve' do lado, tava ele e o outro.

R - Que idade ele tinha nessa época Lena?

Ah ele tinha dezessete. Dezessete para dezoito.

R - Ainda era menor de idade?

L - Era menor, aí foi pra Febem.

R - Outra vez?

L - Outra vez.

R - O que que você sentia cada vez que ele ia pra Febem Lena?

L – Ah, eu sentia revolta ‘né’, eu criei um filho com amor e com carinho.

R - Revolta com ele?

L - Mágoa, muita dor e muita revolta.

R - E você se culpa de alguma coisa?

L – Ah, eu não me culpo não, por que conversei dei conselho ‘exprivava’ pra ele o que era certo o que era errado cabia a ele ‘né’, acatar.

R - Tinha uma família...?

L - Por mais que ele fosse de menor eu não deixava faltar nada o pai também não, não tinha necessidade o pai tinha carro.

R - Bom ele aí, saiu da Febem e faz quanto tempo que ele saiu da Febem Lena?

L - Uns dois anos.

R - Faz dois anos? E depois, durante esses dois anos ‘tá’ tudo bem?

L - Agora ele deu uma parada, mas ficar em casa ele não fica.

R - Te maltrata ou não?

L - Num maltrata, que agora eu bato.

R - Você bate nele?

L - Bato, eu não posso com a mão por que ele tem vinte e um anos eu pego a vassoura pego o rodo.

R - Porque que você ameaça bater nele, porque que você bate nele? O que que ele faz?

L - Ah porque eu quero que ele me ouve. Ele vai pra rua eu falo pra ele: oh, dez e meia dentro de casa ele chega meia noite uma hora, pula o portão fica batendo na porta, ele já quebrou o vidro da janela da sala.

R - E hoje ele estuda trabalha o que que ele faz?

L - Não ele não estuda não trabalha, o pai dele arrumou serviço pra ele ficou quinze dias e saiu o Junior é terrível!

R - Vamos conhecer o Junior ele tem 21 anos e diz: eu decepcionei muito a minha mãe, mas estou tentando melhorar, Junior, por favor, entre. Tudo bem Junior?

J - Bem.

R - Jr. Você acha que decepcionou a sua mãe ou ele exagera?

J - Ah, ele exagera num, um pouco ela exagera.

R - Onde que ela exagera?

J - Ela prendeu muito na minha, ela quer me segurar muito, quero curti quero anda quero sair ela fica me repreendendo.

L - Mas você sabe porque que eu eu quero te prender?

J - Ah, isso aí é passado 'né', isso aí não vai acontecer de novo.

L - Se você fez uma vez eu tenho que ficar sempre alerta 'né'. E também, eu já falei pra ele se você aprontar de novo não vai mais pra Febem não por que a Febem que ele ficou da primeira vez que ele foi da segunda também, era a maior mamata lá agora a cadeia é totalmente diferente.

R - Que Febem você ficou lá Junior?

J - Franco da Rocha.

R - Franco da Rocha e participou de alguma rebelião?

J - Participei.

R - Quantas?

J - Ah, das todas que teve lá 'né', no começo até o fim eu peguei todas.

R - A gente que acompanha essas rebeliões pela televisão tem a impressão que é um inferno é mesmo?

J - É realmente.

R - É organizado ou não, é uma bagunça e tudo pode acontecer?

J - Quando 'tá' em conflito não tem organização nenhuma assim, como antes da rebelião, tudo normal, tudo organizado mais depois desandou tudo.

R - O que que é normal? Tem hora pra acordar hora, hora pra fazer as refeições?

J - Tudo.

R - E aí como que você fica sabendo que vai ter uma rebelião Junior?

J - Ah, tipo assim, eles já começam a quebrar tudo aí você escuta o barulho 'né'.

R - Ah, então, você fica sabendo na hora?

J - Na hora.

R - Não é uma coisa que você fica sabendo oh, vai acontecer amanhã?

J - Não é coisa da hora mesmo.

R - Aí explode todo mundo começa a quebrar tudo e você vai no embalo?

J - Aí vai todo mundo, se você não for aí a chapa esquenta pra você também aí...

R - Tem que ir?

J - Tem que se envolver.

R - E você chegou a se ferir em alguma dessas rebeliões ou não?

J - Não nunca me feri.

Junior e os seus amigos que participaram dos delitos que você cometeu, dos roubos a carro, algum 'tá' vivo?

J - Tem um vivo.

R - Um vivo?

J - Um vivo.

R - 'Tá' solto ou 'tá' preso?

J - 'Tá' solto.

R - 'Tá' solto?

J - Saiu esses dia agora.

L - É mais três já morreu.

R - Três morreram?

J - É três.

R - Porque que só sobraram dois; você e ele?

J - Ah, por que ele tomou uns tiro também, ele não tem condições de ficar muito andando se movimentando o corpo, ele anda pouco fica mais em casa.

R - Se ele tivesse andando ele teria cometido o crime de novo e teria morrido?

J - Ah, eu acho que sim 'né'.

R - E você porque que você ainda 'tá' vivo?

J - Ah, eu to sossegado eu parei agora...

L - Fico vivo por que ele tava lá guardado, se tivesse na rua no dia tinha ido também.

J - Tinha nada.

R - Que dia?

L - No dia que os outro morreu.

R - Ah morreram todos juntos Junior?

L - Não morreu um de cada vez. Das três vez, a primeira vez que ele foi 'mataro' um a terceira vez que ele foi 'mataro' outro. A primeira a segunda e a terceira todas três vez que ele ia preso um amigo dele morria.

R - E Junior, você tem medo de morrer?

J - Ah, a gente tem 'né' eu tenho medo da morte claro que tenho.

R - Mas você tem medo de morrer de tiro, você tem medo de morrer roubando?

J - Ah, é consequência o que for o que tiver que vim vou nessa.

R – ‘Peraí’, então quando você decide cometer um crime roubar um carro você sabe que você pode sair morto?

J - Com certeza.

R - E você assume este risco?

J – Assumo.

L - Ele assume será que tem medo? Eu acho que não tem não.

J – Não tenho medo?

R - Porque que você acha isso Lena?

L - Eu acho que não tem medo por que foi a primeira vez não ia pra segunda não Regina.

J - Não, não, ah, que isso!

L – Viu o que aconteceu com os amigo, vai de novo? Mas ele não tem medo não ele não tem medo não.

R - Jr. Você disse que você agora ‘tá’ sossegado há dois anos que você não comete crime nenhum?

J - Sim senhora.

R - Mas você não tem vontade de ter dinheiro?

J – Ah, eu tenho.

R - E como que você faz pra conseguir dinheiro?

J - Ah, a gente sai andando aí na rua aí...

L – Hum, e pede pro pai, ele pede pro pai.

J - Ah, é meu pai ‘né’.

R - Junior sai andando na rua e... ?

J - E aí converso vou, no caso, lá no meu pai lá, converso com ele fico uns dia por lá, quando ela não me manda embora pra lá ‘né’.

R - Não faz nem um bico nada?

J - As vez 'né' quando aparece, mas é muito difícil.

R - Porque que que você acha que a sua mãe se preocupa com você?

J - Ah, sei lá, ela se liga demais na minha não deixa eu sair só quer que eu limpe a casa, tire pó que eu fica lavando o banheiro, não.

L - Eu ponho pra lava banheiro eu ponho pra 'tirar' o pó eu ponha pra limpa tudo mesmo, eu fico só olhando.

R - E ele faz direitinho?

L - Faz.

R - O Junior será que ela não se preocupa com você porque ela tem medo de te perder e viver sem você vai ser muito triste pra ela?

J - Ela tem nada ela já me mandou embora pra casa do meu pai, ela não gosta não

R - Mas mandar pra casa do seu pai é diferente de te perder?

J - Não.

L - Já mandei pra casa do pai sim, por que briga com os irmão, que tem mais três 'né', briga com os irmão e eu falo vai pra casa do pai, fica lá dá sossego pra mim pelo menos um pouco 'né', o pai dele fica lá de bom, só na minha cabeça só na minha, mas vai e volta.

Pergunta da platéia - Só queria saber por que que ele não arruma um serviço não tenta mudar pra ajudar a mãe dele e se sua mãe mandou você pra casa do seu pai não é porque ela não gosta de você é porque ela gosta de você e ela quer ver, se você muda um pouco pra ver, se você fica mais tempo com ela entendeu?

L - Viu?

J - Hum.

R - Quer falar alguma coisa Junior?

J - Não.

Platéia - Você acha que é certo dá tanto trabalho pra sua mãe assim?

J – Não.

Platéia - Mesmo sabendo que ela tem amor e carinho por você?

J – Não, mas eu vou mudar eu ‘tô’ me regenerando.

R - Dr. Fernando a Lena ‘tá’ nervosa com essa história e o Junior parece que ‘tá’ na dele, eu não sei até que ponto ele ouve o que a mãe dele fala. Como entrar nessa relação aí, pra por um pouco de, eu não diria panos quentes, mas pra acalmar as coisas e fazer com que eles se ouçam por que parece que um não ouve o outro?

Fernando Braga Psicólogo – É a impressão que dá mesmo, agora, o fato do Junior ‘tá’ podendo conversar sobre o assunto é ótimo, não é, e é prova de uma tentativa de fato de melhorar, inclusive, essa relação com a mãe com o pai, que onde, afinal de contas, que tudo começa, agora, ele acabou perdendo a confiança da mãe e por isto ela acaba se tornando mais rígida com relação aos horários. Então, uma dica importante pra ele seria, se ela pede dez e meia, que siga a risca esse horário de dez e meia daqui a pouco ela vai deixar as onze, daqui a pouco meia noite, por que afinal de contas, certas coisas como cometer um crime ou algo do tipo, não tem hora pra acontecer, não é por que ele ‘tá’ as seis da manhã na rua, que de fato vai acontecer, mas se ele conseguir aos poucos reconquistando essa confiança tudo se resolve.

R - ‘Tá’ e pra; o que que a Lena poderia fazer para baixar um pouco essa ansiedade dela?

F - Eu penso que isso é muito mais tarefa do Junior do que ela, não é? Ela ‘tá’ no limite dela, então, o Junior é que vai poder ajudá-la a que a ansiedade dela vá baixando aos poucos.

R - Vocês querem falar alguma coisa?

L – ‘Tá’ escutando ‘né’? Risos de toda platéia.

R - Agora a gente vai pro intervalo, mas é rapidinho até já.

INTERVALO COMERCIAL

R - Estou decepcionada com o meu filho é o tema do programa de hoje. E agora a gente vai conversar com a Valdivina, que tem 58 anos e diz: depois que o meu filho voltou da casa dos avós, ele só tem me dado desgosto, Valdivina, por favor, entre.

Tudo bem com a senhora?

Valdivina - Tudo bem.

R - O filho da senhora morou quanto tempo com os avós?

V - Sete anos.

R - Sete anos? Faz quanto tempo que ele voltou?

V - ‘Tá’ com... Vai fazer oito meses agora, que ele voltou em janeiro.

R - ‘Tá’ e porque que ele só tem dado desgosto pra senhora?

V – Ah, por que depois que ele voltou do Norte ele já, ele veio bebendo de lá aí todo o fim de semana ele bebe ele fica agressivo eu tenho uma filha de treze anos às vezes ele se implica com ela.

R - Porque que que ele foi pra lá? Quando ele foi pra lá ele já bebia?

V - Não ele tinha dez anos quando ele foi pra lá.

R – Ah, então ele era pequenininho?

V – Era, era ele tinha dez anos eu tive que mandar ele pra lá, porque aconteceu uns ‘poblema’ lá, ele achou uns negócio de uns malandro e os malandro jurou de matar ele ‘né’.

R - Achou o que?

V - Droga, numa construção que tinha perto da minha casa.

R - Dez aninhos ele tava brincando na construção ele achou um pacotinho de droga?

V - Isso, isso.

R - E aí o que é que ele fez com esse pacotinho?

V – Aí, ele me mostrou eu peguei e levei.

R - Levou pra casa?

V - Não, levei lá e mandei ele colocar no lugar onde ele achou, só que ele colocou em outro lugar.

R - Então ele levou pra casa e a senhora falou devolve?

V – Isso.

R - Aí ele pôs em outro lugar?

V - Aí ele pôs em outro lugar que o malandro foi procurar e não achou e jurou, falou com o vizinho, com o menino vizinho, e falou que ia pegar e ia acabar com a vida de quem achou e deu fim na droga dele. Aí os avós dele já estavam indo pro Norte...

R - Que lugar do Norte Dona Valdivina?

V - Pra Pernambuco.

R - Pra Pernambuco? Nordeste.

V - Isso. Aí pediram pra mim pra levar ele 'né', só que eles não sabiam deste 'pobrema', por que até aí não deu tempo de eu falar.

R - Até porque foi uma fatalidade?

V - Isso é. Aí 'levar' ele pro Norte pra ficar seis meses.

R - Sei, pra esperar as coisas se acalmarem?

V - Pra esfriar 'né'.

R - A senhora ficou com medo não é?

V - Fiquei. Eu mandei dinheiro, arrumei dinheiro lá, com uns vereadores, lá da onde eu moro mandei pro Norte pra eles poderem mandar ele vir embora, pra trazerem ele, no caso, por que ele era de menor 'né'. Aí uns parente, lá dele, um tio dele, falou que tirava o dinheiro do banco pegou e gastou o dinheiro com essa ele ficou lá.

R - Gastou o dinheiro da passagem? E não mandou o menino de volta?

V - Gastou o dinheiro da passagem, foi R\$ 180,00 que eu mandei, foi o dinheiro da passagem e o dinheiro do lanche pra ele vim.

R - E a senhora mandou o dinheiro porque era mais barato a senhora mandar o dinheiro do que ir?

V - Isso é, ficava bem mais em conta por que eu não tinha condições de ir lá pra pegar ele 'né'.

R - E aí ele morou lá sete anos?

V - E aí ele foi pra ficar seis meses, mas ficou sete anos e chegou agora em janeiro, dia primeiro de janeiro.

R - E porque que ele voltou pra cá dona Valdivina?

V - Os avós dele veio pra fazer tratamento.

R - E aí ele veio junto?

V - E aí eles trouxeram junto, nem me avisaram já 'tavam' viajando de lá pra cá foi que uma ex-cunhada minha ligou e falou que ele tava vindo.

R - E o que que a senhora sentiu quando a senhora soube, que depois de tanto tempo a senhora ia ter o seu filho de novo com a senhora?

V - Ah, eu tive muita emoção 'né', eu pensei que eu ia ter muita alegria com ele, mas já chego com esse 'pobrema'.

R - Ele chegou muito diferente?

V - Mas, ele chegou nossa! Completamente diferente.

R - Mas ele só bebe aos finais de semana?

V - É só os finais de semana.

R - Durante a semana ele trabalha, o que que ele faz?

V - Por enquanto ele não trabalha ele faz bico, quando ele encontra por que lá onde eu moro é difícil serviço.

R - Mas porque que incomoda? Não é normal as pessoas, nos finais de semana, sair, beber um pouquinho dançar?

V - Ah, beber um pouquinho, mas ele quando bebe; ele pode beber um pouquinho, que ele fica muito agressivo ele quer bater na minha menina que ele já tem um ciúme da minha menina.

R - 'Tá' a senhora ele respeita?

V - Respeita. Mas aí ele quer brigar, por uma bala eles brigam, ele já fica agressivo quer bater nela.

R - E a senhora acha que ele tem ciúme dela por quê? Porque ela cresceu com a senhora?

V - É e ele ficou lá com os avós dele 'né'.

R - Ele já falou isso pra senhora ou não?

V - Não, ainda não, mas a gente sente.

R - 'Tá', a senhora já tentou entrar nesse assunto com ele?

V - Já eu converso muito com ele, converso muito com ele por que, uma por causa do problema dele 'né', que ele já sabe de tudo...

R - Com a bebida?

V - Isso.

R - Com o problema da bebida a senhora disse?

V - Não, com o problema que ele sabe, que eu não sou a mãe dele mesmo.

R – Ah, a senhora não é a mãe dele?

V - Não eu sou mãe adotiva.

R - Ele sempre soube disso Dona Valdivina?

V - Soube por que quando ele tinha uns quatro ou cinco anos eu sempre vivia falando pra ele, só que ele não conheceu a mãe por que quando eu peguei ele, ele tinha um ano e dois meses, então ela deixou ele na minha casa e saiu.

R - Nunca mais apareceu?

V - Ela saiu pra receber um dinheiro lá no Brás e até hoje, aí eu que criei ele 'né'.

R - E ela nunca mais apareceu dona Valdivina?

V - Aí quando ele veio do Norte, eu não sei como, ela apareceu na casa dos avós da irmã dela.

R - Ela ficou dezessete anos sumida, aí de repente ela ficou sabendo...?

V - Aí no dia que ele chegou ela tava esperando ele na casa da tia dele, da irmã dela.

R - Como que ela descobriu?

V - Aí, eu não sei, eu nem procurei saber por que eu fiquei tão, 'né', assim, com raiva que eu nem procurei saber como que ela apareceu lá.

R - Então ela encontrou com ele antes da senhora?

V – Foi.

R - E como que foi o encontro deles?

V – Olha, eu nem sei viu por que eu não tava, eu tava pra Santos 'né', na época, aí ele foi pra casa dessa outra, minha cunhada no caso, é tia dele, aí me 'ligaro' eu não tava em casa aí 'deixaro' recado que era pra mim buscar ele na segunda feira, que eu ia chegar no domingo à tarde.

R - Mas ele não conta como que foi esse encontro com a mãe dele?

V – Não.

R - Dona Valdivina ele começou a beber além da conta quando ele veio aqui pra São Paulo ou lá em Pernambuco ele já bebia também?

V - Não ele começou bebendo aos dezesseis anos, ele disse.

R - Lá?

V - Ele disse, ele disse que foi aos dezesseis anos 'né, com quinze dias que ele tinha chegado ele saiu foi numa festinha de aniversário e já chegou carregado, e ele fica muito ignorante quando ele 'tá' bêbado.

R - Mas é uma surpresa pra senhora?

V - Pra mim foi uma decepção mesmo, não foi nem uma surpresa, foi uma decepção mesmo, na minha família não tem ninguém que bebe.

R - Ele acha que isso é um problema uma doença ou não?

V – Ah, ele não fala, chega não fala nada é que eu já cansei de perguntar pra ele por que que ele bebe.

R - Ele não responde?

V - Não ele não responde ele não fala ele faz por que gosta é o que ele sabe responder que ele gosta de beber.

R - Então vamos conhecer o Alexandre, que tem 18 anos e diz: eu entendo a decepção da minha mãe, mas eu gosto de beber e eu não vou parar, Alexandre, por favor, entre. Tudo bem Alexandre?

A - Tudo bom.

R - Quando você tava vivendo lá em Pernambuco você tinha vontade de vir pra cá?

A – Sim.

R - Falava isso pros seus avós?

A – Sim.

R - E o que que eles te respondiam?

A – Ah, eles também dava força pra mim vir pra cá, mas só que tava muito difícil pra mim poder vim daí eu num tive a oportunidade de vim pra cá.

R - Faltava o dinheiro da passagem?

A – Isso.

R - E você sempre conversava com a Dona Valdivina?

A – Ah, não de vez em quando só.

V – Ele nunca mandou uma carta pra mim.

R - Porque você nunca tentou entrar em contato com ela?

V – Ele nunca mandou uma carta pra mim.

A – Ah, de vez em quando eu mandava carta pra ela, mas não vinha.

V – Eu nunca recebi uma carta uma vez eu recebi um bilhete numa carta que o tio dele mandou pra mim um bilhete bem pequenininho atrás.

R - Você sentia saudades dela?

A – Ah, sentia.

R - Sentia mágoa dela?

A - Não mágoa não, nunca senti mágoa dela não.

R - Nunca sentiu mágoa?

A – Não.

R - Então porque, que você não mandava bilhete e tal?

A – Ah, não sei.

V – Eu escrevia pra lá eu pedia até pelo amor de Deus pra ele mandar notícia eu sabia notícia dele quando alguém, esse tio dele que pegou o dinheiro, mandava carta mandava falando que o Alexandre tava muito rebelde lá, que lá ele tava dando dor de cabeça pros avós dele.

R - Alexandre e você ficou sabendo na época que a Dona Valdivina tinha mandado um dinheiro pra você vir e que pegaram?

A - Fiquei sabendo.

R - Na época te contaram?

A - Fiquei sabendo.

R - E o que que você fez?

A - Não peguei nem dez centavos dele pra mim.

R - Nada?

A - Nada o dinheiro quem gastou foi o meu tio.

R - E na época você ficou sabendo?

A - Fiquei sabendo.

R - E não podia fazer nada?

A - Não. Não peguei nada nadinha de nada do dinheiro.

V – Isso tava com três a quatro anos que ele tava lá quando eu mandei o dinheiro

A – Foi depois três anos.

R - Depois de três anos? E por esse tio você sente o que?

A – Ah, eu gosto muito dele 'né', que ele também tem uma situação crítica lá, sofre também, bastante tem a filha não trabalha lá ele não consegue arrumar serviço daí ele tava pensando no dinheiro daí ele pegou o dinheiro e resolveu gastar.

R - Mas o dinheiro não era dele era pra você?

A - Não daí ele disse que ia pagar o dinheiro dela, mas não pagou até hoje.

R – Alexandre você lembra da primeira vez que você coloc..., Você bebe o que?

A – Ah, bebo tudo misturado.

R - Você acha que isso é um problema na sua vida ou não?

A – Não.

V – Mas eu acho que o ‘pobrema’ seria se ele chegasse e conversasse com a gente ‘né’, e falasse olha ‘tá’ acontecendo isso, isso e aquilo comigo ‘vamo a resolver’ junto.

R - Mas ele não acha?

V - Eu sempre dei apoio pra ele, não só pra ele quanto pros meus filhos mesmo.

A – Eu bebo por que é prazer pra mim.

R - E a Dona Valdivina disse que você fica agressivo, você sente que você fica agressivo quando você bebe?

A – Ah, sinto.

R - Sente? E você não tem medo de às vezes perder o controle e acabar fazendo coisas que não deve, batendo em alguém ou arrumando briga com a pessoa errada?

A - Não, bater pra machucar não, mas eu reclamo brigo mesmo mas...

V – Isso não só não acontece por que, geralmente, eu entro no meio.

R - Não bate?

A - Não bato mesmo, minha mãe também, entra no meio se não ia acontecer mesmo.

R - Então na rua você não tem medo de encontrar alguém e te contrariar e...?

A - Não, não.

R - Mas você não pretende parar ‘né’ de beber?

A – Não.

R - Você bebe por algum motivo especial ou porque alguma coisa te incomoda ou não?

A – Por que eu quero mesmo, não bebo por que alguém pede pra mim beber não, quando eu bebo vou no bar e bebo sozinho sem falar pra onde, eu vou e bebo.

R - Você bebe sozinho? E você trabalha Alexandre?

A - Faço bico só.

R - E aí você paga a sua bebida com esse dinheiro dos trabalhos que você faz?

A - Isso.

Platéia: Você tem amor na sua vida na sua família?

A - Tenho, tenho.

Platéia - 'Tá', e você se acha que bebendo você vai chegar aonde com isso tudo, isso aí é uma doença rapaz?

R - Você acha que é doença Alexandre?

A - Não.

R - Quando que beber passa; ãh deixa de ser uma atividade social e passa do limite e vira uma doença.

F - Quando uma pessoa não pode mais responder pelos próprios atos 'né'.

R - Bebe até perder o controle de si mesma?

F - Exatamente então, no caso, a gente nota que o Alexandre aqui conversando com a gente muito calmo e de repente as histórias que vem dele quando ele bebe são de uma pessoa até, violenta então provavelmente existe uma questão ligada a agressividade coisas não resolvidas que quando ele bebe podem surgir da mesma forma como uma pessoa muito tímida quando bebe se solta dança conversa mais é a mesma coisa que acontece com ele então a bebida não é o problema em si o problema é que a bebida se apodera de alguma coisa que nele não está resolvida.

R - Então o Alexandre precisa primeiro achar que tem problemas com a bebida, achar que ele é doente pra aí então tentar lidar com isto de um jeito mais saudável?

F - sim, inclusive como a gente costuma comentar é o grupo de alcoólicos anônimos ajuda muito no começo 'né', quando a pessoa pode dividir com outras as vezes até

as mesmas questões as mesmas queixas e a partir daí se for o caso quem sabe buscar uma ajuda individual.

R – inclusive essas reuniões de Alcoólicos anônimos podem ser úteis pra D. Valdivina, porque eles também apóiam os familiares não é?

F – Também todas essas reuniões incluem familiares os dependentes todo mundo interessado.

R – E sempre tem em todos os bairros tem sempre às vezes mais de uma sala de reunião talvez seja o caso da senhora ir lá Dona Valdivina bater um papo, procurar uma orientação, ver o que é que eles dizem?

V – Eu acho que eu vou; eu acho que eu vou não eu vou por que é um problema...

R - Porque é um problema tão comum um problema de bebida na família?

V - É e por que eu não quero isto pra ele e nem tão pouco pra mim 'né'.

R - Claro!

V – Porque eu já 'tô' de idade, 'tô' com 58 anos e eu não quero isso pra ele o que eu quero é vê ele bem.

R - Saudável, bonito?

É como eu falo pra ele, ele é um menino simpático de presença, mas desse jeito ninguém vai dar valor pra ele.

R - Você que está em casa também pode dar a sua opinião enviando sugestões tema contando sua história tudo isso pelo nosso portal de voz e o número é o 014219976.0000 até já. Intervalo comercial.

Estou decepcionada com o meu filho é o tema do programa de hoje e agora a gente vai conversar com a Adalgisa, que tem 46 anos e diz: meu filho me envergonha porque ele não me respeita e homossexual, Adalgisa, por favor, entre. Tudo bem Adalgisa?

A - Tudo bem.

R - Você disse que seu filho não te respeita?

A – Isso.

R - Quando que ele falta com o respeito com você Adalgisa?

A – Ah, desde os dezessete anos viu.

R - Como que começou tudo isto?

A – Ah, ele não respeita ninguém não respeita minha família não resp... (começa a chorar) o meu filho é muito problemático.

R - O que que ele faz que você diz que é falta de respeito?

A - Não respeita ninguém não respeita os vizinhos, depois que nós ficamos sabendo que ele era gay um ano depois, isso dá desgosto 'né', Regina.

R – 'Péra' lá Adalgisa, ele brigava com as pessoas briga com você?

A - Briga até hoje briga com todo mundo briga muito

R - Isso que você diz que é falta de respeito?

A - Claro, lógico com certeza.

R – Mas, ele briga como ele bate boca o que que ele faz?

A - Ele procura um motivo 'né', já brigou lá na rua, já levou três martelada na cabeça eu como trabalho em escolinha que eu trabalhei na prefeitura que graças a Deus que é perto da escola 'né' e é sempre num horário que eu estou trabalhando.

R – Ah, que acontece a confusão?

A - Nessa hora a gente é mãe 'né' por que na hora mesmo de; nas hora difícil, eu é que sou mãe.

R – Claro.

A - Quer dizer que hora difícil, na hora que, 'né'.

R - Então 'péra' aí então primeiro você começou a achar que ele era muito briguento?

A - Era não, ele é briguento.

R - Aí depois, depois você descobriu que ele é homossexual?

A - Isso.

R - Ele te contou isso?

A - Não, numa briga assim dentro de casa assim ele contou aí eu sou e a gente mora em cohab nossa é uma vergonha nem a minha família ainda sabe.

R - 'Tá' mas 'pérai' ele tava brigando com quem?

A - Assim eu gosto de dormir cedo em casa e eu fico muito atrás pra ele voltar pra casa aí ele acha que é maior chega a hora que quer aí eu não aceito também.

R - 'Tá' e aí numa briga?

A - Foi.

R - Ele falou pra você mãe eu sou homossexual?

A - Foi eu gosto de homem. Nossa!

R - Mas porque que pra você isso é tão problemático Adalgisa, me conta?

A - Não eu não aceito isso daí não aceito nenhum dos dois nem falta com o respeito não repondo a minha mãe.

R - Mas são coisas diferentes uma coisa é ele arrumar confusão é ele faltar e com o respeito outra coisa é a orientação sexual dele?

A - Ah, mas eu não aceito isso, Regina de maneira nenhuma.

R - Como que; porque que você não aceita ele ser como ele é?

A - Ah, eu não aceito não aceito nenhum dos dois.

R - Mas você não aceita de medo do que os outros vão falar?

A - Não, porque eu não aceito a questão não são as pessoas não, mas eu não aceito de jeito nenhum!

R - Ele é seu único filho?

A - Não eu tenho mais três.

R - E moram todos com você?

A - Isso.

R - E vocês continuam brigando muito Adalgisa?

A - Briga eu tenho uma filha que 'tá' grávida ele brigou com ele então são umas coisa delicada 'né', a gente criar um filho e depois fica adulto acha que é dono do mundo acho que aí vida não é assim hoje a geração hoje a vida 'tá' muito difícil não é.

R - Adalgisa eu acho que vida 'tá' muito difícil.

A - Com certeza.

R - A gente não tem que aceitar os filhos da gente como eles são, e como eles são a gente tentar ajudar?

A - Olha eu aceito ele como ele nasceu não... Eu não quis isso pra ele. Nasceu mulher é mulher, homem é homem.

R - Mas agindo assim não sem aceitar ele do jeito que ele é você não tem medo dele se afastar de você?

A - Não se afastar ele não trabalha como que ele vai se afastar só eu que trabalho.

R - Pra sustentar todo mundo?

A - Pra sustentar todo mundo, trabalho em escolinha.

R - Com criança?

A - Com criança.

R - 'Cê' tá mais calma?

A - 'Tô'.

R - Posso chamar ele pra entrar?

A – Pode.

R - Bom então a gente vai conhecer o Leandro, o Leandro tem 20 anos e diz: se hoje não tenho respeito pela minha mãe a culpa é dela nós nunca tivemos diálogo, Leandro, por favor, entre. Tudo bem Leandro?

L - Tudo bom.

R - Você disse que nunca consegui conversar com a sua mãe?

L - Nunca consegui conversar com ela.

R - Nunca?

L – Nunca.

R - Já tentaram?

L – Não, tem diálogo com ela 'nóis' não consegue ficar mais de uma hora no mesmo lugar.

R - Sem brigar?

L - Sem brigar.

R - E aí por qualquer motivo sai discussão?

L - Qualquer motivo.

R - Você diz que é ele e ela diz que é você?

L - Não qualquer motivo ela defende os vizinho, mas não defende os filho.

R - Os filhos?

A – Não é bem assim.

L - Mais é isso mesmo...

R - Os filhos? Não é só com você então?

L - Não é só comigo.

R - 'Tá', porque que você acha que ela defende os outros e não defende a própria família Leandro? O que que já aconteceu?

L - Ela num ela tem mais diálogo com vizinho entendeu assim tem uma senhora do lado que eu não divulgo o nome 'né' que não pode, que ela cuida muito da minha vida e eu chegando até ela pra falar isso ele, ela procura ficar do lado da vizinha entendeu, se eu tenho uma briga na rua ela procura ficar do lado das outras pessoas.

R - Das outras pessoas?

L - Ela tem mais acesso com os outros filhos dela do que comigo.

R - Ah. São todos filhos do mesmo pai e da mesma mãe Leandro?

L - Não.

R - Então como que é?

L - É eu sou filho de um pai e os meus outros irmãos de outro.

R - E você acha que ela prefere os seus irmãos?

L - É ela ...

A - Não tem isso daí Leandro não tem.

R - Espera só um pouquinho Adalgisa, e desde quando que você sente essa diferença Leandro que ela prefere os outros?

L - Sempre.

R - Não, mas sempre desde quando foi a primeira vez que você começou a notar que eles eram os preferidos?

L - Ah desde...

R - O que que aconteceu?

L - Acho que sempre foi assim.

R - Mas assim, na hora de dividir alguma coisa ela dá mais pra eles é isso?

L – Sempre.

A – Não Leandro, não é assim.

R - Conta alguma coisa que aconteceu assim que ela foi dividir e deu a maior parte pra eles?

L – Não, assim, é nessa relação de comprar as coisa ela sempre comprou assim tanto pros meus irmãos quanto pra mim igual 'né'.

R - Igual então, onde que você acha que ela prefere eles?

L - Mas conversar ter carinho assim sempre foi com os meus irmãos.

R - 'Tá' Adalgisa você sabia que o Leandro achava essas coisas?

A - Não porque eu não tenho diferença de filho pra mim assim todos pra mim.

R - Mas ele já tinha te dito isto que ele achava que você prefere os outros?

A - Ele sempre me fala isto que eu gosto mais de um eu já falei pra ele que e questão não é isso é que você tem que ter respeito mesmo 'né', procura um motivo 'né'.

L – Ela não aceita eu ela não aceita que eu não gosto da minha família por que eu não gosto.

R - Você não gosta da sua família?

L - Não gosto, não.

R - De ninguém? Porque?

L - De ninguém só gosto da minha irmã mais nova amo ela e gosto de uma tia minha o nome dela é Mônica.

R - O que que a sua irmã mais nova tem de diferente das outras pessoas da sua família?

L - Tudo eu tenho mais apego com ela eu sou mais apegado com ela em tudo eu cuido dela.

R - Ela te aceita? E qual a idade dela?

L - Ela tem doze anos.

R - E ela te aceita como você é?

L - Ela me aceita como eu sou.

R - 'Tá' então, você se dá bem com a sua irmã com essa sua tia Mônica e você tem alguns amigos pessoas com quem você se dá bem?

L – Tenho.

R - Um grupo de amigos?

L - Não eu não ando em grupo de amigos, assim eu tenho muitos amigos eu tenho muitos amigos entendeu assim que eu confio mais nos meus amigos do que..., por que pra mim assim eu não tenho família de sangue...

A – Porque só se for amigo lá em baixo lá no Capeji 'né' por que na Cohab você já brigou com a cohab toda.

L - Eu não tenho, entendeu, eu não tenho família de sangue.

R - Ele já brigou com as pessoas lá?

A – Nossa!

L - Eu brigo mesmo...

R - Fala um de cada vez.

L - Eu brigo mesmo por que lá só tem fofoqueiro, lá onde eu moro.

R - Que história é essa da marretada que você já disse?

A – Assim, tem uma mulher que ela tem problema ela toma remédio forte 'né', e brigando por causa de cachorro gente 'né' pelo amor de Deus.

R - Brigaram por causa de cachorro?

A - Brigaram por causa de cachorro, ele deu uma paulada no cachorro da mulher ela pegou uma marreta e deu na cabeça dele.

R - Na do Leandro?

A - Foi a gente parar na delegacia...

R - Abriu ou não?

A - Abriu a gente foi parar na delegacia.

R - Quantos pontos? Aí a sua mãe te defendeu o Leandro?

A - Aí eu saí da escola 'né', lógico, eu trabalho perto da minha casa...

R - Defendeu o Leandro? E a senhora defendeu o Leandro?

A - Logicamente aí e nessa hora eu fui mãe cheio de sangue, eu tava em horário de serviço.

R - Leandro a sua mãe é assim, reclama de duas coisas que você é agressivo não respeita e que ela não aceita você ser homossexual? O que que mais te incomoda?

L - Em tudo ela tem que aceitar se ela me colocou no mundo entendeu ela tem que ver que na história ela também é mãe, entendeu eu sendo ou não sendo ela tem que aceitar entendeu...

A - não, não.

L - ...por que não é uma coisa que eu pedi eu quero ser, entendeu eu não falei eu quero ser porque por mim eu casaria sim com uma mulher entendeu

R - A vida ia ser mais fácil?

L - A vida ia ser mais fácil, mas é uma coisa que eu não sinto nada por mulher a não ser amizade.

R - Eu te entendo. Você acha Leandro que se sua mãe aceitasse a sua orientação sexual a relação entre vocês ia ficar melhor?

L - Claro com certeza

A - Não eu não aceito.

L - Ela não aceita, ela é preconceituosa, ela não aceita se ela vê um homossexual ela chia pro homossexual...

A – Não é assim Leandro, não é assim.

L - ...ela não aceita, ela não aceita ela não sabe, que tanto agora quanto no futuro eu vou arrumar uma pessoa pra mim ser feliz entendeu e ela vai ter que aceitar, eu vou ; é que eu nunca desrespeitei ela; ela nunca me viu fazendo nada disso entendeu.

A – Não tem nem como ‘né’ aí eu fujo lá da cohab.

L - Eu nunca faço nada.

A – Eu peço as contas da prefeitura

L - Porque eu não faço nada.

R - Porque você pede as contas na prefeitura?

A - Nossa! Morar ali não aí eu vou pra um lugar bem longe.

R - Mas o Adalgisa o Leandro não ‘tá’ fazendo nada de errado?

A - Ah, não se um dia eu vê ah com certeza Regina eu não aceito.

R - A senhora seria capaz de ficar longe do Leandro por causa disso?

A - Com certeza!

R - Perdia o Leandro por causa disso?

A - Com certeza, se ele quisesse viver ele tinha que viver bem longe.

Platéia – Pra Dona Adalgisa ali oh, ela tem que aceitar o seu filho do jeito que ele é porque se você aceitar ele do jeito que ele é ele pode até procurar dar o respeito pra você. E você Leandro não pode sair agredindo todo mundo desse jeito você não vai chegar a nenhum lugar Leandro.

R - Então você acha o quê? Que o Leandro deve se dar ao respeito?

Platéia - Se dar ao respeito e a mãe dele aceitar ele do jeito que ele é se ele quer ser homossexual o problema é dele 'né' meu.

R - Mas as pessoas olham dão risada 'né'?

Platéia - Dão, ah, isso aí é o preconceito não adianta 'né' meu o preconceito é problema certo?

R - 'Tá' certo obrigada. O que que vocês acham do que ele falou?

L - Eu acho que ele 'tá' certo.

R - Dos dois aspectos 'né', que você precisa se dar ao respeito e sua mãe te aceitar?

L - Com certeza e aonde eu moro eu me dou ao respeito com certeza

Mas a gente precisa se dar ao respeito também dentro de casa não é Leandro?

Com certeza, na minha casa também entendeu ela sabe eu sou um filho por mais que eu faça o que faço eu faço as minhas coisas dentro de casa ela vai trabalhar ela chega e, e... Dou a comida pra minha irmã, que é o horário dela ir pra escola, cuido da minha irmã, mas ela vai ter que aceitar que se Deus quiser, entendeu que vou sair de casa esse ano eu vou alugar a minha casa entendeu eu falei pra ela que eu vou vencer na vida e vou mostrar pra muitas pessoa que eu posso.

A - Você já 'tá' convencido a sair, não trabalha.

L - É, é por que eu fiquei um ano no quartel e esse um ano que eu fiquei no quartel foi pra dar um ano de dinheiro pra ela aí não tive condições de pagar um aluguel pra mim.

R - E o que que você acha do que o rapaz falou que você precisa aceitar seu filho como ele é?

A - Com tanto que ele me respeite os vizinho no outro sentido fazer o que 'né'?

L - Vou respeitar vizinho fofoqueiro? Não dá 'né'.

A – Leandro me poupe ‘né’?

R - O que é respeitar os vizinhos Adalgisa?

A - Respeito ele provoca as pessoas sem motivo eu acho que isso aí não...

R - Não precisa? E se ele se der ao respeito a senhora aceita ele como ele é?

A - Ele sabe porque a diretora que era a minha da escola que lá onde eu moro em Itapevi, é assim vai mudando os diretores porque muda de prefeito, ela colocava ele lá em cima nossa o Leandro Deise quem convive em quatro parede conhece bem o filho que tem quando você for conviver com ele resumindo foi professora dele não conseguiu ficar com ele nem... Nossa, mas o seu filho... Aí eu falei nossa, mas você colocava ele lá em cima Deise. Daí tinham aquelas reuniões entre professores, conselho, aí ela falava nossa, mas ele é tão diferente eu trabalho a dez anos na escola graças a Deus ninguém fala de mim na Cohab quero igual pros meus filho também ‘né’ Leandro?

R - Dr Fernando eles não se entendem e pulsando aí ‘tá’ o preconceito ‘né’ que revolta o Leandro e incomoda a Adalgisa?

F - A situação ‘tá’ muito complicada e ‘tá’ muito intensa não é eles mal tão podendo se escutar e aí não interessa muito se o Leandro tem razão ou não que a Adalgisa prefere os outros filhos ou ele a conversa tem que ser num outro sentido então se ele faz essa reclamação procurar entender porque que ele ‘tá’ dizendo isso não é não interessa se ele tem razão se ela faz coisas pros outros que não faz pra ele essa conversa precisa ser uma conversa mais longa, mas por que então, que você acha que eu protejo os outros e não você e buscar isso tateando pra saber até onde vai.

R - Entendi agora a orientação sexual do Leandro é essa?

F - A orientação sexual dele não depende dela não é não é com ela que ele vai se casar ele vai se casar com outra pessoa seja mulher, ou seja, homem então isso não pode digamos interferir na relação entre mãe e filho.

R - Bom a gente vai pro intervalo, mas é rapidinho daqui a pouco mais casos de família até já.

Compactos do próximo programa: tudo que eu vou fazer ele quer saber pra contar pro Roger.

Eu pensei uma coisa dela e ela é outra completamente diferente

Até na escola até parece que tem um guarda-costas sempre me vigiando

Eu quero ajudar também eu falo: deixa eu passar Ademilde ela ah, não deixa que eu passo.

Eu compro uma coisa ela acha que to gastando muito pro meu marido pagar

Tem direito, mas não assim exageradamente 'né'.

Ela chega pega as minhas coisas sem minha permissão

Pego o filho dela levo pra minha casa cuido como se ele fosse meu

R - Você está assistindo casos de família e o nosso tema de hoje é: Estou decepcionada com o meu filho você que 'tá' em casa pode entrar em contato com a gente pelo nosso portal de voz o número é o 0142199760000, nesta tarde a gente conversou com a Lena e o Junior, a Valdivina e o Alexandre a Adalgisa e o Leandro.

Platéia: Pra D. Adalgisa eu vou falar pra ela que ela precisa de ter um pouquinho mais de paciência porque amor eu acho que já 'tá' superando tudo 'né' um pouquinho mais de paciência e aceitar ele do jeito que ele é porque a opção sexual de cada um ninguém pode pôr ninguém pode decidir pela pessoa e a gente põe um filho no mundo mas a gente põe pro mundo não põe mais pra gente é da gente enquanto é pequenininho depois que cresce a gente não manda mais nele e ele

precisa ter mais amor na mãe dele procurar os diálogos é tudo na vida de uma pessoa converse bastante com a sua mãe converse bastante um com o outro se dêem muito amor que a vida é tão curta que a gente não sabe quando que vai desta pra melhor então a gente tem que procurar viver o melhor que a gente puder em cima da terra.

A – Se o meu filho quiser ser isso que ele que fazer o que ‘né’ agora ele tem que ter mais respeito com as pessoas isso aí que ele já falou que quer ser fazer o que ‘né’ Regina?

R - Então agora você já começa a mudar o seu ponto de vista?

A - Agora mais do que eu faço ninguém sabe a minha luta que eu faço eu trabalho desde pequeno desde que o pai desse aí morreu, eu que crio ele sozinha.

R - Mas dá pra ver Adalgisa que você é uma mulher de valor que você é uma mãe dedicada que você ‘tá’ preocupada isso tudo ninguém questiona dá pra ver tudo isto só que você ‘tá’ tendo um problema com o Leandro e enquanto vocês não se resolverem você não vai conseguir parar de chorar e o Leandro não vai conseguir parar de brigar com o mundo a impressão que dá é que ele briga com o mundo mas que na verdade é que ele quer se entender principalmente com você e aí Leandro eu já te falei durante o programa eu acho que quando a gente quer respeito a gente tem que se dar ao respeito primeiro passo outra coisa você disse que você vai querer trabalhar ter sua casa eu acho que as vezes a gente precisa dar pra mãe a paciência que ela precisa apesar de a gente ter menos idade eu acho que você precisa dar essa pra sua mãe tempo ao tempo deixa ela se acostumar com a idéia deixa ela ver que você é sim uma pessoa de valor que você é sim muito digno que você não ‘tá’ fazendo nada de errado, ele não ‘tá’ arrumando confusão com os outros porque ele quer é porque alguma coisa dentro dele ‘tá’ mexendo com ele

então Leandro cuida da sua vida dá tempo pra sua mãe que ela vai te aceitar com o passar do tempo, você é trabalhador não é não tem medo da vida tem muito caráter, tem valor ele tem tudo de bom ele é preocupado com a senhora ele ajuda em casa deixa ele viver a vidinha dele que aos pouquinhos ele vai provar pra senhora que não tem porque ter vergonha de um filho

L – Regina eu quero dizer pra ela ‘né’ por mais que ela não me aceite eu sendo ou não sendo eu sempre vou amar ela sempre com certeza ‘né’ porque acima de tudo ela é minha mãe entendeu a primeira pessoa que uma pessoa que eu nunca vou deixar se um dia eu tiver, se um dia tiver precisando entendeu eu sempre vou ‘tá’ ali...

R - Ela pode contar com você?

L - Com certeza porque é a pessoa que eu mais amo entendeu acima de tudo ela aceitando ou não aceitando o que eu sou e eu vou mostrar pra muita gente que eu poso vencer e eu vou ajudar ela.

R - É hora assim de esperar a poeira abaixar deixar a agressividade de lado tentar se entender você dois olho no olho vai rolar choro vai rolar abraço vai rolar uma porção de coisas e vocês vão se entender. Eu acho sim que a Dona Valdivina precisa sim procurar um grupo de apoio porque o Alexandre não admite que tem problemas com a bebida mais o alcoolismo Alexandre é uma doença e a gente não escolhe ter ou não ter uma doença aos pouquinhos conforme ele for tomando consciência do que ele tem ele vai poder escolher se ele quer mudar de caminho ou não porque os filhos quando crescem passam a ter o poder de decisão eles escolher o que eles querem fazer da vida deles a gente mãe o que pode é orientar e é isso que eu falo pro primeiro caso a Lena ‘tá’ com os nervos a flor da pele incomodada o tempo todo Lena que você fala com o Junior você belisca cutuca pega parece que

you want to remind Junior in some way I understand your nervousness I understand your anxiety but the children when they grow up choose their own paths while your choices bump into you problem you are already old you already know what you want to do now leave an inheritance for your family inheritance problem confusion fear resentment here I think it is very cruel to them. Very grateful for you for coming and for you that 'is' at home a loving kiss and stay with God.